

no tempo de Maria Antônia
Rua Espírito Santo, 28

VERDADE E LUZ

REVISTA QUINZENAL DE ESPIRITUALISMO CIENTÍFICO

*Sem caridade não há
salvação.*

*Nascer, morrer, reencarnar
ainda e progredir sem-
pre. Tal é a lei.*

S. PAULO

BRAZIL

Anno XVI

15 de Junho de 1905

N. 361



COLLABORADORES DIVERSOS

REDACÇÃO E OFFICINA

RUA ESPÍRITA N. 28.



1735861 01

DEVE-SE ESTUDAR O ESPIRITISMO ?

(Continuação do n.º 339)

O universo seria conhecido na sua integridade, se um só ponto do universo, reflexo do immenso Todo, fosse absoluta e completamente conhecido.

Assim, já que, francamente falando, só presenciamos phenomenos, não devemos em virtude das nossas frageis theorias assignar limites á sciencia. Phenomenos muito estranhos, muito extraordinarios, muito inverosimeis hoje, tornar-se-hão amanha factos scientificos, e, uma vez comprovados, não nos admiraremos mais delles que dos que a sciencia nos tem revelado desde ha um seculo.

Crer-se-ha que se os phenomenos que presenciamos sem assombro, não nos causam admiração, é porque são comprehendidos. Ai, não! Se não nos sorprendem, não é porque os hajamos penetrado, mais sim porque são habituaes; pois, se devessemos admirar tudo quanto é incomprehendido, teriamos que assombrar-nos de tudo, da pedra lançada no ar que torna a cair, da bolota que se torna uma arvore, do mercurio que se dilata pelo calor, do ferro que é atrahido pelo iman, do phosphoro que arde quando em allricto. São estes outros tantos mysterios insondaveis, em face dos quaes passamos sem nos determos; pois um mysterio que se vê todos os dias deixa logo de parecer mysterio, mercê da nossa levianidade intellectual.

Não ha nada, pois, de antiscientifico em admitir que n'um momento da evolução intellectual da humanidade se descobrião novos factos e appareçam novas forças. E porque não? De duas uma: ou conhecemos todas as forças da natureza, ou não as conhecemos. Ha aqui um dilema rigoroso. Quanto á primeira alternativa, que conhecemos todas as forças da natureza, é tão ridicula que basta enuncial-a para pôr de manifesto a sua inanidade: é evidente que a nossa fraca intelligencia, dotada de cinco sentidos mui limitados, não penetra todas as forças da

natureza (a força do iman, por exemplo). Assim, pois, necessariamente, fatalmente, ha forças que se nos escapam. Por conseguinte o futuro pôde revelar-nol-as, (não todas, senão algumas).

Eis que o espiritismo pretende fazer-nos conhecer algumas dessas forças. Em vez de julgarmos *a priori* absurda tal pretensão, devemos convir *a priori* que ha novas forças a descobrir.

Se ha um estado de espirito contrario ao verdadeiro espirito scientifico, é seguramente o estado de *neophobia*, que faz temer as ideias novas e as novas theorias. Devemos ser muito audazes; e nunca o somos bastante. A theoria ensina que os homens de sciencia têm sido sempre demasiado cautos nas suas hypotheses, pois os descobrimentos posteriores hão excedido amplamente aquillo que lhes parecia muito temerario.

A audacia, porém, na hypothesis não significa a ausencia de rigor na demonstração. Pelo contrario, ao maior atrevimento nas concepções theoricas e nos ensaios experimentaes deve acompanhar a maior severidade nas conclusões finais, a exactidão na technica, a correcção no methodo. Se os espiritalistas têm sido muito audaciosos, foram tambem mui pouco rigorosos, e é uma lamentavel historia a das suas aberrações. Mas não nos cumpre emprehendermos aqui uma critica dos seus feitos, que exigiriam um trabalho extenso. Basta, por ora, havermos estabelecido que elles tinham o direito de ser muito audaciosos, e que não podemos, de conformidade com a nossa sciencia fallivel, incompleta, embryonaria ainda, censurar-lhes essa audacia. Deveriamos, pelo contrario, agradecer-lhes o terem sido tão audazes.

Ao terminarmos este capitulo, faremos notar o seguinte, que é de extrema importancia: e é que, em todas as nossas allusões á sciencia futura, temos sido bastante cauto; demasiado cauto, pois não temos falado senão de uma sciencia futura muito proxima, a de 2004, ou tambem a de 5004. Que seria se houvessemos falado de epochas mais longinquas; de cinco mil, dez mil, quarenta mil, e cem mil annos? Não é provavel que a especie

humana se haja extinguido daqui a cem mil annos, e então que será a intelligencia do homem? De que recursos não ha de dispor? Não podemos formar uma ideia nem ainda approximada a respeito. Sem embargo d'isso, ha de chegar esse tempo. Haverá homens e haverá sciencia! É a nossa sciencia será tão inferior a essa sciencia de então, como os conhecimentos de um chimpanzé aos de um doutor em sciencias.

Nada podemos provar ácerca deste immenso porvir; mas não obstante podemos affirmar que a nossa sciencia actual será bem esquecida, e que os transtornos e evoluções que soffrerá d'aqui a cem mil annos irão muito além do que a temeridade dos mais temerarios tenha podido imaginar.

As verdades, essas verdades assombrosas, estupendas, imprevisas, que os nossos descendentes hão de descobrir, andam por ali, em roda de nós, *cegando-nos*, como vulgarmente se diz, e no entanto não as vemos.

Ainda que não seja exacto, dizemos que não as vemos, não *queremos* vê-las; pois logo que se nos apresenta um facto imprevisado e não habitual tratamos de enquadrá-lo dentro das banalidades adquiridas, e nos indignamos porque haja quem se atreva a pensar e a experimentar para além d'ella.

(Continúa).

A justiça divina.

E' questão esta que preoccupou os pensadores dos tempos mais remotos. Para os christãos, a solução della era sobremodo acabrunhante, porque, caídos nas mãos de um deus vingador e implacavel que impunham ao nosso amor, de todo não o podiamos amar, e inda menos podiamos esperar de sua bondade, pois se fez mister dar-lhe sangue, e que sangue!... para apagar a noção que nos gravara na frente o peccado feito por um nosso antepassado ha seis mil annos!

Felizmente, está demonstrado hoje que o homem surge dos reinos inferiores; que ao chegar á vida consciente, elle tem que aprender tudo, e que só a dor póde estimular nelle o instincto do progresso, do progresso que é a lei da vida. Longo é o seu tactear nas sombras

das primeiras edades, desde o selvagem que, mal despegado da animalidade, della ainda conserva as tendencias ferozes. Diremos que este rudimento é *livre*? Certamente, não! e perante a soberana justiça não pôde ser responsavel. Responsavel e livre será a passo igual com o seu desenvolvimento e na exacta proporção de sua evolução moral. Queda original, rebellião, maldição, são invenções mentirosas; ha a educação progressiva *necessariamente* dolorosa. Si, já soltos da animalidade, commetemos nesta existencia, *sabendo-o e querendo-o*, algum acto mau para com o proximo, é contarmos que sobre nós recairá a nossa má acção, já ou depois; o mesmo se dá quando andamos desconcertados. A experiencia nada mais é que a consequencia de nossos proprios actos; mas isso se passa *neste mundo*, com pleno conhecimento nosso, e sabemos *porque* soffremos, o que é uma das condições primordiaes da justiça, e juntamente um elemento util de nossa educação. Quererá alguém dizer que a dor parece ferir mais agudamente os mais adeantados, os melhores dos homens. D'accôrdo; esta é, porém, uma das phases mais nobres de nossa ascensão, phase em que vamos trepando a novo degrau alto e difficil, em que estamos aprendendo a pratica de virtudes supremas; e é patente que não se queixa quem está em tal altura, não se sente *punido*: sabe que se está despindo de uma ignorancia para se vestir de uma luz; sabe que Deus está perto delle, e assim O bendiz pelo que padece. D'ahi lhe procedem a resignação, a força, a grandeza e, eu poderia dizer, a *alegria* no seio de suas angustias.

M.^{ms} ROSEN-DUFAURE

(presidente da Sociedade de Estudos Psychicos de Genebra).

A Luz da Verdade.

Sou cégo, mas diviso, no horizonte
 Majestoso ds patria, um sol fulgente,
 O sol da nova sciencia, e no occidente,
 A noite clerical curvando a fronte
 Envergonhada, triste e descontente,
 Porque a radiante luz que está defronte,
 Scintillando no pincaro do monte
 Lhe offusca os olhos perfidos, sómente
 Affeitos ao negror da hypocrisia
 E ás trévas de um inferno, concebido
 Só pelos homens, — pura phantasia . . .
 Que importa, pois, do nosso pervertido
 Mundo, não ver a luz, se, a que irradia
 Por toda a parte, vejo esclarecido?

O Espirito Consolador.

XIV EFFUSÃO

AS AVES DO PARAIZO.

(Continuação)

Acabo de contemplar, senhora, com admiração e dôr esses pobres desterrados de plumagens de ouro. Cou-o são bellos e trietes. Do balde aquecem-lhes a prisão e lhes offerecem appetitosos alimentos: elles conservam-se tristonhos e como que dizem: Quem nos dêra as nossas bellas florestas dos tropicos e o nosso bello sol da Nova Guiné?

Quando via esses captivos eu lembrava-me dos anjos terrestres que se lhes assemelham. Conheceis por ventura a bella lenda da alma exilada? Eu não conheço nada mais suave e quero ter o prazer de a recordar.

Maria, a mais bella, a mais querida das virgens de Gedora, acaba de morrer. A paz dos anjos está estampada na sua face, e os seus labios entreabertos pelo ultimo suspiro parecem murmurar ainda palavras de amor e de candura. Os velhos vendo-a, qual um bello lyrio, dizem: Porque ainda vivemos nós quando a tua juventude foi ceifada? O teu destino era tão bello! a tua presença espalhava tanta felicidade! Ah! se pudéssemos resgatar os teus dias com os nossos já tão cançados!

As donzellas cantam: «A nossa companheira retirou da terra os seus olhos para os fiçar nos céus e vendo que os céus eram bellos para lá vóou. Nós já tinhamos colhido as flores novas da roseira branca para trançar a sua grinalda de noiva; já o taled bordado de ouro se desdobrava para cobrir a sua cabeça, e o taled transformou-se em mortalha e as flores da roseira vão ser desfolhadas num tumulto. Flores de Saaron que desabrochaveis junto d'ella, palmeiras que a abrigaveis com vossas sombras, campinas queridas que ella percorria logo ao amanhecer, chorae, chorae, porque não sereis mais afagadas com o seu olhar: Maria de Gedora não existe mais!»

Uma mulher abi está e nada diz, é Sarah, a mãe de Maria. Sem se esperar, acordada de sobresalto, ella levanta-se e grita: «Minha filha! Onde está minha filha?» Olha para o céu, bate na sua fronte e diz: «Irei, esperem por mim.» Tres dias depois ella volta trazendo consigo um santo velho, discipulo do apostolo que Jesus amava.

«Meu pae, diz Sarah, entregae-me a minha filha para que eu possa bendizer ainda o nome de Deus.» O santo velho, depois de uma prece fervorosa põe os seus braços desespados na cabeça da virgem e lhe diz: «Maria, em nome do Christo que resuscitou La

zaro, levanta-te.» Milagro! Maria levantava-se sacudindo as flores que a cobriam. Em lugar, porém, de partilhar a alegria geral ella dirige-se vacillando para sua mãe, abraça-a soluçando. Exclama de repente: «Ah! como era bello o meu sonho e como tudo aqui me parece triste! O sol estará encoberto? Minha mãe, tenho frio, aqueça-me.»

Sarah abraça-a alentando-a com a sua propria respiração.

—Quem me dá o meu sonho, chama a resuscitada, se souberes que lembrança elle me deixou! Minha alma afundava num oceano de amor infinito que a vivificava toda e agora eu me sinto morrer neste ar gelado! Deixas que eu torne a dormir para que possa continuar a sonhar.

—Como! lhe diz sua mãe, tens saudades da morte estando junto de mim?

—A morte! pois era a morte! Oh! minha mãe, como é bella a morte! é a luz, a felicidade, a vida viva. Quem me chamou para esta terra de soffrimento? Ah! deixas que eu vá para o bello céu onde vi a belleza de Deus! Não cegos somos aqui nesta vida! Choravas por mim, me julgavas ausente e eu vos via. Eu viria de noite, assentar-me á tua cabeceira e embalar-te em teus sonhos, ou melhor ainda, enquanto estivesse adormecida, e tua alma libertada e alegre viria commigo gozar antecipadamente do céu. Abreviarias por tuas boas acções o tempo da provação e estaríamos unidas para sempre. Mas assim não foi, fizestes carregar a minha alma com o peso da carne e do tempo. De que modo, agora, poderei eu supportar esse duplo fardo depois de ter estado adornada com a veste ethérea do céu?

—Pobre filha, despedaças meu coração!

Uma de suas amigas que tudo ouvira, levanta-se em silencio, contempia por um momento a virgem que vira o céu e exclama: «Maria, adeus, estou martyrisando em Antiochia e eu corro para lá.

—Vae, disse Maria, eu vi o teu logar luminoso e a tua mãe não quererá que desças.

—Maria, grita a mãe, queres que eu morra?

Maria a cinge com os braços soluçando em seu seio.

—Escuta, minha filha, lhe diz Sarah, grandes alegrias que não conheces estão reservadas para ti. Ruben, o teu joven e bonito noivo está para chegar da sua longinqua viagem. Tu o amavas e elle te amava desde que te viu na festa da Paschoa. Casarás com elle e serás feliz como esposa e mãe. Não sabes quaes são as alegrias de uma mãe, quando tem nos braços o seu primeiro filho. Tu saberás, minha filha, não só isso mas também que na terra ha felicidades que o céu invejaria, se ellas não proviessem delle.

—Ah, minha mãe, os meus ouvidos ainda conservam as vozes dos anjos e as palavras que aqui ouço causar-lhes magua.

No dia seguinte as suas joyas companheiras vieram para se divertir com ella. A mãe cantava canticos de acção de graças

e ella chorava. Alegrias da terra, estareis sempre mescladas de lagrimas? Maria cantava tambem, isto é, sonhava e accordando dizia, abafando seus suspiros: «Meu Deus, quando acabará o meu desterro?»

Neste meo tempo Ruben chegou de sua longa viagem, e correu para ver a sua querida noiva. Ella commovida o felicitou pela sua chegada, e elle admirou-se de a ver tão mudada. A mãe, chamando-o de parte, contou-lhe tudo o que se passára. Mais enlevado ainda do que admirado, Ruben corre para Maria e a abraça com as lagrimas correndo pela face. Maria diz-lhe com um ar meigo e triste: «Ah! Ruben, queres tambem que eu viva!»

—Oh! se quero, não sabes que eu não posso viver mais sem ti? E's a luz dos meus olhos, a alegria de minha alma. Só a lembrança de te perder gelou todo o meu sangue.

Maria, pondo os seus labios sobre o seu bello rosto tostado, disse-lhe: «Ruben, tu não sabes o que é a morte.»

Approximando-se, Sarah diz a Ruben: «Desde que um milagre nos trouxe outra vez Maria, nós não a conhecemos mais; os seus cantos não se misturam mais, como outr'ora, aos da cotovia nos campos de trigo. Ella reza e chora e só sorri quando fala do céu. A terra é para ella tão sem encantos que algumas vezes sinto tel-a chamado á vida.»

Ruben retirou-se triste e por muitos dias não ousou falar á sua noiva.

Uma tarde, porém, elle a seguiu quando ella levava a comida dos pastores, e a seu santuário na mão-dellas o bode cozido na cinza e a saphora de agua pura. O cão-guarda do rebanho veio lambor as suas mãos, as ovelhas o cercaram olhando e os puzinhos volteavam ao redor de sua cabeça. D'ahi ha que os animaes, assim como as creanças, apresentam as boas almas e os anjos. Ella dirigiu-se para a encosta de montanha e Ruben a viu assentar-se num tronco nodoso de uma velha oliveira. D'ahi a sua vista abarcava uma grande planície que ia se perder no mar. O sol poente deurava as aguas em movimento e tingia de purpura as nuvens do céu e as montanhas da India. A virgem, deante de taes esplendores conservava-se tristonha.

O aspecto do mar representava-lhe a alma humana com a immensidade de suas inconstantes aspirações, com a sua limpidez transparente, onde se espelha o céu quando as paixões não o turvam, porém tambem com suas instantaneas phosphorescencias, seus gemidos dolorosos, com seus tormentos occultos, e seus abyssos insondaveis; com suas tempestades seguidas de bonança, logo que uma prece cheia de fé alcança que sobre ella desça um olhar do eterno amor.

A virgem murmurava em voz baixa: «O pó do homem não enche a mão de uma creança, a sua alma, porém, é maior que o mar,

maior que o mundo, que por sua vez é imagem daquelle que é a imagem de Deus.»

(Continúa).

FACTOS.

XVIII

As experiencias seguintes tiveram por *medium* a senhorita Florence Cook e foram publicadas sob a epigraphé — *Ultima appareição de Katie King*. — Katie King é a fórma materializada.

«Tendo eu tomado uma parte muito activa nas ultimas sessões da senhorita Cook, e tendo conseguido tirar perfeitamente por meio da luz electrica, numerosas photographias de Katie King, pensei que a publicação de alguns detalhes seria interessante para os espiritualistas.

«Durante a semana que precedeu á partida de Katie, ella deu sessões em minha casa, quasi todas as noites, a fim de permittir-me photographal-a por meio de luz artificial. Cinco apparatus completos de photographia foram, pois, preparados para este effeito. Compunham-se de cinco camaras escuras, uma das dimensões de placa inteira, uma de meia, outra de quarto de placa e duas camaras estereoscópicas binoculares, que deviam todas ser dirigidas sobre Katie simultaneamente, cada vez que ella tomasse posição para ser retratada. Cinco banhos sensibilisadores e fixadores foram empregados e muitas placas foram preparadas de antemão, promptas a servirem, a fim de que não houvesse nem hesitação nem demora durante as operações photographicas que eu mesmo executei assistido por um ajudante.

«Minha bibliotheca serviu de camara escura: ella tinha uma porta de dous batentes que abria para o laboratorio; um destes batentes foi retirado de seus quicios e substituído por uma cortina para permittir Katie entrar e sair facilmente. Nossos amigos presentes estavam sentados no laboratorio em frente da cortina e os apparatus collocados um pouco atraz delles estavam prestes a photographar Katie quando sahisse, e tambem o interior do gabinete quando ella erguesse a cortina para este fim. Cada noite havia tres ou quatro exposições de placas nos cinco apparatus, o que dava pelo menos quinze negativos por sessão. Algumas estragaram-se na revelação, outras por motivo de luz mal regulada. Apezar de tudo, possuo quarenta e quatro negativos, alguns mediocres, alguns nem bons nem maus e outros excellentes.

«Katie deu por instrucções a todos os assistentes o permanecem sentados e observarem esta condição; sómente eu não fui comprehendido nesta medida, porque já havia algum tempo ella consen-

lia que eu procedesse com liberdade, que eu pudesse tocá-la, entrar e sair do gabinete sempre que eu entendesse. Eu seguia Katie frequentemente até o gabinete e a vi algumas vezes no mesmo tempo que a *medium*: mas, geralmente eu só encontrava a *medium* em lethargia deitada sobre o soalho: Katie e seu vestuário branco desapareciam instantaneamente.»

O experimentador refere as rigorosas precauções que tomou durante as sessões muito frequentes e realizadas durante seis mezes em sua casa. A *medium* passava semanas inteiras em casa do sábio inglês cujas experiências tinham logar nas duas peças onde estavam installados o laboratório e a bibliotheca. Depois de jantar, tomadas as mais severas cautelas a *medium* entrava para o gabinete escuro e eram fechadas as portas que communicavam os aposentos com o resto da casa. As chaves eram guardadas no bolso do experimentador.

Prosegue a narração. «Entrando no gabinete, a senhorita Cook estendia-se no soalho, com sua cabeça sobre uma almofada e cahia logo em lethargia. Durante as sessões photographicas, Katie envolvia a cabeça de sua *medium* para impedir que a luz lhe cahisse sobre o rosto. De vez em vez, eu levantava uma banda da cortina quando Katie estava de pé muito junto della, e então não era raro que sete ou oito pessoas presentes no laboratorio pudessem ver ao mesmo tempo a senhorita Cook e Katie batidas em cheio pela luz electrica. Não podiamos ver o rosto da *medium* por causa do chale mas viamos-lhe as mãos e os pés; viamos-a mexer-se penosamente sob a influencia desta luz intensa, e por momentos ouviamos seus gemidos. Tenho uma prova de Katie e sua *medium* photographadas juntas; mas Katie está collocada em frente da cabeça de senhorita Cook.

«Enquanto eu tomava uma parte activa nestas sessões, a confiança de Katie em mim augmentava gradualmente, a ponto d'ella não querer dar mais sessão, sem que eu me encarregasse das disposições a tomar, dizendo que queria sempre ter-me perto de si junto do gabinete. Desde que se estabeleceu esta confiança e quando ella teve a satisfação de convencer-se que eu cumpriria as promessas feitas, os phenomenos augmentaram muito de potencia, e provas me foram dadas que impossivel me teria sido obter, se eu me tivesse aproximado della de uma maneira differente.»

Seguem outras considerações sobre as provas photographicas tiradas pelo experimentador, as quaes suprimimos para não alongar. Descrevendo o typo da forma materializada, diz o sábio:

«Mas a photographia é tão impotente para pintar a belleza perfeita do semblante de Katie como as palavras tambem o são para descrever o encanto de suas maneiras. A photographia póde, é verdade, dar um desenho de sua attitude; mas como poderia ella reproduzir a pureza brilhante de sua tez, ou a expressão sempre variavel de sua physionomia inconstante, ora velada de tristeza quan-

do contava algum alvargo acontecimento de sua vida passada, ora rindo com toda a innocencia de uma creança quando ella reunia meus filhos em torno de si e os dizia contando lhes episodios de suas aventuras na India.»

Seguem as differença notaveis entre o physico de Katie e de sua medium descriptas pelo experimentador.

Prosegue o celebre chimico: «Uma noite eu contei as pulsações de Katie: seu pulso batia regularmente 75, ao passo que o de sua medium examinado em seguida, attingia 90 que era seu algarismo normal. Encostado meu ouvido ao peito de Katie eu podia ouvir bater lá dentro um coração, e suas pulsações eram tambem mais regulares do que as do coração de sua medium quando depois da sessão a senhorita Cook me permittiu esta experiencia. Experimentados da mesma fórma os pulmões de Katie se mostraram mais sãos do que os de sua medium, porque no momento da experiencia a senhorita Cook soffria tratamento medico de um defluxo forte.»

Passamos por alto muitas outras particularidades notaveis, sobretudo a demonstração esmagadora da impossibilidade da fraude, feita pelo experimentador que usou das mais rigorosas precauções e encontrou sempre a medium submettendo-se passivamente a suas exigencias.

«Quanto a imaginar que uma collegial innocente de 15 annos tenha sido capaz de conceber e realisar com pleno successo, durante tres annos, uma tão gigantesca impostura como esta, e que durante este tempo ella se tenha sujeitado a todas as condições exigidas, e que tenha supportado as mais minuciosas pesquisas, que tenha querido ser revista em qualquer momento, antes ou depois das sessões; que ella tenha obtido mais successo em minha casa do que na de seus parentes, sabendo que vinha expressamente para submeter-se a rigorosas experiencias scientificas, — quanto a imaginar, digo, que a Katie King dos tres ultimos annos é o resultado de uma impostura, isto faz mais violencia á razão e ao bom senso do que crer que ella é o que ella mesmo affirmava ser.» (W. Crookes—*Recherches sur les Phenomenes du Spiritualisme.*)

Ainda temos que dizer de Katie King.

(Continúa)

BIBLIOTECA
MUSEU
NACIONAL

Traumer

AVISO AOS INCAUTOS.

Um cavalheiro residente na cidade da Franca, cujo nome occultamos, recebeu dum nosso confrado a quantia de 15\$000 para serem entregues ao sentenciado, sr. Manoel Jorge da Silva, que se acha na cadeia publica daquela cidade.

Eis a resposta que aquelle cavalheiro deu ao nosso amigo:

«Franca, 27 de Junho de 1905.

Am.º e Sr.

Saudo-vos com o voto de felicidade.

Accuso o recebimento da estimada missiva de 22 do actual, acompanhando-a a quantia de 15\$000 para ser entregue ao preso Manoel Jorge da Silva, que expia o seu crime na cadeia desta cidade. Deixei de fazer entrega da dita quantia por não ser verdade o que vos expoz em sua carta.

Este preso é um explorador dos de boa fé. Conhecendo elle que os espiritas possuem o sentimento da caridade, fez-se espirita e pelo *Perdão, Amor e Caridade e Verdade e Luz*, tira os nomes dos assignantes que pagaram as suas assignaturas, declarando o Estado e logar e com falsidade e má fé tem dirigido cartas explorando a boa fé, e tal tem sido o resultado que tem colhido, que o Delegado e Promotor Publico me disseram que este preso tinha a juros 4 contos e, pela agencia do correio desta cidade soube, que todos os dias recebia de todos os Estados do Brazil muitos registados com dinheiro.

Ainda ha poucos dias, recebi de um irmão do Estado do Maranhão 50\$000 para lhe entregar, caso fosse verdade o que elle allegou e no caso contrario que distribuissse aquella quantia por familias e viuvras necessitadas. Assim o fiz.

«O Livre Pensador» já preveniu os incautos sobre este explorador.

Eis a verdade: todavia, aguardo as vossas ordens sobre o destino que devo dar aos 15\$000, ou desejaes que eu vol-os devolva? Emfim a vossa vontade será cumprida.

Vosso confrade e amigo

(D' O Alvião).

AOS CORAÇÕES BEM FORMADOS.

Christãos verdadeiros, que andaes pelo mundo a prégar, com a palavra e o exemplo, a santa religião da verdade, enxugando com a luz vivificante do vosso bemdito amor as lagrimas dos infelizes; almas feitas de luz, sempre voltadas para o bem, que viveis guiando, carinhosamente, pela senda luminosa do dever e da resignação, os corações transviados; espiritas sinceros, que passaes a vida levando de tenda em tenda, aos lares desherdados, o sempre abençoado consolo moral e material de uma caridade modesta, mas fecunda; uma occasião propicia se apresenta de exercerdes o vosso apostolado, mostrando mais uma vez aos gratuitos adversarios da luz quanto póde o vosso grande amor pelo bem.

Em Vassouras—Estado do Rio de Janeiro, victimado por uma lesão cardiaca, desencarnou-se a 21 de Junho o nosso irmão em Christo Felix de Oliveira Braga, deixando sem arrimo, pobres, viuva

e cinco filhos. A vós, arautos da fé, a vós apóstolos da luz, compete levar a aquelle desditoso lar o valioso concurso da vossa fraternidade. Vamos . . . um pouco de sacrificio, e auxiliemos fraternalmente a familia do nosso muito amado irmão Felix Braga, cujo ultimo anno de soffrimento foi uma verdadeira epopéa de resignação, graças á doutrina espirita que elle soube comprehender e praticar com amor e carinho. E crede: Jesus, o meigo Jesus, do alto da sua gloria ha de, sorrindo no extase de uma prece alva a Deus, abençoar o nosso bello exemplo de amor.

Todas as offertaes deverão ser endereçadas directamente á viuva d. Maria Orminda de Oliveira Braga, residente em Vassouras—Estado do Rio.

PHENOMENOLOGIA.

UM CASO DE TELEPATHIA.—Em fins de Março do corrente anno, deu-se em Santiago um curioso caso de telepathia.

Achando-se um amigo nosso, o Snr. J. V. Petitpas, de passeio numa quinta situada nos arredores de Santiago, em fins de Março do corrente anno, torceu um pé, em consequencia de haver escorregado ao descer uma escada.

Este accidente obrigou o nosso amigo a fazer uso de um bordão para encostar-se e poder andar.

O facto deu-se ao meio dia e o Snr. Petitpas não regressou á sua residencia senão á noite.

No entanto, sua esposa que havia permanecido em casa, situada numa das ruas centrais da povoação, por não haver acompanhado a seu marido á referida excursão no campo, viu-o clara e distinctamente entrar no seu aposento, coxeando e affirmado num bastão, no instante mesmo em que se achava ausente e em que acabava de soffrer a queda.

Surprehendida de o ver assim, ia perguntar-lhe o que lhe havia succedido, quando a appareição se desvaneceu repentinamente.

Algumas horas depois, chegou seu marido, exactamente como ella o havia visto de dia: apoiado num bastão e caminhando penosamente.

O Snr. Petitpas, por causa deste successo, esteve durante algum tempo sem mover-se, como podem testemunhar diversas pessoas de respeitabilidade. (*Revista de Estudos Psiquicos*, Valparaiso).

PHENOMENO.—A população da aldeia de Mascali, em Palermo, está actualmente presa de uma vivissima emoção, com um phenomeno extraordinario que alli tem se dado.

Uma bella rapariga de dezoito annos, de razão reconhecida—mente equilibrada, sem jamais ter soffrido a menor affecção estérica

ou outra entesão lida compeste, todas de vezas que se he á rua des- prende-se uma grossa chuva de pedras, castanhas e cebolas de mysteriosa proveniencia.

O phenomeno se he repellido constantemente e em presença de muitas e muitas pessoas que se tomam do mais vivo terror.

Alguns dos que a vão visitar, têm, sem saber de quo fórma, as algibeiras cheias de mel e de castanhas!

—:

QUE SERÁ? — Com as necessarias reservas damos publicidade ao seguinte telegramma que foi enviado ao *Corraio da Noite* desta capital:

RIO, 8.

Causou hoje sensação nesta capital o conhecimento do seguinte facto:

De tempos a esta parte, as sentinellas que fazem o serviço nos fundos da Casa de Correccão, notavam, a altas horas da noite, o apparecimento de phantasmas, sem, entretanto, ligarem maior importancia ao caso.

Esta noite, porém, as sentinellas, estando em seu posto, viram approssimar-se um general, fardado de grande gala, o qual lhes ordenou chamassem o cabo da guarda.

Aterrorizadas, as sentinellas abandonaram o posto, indo dar parte ao seu superior e pondo o estabelecimento num reboliço infernal.»

Noticiario.

CONVERSÃO DE UM SABIO ATHEU. — Tiramos da *La Nueva Luz*: «O Doutor Ricardo Hodgson, philosopho de grande saber, que até hoje tinha zombado dos mediums do Espiritismo, da psychographia e das communicações espiritas, taxando-o de prestidigitação e de superstição, que durante sete annos se havia dedicado a combater-o com todas as armas que lhe forneciam os seus conhecimentos em sciencias exactas, declarou-se espiritaista, graças ás provas innumeraveis e surprehendedentes da medium americana, mad. Piper.

Esta medium é muito conhecida no outro lado do atlantico, e na Europa por sua mediumnidade maravilhosa.

O professor James, o grande psychologo da Universidade de Hasward, disse dos phenomenos produzidos por madame Piper, «o mais assombroso que tenho visto.»

Madame Piper deu 83 sessões admiraveis por seus resultados desde o outono de 1889 até á primavera de 1890, na Inglaterra, na presença de investigadores taaes como O. Lodge e W. Lap, W. Myeres, William Crookes e outros sabios. Em 1890, madame Piper regressou para a America, e a sociedade da investigações psychicas

de Boston convidou o Doutor Hodgson para a
investigação do professor William Crookes.

O Doutor Hodgson aceitou o convite no
anno de 1901 «a 500 sessões» no
«150» espiritos de pessoas completas
me Piper.

O resultado deste immenso trabalho foi
muito ao das investigações verificadas pelo
sor Roberto Hare com a medium ma-
liam Crookes com a medium Miss Fox e
astronemia Doutor Frederico Zollner e
Conselheiro de Estado Alexandre de Humboldt
principalmente com mad. d'Esperance, Dr.
Schiaparelli, Dr. Ochorowicz e Dr. J. B. de
terminou finalmente que o Doutor Hodgson
e publicamente «que a theoria espiritista
onjal; numa palavra, que o espiritismo não
sim uma realidade exacta.»

—
O FANATISMO EM DERROTA. — LÊ-SE EM *La Nuova Luz*, de S.
Salvador (A. Central):

«A ideia liberal triampha e se abre passo. A Republica do E-
cuador, que até hontem esteve nas mãos do jesuitismo, sacode este
jugo supprimindo os conventos de monjas com a sanção desta lei:

«O Congresso da Republica do Equador decreta:

Artigo 1.º — Ficam abolidos os estabelecimentos monasticos de
mulheres, chamados de vida contemplativa.

Artigo 2.º — Os bens dos conventos supprimidos passarão a ser
administrados por juntas de beneficencia.»

Em Venezuela, dom Cypriano Castro, Presidente da Republica,
acaba de sancionar a lei do Congresso que expulsa os capuchinhos.

Na Bolivia a Camara dos deputados autorisa o Executivo para
a desapropriação dos conventos.

Diversas potencias europeas, seguindo o mesmo exemplo da
França, tratam de romper as suas relações com a cõrte pontificia.

—
ESPIRITISMO EM ACCIÃO. — Segundo noticia a revista buenairense
— *Constancia* —, a Sociedade «Luz del Porvenir» de la Plata, teve a
feliz ideia de fundar, uma escola dominical para as creanças espiritistas.
Em carta dirigida á redacção da referida revista, dizem os seus
instituidores: «Esta medida foi tomada pela mencionada Sociedade
com o fim de inculcar na mente da creança a moral que a grandiosa
doutrina espirita encerra em si mesma, tendo em conta que as crean-
ças de hoje serão os homens de amanha e, portanto, serão prepara-
dos para o grande progresso que o espiritismo está destinado a repre-
sentar no futuro.

Felicitamos a «Luz del Porvenir.»

DE QUEM TEMOS RECE-
DE SUAS ASSIGNATURAS
ANO DE 1905.

da um dos seguintes srs.: Estado de
nico Seibert. Lavrinhas da Estiva:
el, 8\$000. Franca: Manoel Faria
Jatui: Joaquim Rangel, 10\$00, con-
5\$000 para auxilio á Instituição. Pi-
\$000. Das espiritas da cidade de Ita-
lio para a Instituição. De um irmão
como auxilio á Instituição. De
á Instituição. Campinas: Fran-
Instituição, João Pompeu, 12\$000,
uro. Theodilino Luiz Pereira. Itapapu-
Araujo, 2\$000. Lauro: De uma subscri-
neplido Ca-argo. Antonio Lourenço e A-
Abilio de Almeida. Estrangeiros: Theodilino Luiz Pereira, 50\$000, pro-
50\$000 pro-moção dos espiritas. De alguns espiritas: Sr. José dos
Srs. José Póez, Manoel Pires e J. B. Barros, Manoel O. Veiro,
2\$000 rs. de cada um de suas assignaturas de 1904.

Estado de Minas. Santa Helena: Recebemos do mesmo sgento
deste lugar, Sr. Gervasio Pires de Mendonça, a quantia de 20\$000,
de diversas assignaturas. Pouzo Alegre: Antonio Pereira Aquino,
Manoel Antonio de Oliveira, Sebastião Carvalho, Antonio Libanio,
Randalpho de Oliveira Rabello, Apolinario José dos Santos Nova,
coronel José Joaquim Vieira da Carvalho, 100\$000 rs. auxilio á In-
stituição. Tres Corações: Francisco de Paula Teixeira, 5\$000, 1904 e
1905, Gil Barros, das espiritas de Tres Corações, como auxilio á In-
stituição, 50\$000, Boaventura Alves Villela, 20\$000, auxilio á In-
stituição. Cidade de Uba: João Gomes Vendo, 10\$000, auxilio á
Instituição.

Esta capital: cap. José Canuto de Oliveira, Casamiro Correia,
Theophilo de Oliveira Povoas, 5\$000, Julio Dias, 2\$000, para passar
a sua assignatura a papel superior e 5\$000 como auxilio á Institui-
ção.

Estado do Rio de Janeiro. São José do Rio Preto: Constantino
Andriclo, 5\$000. Santa Ignacia: Randalpho Manuel da Costa, Caca-
tinha, Petropolis: Olivia Faria e José Vieira.

De diversos Estados. Estado do Espirito Santo. São Sera-
do Occidente: José Rodrigues Valente. Calçado: D. Carolina Ozorio
Freixo Lobo. Estado de Santa Catharina. São Francisco: Aureliano
A. de Carvalho, 10\$000. Maranhão. São Luiz: Pharmaceutico João
Antonio Mattos Valle, 10\$000, auxilio á Instituição.

Typ. Espirita.

DEVE-SE ESTUDAR O ESPIRITISMO ?

(Continuação do n.º 362)

A experiencia prova infelizmente que com uma nova disposição instrumental, mais rigorosa, cessam de repente muitos phenomenos: e os espiritistas incorrem no grande erro (quasi sempre) de voltarem então ás suas primeiras praticas; assim como os sabios não têm razão de concluir nestes casos que os phenomenos obtidos antes foram fraudulentos, porque osapparelhos scientificos, necessarios para uma experiencia correcta, afujentaram as manifestações. A unica conclusão que se deve desprender desta suspensão dos phenomenos, é que se tem que volver a começar com grande paciência o estudo emprehendido, empregando instrumentos exactos, mas sem mostrar-se, se, por algum tempo e ainda durante muito tempo, não se obtem nenhum resultado apreciavel.

Admittamos com effeito — e esta hypothese não deve fazer prejudgar da nossa opinião — admittamos que os phenomenos espiritas sejam verdadeiros, e que as forças intelligentes sejam perturbadas, na sua manifestação, por tudo quanto é novo. Esta hypothese não é absurda, desde o momento que se admite a existencia de forças intelligentes. N'uma palavra, tomando uma comparação um pouco extravagante, mas que tornará mais claro o nosso pensamento, parece que esta *neophobia* que tenho assignalado como perigosa para os sabios, existe tambem para as forças intelligentes em que os espiritistas crêem.

Além do mais, a introdução de um elemento novo nas condições de uma experiencia não é sempre perigosa para a realização dessa experiencia? Quando as leis estão bem determinadas, como numa sciencia antiga e classica, se póde sem perigo tentar ligeiras modificações experimentaes sem fazer fracassar a experimentação; mas, quando se trata de sciencias ainda em estado de embrião, toda a novidade traz com siigo transtornos ás vezes desconcertantes.

Valendo-nos de um exemplo tirado de um facto que

nos é pessoal, numa sciencia, como a physiologia, em que as leis estão bem determinadas, sabendo que a electrização do coração do cão traz em seguida o telano do coração e a morte por syncope, quizemos um dia, num dos nossos curaos, repetir a mesma experiencia sobre o coração de um coelho; e, com grande surpresa nossa, o coração do coelho, paralyzado um momento pela electricidade, volven a palpitar, e o animal não morreu de syncope. De maneira que a experimentação, verdadeira para o coração do cão, não o é para o do coelho, sendo uma modificação que embarçou a experiencia. Ha de ser sempre assim enquanto não conhecermos todas as condições de um phenomeno; é este precisamente, cumpre confessal-o, o caso das experiencias de espiritismo.

5.º A presença de uma pessoa extranha nos circulos espiritas traz, diz-se, os mesmos transtornos que a introdução de um novo aparelho.

Isto não deve surpreender, pois, desde que, por hypothese, tenhamos que nos tiver com forças intelligentes, as condições psychologicas hão de se modificar pela introdução de um novo experimentador.

E' até possível que a mentalidade dos experimentadores influa decisivamente na marcha dos phenomenos. O scepticismo, a duvida, a falta de confiança nos mediums, produzem quiçá alguma acção paralyzante. Pode ser muito bem que um sceptico, ao penetrar num circulo, no qual até então os phenomenos tenham sido mai brilhantes, occasionem em seguida, só pela sua presença e pelo seu scepticismo, a suspensão dos phenomenos.

Se fosse sempre assim, seria em verdade uma objecção muito seria; porque a um homem que busca a verdade, não se lhe pode exigir que a admitta de ante mão, antes que lh'a tenham demonstrado. Mas antes de tudo nem sempre succede assim, e lendo os numerosos pormenores publicados pelos periodicos espiritas, a miudo se acham relatorios de sessões em que se admittiram scepticos que chegaram a convencer-se.

Por outra parte, nós admittiriamos que haja neces.

INVENTARIO -8N

00.173.586-1

sidade de aceitar as condições experimentaes, tanto as psychologicas como as demais, exigidas pelos experimentadores. Talvez que se necessite chegar ás sessões com um estado de espirito de credulidade e de confiança que poderá ser rectificado, depois da sessão, pelo espirito critico mais severo. O essencial é que a desconfiança não venha, durante a experimentação mesma, a entorpecer os resultados.

Por outra parte, ao falarmos de desconfiança, entendemos não confundir esta palavra com scepticismo. Scepticismo e desconfiança são dois estados de animo muito distinctos. O desejo de saber e de ver phenomenos novos, sem admittir-os previamente, não é o mesmo que estar convencido de antemão de que taes phenomenos não existem. Admittir que esses phenomenos são possiveis: eis aqui tudo o que se pode exigir dos sabios que assistem a uma sessão. Por nossa parte—se nos é permittido falarmos de nós mesmos—cada vez que concorremos a uma experiencia chamada de espiritismo, somos, sem o querermos, muito sceptico; o que não quer dizer incapaz de ser convencido. Mas, em vez de estarmos convencido desde já, nos achamos pelo contrario muito disposto a pensar que os phenomenos serão falsos; e com bastante frequencia, o fim da sessão nos prova que o nosso scepticismo era justificado. O que é mau e perigoso para o bom resultado de uma sessão, é que se tenha a ideia muy arraigada de que tudo é mentira e impostura, e que nenhuma manifestação verdadeira pode produzir-se.

Para que esta desconfiança hostil perturbe a sessão e a obstaculize, não é mister fazer a hypothese de forças intelligentes extranhas. Supponhamos que estas manifestações são devidas a forças que emanam do mesmo medium. É natural, então, que a desconfiança dos seus vizinhos o moleste, o coarte, assim como um orador noviço é cohibido na sua eloquencia pela hostilidade do seu auditorio; como um estudante emmudece n'um exame pela severidade malevola do seu julgador.

Não vemos nenhuma difficuldade insuperavel em admittir que, para phenomenos cuja causa é certamente

uma intelligencia, o estado de espirito dos circumstantes exerça uma poderosa influencia.

Em todo o caso, se não pode deixar de abrigar alguma suspeita, o experimentador não deve desalentar-se se, depois de uma, duas ou tres sessões não obtem resultado. Cumpre perseverar. Mas quantos sabios se citariam que tenham experimentado muito em tres ou quatro circulos espiritas, nos quaes, antes e sem elles se tinham obtido bons resultados? Se, não obstante esta perseverança, nada se consegue, o desalento é legitimo, e uma conclusão negativa se imporá com alguma auctoridade. Mas sómente estes são os que podem adduzir uma opinião pessoal; porque sómente aquelles que têm experimentado muito e detidamente, podem fornecer uma opinião pessoal digna de respeito.

(Continúa).

A FOME.

Um quadro triste e horroroso, traçado pela mão impiedosa da fatalidade, apresentando as cores symbolicas da morte, se desdobra ante os meus olhos; quadro lugubre no qual se estorcem sobre o leito inamundo da pobreza milhares de creaturas, que soltam gemidos plangentes, esperando o momento terrivel de voltarem ao lodo vil de que nasceram.

Mas que drama pungente será este que enternece os corações mais violentos e abranda as consciencias mais endurecidas? é o drama da fome—espectro negro que o maior pavor infunde.

A fome com sua crueldade inexoravel conta suas victimas por milhares.

Ella cava no mundo o pélago tenebroso da deshonra, forçando a misera donzella a vender o pudor por falsa moeda degradante.

Ella implanta a prostituição—palavra que me inspira horror—estabelecendo por toda a parte lupanares, orgias e bordeis.

Ella obriga o pobre a trabalhar na terra sob os incandescentes raios solares e as correntes friorentas do inverno.

Ella faz do homem ladrão, mandando que elle se occulte nas sombras horriças da noite, afim de executar seus intentos perversos.

Ella condemna o mendigo andrajoso a vaguear pelas ruas das grandes e pequenas cidades, com olhos humedecidos de pranto, mas guiado pelo anjo bendito da caridade, que jamais despreza aquelles que imploram a protecção divina.

Finalmente, ella obriga o navegante a affrontar os enormes vagalhões dos mares enfurecidos, demandando plagas estranhas e longiquas; o soldado a zombar das metralhas da artilheria, enfrentando corajosamente o inimigo; o mineiro a cavar o seio profundo da terra, com perigo imminente de vida, a fim de extrahir os mineraes preciosos; o pastor a não temer-se das garras ferozes do leão ou da panthéa.

Eis ligeiramente o que são os horrores da fome — espectro negro que o maior pavor infunde.

SILVESTRE EVANGELISTA DOS SANTOS.

FACTOS.

XX

Aos estudos de Crookes sobre Katie King podiam os incredulos oppor incompetencia do experimentador, se isto não fosse absurdo. Que oppor então? Pretenderam que o sábio tinha contra si a qualidade de «especialista entre os especialistas.» Ninguém teria imaginado que saber profundamente uma sciencia prejudicasse o criterio de experimentador; entretanto, em falta de outra cousa, um physiologista de marca mediocre articulou aquella opinião na—*Quarterley Review*.

Crookes cujos trabalhos, só na chimica, fizeram d'elle uma celebridade no seculo, e podia contentar-se com a gloria que o articulista não tinha de ser «especialista entre os especialistas» respondeu com o orgulho legitimo do genio, perguntando qual era a materia de seu estudo exclusivo, pedindo o favor de lhe apontarem a sciencia de sua especialidade. E passa em revista:

«Será a chimica geral da qual fiz os resumos desde a creação da—*Chimical News* em 1859?

«Será o thallium a cujo respeito o publico já conhece tudo que póde interessar-lhe? Será a analyse chimica da qual publiquei um tratado, — *Methodos Escolhidos*, resultado de doze annos de trabalho? Será a desinfeccão, a prevençãõ e a cura da peste bovina sobre cujo assumpto publiquei um estudo que popularisou o acido carbonico? Será a photographia de que me occupei em numerosos artigos quer sobre a theoria quer a respeito da pratica? Será a metallurgia do ouro e da prata onde minha descoberta do valor do sodio pelo processo da amalgamação é largamente empregado na Australia, na California e na America do Sul? Será a optica, ramo no qual posso indicar minhas memorias sobre phenomenos da luz polarisada publicadas antes de ter eu vinte e um annos; bem como minha descripção detalhada do espectroscopo, e de meus trabalhos com este instrumento na epoca em que elle era quasi desconhecido

na Inglaterra; meus artigos sobre espectros solares e sobre meus estudos sobre os phenomenos opticos das opalas, da construcção do microscópio espectral, infaltes mecurarias sobre a medida da intensidade da luz, e da descripção do meu photometro de polarização?

«Ou então, minha especialidade será a astronomia, ou será meteorologia, por quanto durante o anno que passei no observatorio Radcliffe em Oxford, além da minha incumbencia de dirigir a repartição meteorologica eu dividia meus ocios entre Homero e as mathematicas em Magdalen Hall; a caçada aos planetas e observações de passagens com o Sr. P. Gou, actual director do observatorio de Madrasa, e a photographia celeste executada com o magnifico heliometro do observatorio?»

Aos 22 annos Crookes foi nomeado professor de Chimica e director da repartição meteorologica do observatorio de Oxford.

Prosegue o genial experimentador enumerando os trabalhos astronomicos que desempenhou e conclue dizendo: «A falar verdade, poucos homens de sciencia merecem menos do que eu a accusação de ser especialista entre os especialistas.»

Realmente Crookes é especialista em muitas materias.

Tomara o articulista da *Quarterley Review*, simples physiologista, pillar uma vez na vida para gloria de seu nome o qualificativo que Crookes considerou accusação e repeliu como uma migalha. O que faria a fortuna scientifica de tantos outros, o immortal experimentador julga uma extorção feita a seus direitos. Assim fazem os nababos do talento e os millienarios do Saber!

Só mesmo um colosso destes seria o destinado a ver, analysar e provar factos tão sorprendentes! Ainda assim o Dr. Albert Coste observa que: «embora se se esteja convencido do infinito das possibilidades do Universo, a gente é obrigada a dizer que quem atesta é o homem que descobriu o *thallium* e a *materia radiante*; deante de tal passado scientifico a razão mais recalcitrante é obrigada a inclinar-se e a gente a pereverer.»

Ocupamo-nos do caso de Katie King como o caso typo, o caso classico. Passamos agora a narrar por ordem chronologica algumas materialisações mais dignas de nota dos ultimos quarenta e tres annos.

Robert Dale Owen litterato, estadista e diplomata norte americano, convertido pelos factos medianicos a que assistiu, escreveu dois livros notaveis, «*Debatable Country*» e «*Footfalls in the Boundary of the Other World*». Narra elle o seguinte facto que presenciou em casa de um amigo, o Sr. Underhill, em New York, no anno de 1860. A mulher do Sr. Underhill era Lea Fox, irmã de Kate Fox, mediuna poderosa.

Dale Owen inspecionou o aposento com cuidado, fechou todas as portas por dentro, sentou-se e abaixou o gaz.

«Depois de algumas minutos, diz Dale Owen, vi á minha esquer-

na luz que parecia phosphorescente; ella apresentou-se primeiro sob uma fôrma rectangular de angulos arredondados.

« Aquillo tinha a semelhança da palma de uma mão aberta que tornasse luminosa. Vimos então uma fôrma velada nas dobras de um panno branco muito brilhante. A Srta. Underhill, disse: « Podeis ir para junto do Sr. Owen? » A fôrma luminosa caminhou lentamente em minha direcção e quando se approximava vi o contorno de uma figura feminina. Na extremidade do braço direito havia uma parte mais luminosa do que o resto; julguei ser a palma da mão que tinha apparecido primeiro. Durante todo este tempo eu segurava as mãos da Srta. Underhill (a medium) e de Carlos seu sobrinho. De mais, enquanto se desenrolavam as phases do phenomeno, eu communicava minhas observações ao Sr. Underhill que me respondia, e por conseguinte eu tinha certeza de que elle estava perto de mim e que nenhum de nós estava allucinado. Toda a fraude, *mesmo inconsciente*, era impossivel. »

A fôrma collocou a mão sobre a cabeça de Dale Owen e depois-lhe um beijo na fronte. « Nunca, diz elle, obtive uma sensação physica tão clara porque tinha o testemunho dos tres sentidos, a vista, o ouvido e o tacto. Enquanto a appareição circulava no aposento *não se escutava ruido algum de passos*, e entretanto tenho o ouvido muito fino. »

Além do diplomata norte americano, assistiram á sessão o Sr. Underhill, sua mulher, e seu sobrinho Carlos de 12 annos.

« Em outra sessão, com as mesmas pessoas a fôrma foi tão distincta, diz D. Owen; só a parte superior da fronte estava illuminada, e a parte baixa do corpo parecia diluida em nuvem pardacenta. A figura dirigindo-se para o lado do joven Carlos, este gritou atemorizado: « Oh! Ide-vos, vol-o rogo. » Pedimos á fôrma que fallasse; ella tentou, e ouvimos alguns sons gutturaes semelhantes á syllaba *es*; depois a fôrma disse em voz baixa: « Deus vos proteja, » passou por nossa frente, tornou-se mais brilhante, em seguida dissipou-se lentamente. »

Nestas sessões a medium estava sempre accordada.

« Minhas experiencias, diz Dale Owen, me fazem pensar que estas appareições objectivas são raras; mas quando ellas se produzem obtem-se alguma coisa no genero do corpo humano com *um lado esculptural*, particularmente *vitalizado* e *espiritualizado*. Estas fôrmas são fluctuantes ou parcialmente materializadas dissolvendo-se facilmente a todo o instante ou desaparecendo rapidamente. Tudo depende das circumstancias em que tem logar a materialisação, e da força de resistencia das moleculas psychicas (reunidas momentaneamente) contra as acções dissolventes que as cercam. »

O illustre norte americano não tinha em suas experiencias *mediums* especiaes da materialisações como Eglington, Florence Cook, Mistress d'Esperance e outros.

« Dale Owen pode ainda ver uma destas appareições e dá o no-

me da testemunha, Sr. Livermore, bem conhecido da Sociedade commercial de New York. Este senhor havia perdido sua mulher onze annos antes que o Dr. Gray lhe falasse de tornar a vê-la, graças aos poderes mediumnicos de Kate Fox; conduziu a medium para sua casa, tomou todas as precauções imaginaveis, porém nada se produziu. Isto prova uma vez mais como a theoria da allucinação é absurda (para as materialisações), porque o Sr. Livermore, cuja dor tinha sido muito grande pela morte de sua mulher, desejava ardentemente vê-la, e apesar disso elle nada viu. Só muito tempo depois, em março de 1861, é que o phenomeno se produziu e como sempre no momento em que menos se esperava.» (Erny—op. cit).

Narra Dale Owen:

«Uma luz em fôrma de globo appareceu, e pouco a pouco converteu-se em uma cabeça velada que illuminando-se foi perfeitamente reconhecida pelo Sr. Livermore como a de sua mulher. Este ultimo, durante todo o tempo, tinha segurado as duas mãos de Kate Fox, a medium, e como estava em sua casa, o Sr. Livermore não podia ser enganado.

«Em outra sessão, a figura da Sra. Livermore appareceu e desapareceu muitas vezes, mas de cada vez tornando-se mais completa e mais parecida. Durante um momento vimos a sombra da apparição sobre a parede do salão. Logo depois cahiu uma chuva de temporal e foi escripta a seguinte mensagem. «A atmosphera mudou e não posso mais ficar materialisada.»

Observa Erny:

«Estas experiencias delicadas dependem muito do estado da atmosphera. Quando ella é tempestuosa ou electrica, os phenomenos de materialisação são nulos; ora, é justamente nestas occasiões que o systema nervoso estando excitado e exaltado, devia estar disposto á allucinação. Pois bem! a experiencia dos investigadores psychicos provou que era o contrario. Quando a temperatura está secca e calma, os phenomenos de materialisação produzem-se mais facilmente, porque tudo depende tambem do medium: se elle está doente nada se produz, e o medium exgota-se facilmente.»

(Continúa)

Traumer

PHENOMENOLOGIA.

AS SURPRESAS DA EXPERIMENTAÇÃO.—Na revista semanal «The Family Herald» de Londres lê-se a noticia de um extranho phenomeno que se observou num laboratorio de psychologia de Massachusetts (Estados Unidos).

«O professor Gates realisou algumas experiencias com raios leves, cerca de cinco oitavas acima do violeta, os quaes constituem uma fôrma de ondas de energia semelhantes aos raios X. Ainda

que debaixo de tres raios aquillo a que chama vida appareça opaco, todavia todo o objecto vivo a elles submettido produz uma sombra, que dura tanto tempo quanto permitta o mesmo objecto posto em exame.

Se se introduz um rato vivo num tubo de vidro hermeticamente fechado e em seguida se expõe á passagem dos alludidos raios, entre estes e uma parede sensibilizada com *rhodopsin*, enquanto dura a vida do rato, este produz uma sombra; mas, matando-se, reconhece-se que se torna transparente.

E eis aqui o extranho phenomeno que acaba de ser observado pelo professor e pelos seus assistentes. Precisamente no mesmo momento em que o rato se torna transparente, uma sombra que tem a fórma identica á do rato vê-se passar e desvanecer-se subindo pela parede sensibilizada com o *rhodopsin*, como se existisse fóra o além do tubo de vidro.

Dois dos assistentes do professor Gates verificaram a extranha sombra em todo o curso de sua ascenção, pela superficie sensibilizada que a revelava.

O lado interessante do phenomeno consiste nisto:—se essa sombra que foge (permitta-se-nos que lhe chamemos organismo) se detivesse sob a experimentação e nos fornecesse provas de possuir vida, em tal caso teriamos uma prova (ainda que inductiva) da continuidade da vida depois da morte.

E' de augurar que, repetindo-se a experiencia, o exito se mostre constante: assim a viviseccção teria prestado um extraordinario serviço, fornecendo mais uma vez á sciencia positiva uma prova para esta de summa importancia, qual como bem conclue «*The Family Herald*» a da continuidade da vida depois da morte. (*Luce e Ombra*).

—:

O ESPIRITISMO NO JAPÃO.—... E' creença entre os Japonezes que os espiritos dos desencarnados, antecessores que deixaram a vida material, velam constantemente pela armada, garantindo, nos tempos presentes, a opinião referida o facto de que a armada não tem soffrido grandes danos e o não menos certo de que na campanha que sustentam contra a Russia, a armada japoneza se tem coberto de glorias.

Nenhuma duvida podemos oppôr ao antigo costume japonex que estabelece como veridica a asserção de que os espiritos desempenham grande papel nos assumptos do paiz e nos exercitos de mar e terra, pois bem conhecidos são os sentimentos religiosos daquelle povo.

A ultima manifestação, facto concludente, patriotico e veridico, que mostra ás claras o acendrado, nobre e leal cuidado dos espiritos que custodiam as armas do Imperio do Sol, recebeu a sua Magestade Imperial, a Imperatriz. Em certa noite appareceu-lhe uma visão. Numa columna de luz permanecia um ancião, patriarcha na appa-

rencia pelas cans e barba espessa, bem farta. Chegava em traje uniforme, a japoneza, o mesmo que usaram os exércitos japonezes ha sessenta annos.

«Venho do mundo dos espiritos, disse elle, para dizer a Vossa Magestade que tudo marcha perfeitamente na armada. Por muitos annos fiz convergir toda a minha vontade para a construcção da armada, pela qual velo constantemente. Acabo de vê-la e a encontrei bem. Sabirá victoriosa e ganhará suas batalhas para o meu Imperador. Tende esperança, pois o conhecimento que tenho do mundo dos espiritos me autoriza a prezagiar-vos boas novas.»

Então a visão foi desaparecendo gradualmente, até que se extinguiu por completo.

Na manhã seguinte, quando a Imperatriz despertou ainda a visão permanecia tão nitida no seu pensamento, como se fosse na primeira hora.

Cada palavra das ditas pelo espirito, cada linha do seu rosto e todos os pormenores de seu corpo, se achavam impressos na mente da dama imperial, frescos, se assim podemos dizer, numa palavra, palpitando no cerebro. Referiu o caso aos cortezãos, descrevendo o ancão com muito exactidão. Ficaram os palacianos em estado de assombro completo. Immediatamente trouxeram á Imperatriz diversos retratos, segundo a observação de todos os concorrentes e, um d'elles era o da visão nocturna.

Era o retrato do Barão Inamoto, um dos maiores homens dos primeiros dias do Japão moderno. Fôra um grande soldado. Quando o paiz se levantou em armas contra os Shogunes, ha uns trinta e sete annos, elle desempenhou um papel proeminente na campanha. Foi um dos chefes rebeldes e obtave varias grandes victorias. Quando terminou a guerra e o Imperador começou a selo de facto como o havia sido de nome, Inamoto veiu a ser um dos seus principaes conselheiros. Foi elle que previu a sorte futura do moderno Japão entre o banquete das nações civilizadas. Cooperou muito para o desenvolvimento dos planos de governo que têm feito do Japão uma das maiores nações do mundo. Era partidario acerrimo da ideia de construir, pela necessidade que havia, uma poderosa armada, e, ainda que os seus planos não fossem scollidos por alguns conselheiros do Imperador, por fim sahi victorioso em seus projectos, podendo-se dizer com razão que foi o verdadeiro pae da armada japoneza. Por diversos annos fez convergir todas as suas energias em favor da armada, com a patriótica intenção de que ella formasse nas filas das outras armadas do mundo, e o éxito mais favoravel coroou os seus esforços. E' extranho, perguntamos, que este espirito vele pela frota que construiu em parte com a sua actividade e enthusiasmo?

Os japonezes acreditam no poder de seus antecessores sobre os filhas do Imperio Amarello, poder que os favorece e guarda de todos os seus inimigos.

A sua religião é a adoração antiga. E' sua crença absoluta que cada uma das suas acções é observada pelas gerações anteriores que formam parte do mundo dos espiritos. Para quem não esteja ao corrente dos costumes japonezes, estas coisas parecem irrealisaveis; mas para aquelles que os conhecem, são verdadeiras, sem discussão nem replica alguma.

O phenomeno da Imperatriz causou grande sensação na Côte. Nunca havia visto ella nenhum retrato do grande homem, do apparecido; nunca havia visto a sua imagem. Não havia ouvido o nome da visão nem mesmo quando estava narrando o caso aos cortesãos. Não tinha a menor ideia de quem era o espirito que lhe havia apparecido.

Só depois de ter visto o retrato e de ter ouvido o seu nome!

O caso era commentado nas ruas e casebres dos japonezes, em sussurros.

E' costume do povo japonéz não falar do Imperador e da Imperatriz sem curvar primeiro a cabeça e cuchiuchar. Para o povo são sagrados; e quando se dizem taes coisas historicas, quando os deuses enviam mensagens de esperanza e consolo aos seus filhos na terra, o assumpto toma então profundo character religioso. O Japão dá inteiro credito ao caso da Imperatriz. O povo acredita que a visão que a Imperatriz relata lhe foi enviada para demonstrar-lhe que os espiritos daquelles que desencarnaram velam constantemente pelo destino da nação nas horas do perigo; que o occorrido á Imperatriz póde dar-se por seguro; que os ditos espiritos sempre estão promptos para assistir ao Imperador nestas grandes batalhas pelos direitos de seu povo, e que ajudam os modernos japonezes para collocal-os entre os grandes poderes do mundo, como nação livre e independente.»

N. D. R.—Este escripto foi publicado na importante revista espiritualista norte-americana «Banner of Light» de 19 de Setembro de 1904, portanto ha mais de meio anno antes da grande batalha naval em que, nos mares do extremo oriente, foi quasi completamente anniquillada a chamada esquadra *invencivel* do Baltico.

Noticiario.

O ESPIRITISMO E O CONGRESSO DE PSYCHOLOGIA.—O nosso illustrado confrade Sr. M. T. Falcomer, de Venezia, Italia, teve a gentileza de remeter-nos um exemplar do diário matutino daquella cidade «L'Adriatico» no qual vem um bem lançado artigo de sua lavra em que chama a contas o illustra professor G. Sergi por ter excluido daquelle Congresso realisado em Roma o Espiritismo e Sciencias similares.

Agradecemos.

LIGA INTERNACIONAL DE PAZ UNIVERSAL.—Diversas nações já subvencionam essa associação; na Dinamarca vae-se crear uma academia de paz universal; em Marselha fundam-se diversas associações neste intuito.

O professor Richet tem realisado conferencias pela paz.

Interessa-se pela paz universal a Maçonaria de pleno accordo com as diversas sociedades fundadas para esse fim e identificada com o Congresso do Livre Pensamento.

—:

PASSEIO CAMPESTRE.—O centro espirita de Barcelona denominado «Centro Barcelonez» realizou em Abril ultimo um magnifico passeio campestre a Vallvidriera, no qual tomaram parte para mais de 150 pessoas, senhoras e senhoritas na sua maioria, reinando, escusado é dizê-lo, a mais completa fraternidade e alegria.

—:

SOCIEDADE OBREIRA.—Constituiu-se em Barcelona uma Sociedade obreira que, além dos fins correspondentes á sua instituição, se propõe estudar tambem o espiritismo.

—:

O CENTRO ESPIRITA «SÃO VICENTE DE PAULA» com sede em Manaus (Amazonas), em sessão de 11 de Abril de 1905 approvou e promulgou a sua lei organica.

O Centro propõe-se a propagar a doutrina espirita no Estado e fóra d'elle, a fundar uma bibliotheca, a crear uma sociedade de beneficios mutuos e uma caixa de soccorros aos necessitados de qualquer nacionalidade ou crenças. Os seus estatutos vêm assignados pelos irmãos Srs. Thomaz de Medeiros Pontes, Clodomir Emiliano de Araujo Chaves, João B. Cordeiro de Mello, Manoel Bivar, J. Olympio de Carvalho Rebello, Jorge Ayres de Miranda, Manoel dos Santos Castro, Antonio Franco Liberato, Aldobrando Floresta, Luiz Facundo do Valle, Manoel Bluhm.

Auguramos ao Centro longa vida e o mais risinho futuro.

—:

UM APPELLO Á IMPRENSA ESPIRITA.—Os nossos irmãos do Grupo Espirita «Amor e Luz» da Estação de Pedro Leopoldo (Minas), não dispondo ainda de fundos sufficientes, pedem, por nosso intermedio, a todos os jornaes espiritas que enviem um numero para a sua bibliotheca.

Achando justissimo o pedido, aqui o deixamos.

BIBLIOGRAPHIA.

Recobemos e agradecemos:

TEXTO DE ENSEÑANZA DOMINICAL Y DE LECTURA PARA LAS ESCUELAS ESPIRITISTAS por Felipe Senillosa. Imprenta de Carbonel

y Esteve. — Barcelona. — Rambla de Catalunya, 118. — 1905. Brochado em 4º, de 340 paginas. 2.ª Edição, profundamente refundida e ampliada. Não poderíamos dar melhor ideia desta importante obra do Sr. Senillosa do que abrindo espaço ao magnifico juizo critico que foi emitido acerca da primeira edição della por parte da Redacção da Revista da Sociedade Protectora das Crecuças Desvalidas de Buenos Aires. Eil-o:

«Acaba de publicar-se um livro são e vigoroso, um desses livros que assignalam á sociedade grandes erros e que predizem, com pensamentos profundos e estudos positivos, evoluções transcendentaes no espirito das multidões que formam a grande familia humana.

Um livro que faz pensar e sentir é uma luminosa alavanca que accelera, dentro do processo social, a approximação das liquidações reactivas das vivificantes forças organico-moraes, que constituem o todo e o ser da existencia superior organizada conforme os inalienaveis principios de progresso e transformação.

O que morre, resurge em vida, na ideia ou na materia, isto já é axiomático. O que se gasta ou que já não satisfaz as exigencias moraes de uma epoca ou de uma necessidade social, tem que ser substituido no concerto harmonico activo, por entidade effectiva, energica e geradora.

A sciencia materialista, inimiga victoriosa da theosophia ultramontana, nos phenomenos e nos effectos reaes, estuda as tendencias de germinação embryonaria, mas natural e latente das modificações especificas que se operam por movimento, relação e meio, no seio de todas as potencias animadas e productoras, que são o ponto de partida de toda a vida impulsiva e real. A sociologia moderna deve, pois, pôr o dedo na chaga, e sem preoccupações pueris, tem que descer até as sujas camadas do orthodoxismo fanatico, para arrancar de suas intemperanças e canones doutrinaricos, o motivo regressivo e avassalador que produz o desconcerto e o scisma nas aspirações e nas correntes pensadoras.

O maior depuramento moral, fructo da illustração ampla e conquistadora, no estreito carcere de um dogmatismo inconsequente, rotineiro, servil e egoista, não pode encontrar as culminações perfectiveis de uma religião de progresso, aberta a todas as excellencias de principios e a todos os alentos innovadores. Tudo, em razão de existir, evoluciona e avança para o além das fórmulas e das ideias, e é anti-natural, é innocentemente utopico o querer ao espirito e á materia pôr diques que, sem a suppressão das faculdades e das coisas, não é possível que produzam mais beneficio que o da rebelião e o trasborde, por arbitrariedade de applicações e por natural ministerio.

O *Texto de Escola Dominical* do Sr. Felipe Senillosa é um livro terrivel para o fanatismo dogmatico, e um livro precioso para o evolucionismo crente. N'elle a psychologia tem espaço para investigar problemas de transcendencia profunda e de palpitante actuali-

dada. Se Bossuet, Pascal, ou Colonna, o tivessem desante de si talvez que a sua fé ascética e o seu catholicismo intransigente vacillassem ao negarem muitas verdades que não entravam dentro da sua doutrina de deificações e symbolos, e, que não obstante isto, eram verdades incontestaveis, humanas e moralissimas. O Sr. Senillosa nos apresenta em seu livro um espiritualismo simples e convincente, de uma philosophia muito moral e de uma doutrina elevadissima. O Evangelho é a fonte de que parte para dar ao espiritualismo que sustenta, logica e verdade, dentro dos principios do christianismo primitivo, que não é o catholicismo falsificado a que chamam christianismo os exploradores da fé, ou es credulos de pouco alcance.

O *Texto da Escola Dominical* combate tudo quanto é retrogrado no culto, e prestigia tudo o que é são nos dominios das crenças leigas e livrespensoraes. Fala da meninice com acerto e amor sorprendentes, e propõe que se eduque não nos estreitos systemas de egoistica imitação, senão em amplas espheras de moral e livre-pensamento, iniciando-a assim na grande religião do futuro, na religião das ideias evolutivas, na escola grandiosa do sentimento, da equidade e do amor colectivo.

Propõe que se eduque a sua sensibilidade pela belleza, para amesgar o seu caracter e fazel-a accessivel á vibração sentimental que orienta as paixões e refreia os genuinos impulsos constitutivos. Diz que é conveniente para as phalanges infantis o canto, a declamação e a musica, porque assim as suas faculdades moraes se corrigem e se depuram na placidez do sentimento amoroso e artistico, que amolda insensivelmente as suas predisposições rebeldes para uma equanimidade regular e sublimada. Prova tambem, no seu livro, que postas em paralelo as communidades catholicas, apostolicas e romanas com as evangelicas, protestantes, etc., em todas as suas varias crenças e principios fundamentaes, aquellas, as catholicas, são as mais acismaticas e immoraes, porque tambem são as mais grosseiras e inconsequentes. Isto, como muito bem disse o alludido auctor, em todas as partes se manifesta com uma eloquencia desconsoladora: o catholicismo é uma desgraça, social e moralmente. Em seguida o Sr. Senillosa nos fala tambem, no seu magnifico livro, da confissão auricular, que é uma desvergonha e um flagrante attentado ao pudor privado e á dignidade pessoal, por violar cynicamente vedados campos de decencia e foro intimo, a troco da ridicula formula da *salvação* que promettem por si e ante si. Disse, o que poucos devem ignorar, que essa escandalosa confissão, essa arma ainda temivel e fasteira, contra os pobres do espirito que acreditam tambem porque os mandam crer, data do seculo XIII, epoca em que foi necessaria para oppôr-se a influencias e combater, na sombra, ideias de liberdade e resação que começavam a ser de mau agouro para o catholicismo ameaçado . . .

Em fim, o livro do Sr. Senillosa compendia muita coisa boa e suggestiva, tratada com elevação de vistas e competencia por uma

penna amestrada e brilhante, detou a litteratura e a sciencia argentina com presente vallozo para que os espiritos da eleição possam ter nelle campo amplo de estudo e de reflexão.

O livro *Texto da Escola Dominical*, que como seu titulo indica, é propagandista do systema evangelista das conferencias dominicaes sobre motivos de educação moral leiga e espiritualista, está escripto em linguagem appropriada, simples e elegante, que o põe ao alcance do entendimento mais humilde, o que não succede geralmente em todas as obras que abordam assim escabrosos themas sociologicos e scientificos.

NOVO AGENTE DA «VERDADE E LUZ.»

Em Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espirito Santo, o sr. Aristides de Araujo Gama.

RELAÇÃO DAS PESSOAS DE QUEM TEMOS RECEBIDO A IMPORTANCIA DE SUAS ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1905.

Recebemos 3\$000 rs. de cada um dos seguintes ars.: Estado de Minas. Monte Carmello: Antonio Abdalla, cap. Elise Augusto de Moraes, t.e José Soares Rodrigues, cap. Honorio Baptista da Silva, major Francisco de Mello Junior. Araguay: Joaquim Felipe. Campo Bello: Joaquim Calixto de Souza. Cidade do Machado: Benerio Passeri. Villa Platina: Manoel Villela de Andrade, 10\$000. Cidade do Patrocinio: cap. José Felipe de Paiva Lira, 4\$000.

De diversos Estados. Estado de São Paulo. Mogy das Cruzes: Joaquim Benedicto Dias. Mogy Mirim: D. Benedicta Diniz Pereira, 10\$000, auxilio á Instituição. Jaboticabal: José Antonio Fernandes Sobrinho e Albino Trindade. Santos: Francisco de Barros. Parahybuna: Benedicto Correia de Araujo. Serocaba: Bernardino dos Santos. Franca: D. Euleteria Gonçalves, 3\$000, auxilio á Instituição. Bebedouro: Theodomiro Luiz Pereira, 6\$000, auxilio á Instituição. Desta capital: Grupo Espirita Santa Maria, Francisco Domingues. Estado do Rio de Janeiro. São Sebastião da Boa Vista: Manoel Jeronymo Machado, Francisco Nolasco da Silva Bastos. Lapa de Capivary: Prof. Bellegarde Marinho, 5\$000. Capital Federal: Grupo Espirita São João Baptista, 6\$000, Felipe Santiago. Estado de Sergipe. Aracajú: Antonio M. de Almeida, 2\$000.

BIBLIOTECA
ESPIRITA
NACIONAL

VERDADE E LUZ

REVISTA QUINZENAL DE ESPIRITUALISMO SCIENTIFICO

*Sem caridade não ha
salvação.*

*Nascer, morrer, renascer
ajuda e progredir sem-
pre. Tal é a lei.*

S. PAULO

BRAZIL

Anno XVI

31 de Julho de 1905

N. 364



COLLABORADORES DIVERSOS

REDAÇÃO E OFFICINA

RUA ESPIRITA N.º 28.

DEVE-SE ESTUDAR O ESPIRITISMO ?

(Continuação do n.º 362)

B

A outra objecção, não menos grave, é que, em condições identicas, os resultados não são sempre identicos, de maneira que a experiencia não pode ser repetida á vontade.

Isto, porém, é o que se dá em todas as sciencias. *As condições parecem identicas, mas não o são.* Alguma condição favoravel, que passa inadvertida, falta na experiencia ulterior, ou surge alguma condição desfavoravel, que tambem passa despercebida.

Tomando outro exemplo das sciencias precisas, eis uma substancia chimica cuja preparação é muito delicada: por exemplo a talasina, antitoxina crystalisada que extrahimos dos tentaculos das actinias. Pois bem; tem-nos succedido tratarmos de massas consideraveis de actinias sem conseguirmos extrahir a talasina. Quanto é mais facil, no emtanto, a extracção de uma substancia chimica, bem definida, relativamente abundante, do que a determinação de phenomenos physio-psychicos, envoltos ainda em profundas trevas!

De mais a mais, a objecção que em condições identicas não se produzem sempre phenomenos identicos, só é exacta em parte; porque, nalguns circulos espiritas, e com certos mediums de muita força psychica, ha quasi a certeza antecipada, de que se produzirão os mesmos phenomenos, com pouca differença, se não se introduziram novos membros no circulo, se não intervieram novas condições experimentaes, se a saude dos concorrentes não se acha alterada por uma enfermidade ou se não se apresenta um transtorno moral qualquer.

Mas a resposta fundamental a esta objecção nos parece ser a seguinte: O espiritismo ainda não chegou, entretanto, ao seu periodo scientifico de experimentação. Sabemos que as sciencias experimentaes passam por uma

phase de observação, ou empirismo que é, como se dissessemos, a sua infância.

Não ha muito tempo, quando as enfermidades não podiam experimentar-se por inoculação de seu virus, a medicina tinha que conformar-se com a observação dos enfermos. Claudio Bernard e sobre tudo Pasteur transformaram esta sciencia de observação em sciencia experimental. Mas este grande projecto data de hontem, e os homens da nossa idade pertencem a um tempo em que teria parecido insensato estudar num laboratorio o typho, o cholera e a erysipela.

Na ignorancia em que estamos da coisa, ás vezes nenhuma experiencia é possível para provocarmos um phenomeno; temos que conformar-nos com encarar (com perspicacia, se é possível, e com attenção escrupulosa) os factos que se apresentam e annotarmos as suas condições, sem podermos reproduzi-los. Estes phenomenos, que não nos é dado conhecermos, não são por isso menos reaes. Seria ridiculo negar a realidade de um facto tão sómente porque não é possível provocalo pela experimentação. Não comprehendemos bem o estado de espirito de um sceptico que disse que não acreditaria nos aerolithos senão quando, no dia e hora assignalados, se lhe fizesse cahir um n'um sitio por elle previamente designado. Tão ridiculo seria o scepticismo daquelle que não acredita na existencia dos fantasmas, pela unica razão de que não se lhe pode apresentar um a seu pedido.

No entanto, é de desejar que o espiritismo entre plenamente na sua phase experimental e saia do empirismo e da observação, poi o empirismo e a observação não fornecem mais que uma dose mediocre de certeza. Esse tempo, porém, ainda não é chegado. Parece que ás vezes houve experimentações muito comprobatorias; mas em geral os phenomenos do espiritismo são muito imprevisos, tanto quanto o são os meteoros e meteoritos. Esta não é de nenhuma maneira uma razão para negar a sua validade, e os esforços dos espiritistas devem tender quasi exclusivamente, se querem dissipar as du-

vidas, a apresentar-nos phenomenos que possam ser repetidos.

Não se pode censurar o espiritismo de ser ao mesmo tempo uma sciencia de observação e uma sciencia experimental: pois esta é a sorte de todas as sciencias experimentaes no seu juicio. A observação dos factos, quando se apresentam em condições que conhecemos mal, precede á possibilidade de reproduzir-se á vontade. Não se têm podido produzir sempre á vontade grandes faiscas electricas capazes de matarem um cavallo ou um boi. O homem observou os effeitos da electricidade atmospherica sem prever que chegaria um momento em que teria esta força á sua disposição.

Não accusemos, pois, aos espiritistas de má fé por não poderem dar, quando lh'a pedimos, uma demonstração experimental rigorosa.

Resulta, além disso, que dos dois generos de phenomenos espiritas, os que dependem da observação e os accessiveis á experiencia, os primeiros têm quiçá mais importancia que os segundos, quando deveria ser o contrario. As observações têm mais certeza e mais importancia que as experimentações. Os numerosos depoimentos colligidos pelos sabios auctores dos *Phantasms of the livngs*, e as antigas observações publicadas nos *Proceedings of the Society for Psychical Research*, e nos *Annales des Sciences Psychiques* têm um valor documentario maior que os factos experimentaes obtidos no curso de sessões espiritas especiaes.

Na sua generalidade, os phenomenos mais notaveis são repentinos e imprevistos; em quanto os circumstantes estão inadvertidos é que elles se produzem. E, sem deixarmos de reconhecer que esta condição está mui longe de ajudar a resolver o problema, nos pareceu sempre que os mais brilhantes eram os que não se provocavam, inesperados, em face dos quaes ficavamos desprovidos de elementos para uma observação rigorosa.

Parece que a attenção, o olhar, a luz, certas condições experimentaes severas, constituem obstaculos para a manifestação de determinados phenomenos.

Não desconhecemos toda a vantagem que os adversarios—*a priori*—do espiritismo poderão tirar desta contestação. Não acreditamos, porém, que della possam deduzir, sem mais argumentos, que todo o espiritismo é falso, pois, tratando-se de phenomenos em que intervêm forças intelligentes, forças extranhas, ou forças humanas desconhecidas, o estado de animo dos assistentes deve desempenhar um grande papel. Inverosimil seria o contrario. Não ha, pois, nada de irracional em admitir que um certo espirito de confiança, de credulidade, de sympathia, é necessario, ao mesmo tempo que uma certa harmonia intellectual entre os circumstantes, a qual só se adquire mediante o costume de uma experimentação commum.

(Continúa).

O Espirito Consolador.

XV EFFUSÃO

O TANQUE DE FOGO.

(Continuação)

Ainda que maravilhada, senhora, continuse desasocogada. Quando pensaes em Renato vem, ás vezes, á vossa memoria certos sermões mais ou menos orthodoxos que vos causam medo. Estaes convencida, dizeis, de que por bom que Deus seja, Elle deve odiar o mal, porque Elle é a propria sentidade. Comprehendeis que as leis divinas, para serem efficazes, devem ser revestidas de uma sanção e que os maus devem ser punidos e os bons recompensados; porém acrescentaes que «o inferno vos indigna,» o que não me admira.

Assim tambem eu tremi, não de medo, mas de irritação, ouvindo certos pregadores descreverem os tormentos dos condemnados. A darmos-lhes credito, esses infelizes teriam de revolver-se eternamente dentro de um *tanque de fogo*. Victimias que morrem e que vivem na mesma occasião, ellas soffrerão continuamente o abraçamento de um fogo que queima sem destruir, do qual estarão embebidas, saturadas até á medulla de seus ossos, nas fibras mais intimas do seu ser. Ahi, não se sabe bem o logar, existem demonios arma-

dos de garfos, tenazes e pinças, que desempenham durante a eternidade o cargo de algozes. Revoltados contra Deus por causa do bem, são doces em extremo na pratica do mal, em cujas funcções horrorosas se comprazem. Numerosos e maus auxiliam-se de um extremo ao outro do abysmo, para que as suas victimas não tenham sequer um momento de descanço.

Em primeiro lugar Deus faz com que saiam do sepulchro os nossos corpos de barro, cujos atomos se dispersaram ha seculos ! Elle os tira de lá no mesmo estado em que foram postos com suas imperfeições originæas, com as suas degradações successivas produzidas pela idade, pelas doenças e pelos vicios e nol-os entrega assim decrepitos e cobertos das manchas que a vida e a morte lhes imprimiram. Eis ahí o primeiro milagre, que vai de encontro a todas as leis da chimica ; um segundo milagre é que a todos esses corpos, em plena decomposição, Elle inflige a immortalidade. Esta horrivel resurreição não nos repõe mais no estado de homem innocente e nem nas condições physicas de homem culpado. É meramente uma resurreição das nossas impurezas, sobrecarregadas com miserias horribéis. Para que semelhante obra prima seja completa, Deus modifica todas as propriedades que Elle mesmo dera aos compostos da materia. Elle, o Pae, faz um prodigio para conservar viva a podridão humana e gozar eternamente do seu supplicio. Elle torna-se deste modo o unico e verdadeiro carraço do inferno ; porque sómente Elle por sua vontade permanente, pode impedir que o fogo se extinga, que as carnes se consummam e que os demônios peçam piedade !

E o que é preciso para uma creatura cair nesse tormento infundo, segundo os theologos ? Será necessario que tenha derramado o sangue do homem, perseguido o fraco, espoliado a viuva ? Ter blasphemado a Deus, ter-se revolvado na lama ? Será preciso que tenha trahido, como Judas, que tenha sido cruel, como Nero, depravado como Sardanapalo ? Não, basta um simples peccado mortal não perdoado. E por peccado mortal devemos entender não sómente o assassinato, o roubo, o adulterio, a trahição e a tyrannia, mas tambem uma fraqueza do coração, a falta de uma confissão na Paschoa, a de ouvir uma missa no domingo, comer sem dispensa um pouco de carne ás sextas-feiras, duvidar de certos dogmas novos.

E Deus não hesitou em crear o homem deante de tal perspectiva, sabendo anticipadamente que elle succumbiria senão fatalmente ao menos infallivelmente á tentação ? Elle via em virtude de sua presciencia que a pobre raça humana estaria sujeita a todas as dores durante o sonbo tão curto que se chama a vida e que depois, ella toda amaldiçoando-O, se abysmaria nas cavernas infernaes onde soffrerá, sem esperanza, torturas indescriveis. Será por desgraça tudo isto a última palavra da bondade infinita, o resultado definitivo do plano divino.

Ah! senhora, eu tenho um coração e esse coração foi Deus que m'o deu e elle protesta no seu todo contra essas asserções blasphematorias. Nenhum homem no mundo ouzaria approvar taes designios e sentimentos que semelhante doutrina attribue ao Creador. Nenhum deixaria de dizer aos que O desfiguram: «Se o vosso Deus é como dizeis, elle não merece que eu o adore; porque apesar de ruim, eu julgo-me melhor do que elle.» O tyranno mais sanguinario, mais deshumano, que se possa imaginar, não poderia ouvir dia e noite, pelo espaço de um mez, o soluçar de suas victimas; elle ou perdoaria ou as faria executar. E é isto tão verdade que para se livrarem do echo importuno das lamentações dellas, os oppressores inventaram as *masmorras* ou prisões subterraneas para as abafarem.

Dizem, eu sei, que Deus não pode perdoar senão áquelles que imploram o seu perdão e que os condemnados blasphemam e não se arrependem. Mas existem homens de almas tão elevadas que perdoam aos proprios criminosos que recusam pedir-lhes clemencia. E se essa condição é indispensavel para obter o perdão de Deus, quem pode impedir que a bondade divina faça penetrar na alma culpada uma luz tão intensa que a incite ao arrependimento? Não ha no mundo uma alma que goste de soffrir e todas as que se obstinam no mal o fazem unicamente por serem cegas. «O reprobô não é mais livre, dizem, e o arrependimento suppõe a liberdade.» Pois bem, que Deus lhe dê a liberdade, permittindo-lhe uma nova prova, como a nossa doutrina ensina e a sua bondade estará de accordo com a sua justiça.

Fica-se assombrado, senhora, quando se pensa nas consequencias moraes e sociaes desse dogma impossivel, combinado com o da graça. Eis, por exemplo, um fascinora que assassina a sua victima quando dorme. Ella não se achava em estado de graça e, portanto, foi lançada no inferno para sempre! O assassino, esse que teve tempo de se arrepender e de se confessar antes de subir ao cadafalso, eillo salvo!

Não tenhamos *illusões*, esse dogma terrivel é um dogma acobardado, um dogma que nos affronta e envergonha e que em lugar de fortificar a fé, multiplica os incredulos.

Porque nos espantamos? Quero acreditar verdadeiramente no inferno como o descrevem, sem um proposito occulto e sem a mais leve duvida, deve, para ser consequente, renunciar tudo, fugir do mundo, dos negócios, da familia, e como S. Jeronymo esconder-se no deserto para mortificar as suas carnes. Fica-se atemorizado quando se pensa no espectáculo que a terra daria se todos os que a habitam acreditassem firmemente, praticamente na eternidade das penas e no pequeno numero dos escolhidos. O genero humano ficaria congelado de medo na esterilidade. Nada mais de alegria, nada mais de luxo e de festas, em toda a parte a tristeza e o tedio,

o torpor. Nenhum movimento, nenhuma industria, nenhum progresso artistico, nenhuma obra prima litteraria, nenhuma vida! As nossas grandes cidades, tão activas, se tornariam necropoles. Por toda parte figuras patibulares, devotos em diversas attitudes, um frio de claustro, um silencio de sepulchro. Se o mundo vive, palpita, progride e ainda se diverte um pouco, é porque não cre no inferno, ou vive como se não acreditasse. Se algumas almas singellas e boas acreditam vaga e frouxamente nella, tambem suppoem-se delle dispensadas e o reservam para o proximo.

Dizendo-vos isso, senhora, descobri o segredo de todo o mundo.

Digo ainda mais, e pergunto como um padre santo, um padre verdadeiramente orthodoxo, que tem coração, pode supportar sem morrer, o peso esmagador deste pensamento: Todos os dias setenta mil pessoas morrem e sessenta e nove mil pelo menos caem no inferno para sempre, segundo os dados da theologia. Milhões, milhares de milhões de infelizes, de hereticos, de scientificos, de livre-pensadores vivem e morrem sem se importarem com a Igreja, fóra da qual não ha salvação! E Deus que «é amor» permite que esta fé, a unica que pode salvar o homem, leve, tanto tempo a se propagar: que esta Igreja, que é o unico apice dos eleitos seja, suspeita tanto aos povos como aos reis! «O altitudo! ó profundura!»

(Continúa).

Diversos assumptos offerecidos ás exmas. Damas da Caridade da diocese de S. Paulo.

LXXIX

Nobres Damas da Caridade. No presente artigo vamos continuar a narração do que se passou na terceira viagem que fizemos ao Estado de Minas e a mais duas cidades deste nesse Estado, Itapira e São João da Boa Vista.

Como ficou dito no nosso ultimo artigo, logo que o irmão enfermo começou a obter algumas melhoras, continuamos a nossa viagem para a cidade de Pouzo Alegre onde nos esperava mais um irmão sofredor.

Antes de proseguirmos, vamos relatar-vos, nobres Damas da Caridade, mais alguns trabalhos que fizemos na cidade de São João da Boa Vista.

Logo á nossa chegada, nos disseram que uma senhora portuguezia andava muito perseguida por dois espiritos que não a deixavam trabalhar. Essa senhora morava retirada da cidade uma legua. Pedimos que a mandassem vir para vermos o que se podia fazer em seu beneficio.

Um dia antes da nossa partida, appareceu acompanhada de seu marido. Pedimos que nos fizesse o historico de seus padecimentos.

Começou por dizer-nos que tinha recorrido a muitas pessoas a ver se podiam livral-a de tantos soffrimentos, sem nada terem podido conseguir. Desesperada, lembrou-se de fazer a penitencia de caminhar a pé á cidade de Pouzo Alegre a fim de ver se o Reverendissimo Don Nery, Bispo de Minas, a podia livrar. O Estado de Minas tem tres bispos, sendo que um delles, o de cor morena, da diocese da Mariana, que já possui duas fazendas, reside na cidade de Ouro Preto, o outro é o de Diamantina, e este de quem estamos tratando, que é branco, reside em Pouzo Alegre. Esta soffredora nos contou que o sr. Bispo tinha feito tudo para expellir os dois espiritos, mas elle lhe dissera que apenas tinha podido tirar um, ficando ella com um só.

Como andam enganados os filhos de Deus! Asseveramos ás nobres Damas da Caridade que o sr. Bispo D. Nery não tirou nenhum espirito. Suggestionou-lhe que tinha dois, para a illudir, fazendo-lha crer que tinha tirado um.

Voitando esta senhora de Pouzo Alegre (Minas), para São João da Boa Vista com o mesmo padecimento, nos disse que tinha recorrido ao sr. padre Terry, vigario de São João, o qual lhe respondeu que nada lhe podia fazer sem licença do sr. Bispo.

Fiquem sabendo os srs. catholicos que os seus padres e vigarios não podem tirar espiritos maus sem que os bispos lhes dêem para isso licença. Nós, porém, que não somos catholicos, temos livrado (com permissoão de Deus), a muitos, ou melhor diremos, temos aconselhado a muitos o melhor modo de se verem livres delles, espiritos, obtendo sempre os melhores resultados.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o facto que publicamos ha tempos, com relação a uma senhora que se via atormentada pelo espirito da sogra, a qual se foi confessar com o cura da Sé e com um fallecido Bispo, os quaes lhe disseram que era o diabo que a queria perder; e ambos lhe aconselharam que rezasse muito a fim de vencelo. No emtanto só ficou livre quando fez o que lhe aconselhamos, que foi o reconciliar-se com o espirito de sua sogra, a quem mandava sempre para o inferno.

Na cidade de São João, tambem nos veio procurar um respeitavel aucião e nos contou que muito soffria com um espirito que falava dentro d'elle, obrigando-o a maltratar com as peiores palavras a Jesus, a Maria de Nazareth e até ao proprio Deus. Aconselhamos a este irmão que fizesse um exame na sua consciencia e nella havia de encontrar a causa do seu mal, porque nós tinhamos toda a certeza que nunca poderia haver effeito sem causa.

Este senhor não se accusou de nada; mas a Providencia permittiu que um conhecido d'elle, a quem o mesmo havia consultado, nos narrou o seguinte:

O sr. diz muito bem, não pode haver effeito sem causa. Vou relatar-lhe a historia daquella homem; depois digam que não merece o que está soffrendo.

Conheço muito este velho. Elle teve uma filha que fez casar com um homem trabalhador. Desse casamento nasceram sete filhos. Succedeu o genro ficar doente e morrer. Sabe o que fez este velho que tem uma chacara? Pegou os netos e deu-os para outros crearem, separando-os uns dos outros e deixando aquella mãe sem um filho em sua companhia. Depois casou-a como fez a primeira vez, sem levar um unico filho consigo.

Nós que sabemos que o pae daquellas creanças via tudo o que estavam fazendo com seus filhos, ligou-se a seu sogro e falava dentro d'elle tudo o que o velho ouvia. Este espirito blasphemava contra tudo, pois nunca lhe passou pela mente que houvesse um avô tão sem coração, e uma mãe com iguses sentimentos.

Tivemos mais uma consulta com um outro ancião que nos veio procurar.

Principiou pedindo-nos para evocarmos um bom espirito para que lhe dissesse a razão porque estando casado fazia 24 annos, nunca se tinha apartado de sua esposa e agora depois de velho se via della separado.

Eis a nossa resposta:

Meu amigo, as pessoas que não são espiritas entendem que tudo o que nos acontece só pode ser explicado pelos espiritos, o que é um grande erro, porque se assim fosse ninguem precisava aprender para ensinar. Pedimos que nos dissesse o motivo que deu causa a essa separação, que nós lhe diríamos o que havia de fazer. Se achar que não deve aceitar o nosso conselho não aceite, mas se achar justo o nosso conselho deve aceitar.

Começou por dizer que o principal motivo era elle não poder tolerar que sua esposa se fosse confessar e commungar, porque era livre-pensador e não acreditava naquellas babusciras, querendo obrigar sua esposa a abandonar a igreja.

Não é preciso dizer mais nada. Isto é o sufficiente para dizer que ella tem razão, portanto que quem errou foi o sr. Pedimos-lhe que se collocasse no lugar della e que ella occupasse por momentos o seu lugar. O sr. queria que ella o obrigasse a ser catholico? Como quer fazer aos outros aquillo que não quer que os outros lhe façam? A nossa obrigação é dizer-lhe que vá procurar a sua esposa e confessar-lhe que o sr. errou, portanto lhe peça perdão por estar convencido que não devia ter o procedimento que teve em querer obrigar a fazer aquillo que não quer que os outros lhe façam.

Depois de dar estes conselhos, lhe disse que era este o meu procedimento para com minha esposa que tambem era catholica, não a obrigando a deixar de ser, assim como não queria que me obrigassem a fazer o que não quero.

Pedimos ao nosso bom irmão e amigo Rev. Dr. Monsenhor Camillo Passalacqua e também ás illustradas Damas da Caridade para terem a bondade de dizer se secham correcto o nosso conselho; no caso contrario nos ensinar melhor.

Aqui nos ficamos por hoje.

NINGUM.

Noticiario.

DISCURSO NOTAVEL.—Do nosso presado collega «Alma» de Guadalsjara (Mexico), tiramos o final de um dos muitos discursos que foram proferidos na noite de 29 de Janeiro p. passado por occasião da inauguração da Sociedade «Espirita Central» do Mexico. Fala o nosso illustrado confrade E Baig:

«Quanto a ficar esquecido o Espiritismo, tão pouco o cremos, porque elle já fez uma longa jornada e não pode retroceder. Tem representantes e adeptos em todos os paizes do globo. Ponde, sim, ficar ignorado e ainda perder-se nos tempos antigos, porque então era o patrimonio de certos iniciados, na sua maior parte sacerdotes, que tinham o maior interesse em guardal-o secreto; porque o Espiritismo, á semelhança do Christo, é revolucionario e tende a destruir todas as preoccupações, tanto politicas como religiosas. Vivemos, além d'isso, numa epoca em que os impostores e os tyranos não têm facilidade para occultar a luz ao povo, e o Espiritismo é já um facto conquistado e mesmo reconhecido por nossos proprios adversarios.

As religiões podem desaprumar-se, porque foram edificadas sobre a base da superstição e da mentira; ao passo que a nossa crença se está edificando sobre a base da sciencia e da verdade, e por essa razão cremos que ha de permanecer de pé.

Senhores, eu espero que o Espiritismo ha de ser no futuro o pharol da humanidade, para o qual se hão de dirigir todos os naufragos da vida; e a sua luz lhes fará ver o porto onde encontrarão o descanso apetecido, isto é, a felicidade.

.....

A nossa doutrina é a unica que explica com clareza os meios que devemos empregar para alcançarmos o progresso. Estudemos, pois, e nossa intelligencia se desenvolverá mais e mais cada dia, e a instrucção adquirida jamais a perderemos. O nosso espirito a conservará, e na seguinte encarnação virá formar os principios de uma clara intuição, que nos será de muita utilidade na nossa vida. Sujeitemos, pois, nossos vicios e obteremos um adeantamento physico; refreiemos as nossas paixões, cultivemos os nobres sentimentos de amor e de caridade para obtermos o nosso adeantamento moral; cumpramos os nossos deveres e obteremos o adeantamento social.

Finalmente, para os crentes do Espiritismo a morte não é mais que o passar-se do mundo material ao mundo invisível, reunirem-se seres que se amam e que abandonaram a terra sem deixarem, por esse facto, os seres queridos que nella ficaram. A morte vem a ser para o espirito um somno que vivifica os seus sentidos; e ao despertar pode ouvir o cantico de amor harmonico que os mundos elevam ao Creador do Universo, cantico que o espirito sente, admira e comprehende, demonstrando-lhe que esse somno é o principio da luz, o passo para o infinito, e, finalmente, que a morte é a aurora da outra vida.»

:—:

DR. CAMPOS SALLES.—O eminente estadista ex-presidente da Republica Brasileira, no seu notavel manifesto á nação, ultimamente publicado, historiando e explicando a sua attitude com relação ás candidaturas presidenciaes, assim termina os seus judiciosos e elevados conceitos:

«Fico, pois, onde estava depois de 15 de novembro de 1902. Daqui faço os mais ardentes votos para que o espirito protector da Republica inspire o povo brasileiro e o seu eleito de 1.º de março proximo.»

:—:

SE A MODA PÉGA . . . *É uma limpeza!*—O *Jornal do Commercio*, do Rio, de 20 de Junho p. p. transcreve do *Correio dos Estados Unidos* a seguinte noticia:

«Ariosis Orifio, vigario de uma parochia de Guadalajara, no Mexico, annunciou aos fieis da sua igreja que se offereceria em sacrificio pelos peccados de todos elles.

No dia aprazado, ao entrarem os fieis na igreja nada notaram de extraordinario.

O padre deante do altar, officiava, como de costume.

Quando, porém, a igreja ficou cheia, o padre ordenou que fchassem todas as portas; e, tomando um frasco de petroleo que escondera atrez do altar, derramou-o nas vestes e ateou fogo sem que os assistentes, horrorizados, tivessem tempo de impedir semelhante loucura.

Em quanto ardia, Ariosis Orifio supplicava a Deus, em voz retumbante, que perdoasse os peccados de seus irmãos na igreja, em attenção do sacrificio que fazia da sua vida.

Mas em breve a voz se lhe apagou.

Quando os demais ousados conseguiram approximar-se do padre, estava o seu corpo completamente carbonizado.

Seria suicidio, ou loucura?

Se foi suicidio, demonstra falta de creença e de fé em Deus!

Se foi loucura, que Deus lhe perdõe; mas é um castigo, que servirá de exemplo aos que dizem ser só o *Espiritismo* que produz loucos.

BIBLIOGRAPHIA.

Recebemos e agradecemos:

EL VERDADERO DRAGÓN ROJO.—*Arte de mandar aos Espirítos infernaes, aereos e terrestres, fazer que appareçam os mortos, saber ler nos astros, poder descobrir os thesouros occultos, os mananciaes e as minas, e além disso* A GALLINHA NEGRA, 10 pesetas, Bibliotheca de «LA IRRADIACIÓN» Mayor, 50, principal—Madrid.

Este curiosissimo livro intitulado EL VERDADERO DRAGÓN ROJO (*O verdadeiro dragão vermelho*), é uma correctea traducção detidamente compulzada e seguido de notaveis commentarios esotericos do traductor Euediel Shaia, e que o fazem unico no seu genero.

Ao recommendarmos esta obra, cujo preço de 10 pesetas é relativamente economico, prestamos um serviço aos amadores de publicações esotericas e em vista do seu conteudo, não nos extranha que haja merecido numerosa acceitação.

Como curiosidade bibliographica, que é como unicamente queremos julgar O VERDADERO DRAGÓN ROJO, indiscutivelmente foi uma boa ideia a de reproduzir e commentar um grimório que escasseava até o extremo de buscarom-se em Pariz os exemplares de suas peiores edições, offerecendo-se por elles trinta e quarenta francos.

Segundo parece o «*Verdadeiro Dragão Vermelho*» é o primeiro tomo publicado de uma serie d'elles consagrados ao occultismo pratico, entre os quaes apparecerão os mais raros tratados de bruxarias e outros estudos de innegavel merito.

Sentimos não dispôr de espaço sufficiente para occupar-nos do «*Verdadeiro Dragão Vermelho*» mais detidamente como merece.

—:

Da mesma bibliotheca madrileña «LA IRRADIACIÓN» recebemos os tres catalogos que acaba de publicar, a saber: um de LIVROS UTIS COM FORMULAS E PROCESSOS INDUSTRIAES; outro de HYPNOTISMO, MAGNETISMO, PSYCHOLOGIA EXPERIMENTAL e SCIENCIAS OCCULTAS, onde estão recopiladas todas as obras publicadas referentes a estas materias, e outro do PSYCHISMO, ESPIRITISMO e NOVELLAS.

Estes catalogos serão enviados gratis aos leitores que os pedirem á Administracão de *La Irradiación*, Mayor, 50, pral, Madrid.

Esta casa editora vae além disso publicar desde o corrente mez de Julho uma *Revista Bibliographica Universal*, onde poder-se-ha encontrar pormenorizado constantemente o enorme movimento bibliographico de nossos dias.

Cada numero da Revista compor-se-ha de varios fasciculos separados que conterão cada um as obras referentes a uma materia.

Desta maneira se poderão servir numa capa os fasciculos de cada distribuição e se evitará que para buscar tudo quanto foi publicado sobre um assumpto haja necessidade de rever uma multidão de catalogos como na actualidade.

O preço de assignatura será de 6 pesetas por semestre.

—:

SCIENCIA MAGNETICA por Quintin López Gómez, director da Revista de Estudios Psicologicos «Lumen». Barcelona (San Martin de Provençals), livraria de Juan Torrentes y Coral, Paseo del Triunfo, núm. 4—1905.

O conhecido e festejado escriptor espirita hespanhol, Sr. Quintino Lopes, auctor da varias obras apreciadas sobre occultismo e espiritismo, no empenho de preencher uma sensivel lacuna que, ha muito, se fazia sentir na litteratura espiritualista do seu paiz, qual a de uma obra que, em linguagem clara e despretenciosa, compendiasse os dados positivos actuaes da arte magnetica, enfeixou n'um elegante volume de cerca de 270 paginas, tudo quanto até hoje se tem de melhor escripto sobre magnetismo, tendo, para realizar este escopo, compulsado mais de 50 obras referentes ao mesmo assumpto.

Recommendamos vivamente a leitura deste trabalho.

—:

LO ESPIRITISMO SECONDO SHAKESPEARE por N. R. d'Alfonso. Casa Libraria Editora de Ermanno Loescher & C.^a. Roma—1905.

O operoso e illustrado psychologista e pedagogista italiano Sr. d'Alfonso reeditou dois dos seus estudos sobre Shakespeare, já publicados em 1892 e 1893, nos quaes demonstra que o grande genio inglez era senhor de uma doutrina sobre a appareição de espectros, que elle traduz em acto em certas posições psychologicas dos seus personagens, doutrina a que segundo o auctor se poderia denominar de *espiritismo psychologico*.

O auctor, nesses dois ensaios, que versam sobre Machbet e Amleto trata de demonstrar que existe esse chamado espiritismo psychologico e que Sakespeare muito bem o comprehendeu e descreveu perfeitamente.

A brochura, de cerca de 50 paginas, revela estudo consciencioso sobre o assumpto e proporciona leitura substanciosa.

—:

CONSECUENCIAS DEL CELIBATO DE LOS FRAILES por Mariano Ruth Sinue. Continuação do livro «Elementos de uma Nova Luz.» Barcelona: —Imprensa Venus—1905. Brochura em 4.^o grande de 180 paginas. A venda na casa editorial de Carbonel y Esteva.—Rambla de Catalunha num. 118.—Barcelona.—Hespanha.

Trata esta preciosa brochura, nas suas luminosas paginas, de pôr bem patente aos olhos de todos, as funestas consequencias do celibato forçado dos clerigos. Documentação abundante, argumentação cerrada, linguagem mascula e sobretudo grande elevação de vistas, eis os principaes traços que distinguem este importante trabalho, tornando-o digno de figurar na estante de todos os estudiosos, religiosos ou não, que se interessam pela solução do grande problema sociologico. Recommendamos ardentemente aos nossos leitores a leitura dessa obra; e, para provarmos que a nossa recommendação

tem razão de ser, transcrevemos aqui algumas linhas do seu preambulo:

«Ernesto Hæckel chama o celibato dos frades: «disposição refinadamente immoral.» (Storia della creazione naturale, pag. 94, traduc. italiana.—Turin, 1892).

Promettendo fazer ver as *consequencias do celibato forçado*, tomo a palavra. Os sacerdotes—falo dos chefes—inventaram aquella lei, para melhor poderem dominar os corpos e as almas. Mas a quantos delictos, a quantas maldades, a quantas infamias abriram a entrada com a adopção de lei tão antinatural e nefasta!

Cerca de trezentos annos antes, São Paulo tudo previra, e chamou aquella lei «*doutrina diabolica*» (1).

Que o celibato forçado dos frades seja contrario á doutrina de Christo, parece claro pelo que disseram os Apostolos e os Santos.

São Paulo disse sollemnemente um dia: «O matrimonio é honroso em todos, e o leito nupcial é immaculado.» (2) E outra vez: «Não esteja o homem sem esposa, nem a mulher sem marido.» (3) «E' necessario que o bispo seja casado com uma só mulher.» (4) E São Clemente Alexandrino: «Deus, segundo ensina São Paulo, permite a cada um, seja frade ou seja secular, ser casado com uma só mulher.» (5) E São João Chrysostomo: «O matrimonio pede unir-se com as funcções do sacerdocio, e não é um impedimento para subir os degraus do altar.» E Deus: «Não é bom que o homem esteja só; dêmos-lhe uma companheira.» (6) E São Pafnucio, falando dos sacerdotes casados, exclamou n'um famoso Concilio: «Affirmo que a união dos maridos com suas esposas é uma virtude santa e preclara.» (7) E note-se que São Pafnucio era celibatario!

E São Bernardo de Chiaravalle exclamava: Impedi aos frades casarem-se, e depois vereis que coisa succederá!

Vereis que a Igreja se encherá de concubenarios, de incestuosos e de todas as inmundicias:—*Tulle de Ecclesia honorabile concubium et thorum immaculatum, nonne repletam concubinaiis, incestuosis, maculorum concubitorum et omni genere immundorum!* (8) E nos canones, que vêm da antiguidade, se lê: «Nem o bispo, nem o frade repudiarão a sua propria mulher com o pretexto da religião, no caso em que repudiem, sejam excommungados; e, se não se emendam, tomando de novo a sua esposa, sejam depositos.»

Episcopus aut Presbyter, aut Diaconus uxorem suam praesto re-

(1) Thimoteo, IV, 1, 2.

(2) Haeb., XIII, 4.

(3) I Cor., XI, 12.

(4) I Thim., III, 2.

(5) S. Clem., Alex. «Stromat.»

(6) Gen., II, 18.

(7) Santus Paphnutius, Pro Presbyteris coniugatis.

(8) Divus Bernardus, «Super Cantico» Serm. LXVI.

ligionis non abiicito: si abiicit segregatur a communione; si perseverat, deponitur. (9)

Estes poucos passos bastariam para demonstrar que a lei do celibato ecclesiastico não tem nada de instituição divina nem apostolica; mas devo fazer tocar com a mão quaes foram e quaes são as consequencias desta lei immoral, que viola directamente as mais santas, as mais legitimas aspirações do coração humano. E o Sr. Mariano Ruth cumpre brilhantemente a sua promessa no correr da sua obra.

(9) Corpus Juris canonici.

—:
« O PAPA E O ANTICHRISTO »

Numero de exemplares já vendidos e publicados	1,291
Fizeram mais os seus pedidos os seguintes srs.:	
Benerio Paresse, Machado, Minas,	5
José de Souza Pinto, Itauruna, Minas,	2
Aristides Araujo Gama, Cach. de Itapemirim, E. Santo,	3
Affonso Costa, Morro do Chapéo, Bahia,	10
Alfredo de Castro, Petropolis, Estado do Rio,	5
Henrique Melinari, São João da Boa Vista, neste,	20

—:
RELAÇÃO DAS PESSOAS DE QUEM TEMOS RECEBIDO A IMPORTANCIA DE SUAS ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1905.

Recebemos 3\$000 rs. de cada um dos seguintes srs.: Estado de Minas. Montes Claros: T. e Candido José de Souza, alf. Augusto Dias de Abreu, cap. José Faustino de Sá e Silva, t.º Antonio de Araujo Loureiro, Grupo Espirita «Paz e Caridade», 5\$000, e Major Daniel Pereira da Costa, 2\$000, de 1904. São João d'El-Rei: De diversos espiritas, recebemos a importancia de 9\$000. Estação de Contendas: Manoel Francisco Sobreira, 25\$000, auxilio á Instituição. Campo Bello: José Xavier Borges, 2\$000.

Estado de S. Paulo. Ribeirãozinho: Francisco Silva, Mogy das Cruzes: Dos espiritas deste lugar, recebemos 10\$000, para auxilio á Instituição. Santos: Alvaro de Oliveira Ramião, Hygino Paixão, e Ovidio Vital Dias, 5\$000. Lavrinhas da Faxina: Raymundo Ferreira de Almeida, Limeira: De um espirita, 1\$000, auxilio á Instituição. Desta capital: D. Rosina Ricardini.

Estado do Pará. Abaeté: D. Maria Augusta Monteiro, Rochery Ubirajara dos Santos Monteiro, 5\$000, e Antonio dos Santos, 5\$000. Estado da Bahia. Jacacy: Henrique de Brito, Athanasio Silva, Raul José da Silva, D. Herminia Aguiar. Capital Federal: Anselmo Duarte Moreira. Estado do Amazonas. Manáes: José G. de Alencar, 6\$000, de duas assignaturas.

Typ. Espirita.

BIBLIOTECA
BRASIL
NACIONAL

VERDADE E LUZ

REVISTA QUINZENAL DE ESPIRITUALISMO CIENTIFICO

*Sem caridade não ha
salvação.*

*Nascer, morrer, renascer
ainda e progredir sem-
pre. Tal é a lei.*

S. PAULO

BRAZIL

Anno XVI

15 de Agosto de 1905

N. 365



COLLABORADORES DIVERSOS

REDAÇÃO E OFFICINA

RUA ESPIRITA N.º 28.

BIBLIOTECA
BRASIL
NACIONAL

DEVE-SE ESTUDAR O ESPIRITISMO ?

(Continuação do n.º 564)

Diz-se: «As condições eram hoje as mesmas que hontem!» Porque não obtivemos os mesmos phenomenos? E' que assim não foi! As condições de hoje não são as mesmas. Parecem taes; mas não o são. O medium estava cansado. Um dos presentes não gozava de boa saude. A temperatura era differente. A luz das habitações era muito intensa, etc. Nem ainda as condições conhecidas são identicas. Com maior razão então, as desconhecidas. Estas são impalpaveis, innumeraveis, mysteriosas, innaccessiveis quiçá ao nosso falho conhecimento dos homens e das coisas.

Não é mister ser um grande philosopho para saber que nunca ha identidade entre os seres. E pretender-se que mathematicamente, irresistivelmente, o phenomeno esperado se produza, como se produziu na vespera, em condições certamente muito differentes, apesar de todos os nossos esforços para que fossem identicas!

De qualquer maneira, esta incerteza das condições alcança tambem á propria sciencia.

Então, repetimos: para que o espiritismo saia da sua infancia e do empirismo, é mister que chegue a ser uma sciencia experimental, em que tudo esteja previamente determinado.

G

Se estas objecções merecem o mais serio exame, e dão margem a graves duvidas, a objecção que se refere ao extranho caracter das personalidades que se manifestam não é muito ponderosa. E' no emtanto uma das mais vulgares.

Diz-se, por exemplo, que é absurdo que a personalidade de Aristoteles se apresente falando em francez ou em inglez, e dê conselhos tão profundos como este: *Perseverae: com paciencia tereis bom exito*, ou: *Amanhan obtereis melhores resultados*. Se, pela escripta automatica, esta personalidade dá signaes da sua supposta existencia,

escreve com a mesma calligraphia e com os erros orthographicos do medium. Se este é inglez ou norte-americano, o espirito não acredita na reencarnação; admitte-a, pelo contrario, se o medium é francez, allemão ou italiano, nos paizes onde predomina a influencia de Allan Kardec, com a theoria da reencarnação. Se se trata de personalidades menos illustres que Aristoteles, esquecem-se de certos factos caracteristicos, sendo incapazes, por exemplo, de dar o seu appellido ou o nome da cidade em que morreram. Phinuit, o guia de Mme. Piper, era um supposto medico francez, de Metz, que falava inglez e havia esquecido o francez, á força de assistir aos numerosos inglezes que habitavam em Metz. Poderse-hia sem muito trabalho deparar com uma quantidade de ineptias semelhantes.

Mas para nós, estas objecções não são das mais serias.

Desde logo vê-se que a hypothese da supervivencia da alma não é necessaria. Muitos espiritistas a admitem, mas outros a consideram como não provada; de maneira que, ainda não aceitando-a, restaria uma quantidade de factos muito importantes, que merecem um exame profundo, e que não estão alterados pelas ridiculas manifestações das suppostas personalidades que apparecem.

Sobre tudo, o absurdo de uma hypothese não é sufficiente para negar os factos sobre os quaes se apoia. Não se trata aqui de decidir se é ou não Aristoteles que vem nos dizer em francez: *Perseverae e tende paciencia*. Temos que saber se uma intelligencia se manifesta, segundo modalidades desconhecidas, em objectos que parecem inertes, pela intervenção de uma força não suspeitada. Toda a questão está em que o facto seja verdadeiro ou falso: nada significa que esta força pretenda ser Aristoteles para que o facto de uma força intelligente seja negado, se este facto não é em si mesmo negavel. Pode-se objectar que Aristoteles esteja presente; não se pode negar que haja alli uma força intelligente. Nada mais contrario á logica mais elemental que o negar um phenomeno porque as hyptheses construidas sobre este phenomeno pareçam pouco verosimeis. Primeiramente

o facto: eis o que importa. Mais tarde, quando se tratar de formar uma theoria, terá que discutir as hypotheses. Mas qualquer que seja a mais verosimil das que se emitam, não deverá levar-nos nem á affirmacão nem á negaçã das realidades bem constatadas.

Quanto ao mais, é necessario ser bastante temerario para falar de absurdos inconciliaveis.

Dado o caso que a hypothese espirita fosse verdadeira, que sabemos nós das condições de existencia dessas personalidades? Qual a sua influencia sobre o medium? Quem, pois, se atreverá a falar da psychologia dos *espíritos* e dizer que tal ou qual phrase é ou não absurda. Nesta obscuridade profunda em que jazemos, o melhor é registrarmos humildemente os factos, sem pretendermos tirar delles conclusões, a respeito de uma theoria geral que tudo explique.

Eis uma sciencia — se é tal — que está ainda nas faixas da infancia; e não obstante se exige que desde os inicios della fossem completamente satisfeitas as hypotheses dos primeiros experimentadores por pessoas simples, que a têm estudado, mais como apóstolos do que como sabios.

Toda a sciencia, inatacavel nos seus factos, é singularmente fragil nas suas hypotheses. Até a chimica e a mesma physica são dolorosamente defeituosas quando se lançam a concepções geraes.

Quanto á physica, por exemplo, se o ether existe, concebe-se uma materia sem peso e sem substractum chimico? E no emtanto é certo que existe um ether e que a luz, a electricidade e o peso fazem vibrar esse ether no espaço. Mas ninguem conseguiu ainda comprehender essa extranha materia que não é uma substancia chimica. A chimica define o atomo como uma quantidade de substancia tão pequena que não pode ser dividida; sendo assim imponderavel, pois ainda que só pese um millionesimo de millesimo de milligrammo, ou menos ainda, sempre se poderia, pelo pensamento, subdividil-a ao infinito. Logo, pois, o atomo é imponderavel: mas a reunião de atomos imponderaveis é dotada de peso. Eis, se não nos equivocamos, um verdadeiro absurdo.

D'esta arte a chimica e a physica não estão muito habilitadas para rejeitar os absurdos das hypotheses espiritas, visto que ellas proprias têm por base hypotheses francamente absurdas.

Assim é que, com respeito ao facto, é que se devem refutar as objecções dirigidas contra as theorias do espiritismo. Os factos nunca são absurdos. Ou existem ou não existem. Se existem, o estudo dos phenomenos deve preceder á critica das theorias.

Nós não nos sentimos, pois, inclinado a negar porque achamos no espiritismo affirmações muito inverosímeis; espiritos de inglezes que falam em francez, fantasmas que, ao materializarem-se, materializam tambem o seu chapéu, o seu bastão e as suas lentes; objectos que são transportados atravez do espaço; predicções do futuro, etc., etc. Em nossa concepção actual das coisas, temos aqui espantosos absurdos; mas, se os factos são reaes, o que é possível, antes de tudo, nós nos veremos forçado a inverter a proposição, e a declarar que o absurdo está na negação destes factos.

(Continúa).

O Espirito Consolador.

XV EFFUSÃO

O TANQUE DE FOGO.

(Continuação)

Pergunto mais, como pode o coração de uma mãe crente resistir a este raciocinio doloroso: «Se esta creança, este filho que estou creando com tanto amor morresse, seria um anjo. Se elle viver, si de mim! tenho cem probabilidades contra vinte, contra dez, que elle será condemnado! De qualquer modo só tenho que chorar!»

Desde então se comprehende o dito tão triste do marechal Gassion: «Faço tão pouco caso da vida, que não devo consentir que outrem a partilhe» e elle conservou-se celibatario.

Ainda menos devemos admirar da confissão feita por um pae infeliz e com uma calma espantosa deante do tribunal de Wladimir:

«Uma noite senti tanta tristeza, por ver que o genero humano estava para peracer, em pouco tempo, que perdi o sono. Levantei-me, accendi todas as lampadas deante das imagens dos santos, ajoelhei-me e rezei com fervor a Deus implorando que me salvasse com a minha familia. De repente me veiu a ideia de salvar o meu unico filho da condemnação eterna, porque sendo elle tão bonito e tão desenvolvido, tinha perigo de se perder, depois da minha morte e ir para o inferno. Por causa disso resolvi immolal-o ao Senhor.

«Continuando as minhas orações, fiz tenção de sacrificar o meu filho, se esse pensamento me viesse novamente do lado direito e de o poupar se elle me viesse do lado esquerdo, porque segundo os meus preceitos religiosos, o pensamento que nos vem do lado direito, vem do nosso bom anjo, e o que nos vem do lado esquerdo vem do diabo. Depois que tinha rezado muito, o pensamento me veiu do lado direito. Eu entrei, contente no quarto de minha mulher, onde o meu filho dormia. Como sabia que ella não deixaria que eu fizesse esse sacrificio a Deus, mandei-a ao mercado, comprar provisões. Depois que ella sahio, eu despertei meu filho e disse-lhe: «Levanta-te, meu filho, e veste a tua camisa branca para que eu te admire! Elle vestiu-se e eu o fiz deitar num banco e dei-lhe muitas facadas no ventre. Quanto mais elle se debatia mais se feria e eu para acabar com o seu soffrimento horrivel rasguei-lhe o ventre de alto a baixo. Os primeiros raios do sol entraram na cabana e illuminaram a bella feição da victima innocente. Eu tremia; uma prostração geral me fez cahir de joelhos e num momento de extase, pedi a Deus que aceitasse com misericordia o sacrificio. Nessa occasião a porta foi aberta e minha mulher entrou. Ella viu o que se tinha passado, gritou, ficou suffocada e cahiu com ataque. Eu a levantei e disse-lhe: Vá a casa da policia; conte tudo. Eu acabo de fazer uma festa aos santos.»

Choraes, senhora, lendo a narração de um drama passado ha dez annos apenas. E eu fico admirado que taes factos não se tornem mais numerosos em paizes povoados de crentes.

Oh Deus de bondade, que a vossa luz penetre em fim no nosso limbo para expellir todos os phantasmas. Que a vossa pobre humanidade apprenda a vos conhecer para repudiar para sempre o dogma terrivel que não passa de uma blasphemia e que tanto a tem atormentado como um pesadel-o. Vós sois *amor*, ó meu Deus, porque sois o Pae e não permittereis que nenhum dos vossos filhos seja condemnado para sempre, de modo a justificar o grito de piedade de uma das vossas santas a respeito de Satanaz: «O desgraçado! elle não ama!» Deixo que o meu pobre coração se dilate de esperanza repetindo essas palavras de vida que puzestes nos labios do vosso propheta: «A minha colera não durará para sempre; porque os espiritos sahirão de mim e sou eu que criei as almas.» (Izaías, LVII, 17).

(Continúa).

O Espiritismo e o Christianismo.

XI

Sendo, pois, a missão de Allan Kardec toda providencial, visto que os corypheus de todas as seitas religiosas, que se dizem basear nas doutrinas de Jesus, mas que, infelizmente, nem por um tenue reflexo a ellas se assemelham, conjuraram-se todos em um pensamento unico, — apesar de odiarem-se mutuamente, — para assacarem os mais torpes epithetos, num estylo de arreeiro mal educado, a todos aquelles que não professam suas doutrinas, mas que têm a mais firme confiança nas do Christo, tomando, esses phariseus, por alvo os Espiritistas e os Maçons, que tanto uns como os outros, não combatem crenças alheias, porque sabem respeitá-las, por caridade e amor, no modo de crer de todos os seus semelhantes; apenas se pôem em guarda contra seus ataques, direito que ninguém lhes pode negar. E para provar o que vimos de dizer, é bastante lembrar o que disse um ministro de uma nova seita Presbyteriana, e lente do Gyrnasio da Capital deste Estado, que não teve mesmo escrupulo de qualificar os maçons com os epithetos pouco delicados de — repugnantes e pagãos, quando elles — os maçons, — são mais nobres e mais christãos do que S. S. Mas este Snr. *ministro-lente* ou *lente-ministro*, estava em estado *consciente* quando tão indelicadamente assacou torpes calumnias aos maçons, havendo entre elles muitos de seus irmãos de seita? Nós o duvidamos. O proprio Snr. José Nigro tem dito de nós e do Snr. Manoel Pisani, o que *Mafôma não disse do toucinho*.

Assim foi necessario que viesse a este planeta um novo Messias, em missão de Paz e Amor, explicar as doutrinas de Jesus, não segundo a *letra, que mata, mas segundo o Espirito que vivifica*; este Messias foi Allan Kardec, cuja missão tem pontos de semelhança com a de Jesus.

Não vá o Snr. *Rev. José Nigro* rir-se á socapa e dizer com seus botões, que estamos avarçando um paradoxo.

Nós temos por costume provar com factos tudo quanto dizemos, o que S. S. não tem feito. Diz o *axioma logico*: — *contra factos não ha argumentos*; e baseado neste preceito, nossa discussão é toda — factos que apresentamos em prol de nosso modo de pensar.

Conhecemos todos os livros escriptos por Allan Kardec, e em nenhum delles, ao menos que nos recorde, seu auctor empregou uma unica phrase que possa melindrar a menor sensibilidade de qualquer seita religiosa, expondo somente seu modo de crer, sem atacar doutrina alguma, visto que sua missão não foi combater, mas sim, doutrinar. Não obstante esta elevada tolerancia e maxima delicadeza no respeito ás crenças de seus semelhantes, não faltou, mesmo entre os ministros da Igreja Presbyteriana, quem lhe dêsse um *diploma* de ignorante ou de má fé, sendo este ministro tambem iniciado nos

preceitos maçonicos, que nos ensina a sermos tolerantes, sem jamais sacrificar nossas crenças, dando-nos o direito de as defender quando atacadas por alguém.

Mas quem qualificou Allan Kardec de ignorante ou de má fé, ou não conhece seus livros, primor de uma philosophia racional e de uma moral christã e humanitaria, como tambem não conhece sua biographia, ou então está suggestionado pelo espirito religioso da epoca, que se tem manifestado com a mais desbragada das perseguições, pelo insulto, pela calumnia e pelo desrespeito a seus semelhantes, e isto em nome daquelle que disse:—*Amai-vos uns aos outros assim como eu vos amei.* Esses ministros de Jesus não trepidam em tentar macular um dos caracteres mais nobre, mais puro e mais aproveitavel, do fim do seculo passado, querendo, á fina força, *tapar o sol com uma peneira.*

Assim Jesus, como Allan Kardec, jamais offendeu alguem em suas crenças religiosas, apenas clamou contra os escribas e phariseus de seu tempo, mas não contra seita religiosa alguma.

E o Snr. Rev. José Nigro quer saber quem são os escribas e phariseus de hoje?

São todos os que se dão a si proprio, o qualificativo de *reverendo e reverendissimo*, de todas as seitas religiosas, denominação que não encontramos em nenhum dos livros *sagrados*; nesses livros só temos encontrado os seguintes qualificativos:—*Discipulo, Apostolo, Bispo, Presbytero, Ancião*; quanto a *reverendo e reverendissimo . . . nihil.*

Foi por este motivo—dos livros sagrados não auctorisarem tal denominação—que o Dr. (medico) Roberto Reid Kelley, prégador da Igreja Evangelica Fluminense, nunca aceitou tal denominação, condemnando-a por inutil como filha querida do *romanismo*, se não do *paganismo*. O que é verdade é que o povo tem certa prevenção com os taes *reverendissimos*, de qualquer denominação religiosa—a não ser seus proprios adeptos—que quando se trata desses senhores, elle—o povo—se colloca em guarda, até ver em que param as modas, visto não se poder aquilatar por uma só medida, por haver entre elles e em todas as seitas verdadeiros homens de bem e bem intencionados, mas poucos, infelizmente.

Para provar que Jesus não combateu seita alguma religiosa, —apesar de haver em seu tempo a religião Judaica, Israelita, Romana ou gentilica, isto na Palestina, conquistada pelos Cesares—é bastante ler a palestra entre elle e a mulher Samaritana.

Estando Jesus sentado á beira do poço, que Jacob tinha dado a seu filho Joré, a descansar, chegou uma mulher a tirar agua do mesmo poço, e como Jesus tinha sede lhe disse:—*Dá-me de beber.* A mulher toda cheia de admiração, pois que as relações entre os Judeus e Samaritanos estavam cortadas pela paixão religiosa, disse-lhe:—«Como, sendo tu Judeu, me pedes de beber a mim, que sou Samaritana?»

(São João, cap. 4, vs. 7 e 9).

Como vemos, o sentimento religioso só tem dividido a humanidade em vez de a unir. O povo judaico, de uma só origem, descendentes de doze irmãos, filhos de um só Pae, o Patriarcha Jacob, e por isso, uma raça de um só tronco, que professaram um só credo, a religião de Moysés ou por elle estabelecida, odiavam-se mutuamente em nome de suas crenças.

Este scisma deu-se 962 annos antes de nossa era, tendo á sua frente *Jeroboão*, antigo ministro de *Salomão*, arrastando consigo dez tribus do povo hebreu, que formou o reino de *Israel*, ficando as outras duas tribus, as de *Judá* e *Benjamim*, obedientes ao rei Roboão, filho de Salomão, e á religião de Moysés, formando o reino de *Judá*.

E tornando-se estes dois reinos inimigos irreconciliaveis pela paixão politica e religiosa, foi por este motivo que a mulher Samaritana disse a Jesus: — *Como é que tu, sendo Judeu, me pedes de beber a mim, que sou Samaritana?*

Mas Jesus, em sua suprema bondade, em sua maxima delicadeza, não censurou a crença da mulher Samaritana, nem tão pouco preconizou a judaica, apenas disse á Samaritana: — «Mulher, cre-me que é chegada a hora, em que vós não adorareis o Pae, nem neste monte, nem em Jerusalém.»

«Vós adorais o que não conheceis: nós adoramos o que conhecemos, porque dos Judeus é que vem a salvação.» Isto é, da tribu de Judá é que nascerá o promettido das nações.

«Mas a hora vem, e agora é, quando os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pae em espirito e verdade. Porque taes quer também o Pae que sejam os que o adoram.»

«Deus é espirito: e em espirito e verdade é que o devem adorar os que o adoram.»

(São João, cap. 4, vs. 23 e 24).

Ainda mais: Jesus para provar que o sentimento de amor, caridade e confraternidade entre a humanidade, deve sobrepujar a qualquer outro sentimento, quer politico, quer religioso, figurá, em suas predicas, o facto de um homem pertencente á nação de *Judá*, ter sido atacado pelos ladrões para o roubarem, deixando-o na estrada gravemente ferido, onde elle jazia soffrendo as mais cruciantes dores, causadas pelos ferimentos, quando passavam alguns *escribas* e *levitas* (Doutores e padres da lei judaica), porém, de largo, não lhes prestando o menor soccorro, apesar de ser elle seu irmão de tribu e de religião.

Passou depois um *Samaritano*, — que não se communicavam com os *Judeus*, mas, todavia, cheio de verdadeiro amor para com o ferido, pondo de lado odios de nacionalidade e de seita, pois reconheceu nelle um seu irmão perante Deus e a humanidade, mandou-o conduzir a uma hospedaria para que o doente fosse curado e tratado á sua custa.

Pergunta Jesus: *qual foi, entre aquelles que passaram pelo ferido,*

o seu verdadeiro proximo? Com certeza foi o Samaritano, porque este comprehendeu que o amor do proximo é muito superior ás paixões pequeninas que as seitas religiosas implantaram no seio da humanidade, quando essa humanidade deve ser solidaria entre si, pondo de lado tudo quanto possa prejudicar seus sentimentos de confraternidade, unicos que fazem da humanidade uma só familia, e como tal, todos irmãos perante Deus.

Julgamos ter provado que a missão de Allan Kardec foi toda providencial, e que tem pontos de semelhança com a missão de Jesus, sob o ponto de vista da tolerancia e respeito ás crenças da sociedade; pondo de parte as attribuições que os adeptos do dogma da *Trindade*, dão a Jesus, considerando-o *um Deus*.

Dissemos em nosso ultimo artigo: que não suppunhamos que o Sr. *Rev. José Nigro* fosse tão medroso, relativamente á communicabilidade dos *encarnados* deste planeta com os *desencarnados* do espaço; isto é, com os Espiritos dos que já passaram por este *valle de lagrimas*.

S. S. julgou por si, e assim entende que todos devem ficar *assustadiços* com a communicabilidade desses *duendes* para nós desconhecidos, e que entretanto são nossos irmãos.

Nós, por nossa vez, não temos medo, e a julgar por nós, ninguém o deve ter.

São duas affirmativas antagonicas, mas que nós vamos justificar nossa affirmativa com factos historicos, e ainda mais, com o livro das crenças do *Illustre Sr. Rev. José Nigro*—a Biblia.

Quando *Adão*—a acreditar a lenda de Moysés—falou com um espirito *no paraizo terrestre*, não ficou *tetricamente assustado*, apesar de o ter feito conscientemente.

(Genesis, cap. 3, vs. 9 a 12).

E'va, essa parte fraca da sociedade, segundo dizem os *espiritos fortes*, teve mais coragem que o *multo Illustre Sr. Rev. José Nigro*, pois falou, *cara a cara*, com um mau espirito, encarnado na serpente, e não ficou *tetricamente assustada*, como julga o Sr. *José Nigro*, apesar de ser um medium vidente e consciente, sabendo que falava com um mau espirito—uma serpente—symbolo de um espirito enganador.

(Genesis, cap. 3, vs. 1 a 6).

Quando *Abrahão* residia no *Valle de Mambre*, e como medium vidente e consciente, recebeu em sua casa tres mensageiros, que não eram habitantes deste planeta, segundo diz a Biblia, e como enviados do Altissimo, foram conhecidos por *Abrahão* que com elles falou, e entretanto não ficou *tetricamente assustado*.

(Genesis, cap. 18, vs. 1 a 5).

Estes mesmos enviados seguiram caminho de Sodoma, onde chegaram só dois, e Lot, como medium intuitivo, vidente e consciente, pois estava assentado ás portas da Cidade, talvez com a intuição da sua chegada, e com elles falou sem receio algum, apesar de

saber que eram enviados de Deus, assim o diz a Biblia; e nem por isso Lot ficou amedrontado.

(Genesis, cap. 19, vs. 1 a 3).

Quando Saul falou com o espirito de Samuel, invocado pela celebre Pythonisa de *Endor*, esta não estava em estado de inconsciencia, pois não conheceu o rei Saul, como conscientemente descreveu o espirito que falava com elle; e nem por isto ficaram horrosados, sabendo que falavam com um espirito desencarnado ha tres annos ou perto disso.

(1.º Reis, cap. 28, vs. 3 a 15).

A virgem de Nazareth não se assustou quando o Anjo—espirito—annunciou-lhe que ella seria a Mãe do Christo.

(São Lucas, cap. 1, vs. 26 a 32).

Zacharias, marido de Izabel, prima de Maria, a Mãe de Jesus, estando no desempenho de seu cargo, como sacerdote, dentro do Templo, appareceu-lhe um Anjo—espirito—do Senhor, posto em pé da parte direita do Altar. Zacharias a principio ficou com medo—este é companheiro do *Rev. José Nigro*—mas o Anjo disse-lhe: *Não temas Zacharias*, e elle perdeu o medo. O Anjo então disse-lhe que elle seria pae de um filho, e este filho seria o precursor de Jesus; foi João Baptista.

(São Lucas, cap. 1 vs. 8 a 13).

Quando nasceu Jesus em Belém de Judá, appareceu a uns pastores um Anjo a annunciar-lhes este facto; e juntamente com o Anjo appareceu uma multidão numerosa da Milicia Celestial, louvando a Deus e dizendo:—*Gloria a Deus no mais alto dos Céos, e paz na terra aos homens, a quem Elle quer bem*; e ninguem ficou tetricamente assustado.

(São Lucas, cap. 2, vs. 8 a 15).

Em certa occasião Jesus subiu a um alto monte, levando consigo tres de seus discipulos, Pedro, Thiago e João, em lá chegando appareceu-lhe Moysés e Elias; Moysés tinha fallecido ha mais de 1480 annos, e Elias ha mais de 900, e nem por isso, tanto Jesus como seus discipulos ficaram assustados, pelo contrario, Pedro propoz ao Mestre para construirem-se tres Tabernaculos, para Jesus e seus dois amigos, Moysés e Elias.

(São Matheus, cap. 18, vs. 1 a 5; São Marcos, cap. 9, vs. 1 a 4; São Lucas, cap. 9, vs. 28 a 33).

E' possivel que os discipulos tivessem um pouco de medo, mais não ficaram tetricamente assustados, como poderia acontecer ao *Snr. José Nigro* se lá estivesse.

Quando se deu a tragedia do Golgotha, algumas mulheres acompanharam Jesus, até elle dar o ultimo suspiro; entre ellas esteve Maria Magdalena, que ouviu do Mestre sua ultima e celebre phrase—*« Consumatum est »*—*« E abaixando a cabeça, rendeu o espirito. »*

(São João, cap. 19, v. 30).

Entretanto, Maria Magdalena, tres dias depois, vendo Jesus, e

apesar de o ter visto expirar, sem medo nenhum, corre ao seu encontro para o abraçar; mas Jesus a deteve dizendo-lhe: *não me toques, porque ainda não subi a meu Pai.*

(São João, cap. 20, vs. 16 e 17).

Chega, Sr. *Rev. José Nigro*; podíamos citar, não dezenas, mas centenas de *versículos bíblicos*, neste sentido.

No proximo artigo, citaremos da historia da humanidade alguns factos, provando que o medo que S. S. tem dos Espiritos, não tem razão de ser; é um medo proprio de creanças. Pode continuar a chamar-nos de capcioso e ignorante, nós só lhe diremos: S. S. só nos tem dado do que tem de sobra.

(Continúa).

Jundiahy.

MANOEL JOSÉ DA FONSECA.

AO Sr. ALLANKARDINO D' «O ALVIÃO.»

Num dos ultimos numeros d' «O Alvião» de Taubaté, órgão do Sr. Ernesto Penteadó, appareceu um artiguete com o titulo de *carta aberta* com endereço ao Sr. Henrique Serra e ao mesmo tempo á nossa humilde individualidade. O alludido artiguete — carta aberta — vem acompanhado da continuação de uma serie de artigos da lavoura de um Sr. Allankardino, artigos cuja leitura o Sr. Penteadó especialmente recommenda aos seus leitores. Historiemos. Ha tempo o Sr. Serra entretteve com esse Sr. Allankardino uma polemica sobre occultismo e espiritismo, aquelle pelas columnas da «Verdade e Luz» e este pelas da «Regeneração» do Rio Grande do Sul. Acontece, porém, que, ha talvez um anno, a «Regeneração» ou porque houvesse suspendido a sua publicação ou porque já lhe não conviesse continuar a manter com a nossa revista a sua apreciada permuta, deixou de apparecer á nossa revista a sua tenda de trabalho. D'ahi o termos perdido de vista o Sr. Allankardino. Mas eis senão quando este Sr., achando e reconhecendo n' «O Alvião» um terreno adequado para encetar uma campanha contra nós, alli assentou os seus baluartes e assestou contra nós e contra o Sr. Serra as suas baterias ameaçadoras, n'uma exhibição e arreganho dignos de melhor sorte. Expliquemo-nos. Tem sido sempre norma de proceder nossa deixarmos aos nossos collaboradores a mais ampla liberdade na manifestação das suas ideias, correndo, porém, está visto, por conta delles toda a responsabilidade pelo uso e abuso que commetterem no exercicio dessa regalia, e ficando unicamente a cargo da direcção da revista os artigos que forem exclusivamente editoriaes. E nem de outra fórmula poderíamos proceder, uma vez que nos batemos por uma causa essencialmente racionalista, e não por um credo cerrado, lançado de dogmas, do *crê ou morra!* Bem sabido é que não existem

em toda a humanidade dois cerebros que, n'um dado momento, se afinem pelo mesmo diapásão em face de um determinado factó, e velho é o rifão: *cada cabeça, cada sentença*. Essa diversidade de vistas sobre um mesmo objecto é uma garantia de progresso e de adeantamento; pois que do choque de ideias oppostas, mas convergindo para um mesmo ponto, é que nasce a luz e a verdade engrandece. Assim, pois, como espirita e, portanto, racionalista, não nos é licito pôr pelas no pensamento de ninguém. Assentado assim este preliminar, não sabemos bem por que cargas d'agua o Snr. Allankardino resolveu dar-se ao luxo de pulverizar-nos no aimofariz d' «*O Alvião*» de envolta com o Snr. Serra.

Em primeira logar, permitta-nos esse Snr. Allankardino que façamos no seu pseudonymo uma apherese, em consideração para com um nome que muito respeitamos e que de modo algum deve servir de capa ou de escudo para fins menos nobres, e lhe chamemos d'ora em diante *Kardino*. Em segundo logar cabe-nos declarar-lhe que, já andando nós bastante adeantado em annos, e não nos restando já muito tempo para deixarmos realizados na pratica, durante esta reencarnação, alguns mandamentos da nossa cara doutrina em prol dos nossos irmãos, não nos sobra lazer algum para desperdiçal-o em polémicas estereis, do *dize tu, direi eu*; que, sendo nós assaz ignorante, da nossa discussão nada pode resultar em bem do espiritismo ou do occultismo, a não ser que queiramos divertir a galeria, e que, finalmente, se Kardino está mesmo dominado do prurido das controversias, se se acha realmente subjugado por algum espirito *per-turbador*, desses que, não tendo capacidade para ajudar, têm-na de sobra para desmanchar o que os outros fazem, atrapalhando, confundindo e desorganizando tudo, recommendamos-lhe a prece pelos obsedados e se por ventura não anda dominado, mas quizer dar irremediavelmente expansão á sua loquela, apegue-se ao primeiro desoccupado que encontrar, que nós temos muito que fazer e não podemos perder tempo. Em terceiro logar cumpre-nos declarar a Kardino que nós temos uma crença inabalavel na justiça divina e na economia admiravel que reina no Universo, onde nada se cria e nada se perde, e que, portanto, cada um ha de ter, segundo as suas obras, cada um ha de colher segundo o que houver semeado e que, assim sendo, não será com traços de penna nem borrões de tinta pelas columnas d'«*O Alvião*» que *Kardino* ou alguem por elle, ha de obscurecer, apagar ou anniquilar o pouco que temos feito em prol do espiritualismo, de vinte annos a esta parte, neste recanto esteril do planeta, consumindo neste sentido todos os nossos haveres, mocidade, saude e energias, luctando incessantemente contra adversarios de toda a ordem, indifferentes, atheus, materialistas, positivistas, religiosos de todos os cultos, ostensivamente declarados, e, o que é peor de tudo, contra os adversarios internos, com os *se dicentes* adeptos fervorosos, mais realistas do que o rei, pharizeus de nova especie que, apparentando muito zelo e amor pela causa, visam em primeiro

logar ou a vaidade ou o proprio interesse e vendo nos que trabalham sinceramente um obstaculo á consecução dos seus fins inconfessaveis, lançam contra elles a calumnia, insinuações malevolas, armando-lhes ciladas embuscados na sombra ou no anonymato.

E' possível, é certo mesmo, termos errado muito; mas neste planeta, quem é o ser privilegiado que só conte acertos no seu activo?

Se, pois, todos erramos, quem é que pode ser juiz onde todos são reus? Porventura Kardino? Mas Kardino se esconde atraz de um pseudonymo, se acocora atraz dessa trincheira, para d'ahi chamar a contas os que com elle não pensam, quando devia vir a publico, se é que é espirita, e ahi mostrar-se em exemplo a todos os olhares. Mas, se Kardino se occulta, é que mazellas tem. Deixemol-o, pois, em paz.

ANTONIO GONÇALVES DA SILVA BATUIEA.

Noticiario.

GRUPO ESPIRITA «UNIÃO E CARIDADE» de Amargosa, Estado da Bahia. Esta aggreみiação, que por algum tempo esteve adormecida, resurgiu agora para a vida activa, e a 6 de agosto elegeu a sua Directoria que ficou assim organizada:

Presidente — Dr. Mario Ferreira Gomes

Vice — Cypriano Brasileiro

Thesoureiro — Carlos Cunha

1.º Secretario — Manoel Reis

2.º dito — Serapião Guanaes Mineiro

Archivista — Antonio de Araujo Caldas

Procurador — Gaudencio Cardoso.

E' desejo ardente do Gremio propagar naquelle recanto as verdades contidas nas doutrinas coordenadas pelo nosso mestre Allan Kardec.

Que o Gremio consiga o seu desideratum é o que de coração lhe desejamos.

—:

GRÊMIO ESPIRITA «HUMILDADE E FRATERNIDADE» — O nosso presado confrade e esforçado propagandista Snr. Ozorio Gonçalves Lima, do Maranhão, teve a amabilidade de communicar-nos que o Gremio, cujo titulo nos serve de epigraphe, está funcionando regularmente desde 25 de Outubro do anno passado, debaixo da sua criteriosa presidencia e esforçando-se para levar a cabo a fundação da Federação espirita maranhense.

Fazemos ardentes votos para que o Gremio vá sempre em prosperidades e que a auspiciosa ideia da Federação se torne uma realidade.

—:

PALESTRAS DOMINICARS.—Segundo noticia o nosso presado collega d' «*A Doutrina*», a Directoria da Federação Espirita do Paraná, dando cumprimento a uma disposição tomada em Assembleia Geral, resolveu fazer, aos domingos, na séde social, em Curityba, conferencias ou palestras, a fim de promover a propaganda e orientação dos espiritistas, no terreno das discussões. As palestras vão ser iniciadas com a discussão do seguinte thema: *Christo é Deus?*

—:

VALIOSA DOAÇÃO.—A nossa veneranda irman M^{ma}. Mary Henrieth Hoffmann, residente em Laguna, Santa Catharina, acaba de doar espontaneamente, por escriptura publica, á Federação Espirita Brasileira, do Rio, o predio que a mesma senhora possui, sito á rua de S. José n.º 60, daquella Capital. O predio é de dois pavimentos —terreo e superior—sendo de Rs. 3:000\$000 a sua renda liquida annual, segundo o contracto de locação já existente. Desta fórma a *Federação* vai conseguindo o seu maior desideratum que era installar-se em séde propria e convenientemente adaptada, de modo que possa fazer face á multiplicidade sempre crescente dos seus serviços.

D'aqui enviamos á Federação os mais effusivos parabens, bem como á Ex.^{ma} S.^{ra} D. Henrieth Hoffmann pela prova de entranhado amor que tem dado á Causa.

BIBLIOGRAPHIA.

Recebemos e agradecemos:

ESTUDOS PSYCHICOS, revista mensal de animismo e espiritismo experimental, que, em Lisboa, rua do Ouro, 149, 2.º, vê a luz da publicidade debaixo da criteriosa e competente direcção do Dr. Souza Couto, coadjuvado por um brilhante grupo de collaboradores.

Temos sobre a mesa o n.º 2.º desta importante revista que, segundo della se deprehende, vem occupar logar saliente entre as melhores publicações que se dedicam á boa causa.

Que a excellenté revista viva dilatados annos e colha os melhores resultados na propaganda, é o que de coração lhe desejamos.

—:

OS ULTIMOS ESTERTORES . . . por Ernesto Penteado, folheto em 16º de 112 paginas, publicado na typ. Norte de São Paulo—Taubaté—1905, prefaciado pelo Dr. Hilario Figueira, e ornado com o retrato do auctor.

O nosso illustrado e joven confrade enfeixou neste folheto alguns dos seus mais brilhantes artigos de combate consagrados á defesa e ao mesmo tempo á propaganda do Espiritismo, levando de vencida, com as lucilações da sua logica irrefutavel, as hostes do obscurantismo.

Segundo uma advertencia inicial, as obras do distincto confrade não têm preço estipulado, ficando o seu custo *ad libitum* dos que as desejarem possuir. Recommendamos vivamente a sua leitura.

—:

HISTORIA UNIVERSAL sob um plano inteiramente novo por Carlos Escobar. Editor Silviano Brandão. Assignatura: por dez fasciculos 3\$000. Correspondencia: São João da Boa Vista (Est. de S. Paulo, Brazil) Typographia Brazil de Carlos Gerke, Rua de São Bento n. 47—1905. O fasciculo é de 16 paginas, em papel superior, in 8°.

No introito do fasciculo n.º 1, que temos á vista, o joven e talentoso occultista avisa ao leitor de que o livro é uma condensação da *Historia Philosophica do Genero Humano*, da *Missão dos Judeus* e da *Missão dos Soberanos*, sendo que o fim do auctor é chamar a attenção dos studiosos para o trabalho collossal de Fabre d'Olivet e do Marquez Saint' Yves d'Aveydre.

As divisões da *Historia* pertencem a Carlos Barlet.

Como se vê, a publicação d'este trabalho, dada a culminação scientifico-philosophica dos auctores e dada a reconhecida competencia do seu interprete, vem assignalar uma epocha nos estudos classicos da historia e desvendar horisontes novos e desconhecidos no nosso meio, ainda tão acanhado a tal respeito.

Oxalá não falte o favor publico em animar o auctor e seu digno editor.

O Snr. Carlos nos promette, se for bem succedido no seu tentamen, publicar em breve a sua *Psychologia* e a sua *Sociologia*, obras que forçosamente hão de fazer carreira, como filhas que são, de um privilegiado talento.

RELAÇÃO DAS PESSOAS DE QUEM TEMOS RECEBIDO A IMPORTANCIA DE SUAS ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1905.

Recebemos 3\$000 rs. de cada um dos seguintes srs.: Estado de Minas. São João Nepomuceno: Egidio Aglio, Antonio Barbosa de Castro, Joaquim Lopes de Moura, Manoel Honorio Alves, D. Maria José da Cunha, Luiz Kuop. São Sebastião do Paraizo: Um espirita, 5\$000, auxilio á Instituição. Conceição do Rio Verde: Francisco Bretas, 11\$000, auxilio á instituição. Estado de S. Paulo. Campinas: João Pompeu, 10\$000, auxilio á Instituição, producto de uma subscrição angariada por menores, em beneficio da Instituição, 14\$000.

Objectos doados á Instituição: Valentim Kautz, uma pequena balança. D. Guiomar Cerqueira, uma ovelha. Manoel de Oliveira Campos, uma escrivaninha.

Typ. Espirita.

Ingra Espirita Mui Grande
Rua Espirita N.º 28

VERDADE E LUZ

REVISTA QUINZENAL DE ESPIRITUALISMO CIENTIFICO

*Sem caridade não ha
salvação.*

*Nascer, morrer, reuascer
ainda e progredir sem-
pre. Tal é a lei.*

S. PAULO

BRAZIL

Anno XVI

31 de Agosto de 1905

N. 366

BIOTECNA
ESPABEL
MACCARRI



20
OUT
1905

CASCA
20
OUT
1905

COLLABORADORES DIVERSOS

REDAÇÃO E OFFICINA

RUA ESPIRITA N.º 28.

DEVE-SE ESTUDAR O ESPIRITISMO ?

(Continuação do n.º 365)

O absurdo aparente e estranho dos factos invocados, encerra, não obstante, uma consequencia necessaria: e é que as experiencias devem ser mais demonstrativas, se for possível, e mais rigorosas que quando se trata de factos simples e razoaveis. Um pequeno descobrimento, quasi evidente a priori e verosimil de accordo com o que já se sabe, não exigirá um accumululo de provas, não haverá necessidade de accumular experiencias, de repetir-as, de precisal-as, como no caso em que se annunciam factos prodigiosamente surprehendentes, que se desfizeram de tudo quanto os homens admittem ha mais de centenaes de annos. Quer dizer que em se tratando de factos de espiritismo, em que tudo é estranho e inverosimil, as demonstrações deviam multiplicar-se e ser brilhantes. O que seria sufficiente como prova em chimica, em physica ou ainda em medicina, não bastará como tal nas sciencias extranhas, e nunca poderá ser exaggerada a severidade. E' um dos mais graves erros dos espiritistas o contentarem-se com experiencias imperfeitas, allegando que para demonstrações em outros assumptos não se emprega tanta exigencia. E' necessario, pelo contrario, ser muito exigente, apurando todas as supposições antes de recorrer-se á hypothese das forças desconhecidas. As forças novas, mysteriosas, occultas, não devem ser invocadas senão em ultimo extremo, depois de toda a impossibilidade radical de encontrar outra explicação.

Mas, se outras explicações são impossiveis, então será necessario reconhecer a existencia dessas forças novas, por absurdas que pareçam. Porque, se existem, não são absurdas; um phenomeno real não poderá nunca ser absurdo. O que os faz absurdos, é: por uma parte as hypotheses falsas que nós formamos; por outra parte, a nossa ignorancia. E a nossa ignorancia é muito mais profunda do que o suppomos.

maledicencia, e por ignorarem o effeito da palavra, o bem ou o mal que ellas podem produzir sobre as pessoas a quem são dirigidas.

Dizer, pois, que Fulano está obsedado será o mesmo que crear agentes invisiveis que se introduzindo nas pessoas de quem se fala, vão nelles produzir perturbações semelhantes ás obsedações dos espiritos? Parece que sim, dependendo só o effeito da força maior ou menor de convicção com que se affirme o facto.

Seja porém como fôr o certo é que o verdadeiro espiritista, o que de coração se tem devotado ao bem, comprehenderá por estas ligeiras apreciações, que o pensamento e a palavra devem ser cuidadosamente moderados e que é myster evitar o quanto possível sua impura produção, por isso que a palavra é prata mas o silencio, ouro.

E' tambem por isso que Jesus disse: «Não é o que entra a bocca mas o que sae della que faz mal».

Outra consideração sobre o objecto deste artigo é que alguém tem dito que Fulano está obsedado, deante de pessoa extranha á irmandade espiritista, indiscretamente, sem pensar que para os extranhos ser obsedado é o mesmo que ser louco; sem reflectir que assim dizendo concorreu para dar maior vulto ás razões a que os adversarios se apegam, para combater o espiritismo.

Além disso é uma falta e não pequena, uma falta de caridade, escarnecer de um irmão que soffre, que está sob uma provação; faça-se-o embora por gracejo, ou para desculpar-lhe as faltas.

Não é licito gracejos quando alguém soffre.

O irmão que soffre bem merece da nossa piedade, dum bom pensamento nosso ou duma oração quando isto baste para allivio do mal que padece.

Entre espiritistas é até uma clamorosa injustiça o escarneio, porque esse irmão obsedado ou pretense obsedado ficou de certo nesse estado prestando serviço á causa, sacrificando sua saude por amor á sciencia de que se fez apostolo.

Não é com zombarias que se devem agradecer serviços e recompensar sacrificios.

Além de que o espiritista pre-supõe ser uma alma que, se não tem já adquirido perfeições, tem pelo menos o desejo ardente de aperfeiçoar-se e de tornar-se uma alma christã.

E, assim considerando, cumpre-lhe não só praticar as virtudes christãs, para o proprio aperfeiçoamento, mas tambem para servir de digno modelo, e dar bons exemplos ás pessoas que o cercam.

Ora a maledicencia é um vicio detestavel que está por tal fórma introduzido nos nossos costumes que, não é raro ser ella

que dá o assumpto predilecto ás conversações entre as familias, mormente nas cidades e villas pouco populosas onde escasseiam assumptos de ordem elevada.

E é por isso que dissemos no principio deste artigo suppor que **alguem chamava a ontrem de obsedado, fazendo-o ingenuamente, sem se aperceber do mal que praticava; porque de facto, em geral se fala mal do proximo, com uma tal naturalidade que nem por sombra se pensa estar praticando um mau acto!**

E' portanto **myster dar combate a esse feio e prejudicial vicio da maledicencia, evitando tomar parte nas conversações que tenham por objecto a vida alheia. Não digamos mais que alguem está obsedado.**

Se não o fizermos por estarmos convencidos de que um pensamento permanente num certo sentido e transmittido pela palavra, de boca em boca, pôde produzir o effeito que antecipadamente se suppunha existir, ao menos o seja por dever christão, e pelo desejo de adquirir perfeições e virtudes.

Lembremos de um facto muito importante revelado pela nova arte de curar pela suggestão, e é que, se pela suggestão dada verbalmente se pôde curar doenças e fazer desaparecer defeitos, pela suggestão s' poderá obter effeitos contrarios, e produzir doenças e defeitos.

Longe de nós a ideia de que qualquer adepto tenha dito que o seu confrade está obsedado com o fim de lhe fazer mal.

Absolutamente não o cremos, e temos até a acerescer que, sendo a intenção uma força que dirige o acto que a vontade anima, essas palavras proferidas como que só para verberar actos que se reprovam, podem ter produzido effeito relativamente fraco, e mal resentido pela pessoa alvejada. Mas em assim se pensar e falar de continuo e em se propagar essa opinião é que o mal pôde produzir-se, se a victima não possui meios de defeza.

A este respeito releva lembrar que a doutrina ensina que o pensamento atrae os espiritos os quaes, conforme a sua indole malefica, podem julgar opportuno pôr em pratica a ideia suggerida e tornarem-se obsessores de uma pessoa que não era obsedada.

E', pois, repetimos, muito necessario ter cautela com os pensamentos que geramos e com as palavras que pronunciamos afim de não estarmos a semear no espaço inconscientemente germens do mal. Mas pensemos sempre no bem, procuremos ter sempre pensamentos de tolerancia e de amor ao proximo, e se externarmos os nossos pensamentos o seja só para proferirmos boas palavras.

Façamos todos assim e seremos felizes, veremos raiar nas sociedades e no mundo o dia de uma paz e de uma concordia impereciveis. Veremos desaparecerem as sombras que nos tornam a vida pesada e cheia de desgostos.

PHANTASIA.

(AMALIA D. SOLER).

É certo que todos os sonhadores têm phantasias, porém, por muito que se eleve o pensamento, apesar de que a imaginação traspasse os limites do mundo real, do mundo conhecido, e se perca no labirinto do inexplorado, do invisível para a investigação humana, por muito que os sonhadores sonhem—a realidade da vida supera sempre todos os delírios da imaginação mais febricitante, seja no terreno que fôr, tanto nos insondáveis abysmos da dôr como nos paraizes da felicidade. Tudo quanto inventa o homem em seus momentos de allucinação, é sempre pequeno, microscopico, em comparação aos factos reaes que têm succedido desde a noite dos seculos; e, como se não fôra sufficiente o desenvolvimento da vida em suas multiplas manifestações, veiu o Espiritismo dilatar os horisontes de nossa existencia, tirando os véus que occultaram as *terras promettidas* nos quaes os homens têm que encontrar, em tempos determinados, o premio dos seus trabalhos e boa vontade.

Pelo estudo do Espiritismo sabemos que *em todas as partes a vida interroga a morte e a morte responde* e, ao responder da morte quantas obras humanas perdem todo seu valôr, toda sua belleza!

Todas as religiões têm se rivalizado em maravilhosas invenções para pintar com vivissimas côres os infernos dos réprobos e os céus dos eleitos; mas o que são esses logares de tormentos e essas paragens de felicidade perpetua porém inactiva, comparados com os infernos dos remorsos e a íntima satisfação de uma alma que faz o bem pelo bem?

Creio que foi Campôamor quem disse: Ante a horrivel tempestade da alma, o que são as tempestades do mar? . . .

É verdade; a alma lueta com as suas recordações e estas tomam fórmas, adquirem calor e vida, apresentam as imagens das victimas immoladas nos altares da nossa soberbia, da nossa ira, intransigencia e perversidade. Não necessitamos de rios de fogo para sentirmos a dôr irresistível de uma queimadura incuravel e tudo quanto nos rodea, nos martyrisa, abraza com seu calor.

Sempre a *phantasia* tem sido impotente ante a realidade; porém, desde que a communicação dos espiritos tornou-se vulgarizada, ella terminou o seu ephemero reinado, porque nenhum sonhador ainda conseguiu pôr-se ao nivel da realidade:—nem nos antros da dôr, nem nos templos do saber, nem nos vergeis d'onde brotam as flôres que se não murcham jamais.

Communicam-se espiritos elevados pintando com vivas côres os mundos onde habitam os grandes obreiros do progresso, d'onde recebem instruções os Redemptores dos povos, onde se unem espiritos afins formando familias, essas familias amorosas das quaes não ha sobre a Terra um exemplo, familias que adivinham os pensamentos, que

se amam, não com esse amôr egoista dos terrestres — que quando dois seres se querem só vivem um para o outro, sem pensar nos demais, não occupando-se dos seus irmãos porque lhes parece em suas vistas meaquinhas não ter mais obrigação a não ser absorver para si e seu bem amado todos os deleites, todos os prazeres, todos os gózos de um amôr satisfeito, correspondido, exclusivista, de um amôr . . . que não é amor! E' a poesia do egoísmo.

Nos mundos onde habitam os grandes obreiros do progresso, o amôr das almas é semelhante á luz e ao calor dos sóes, ao orvalho vivificante que prodigalisa a auróra, á brisa que agita as frondosas arvores. Allí ama-se tudo que alenta, que vibra, que sente e palpita na creação sem que soffra o menor desdouro o amôr intimo das almas porque estas alimentam-se do amôr universal.

Como bem descrevem os espiritos essas paragens onde os seres se engrandecem pelo estudo, pela abnegação, sacrificio e amôr, por esse amôr que desculpa todas as traquezas, tolera todas as torpezas, cobrindo com o véu da sua indulgencia todos os defeitos dos ignorantes!

Em todas as historias dos amantes da Terra não ha um só rasgo d'esse amôr descripto pelos espiritos, soberano absoluto nos mundos habitados pelos Messias do porvir.

A realidade da vida eterna derribou o throno da *phantasia* e as poeticas mentiras não têm outro remedio senão descer do seu alto pedestal. A Verdade é superior a todos os delirios dos poetas, dos musicos, dos pintores, de todos os artistas que buscam nas regiões da arte a seiva da inspiração.

Os espiritos em suas communicações fazem um appello aos homens, dizendo: Trabalha! Progride! Lucta um prol da redempção dos escravos, em prol da liberdade dos opprimidos, pelos direitos dos vencidos e sobretudo ama incondicionalmente os bons, por agradecimento, e os máus por compaixão.

Campinas, junho de 1906.

Trad. de J. MARCILIO.

PHENOMENOS PSYCHICOS.

Um phenomeno de levitação deu-se em casa de minha residencia nesta fazenda da Serra das Bicas. O caso é que estando aqui o meu filho Americo de Souza Andrade, no dia 5 d'este mez, ás duas horas da tarde, minha mulher disse-lhe: Americo vamos ver a minha hortinha, onde ha diversas hortaliças, um canteiro de flores, etc., e algumas arvores de mamão; eu acompanhei, uma netinha de 5 annos e uma creadinha de 10 annos. Logo ao entrarmos deparamos com um mamão, unico que havia maduro; minha mulher disse-me: apanha aquelle mamão; eu fui com uma vara e toquei-o; o mamão caiu sobre umas folhas de inhame á vista de Americo; fui a colher o mamão,

E elles foram ao pé das flores e minha mulher disse: Americo, estas flores são de Nhánhá, as mudas foram dadas pelo Dr. Augusto que a estimava muito.

Nhánhá é nossa neta que casou-se e mudou-se para Beapendy, e é medium de effeitos physicos. Enquanto se procurava o mamão elles conversavam sobre o Dr. Augusto a respeito dos phenomenos que se deram em uma fazenda do districto da Madre Deus, onde era conhecido o Dr. Augusto. Eis o facto que alli se deu. Manifestaram-se movimentos de moveis com barulhos, tendo tombado uma mesa de jantar com os pés para cima e tudo por forças occultas. A familia resou quantas orações sabia e nada de cessar o barulho.

Depois se lembraram da alma do Dr. Augusto e logo uma vidraça descida suspendeu-se e tornou a descer sem ruido, desde esse momento tudo cessou.

Mas continuemos a nossa narrativa: Eu procurava o mamão e não o achava, chamei a creadinha e a netinha, nada; veio o Americo e disse: elle caiu aqui, e revendo encontrou uma folha de inhame rôta pela queda do mamão; veio minha mulher e procuramos o mais possivel; voltamos para a sala inteiramente convictos de que o mamão lá não estava, e possuidos de agradável surpresa.

D'ahi a um curto espaço de tempo minha mulher voltou á hortiinha e abaixando-se para apanhar um ramo de agrião deu com a vista no mamão, não no lugar em que havia cahido, mas fóra das folhas do inhame em terra completamente limpa e sobre os rastros do nosso calçado quando o procuravamos. Eis ahí um phenomeno de levitação quanto ao mamão e outro quanto á vidraça, que pelas circumstancias de que são revestidos não nos resta a menor duvida que o do mamão para nós foi uma agradável surpresa que nos quiz fazer o adeantado espirito do Dr. Augusto Silva, nosso mestre e amigo de saudosa memoria, e o da vidraça para mostrar aos incredulos que, como na terra os homens superiores, pela lei dominam e regem aos inferiores assim no espaço as boas almas dominam e corrigem as almas atrazadas.

Quem tem ouvidos de ouvir ouça. Peço-vos sr. redactor da conceituada «Folha de Lavras» inserir em vosso conceituado jornal esta pequena narrativa que entretanto encerra grande ensinamento e prova da nova e terceira revelação.

Carrancas, 23 de Abril de 1906.

ANTONIO FRANCISCO DE SOUZA ANDRADE.

(Da Folha de Lavras).

A ULTIMA PEDRA . . .

O Espiritismo não é mais um symptoma da degenerescencia cerebral, mas uma *loucura que surge* pronunciada e ameaçadora, numa consideravel par-

	451
1	37

te da Humanidade, contaminando, até entre os *nos-
sos*, homens de reconhecido valor scientifico e fir-
mada reputação moral.

O MATERIALISMO ACADEMICO.

:—:

—O que são as Revelações Espiriticas que an-
dam por ahi a alarmar o Mundo?—Nada mais nem
menos do que as subtilezas de *Satanaz* a enganarem
os homens, afim de melhor arrastar-lhes as almas
para o seu eterno e escuro reino . . .

OS SACERDOTIOS—ROMANISTA E PROTESTANTE.

:—:

Que o Povo,—essa creança indómita e nervosa,
Que ás vezes se transforma em túrbido gigante,
E que óra pede sombra á noite tormentosa,
O'ra clarões ao sol da Liberdade, ovante;

Que o Povo, pois, renegue a grande Luz formosa
Da Aurora d'Além-Mundo, a Aurora triumphante,
Não é surpresa, não! . . . A turba clamorosa
Foi quem levou Jesus ao Golgotha distante.

Mas ir rosnar a noite á luz do Sol erguido
Que: *«é a loucura que surge, ou Satanaz que engana»*,
Todo esse grande Ideal de um mundo resurgido,

—E' a pedra derradeira em mão cobarde e insana;
—E' o recurso final do orgulho combalido;
—E' o ultimo labeu da estupidez humana!

—3—6—906—

VALLADO ROSAS.

:—:

O ANTI-ESPIRITA.

No soneto que sob este titulo publicamos em o nosso n.º 379, de
15 de Abril p. findo, trabalho esse assignado por *Vallado Rosas*, sa-
hiu erradamente assim o seguinte verso:

Choramos, pois; mas vê que da Razão . . . mas que, conforme
escreveu o autor, deve ler-se:

Chora-nos, pois; mas vê que da Razão

O Espiritismo e o Codigo.

Na encantadora Paulicéa, li em alguns jornaes, a autoridade po-

licial ia breve dar começo á sua perseguição ao —*espiritismo*— « de accordo com o disposto no artigo 157 do Código Penal em vigor ».

No famoso processo em que figurou como victima do *espiritismo* a distincta esposa do sr. Antonio Canongia, em 1897, quem estas linhas esereve, exercendo então na Capital da Republica um cargo de judicatura, teve oportunidade de demonstrar que depois de promulgada a Constituição de 24 de Fevereiro de 1891 não mais se podia reputar criminosa a —*pratica do espiritismo*— tão em voga no nosso paiz, onde as doutrinas de Kardec se tornaram a religião querida de muitos de seus habitantes.

A Lei Fundamental garantindo a plena liberdade de consciencia, revogou *ipso facto* o dispositivo penal supra referido e firmou o principio de que ninguém pôde ser processado e punido por motivo de suas crenças religiosas ou philosophicas.

Identico preceito consagrava já a Carta Constitucional do regimen politico anterior á revolução de 1889, sem a amplitude, é certo, consagrada na vigente, em que, a exemplo do estatuido nas Constituições Americana e Suissa, se supprimiu a religião do Estado, o culto official.

Todos podem exercer publica e livremente o seu culto é o dogma constitucional, sabiamente consignado no § 3.º do artigo 72 da Lei Suprema.

«A fé e a piedade religiosa, apanagio da consciencia individual, diz bem, preclaro escriptor patricio, escapam de todo á ingerencia do Estado. A autoridade publica não tem, pois, o direito de impor ou prohibir crenças e praticas relativas a este objecto. Fôra violentar a liberdade espirital e o protegê-la, bem como as outras liberdades, é missão do Poder Publico.

O Estado, esereveu Laboulaye, nada tem que ver com o fiel, com o crente, mas, unicamente com o cidadão, assistindo por isso ao Poder Publico o dever de assegurar aos membros da communhão politica que elle preside, a livre pratica do culto de cada um e impedir quaesquer embaraços que o cereciem ou o dificultem, procedendo nisso de modo igual para com todas as crenças e confissões religiosas.

As religiões, é sabido, têm preceitos a cumprir, praticas externas a observar não menos dignas de acatamento que a crença de que são resultado, ou a que andam annexas. Foi por assim o ter entendido que a lei das leis garantiu tanto a liberdade de consciencia, como a de cultos, em que se desdobra a liberdade religiosa.

E' portanto um facto fóra de toda a controversia, que o dispositivo expresso no artigo 157 do Código Penal em vigor, além de ferir a liberdade espirital, attenta tambem contra a —*igualdade*— estabelecida no § 2.º de precitado artigo 72; «*les mortels sont égaux. . . c'est la seule vertu qui fait leur difference*» disse o grande Voltaire.

O art. 157 do Código Penal creou uma odiosa excepção quanto ao —*espiritismo*,— esquecendo-se de que se é um delinquente o espirita que invoca os espiritos superiores para cura dos enfermos, tambem o será, como observa Viveiros de Castro, o sacerdote de qualquer

culto, quando em casos identicos solicita a intervenção e a protecção dos seus deuses e dos seus santos. Se estes não são por isso criminosos, não o será tambem aquelle.

Demais, essa tendencia para evocar o auxilio do sobrenatural é propria da natureza humana, do homem, que desenganado da sciencia e torturado pelo soffrimento apegase a esta suprema esperanza de uma interferencia mysteriosa e proficua.

Ha muita gente, mesmo illustrada, que em taes emergencias e depois de umas tantas—*promessas*—ao santo de sua devoção se restabelece, reputando a sua cura um *milagre*.

A veracidade deste é um facto inquestionavel, constatado innumeradas vezes, e perfeitamente explicado pela sciencia, dizendo Vizioli e Fere, citados por Fajardo no seu precioso livro sobre o Hypnotismo, que a—*fé religiosa*—dá a natural explicação das curas instantaneas consecutivas a peregrinações, contacto de reliquias, benção, exorcismos e muitas outras praticas sobejamente conhecidas.

Se quando se diz que a—*fé nos salva*—se affirma uma verdade rigorosamente scientifica, não vejo motivo plausivel para que se considere delinquente e se persiga o espiritista que procura na evocação de um espirito lenitivo aos seus padecimentos.

Se é crime «*praticar o espiritismo*», conforme a technica doCodigo, tambem deverá sel-o praticar o protestantismo, o evangelismo, o catholicismo, o budhismo, o positivismo e todas as outras doutrinas e religiões professadas e existentes no paiz.

Perante a lei o espiritismo é uma religião tão respeitavel como outra qualquer.

A perseguição que a policia de S. Paulo vai mover aos espiritas é um attentado flagrante ao nosso Estatuto Politico e em manifesto contraste com o acto do Governo Federal em relação aos membros do «*Congresso Espirita do Brazil*».

A—*simplex practica*—do espiritismo não constitue um delicto e sim o exercicio de um direito expressamente garantido pela Constituição Republicana, como acertadamente salientam Viveiros na sua «*Jurisprudencia Criminal*», e Lucio de Mendonça no brilhantissimo parecer publicado no seu magnifico livro «*Paginas Juridicas*».

MIRAGLIA.

(D' A Republica—de Curytiba—Paraná).

O Espirito Consolador.

XXXI EFFUSÃO.

OS CORAÇÕES DILATADOS.

(Continuação).

Estaes, senhora, sob o peso de duas preocupações, das quaes

eu quero vos livrar. O vosso coração quer saber se a nossa doutrina não desfaz os laços de família e se nós reconheceremos nos céus aquelles que amaramos na terra? Compreendendo e digo-vos que uma doutrina que fosse incapaz de acalmar esse vosso decessocego, deveria ser repellido por qualquer alma generosa. E' sobretudo neste respeito que triumpho o Espirito consolador, nos inundando de clarezas, que nos exultam.

Os espiritos desencarnados formam grupos sympathicos, devido ás suas tendencias, ás suas relações anteriores e ao mesmo grau de adeantamento. Estes grupos gostam de se encarnar juntos e formam aqui familias bem unidas. Se todos os membros da mesma familia progredirem com a mesma energia, terão de se encontrar e de ser ainda mais unidos depois da morte. Se um espirito mau ou antipathico se extraviar e se intrometter numa familia homogenia, sentir-se-ha como um estrangeiro e confirmará o que se diz com muita verdade: «Aquelle não é da familia». Se pelo contrario um espirito mais adeantado se encarnar numa familia ainda atrasada, virá causar admiração e ás vezes inveja, e teremos então a historia de «José vendido pelos seus irmãos».

Pode-se dizer outro tanto do esposo e da esposa: se são felizes, se se amam, é porque são bem irmanados, é porque são bons e tão adeantados um como o outro, e portanto a separação pela morte de um não é senão momentanea. A communhão subsiste entre o que parte e o que fica, porque a morte nada pôde contra dons espiritos immortaes que caminham ao mesmo passo. Como viveram em harmonia, e, na mesma luz, praticando as mesmas virtudes, estão seguros de se reunirem outra vez, para continuarem juntos num amor cada vez mais puro e mais intenso a sua gloriosa ascensão. Isto quer dizer que Anna tornará a encontrar o seu Renato, assim como Alexandrina o seu Alberto.

«Se tivemos a virtude», diz Jean Reynaud, de não contrairmos amizade senão de pessoas dignas d'isso, pela harmonia de suas vistas conosco e pela união indissolvel da nossa conformidade espiritual, não corremos risco de vermo-nos afastados por uma separação eterna. Partindo do mesmo ponto, animados pelas mesmas forças, tendo o mesmo fim é impossivel que não nos encontremos além d'esta terra. Nada nos impede de governarmos a nossa existencia de maneira a viajarmos sempre em companhia, através dos abysmos do universo, com todos os que amamos. Amigos, esposos, parentes que tendes a intenção ou vontade firme de não vos perderdes na morte, associae-vos na mesma vida e nas mesmas esperanças e vós vos reunireis lá no alto como estaveis aqui reunidos. Se estaes condemnados pela desgraça de vosso destino actual, a morrer uns após outros, não vos silijaeis por partir ou por ficar. Os que morrem primeiro não fazem mais do que preceder, perto dos que já foram, os que deixam atraz, e nós marchamos para os dias desejados em que seremos dignos de viver unidos na luz plena da immortalidade.

lidade, nós e todos os que tivermos escolhido para este parentesco santo e eterno.

Isto, senhora, é mais amplo, mais consolador, confessareis, que a theologia mais elevada. As almas se classificam, no outro mundo como neste, segundo as suas luzes e as suas virtudes adquiridas, em vez de se classificarem segundo seus symbolos. De modo que esta santa viuva catholica não perde mais a esperança da salvação de seu marido, «tão bom, tão religioso apesar de protestante». Essa outra não sente mais no seu coração esta ferida incuravel: «Oh! sim, elle era digno de ser admirado, o teu querido esposo, mas morreu com a sua velha crença, repellindo a nova: porisso é quasi certo que o não vereis mais!»

As almas que floresceram juntas, se encontrarão juntas. Mas terão a ineffavel alegria de se reconhecerem? A esta pergunta tudo me faz responder; sim, «no céu todos se reconhecem». «Aquelle que tiver vencido, disse o Salvador, eu farei assentar em minha mesa no meu reino. Não beberei mais d'este vinho até o dia em que o beberei novo comvosco no reino de meu Pae». Ora, o que pensaes de um festim onde os convivas não se conhecem? Não se conhecer, é não estar junto, é não tornar a se encontrar. Pode-se então imaginar Christo não reconhecendo Maria, Santo Agostinho não reconhecendo Santa Monica, S. Francisco de Salles não reconhecendo Santa Chantal?

A Igreja dá as mesmas esperanças á esposa e ao esposo e por isso tem grande repugnancia pelas «segundas nupcias».

Existem almas que parece terem sido feitas, umas para outras; mas a maior parte d'ellas atravessam a vida terrestre sem se encontrarem, apesar de em seus sonhos se buscarem, como os passaros quando se chamam ás tardes nos campos verdejantes de trigo. E' a razão da melancolia incuravel que as obriga a responder com um triste sorriso aos que lhes aconselham: «Casae-vos». Algumas, por um milagre da graça, tiveram a fortuna de se encontrar aqui em baixo, não obstante todas as probabilidades em contrario. Essas comprehendem que só se ama uma vez na vida e para sempre. A morte não interrompe esta communhão, antes a consagra.

Vejo d'aqui a «viuva» desfigurada no seu luto e mergulhada nas suas recordações. Ella se achia sosinha e acaba de orar pelo «ausente» cuja cadeira allí está desoccupada. E' á hora em que *elle* lhe fazia as suas confidencias e esta lembrança a leva a comprimir com as mãos o seu coração: «O mundo, a mocidade, o tumulto: diz ella, tudo, foi um meio sonho, um sonho confuso onde o meu amor nunca teve verdadeira lucidez. Hoje sinto melhormente que te pertence, assim como sinto que tu me pertences».

Oh! como ella tem razão de ouvir a voz do seu coração! Que continue a escutar e ouvirá uma outra voz bem conhecida que baixinho, em voz sumida, lhe responderá: «Alma da minha alma, não, tu não estás sosinha; não me vêes, eu porém te vejo e ouço o cha-

mado do teu amor. Os nossos dous corações formavam a lyra e preludiavam um bello concerto. Uma das cordas arrebentou, mas o hymno apenas foi suspenso e Deus permittirá que o recomecemos num outro meio bem mais sonoro. Nenhum atomo do corpo em que estive envolvida a minha alma se perdeu. Cada um dos elementos que o constituíam voltou aos seus affins. Mas a alma tem muito mais valor que a sua vestimenta: é imperecível, porque é indivisível e continúa a ser o que foi para ti, uma grande força de atracção. Tudo que gravitou para ella no vosso mundo inferior, pelo amor, invencivelmente tornará a ella. Sinto-me impaciente porque estou incompleto, mas sou feliz, porque a morte, eu sei, ha de fazer um dia o milagre que Deus recusa a vida».

Vós conheceis o nome d'essa viuva: preciso dizer-vos o nome d'aquelle que assim responde? Oh sim, vós o sentis, o céu não valeria a terra, se elle não fosse um logar do encontro d'aquelles que se choram e se esperam.

Elle é tambem, devo vos dizer? o logar abençoado onde as almas abandonadas, mal irmanadas tirarão uma linda desforra. Este homem, debaixo de uma certa pressão, resignou-se a um casamento de conveniencia e essa fraqueza envenenou o resto dos seus dias. Que digo? elle fez duas infelizes: a que esposou e muito mais ainda aquella que deixou de esposar. Esta que teria feito a sua felicidade, não ousou revelar-lhe o seu amor. Uma altivez, justificada ás exigencias do mundo se oppõe a que uma joven offereça o que deve ser sem preço. Ella tem necessidade de conservar os seus olhos baixos, os seus labios mudos, deante do objecto secretamente adorado, que se afasta acreditando ainda no seu desdem ou na indifferença. O anjo discreto, desconhecido, tomou o habito em um convento, onde a morte compassiva virá buscá-lo, depois de alguns annos de mortificação. Ah! esse anjo, apesar do mundo, é a « verdadeira esposa » do martyr encorrentado. Ella o espera lá no alto, a compaña-o e quando chegar a hora, não terá necessidade que lh'o mostrem para o reconhecer.

Essa é, enfim a crença que grandes santos têm tido. « Já que atravessamos este mundo de tristezas como estrangeiros, disse S. Cypriano, almejamos pelo dia que nos reconduzirá á nossa casa, reintegrando-nos no céu. Não terá o desterrado pressa em voltar á patria? E os que embarcam para voltar aos seus, não desejarão ventos favoraveis que os levem mais depressa a abraçá-los? A nossa patria é o céu e os nossos paes já passaram adeante. Apressemo-nos, corramos para os saudar. Somos esperados no céu por um grande numero de pessoas que nos são caras; por uma multidão de parentes, de irmãos, filhos, que inebriados de felicidade, estão anciosos pela nossa salvação. Vamos vel-os, vamos abraçá-los. Ah! que alegria para elles e para nós »!

S. Ambrosio expandiu o seu coração numa admiravel prece dirigida ao seu irmão, que acabava de morrer: « O' meu irmão, já que

me precedestes, prepara-me um logar nessa morada que é commum a todos e que de agora em diante é a única que ambiciono. Assim como aqui em baixo tudo foi commum entre nós, assim também não tenhamos nada em separado no céu. Fazei que não espere, eu vos conjuro, quem tem tanta pressa em se vos reunir. Esperae quem caminha: ajudae quem se apressa e se vos parece que demoro, chamae-me. Oh! meu irmão que consolo posso eu ter senão da esperança de me juntar a vós, quanto antes? Sim, consolo-me, esperando que a nossa separação, pela vossa partida, será de pouco tempo e que obtereis a graça de attrahir para vós quem sente tão duramente a vossa ausencia».

A verdadeira familia, não nos esqueçamos, compõe-se de almas puras, que se comprehendem, se attrahem e são propensas a amarem-se, e comparando-se a esta attracção, os laços de sangue tornam-se bem secundarios, bem frageis. Quereis uma prova? Reparae nesses homens rudes que não pensam senão na materia; elles são irmãos, cresceram juntos, tiveram as mesmas alegrias, os mesmos trabalhos, comeram á mesma mesa e não obstante isso, uma vez casados, tendo interesses proprios, por causa de um pedaço de terra, rompem esses laços de sangue, demandam, odeiam-se até á morte! Oh! não, não é assim o verdadeiro parentesco: o verdadeiro é aquelle que nada pôde destruir; é o das almas elevadas que se fundem nas mesmas claridades, nas mesmas aspirações como a de S. Agostinho nas suas meditações, com Santa Monica nas janellas de Ostia. Ambos lá estão deante do infinito do mar, deante do infinito do céu, e enlevados pelo pensamento, pela prece, sobem a cima das vagas do mar, acima dos astros, até Deus, na mesma contemplação, juntos e arrebatados em extasis.

Chegados a esses cimos, encontraremos todos os que mereceram o nosso amor; reconheceremos todos os que foram para nós a fonte de uma santa e doce commoção, mas embelezados, transfigurados, como nós, e limpos de todas as fealdades que aqui em baixo embarçam o amor, e ás vezes o desalentam.

Quantas surpresas maravilhosas nos estão reservadas, durante o curso ou no termo da nossa ascensão! Veremos, alegres e admirados, em que profundidade se acham entranhadas as raizes de certas sympathias e de certos parentescos. Saberemos a razão por que duas almas que progrediram juntas em algum mundo mau, tiveram a felicidade de se reconhecer na terra, de se esposar, para gosar o extasis e a serenidade em um mundo superior, onde os enganos não são mais possiveis!

Nós colheremos, nessa morada afortunada o fructo das boas acções que amigos desconhecidos nos instigaram, e só então comprehendemos as consequencias infinitas.

Um padre, ainda moço, durante a campanha da Italia, encontrou moribundo num hospital, um infeliz soldado. A' força de cuidados e sobretudo pelos meios engenhosos que empregou pôde dis-

cientistas do Rio de Janeiro, sem resultado, depois de haverem-na internado num hospital, de onde fugiu saltando de grande altura por uma janella, depois, finalmente, de terem perdido as esperanças, foi Deus servido de conceder-te a graça de cural-a.

Deves lembrar-te que estivestes conversando com ella na séde do nosso gremio durante meia hora, applicando-lhe alguns passes e dando-lhe bons conselhos. Pois bem, a contar *desses momentos*, não mais foi vista a infeliz Josepha, a vagar pelas ruas, a chorar. . . a gemer Indagamos, e . . . a contar do *momento* em que te deixou, ainda no gremio, ficára radicalmente curada, voltando aos seus labores doutr'ora, por tanto tempo abandonados.

Se a viesses hoje, certamente não reconhecerias nella a pobre creatura que te foi apresentada.

Bem dito seja o Pae Celestial, que mais uma vez veio mostrar á pobre e cega humanidade, que o Espiritismo não faz loucos; mas, ao contrario, cura os.

De novo te abraça o humilde confrade e admirador

MANOEL SANTOS.

RELAÇÃO DAS PESSOAS DE QUEM TEMOS RECEBIDO A IMPORTANCIA DE SUAS ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1905.

Recebemos 3\$000 rs. de cada um dos seguintes srs.: Estado de Minas. Leopoldina: Major Antonio Zeferino da Silva. Espirito Santo da Forquilha: José de Mello. Alto Jequitibá: Gustavo Adolpho Hemsdorff. Ponte Nova: Gabriel Theodoro Leite, 4\$000. São João Nepomuceno: Manoel Antonio Rodrigues de Castro, 10\$000, auxilio á Instituição. Estado de São Paulo. Villa Americana: Manoel do Espirito Santo, 9\$000, para a sua assignatura de 1906, e o restante para auxilio á Instituição. Bariry: Candido Martins, 5\$000, de sua assignatura de 1904 e 1905, de um espirita, 50\$000, auxilio á Instituição. Capital: Baldomero Garcia, 3\$000. Estado de Matto Grosso. Cuyabá: Cypriano da Costa Campos, 50\$000.

NOVOS AGENTES DA «VERDADE E LUZ.»

Em São Sebastião do Paraizo, Estado de Minas, o Snr. prof. Gedor Silveira.

Em Jundiahy, neste Estado, o Snr. João Xavier.

Na cidade de Corumbá, Estado de Matto Grosso, o Sr. Dr. Roque Musio.

Na cidade de Poconé, Estado de Matto Grosso, o Sr. coronel Antonio Theophilo de Arruda.

Em S. Luiz de Cáceres, Estado de Matto Grosso, a Sra. D.^a Preciliana Gonçalves Jeremiano.

LIVROS E FOLHETOS A VENDA NO ESCRITORIO
DA INSTITUIÇÃO CHRISTAN

VERDADE E LUZ

Obras de João Lourenço de Souza	
Occultismo e Theosophia, 1 vol. enc.	4\$000
Synonymia das Substancias Chemicas, 1 vol. enc.	4\$000

DE DIVERSOS

Mirèta, 1 vol. cart.	2\$000
Singellos, versos de Casemiro Cunha, 1 vol.	1\$500
O Diabo e a Igreja, folheto	200
O Papa e o Anti-Christo, folheto, em papel superior	500
em papel commum	300

Collecções da *Verdade e Luz* de 1900 e 1901 encadernadas em papel superior 10\$000

Dos annos de 1902 e 1903, idem, 10\$000

Dos annos de 1904 até 15 de Maio de 1905, idem, 8\$000

A direcção desta Instituição se encarrega de mandar vir da Europa, da America do Norte ou das Republicas Hispano-Americanas, sem commissão alguma, qualquer obra relativa ao espiritismo e assumptos congeneres, escriptos em qualquer idioma; assim como tambem se incumbe de remetter, mediante pedido com o respectivo importe, todos os livros publicados em portuguez pelos preços dos seus catalogos, como sejam:

Livro dos Espiritos—Livro dos Mediums—Evangelho
—Ceo e Inferno—Genesis—Obras Posthumas.

Encadernados e livre de porte postal, 3\$000 o volume.

As mesmas obras em brochura, 2\$000 o volume, livre de porte postal.

No escriptorio desta Instituição existe um grande numero de exemplares da *Verdade e Luz*, já publicados, que de bom grado enviaremos a todas as pessoas que desejarem propagar o verdadeiro Christianismo, observadas as seguintes bases: Todas as pessoas que nos enviarem 1\$000 rs. como auxilio á Instituição, terão direito a receber 50 exemplares; as que nos enviarem 2\$000 rs. receberão 100 exemplares, e assim por diante, na mesma proporção.

• VERDADE E LUZ •

Todos os negocios e correspondencia relativos a esta revista devem ser endereçados a Antonio Gonçalves da Silva Batura, rua Espirita n.º 28—São Paulo.

Preço de assignatura, em papel superior, 5,000 reis; em papel commum, 3,000, por anno.

Typ. Espirita.

VERDADE E LUZ

REVISTA QUINZENAL DE ESPIRITUALISMO SCIENTIFICO

*Sem caridade não ha
salvação.*

*Nascer, morrer, renascer
ainda e progredir sem-
pre. Tal é a lei.*

S. PAULO

BRAZIL

Anno XVI

15 de Setembro de 1905

N. 367



COLLABORADORES DIVERSOS

REDACÇÃO E OFFICINA

RUA ESPIRITA N.º 28.

DEVE-SE ESTUDAR O ESPIRITISMO ?

(Conclusão).

Sem embargo d'isso, resta-nos um certo numero de experiencias muito authenticas, nas quaes foi eliminada qualquer fraude, tendo sido rigorosa a observação. São estas, e estas sós talvez, as que devem ser submettidas a uma critica methodica. Mas esta critica methodica é o contrario do silencio e do desprezo.

Com effeito, com um medium que tenha defraudado, podem-se tomar precauções que excluem toda a possibilidade de prestidigitação ou de embuste. Temos que proceder assim com qualquer medium, e o facto de ter o medium sido anteriormente um embusteiro não influe muito na maneira de proceder, pois o experimentador deve pôr-se ao abrigo de qualquer fraude possivel. De tal arte, com um medium honrado ou com um medium impostor, as precauções devem ser praticamente as mesmas.

Por outro lado estamos sempre seguros de que um medium tenha sido impostor? Importa ser summamente prudente na affirmação de uma culpabilidade humana. Com frequencia fazem-se accusações impremeditadas, por um gesto duvidoso, por uma translação equivoca, e se chama farçantes a individuos, cujo estado mental é provavelmente mui differente do estado mental ordinario. Por nossa parte, não nos atreveriamos a chamar de impostores a pessoas de existencia honravel pelo facto de havermos notado numa sessão que o seu procedimento era um tanto suspeito. Não acreditar na authenticidade irreprehensivel de um phenomeno e accusar um medium de trapaças são duas cousas absolutamente differentes. Na essencia estamos convictos que a maioria dos phenomenos chamados espiritas não são irreprehensiveis, e que no emtanto o engano voluntario dos mediums, ideado e preparado com antecipação com muita arte, é cousa muito rara. Não ha, pois, razão alguma para rejeitar toda a experimentação com mediums accusados vaga e super-

D

A objecção que se baseia nas fraudes habituaes dos mediums merece tambem ser examinada mais de perto.

E' facto que certos mediums têm sido convencidos de impostura. E a experimentação com impostores é muito complicada, e as conclusões que dellas se podem deduzir são muito frageis. Pode-se imaginar um prestidigitador habil, que executa as suas provas na obscuridade perante pessoas que acreditam na sinceridade de tudo que se lhes apresenta? Haveria que anotar prodigios muito maiores ainda que os do espiritismo.

A objecção seria formidavel, se todos os mediums houvessem sido apanhados em fraude. Mas sabe-se que houve mediums que, apesar das investigações mais severas, sustentadas por desconfianças sempre alertas, não puderam ser accusados de impostura. Até chegou-se a reconhecer algumas vezes, como no caso de Home, que a fraude tinha sido attribuida sem razão.

Levanta-se grande celeuma sobre o embuste de um medium apanhado em fraude, e é evidente que esta impostura provoca uma duvida muito legitima a respeito de todos os resultados devidos á supposta potencia do mesmo medium. Mas que é um impostor isolado em comparação com o numero consideravel de mediums sinceros que existem no mundo? Ao lado dos mediums celebres, como na America do Norte, por exemplo, que dão sessões pagas, ha muitos outros que nada recebem, e cuja boa fé parece não admittir duvidas. Não ha mais que ler publicações espiritas para inteirar-se sobre este particular. Os mediums profissionaes são poucos em comparação com os demais.

Estes ultimos podem enganar tambem, e com frequencia o fazem, mas seria pouco verosimil admittir que são todos fraudulentos, e que, cada vez que se produz um phenomeno espirita, é uma fraude.

Não pretendemos que a boa fé dos mediums seja admittida *a priori*. Muito pelo contrario. Quando se trata de phenomenos tão extranhos, quaes os que estamos a referir, e que têm sido ás vezes produzidos por simulado-

res, a boa fé absoluta do medium deve ser provada, estabelecida e demonstrada. Mas por outra parte, para accusar a este medium de impostura, cumpre produzir a prova. Em caso algum se deve admitir *a priori* a sua lealdade, nem a sua duplicidade, e se impõe uma investigação seria e attenta.

Parece nos que não seria licito proceder de outro modo; pois que accusar de vil impostura, sem para isso ter provas formaes, os quinhentos ou seiscentos mediums, profissionaes ou não, que têm produzido phenomenos espiritas, é tão pouco razoavel como declarar-os todos, sem exame, de uma boa fé irreprehensivel.

Em verdade a objecção é mais theorica que real, pois, sempre que se experimenta seriamente com um medium, tomam-se precauções multiplas contra a fraude. Alguem um dia, com muita ingenuidade, dizia a um dos nossos amigos, que relatava uma experiencia na qual havia verificado factos estupendos: «Havia V. pensado que podia ser enganado?» Em realidade, numa experiencia não se pensa em outra cousa. E' a preocupação constante: desconfia-se do medium, desconfia-se dos presentes, desconfia-se de si mesmo. Não affirmamos que nunca haja engano; ás vezes os ha, e os haverá com frequencia, mas existem casos em que o engano não interveiu e quasi sempre é algo difficil, com frequencia pouco verosimil, ás vezes impossivel ou pouco menos.

Para sermos equitativos, cada experiencia deve ser estudada nas suas minudencias, pois sómente as minudencias permitem julgar se se tomaram as precauções necessarias.

A fraude nos phenomenos espiritas é um problema mais grave, pois ás vezes é inconsciente, e, como a mentalidade do medium não seja talvez a mesma que a dos individuos normaes, podem commetter-se actos delictuosos, que não admittem uma condemnação sem appello.

Mas, repetimos, a nossa intenção não é passar em revista por miudo os innumeraveis casos particulares que haveria que analysar; queremos sómente fazer notar: 1.º) que todos os mediums não podem ser farçantes; 2.º)

Não são os Espíritos só os que obedecem a essa regra: o Princípio das coisas—Princípio primeiro,—já era considerado pelos kabbalistas como tendo uma existência dual em essência.

Daqui a lenda bíblica de Adão e Eva (4). Eva formada duma costela de Adão, isto é, d'elle derivada.

Daí deduzimos que os Espíritos são derivados ou antes «*procreados*» dos princípios Adão e Eva.

E assim como Eva não se pôde tornar Adão, mas, vir apenas de novo integralizada, assim, também, os Espíritos passivos (princípio feminino, Eva—) deverão, por effeito da evolução, para o aperfeiçoamento, completar os Espíritos activos—princípio masculino—Adão—em virtude do que a felicidade se estabelecerá no Universo, e o legendario «*paraíso terreal*» será reconquistado pelos filhos de Adão-Eva.

Ha, pois, entre os Espíritos, a differença que notamos entre as manifestações do cerebro e as do coração?

Esta theoria, contudo, não destoa radicalmente do ensinamento espirítista, como vimos, acima.

Não destoa, também, das comunicações dadas modernamente, em Pariz, pelo Espirito Salem Hermes, em que foi affirmada a separação do princípio masculino e do feminino, e a sua reunião como um bem; princípios esses que propendem, cada vez mais, por effeito do aperfeiçoamento á união.

Podemos concluir dos dados apresentados que o Espirito, que attingiu á perfeição, é completo pela união de seu princípio feminino.

O Irmão Espiritual, o anjo da guarda, considerado como um Espirito superior é completo pela reintegração do seu princípio feminino?

Se a perfeição se afere pelo grau de união, e se a felicidade absoluta resulta da concordia, não é racional suppôr que a missão do Irmão Espiritual, é conseguir nova união, nova fusão de dois princípios (masculino e feminino) que se acham separados?

E, admittido, ainda que por hypothese, que a natureza do Irmão Espiritual é dupla (masculina e feminina), não é racional acreditar que este ser, tendo de agir sobre dois princípios separados (masculino e feminino), melhor conseguira o seu intento desdobrando-se, em parte, a fim de que, por exemplo, o seu princípio feminino inspire o princípio masculino, inferior (Espirito que se vai encarnar ou já está encarnado), e elle—o Irmão Espiritual,—como princípio masculino, inspire o princípio feminino, inferior (Espirito que, também, se vai encarnar ou já está encarnado?)

Se as informações dos Espíritos, que citámos, são verdadeiras as deducções que delles fizemos, não o podem, também,

(4) Adão o Eys—princípio da vida—entidades cosmologicas e não um homem e uma mulher.

deixar de ser.

O que é digno de nota é que a Bíblia, a Kabbala, o Livro dos Espíritos, as Cartas de Salem Hermes, todos concordam que o principio do mal está na desunião e na discordia, e que o principio do bem está na união e na concordia.

E', pois, evidente que essa união e concordia devem começar pelo casamento por amor; mas esse amor verdadeiro e inextinguível, só pôde ser inspirado por esse principio que paira sobre nossa cabeça (o Irmão Espiritual) e que se aproxima, se fazemos o bem e se affasta se procedemos mal.

A vida social, com suas exigencias, com suas combinações egoisticas, com suas convenções, com seus erros, com seus rumores, com mil outros defeitos—priva a maior parte das gentes, dos affagos e da inspiração, do amor e dos conselhos intuitivos desse Irmão.

Na phrase do dr. Couto de Magalhães, em seu romance *Os Guayanazes*—só o selvagem sabe amar, só elle comprehende os encantos e a doçura da mulher, e ella, a necessidade do braço forte do homem.

Rodeado de perigos incessantes, só o amor os anima, os conforta, os consola . . .

No amor resume-se, pois, todo o ideal, toda a vida do selvagem . . .

O selvagem, a nosso ver, está, apesar da sua bruteza, mais proximo da união e da concordia; porque, vivendo vida simples, suas necessidades são muito limitadas e o egoismo é-lhe pouco desenvolvido.

*
*
*

Os espiritas crêem na existencia do Irmão Espiritual, o anjo da guarda, porque a existencia desse ser está affirmada no Livro dos Espíritos. Devem pela mesma razão crer na união dos Espíritos como signal de elevação e na concordia como principio da felicidade.

Daqui a crer na dualidade da natureza dos Espíritos superiores, pela fusão do principio masculino com o feminino, é, apenas, um passo, visto como temos vehementes indicios dessa lei de amor.

Quanto a nós, enquanto o collega não apresentar provas da não existencia das almas gêmeas, não poderemos attendello, e corrigir um erro que nos imputou, mas do qual ainda não estamos convencidos; porquanto as provas que temos colhido são a favor da existencia desses seres compostos de natureza dual.

As provas que o collega adduziu, são demasiadamente frageis; umas, as desfizemos com a analyse dellas mesmas; as ultimas, as que se referem ás somnambulas, que reconheceram suas encarnações masculinas e femininas passadas, nada a-

deantam visto como não puzemos em duvida o facto de um Espirito poder encarnar-se como homem ou como mulher.

Estude o collega alguns casaes, seus conhecidos, e veja se não encontra algum em que a mulher parece ser o homem e o homem parece ser a mulher, pelos indícios psychicos que caracterizam cada sexo, e, particularmente, se manifestam no homem ou na mulher.

O ESPIRITO CONSOLADOR.

Temos resolvido tirar em livro esta monumental obra, cuja publicação ora terminamos, — desde que os pedidos subam a mil e que possam garantir, mais ou menos, as despesas da edição. Por isso os que quizerem cooperar para que se edite tão precioso livro, poderão endereçar os seus pedidos a esta Administração, certos de que o preço do exemplar será o mais modico possível.

O Espirito Consolador.

XXXX EFFUSÃO

O VOO SOLTO.

(Continuação)

«O teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus». Estas palavras que Ruth dizia a Noemi, vós acabais de as dizer ao vosso pobre ermitão, senhora, e portanto elle póde morrer. Mas porque quereis que tantas palavras se conciliem e possam moderar as santas alegrias que deveis á vossa fé profunda?

Disseram-vos que «as vossas ideias se afastam muito das puras doutrinas romanas»: que vos importa isso uma vez que ellas são christãos, catholicas, porque são celestes? A esses que tentam perturbar-vos podeis repetir estas bellas palavras de um santo bispo: «Eu não sou nem ultramontano, nem citramontano, sou, porém, pela graça de Deus, «supramontano». Habitar as altas espheras é estar em communhão com o Christo e com todas as almas elevadas que fórman a sua Igreja.

Admiro, sem poder imitar esse manso inspirador que vos «prohibe raciocinar» e vos pede que estejais prevenida contra a sciencia. A razão e a sciencia, eu creio, são incommodas para certos textos e para certos homens. E' preciso, para estes, almas manevéis, isto é, cegos e sempre dispostos a acreditar em suas palavras,

o que nos explica a antipathia que têm pela luz e a aversão mal dissimulada que mostram pela instrução livre que a propaga. É um procedimento cor. modo, mas estava de accordo com as vistas de Deus e com o profundo respeito que se dava ás almas? Será possível que a Razão eterna nos tenha dado a razão para nos impedir de raciocinar? A este espirito, a esta centelha divina que vive da verdade como o corpo vivo do pão, pode-se então negar a sua razão, condemnando-o á dieta para ser agradável ao Espirito puro que é luz e que quer que subamos a Elle pela luz?! Não, o «Deus das sciencias» não pôde nos incriminar por amar a sciencia. A verdadeira sciencia, com effeito, não é senão a revelação das leis da natureza, que são tambem leis divinas». Ora, Deus não pôde se contradizer, e se uma igreja qualquer teme a diffusão da sciencia, podemos affirmar que ella não se sente invulneravel. Ha precauções que denotam medo e o medo faz crer que não se está muito certo de ter razão.

Sim, durante quarenta annos, o vosso «estizado infeliz» gozou de uma certa tranquillidade, por ser candeido ou cego; mas a sua boa fortuna não era senão apparente. Duvidas terriveis que incessantemente ransciam a proposito dos grandes problemas que vós lhe expusestes não o deixavam em repouso. Atormentado, inquieto, ia folhear os livros antigos, interrogando os doutores, implorando, por toda a parte, essa taça de agua viva que se chama a verdade. Mas os livros, os doutores deixavam que a sua pobre alma se abraçasse na sua séde, como Agar no deserto. Então, o anjo tocando-o com a ponta da sua aza lhe disse: Olha! Elle olhou e estremeceu como o artista obscuro que, depois de ter limpado a posira de um quadro velho que achou num celleiro, vê espantado deante de si a *Transfiguração* de Raphael! Viu, correu milhões de mundos nos abysmos do ceu e milhões de seculos amontoados nos abysmos sem fim dos tempos. Viu as nebulosas do espaço se condensarem ou rarefazem-se alternativamente pelo sopro do Todo-Poderoso e transformarem-se nessa grande multidão de soes. Como Israel, viu descer os anjos de Deus e subir as humanidades pela grande escada mysteriosa. E então sentiu a alegria do prisioneiro que acabava de se ver livre de um calabouço sombrio e apertado. O infinito do tempo, o infinito do espaço foram para elle os signaes sensiveis do infinito divino e comprehendeu que a creação foi um acto de grande amor e não de colera.

Não, elle não é um «rebellado» mas uma pobre andorinha que nos annuncia a primavera dos ceus.

As suas ideias são muito «novas», vos dizem, e portanto devem ser «suspeitas». Mas essas ideias são mais velhas que todas as biblias e ainda que fossem novas, não era isso uma razão para se desconfiar dellas. É preciso principiar por ser novo, para ficar velho. Tudo o que se tornou commum começou por ser novidade; tudo o que venceu, começou sendo vencido. Sem as coisas que foram infamadas, perseguidas, não teriamos hoje a nossa liberdade, nem

sciencia, nem religião, nem philosophia. Não se é homem de amanhã, se não renunciar ser o homem de hoje. Não se forma a opinião sem que se a anticipe, e a anticipar é contradizel-a. O Christo, vós sabeis, foi crucificado como «innovador» pelos conservadores da synagoga.

Ainda que pobre, isolado, doente eu me considero feliz quando me comparo aos homens generosos que nos desbravaram o caminho a través de tantos espinhos. O meu coração, por instincto, esteve sempre ao lado dos martyres, dos proscriptos, dos vencidos; não se faz fortuna com semelhante companhia, porém sente-se que é boa, e isto basta. Tenho, porém, confiança que os vencidos de hoje serão os vencedores de amanhã. Uma grande batalha se trava entre as coisas que morrem e as que nascem: eu tomo o lado do berço e não o lado do tumulto; estou com os que esperam e não com os que se dão. Os passarinhos cantam a aurora, em quanto que os morcegos saem ao crepusculo: eu metto-me entre os passarinhos para applaudir os seus canticos que são ao mesmo tempo preces e prophcias.

«Todas as mulheres prudentes são um pouco ralhadoras» e é sem duvida para justificar este proverbio que censurais «meu excesso de franqueza». Convenho que tendes razão e esse defeito tem me causado muitos dissabores; mas não posso conceber supplicio igual ao de um homem, cujas palavras e cujos actos estão em perpetuo desaccordo com o seu pensamento. Ora estes tristes martyres são muito numerosos e o que mais faz falta em nossa época, é talvez a sinceridade. Consultam-se mais os interesses proprios do que as suas convicções e por pouco que os principios os contrariem, toma-se o partido de os abdicar. Esta habilidade, confesso, não me causa inveja e nem admiração, por quanto me sinto tocada por estas duras palavras que estão gravadas em minha memoria: «A verdade tem a cara estanhada e todos os que a conhecem ficam atrevidos como ella».

A prudencia é uma bella virtude que ajuda singularmente um homem a caminhar neste mundo inferior, mas por minha infelicidade ella me seduz tanto menos quanto mais preciso d'ella. Ser prudente, é calcular, desconfiar, calar muitas vezes, ás vezes rastejar; é imitar a serpente para melhor se defender das serpentes. Ora, como S. Francisco de Salles, «eu daria de boa vontade vinte serpentes por uma pomba». Eis ahí porque aspiro outras espheras, onde possa ser imprudente sem perigo, onde as pombas não tenham mais medo das viboras.

Quando se compara a serenidade do ceu e da terra com as tormentas que abatem as almas em nosso tempo, fica-se commovido com immensa pena. A religião é feita para unir os homens, unindo-os a Deus; para os satisfazer favorecendo a constante aspiração que têm pelo ideal. Entretanto, é em seu nome que os filhos de Deus se dividem, se offendem e se perseguem. E' em seu nome que nas proprias mesas de familia surgem discussões irritantes e

contristadoras; que a affeição se esfria entre o esposo e a esposa, entre o irmão e a irman; e é devido a ella que um profundo mal-estar atormenta as nobres nações latinas. Ah! como seria bom viver se todos respeitassem essa coisa sagrada que se chama uma convicção; ou que ao menos comprehendessem que o proselytismo não é legitimo e nem fecundo senão quando se apoia no amor desinteressado, e quando não usa de aspereza ou da violencia.

Por favor, amemos uns aos outros como o Christo nos amou e evitemos inflingir-nos o supplicio dos damnados neste mundo com o pretexto de escaparmos d'elle no outro.

Vós conheceis o meu bonito Christo de marfim, porque sabeis quanto elle vos custou. Quantas lagrimas tenho derramado a seus pés! Quantas vezes, commovido, larguei a penna para exclamar: «O Jesus, meu doce Mestre, se estou em erro, por favor, tirai depressa esta venda que me cobre os olhos. Dizei-me se, para vos amar, é preciso cdiar o progresso, a liberdade, meu seculo e meus contemporaneos; dizei-me se, para vos servir, é preciso abafar a minha consciencia e abdicar a minha razão; dizei-me se devo *mentir*!

Se quereis que eu proceda assim, ó meu Deus, fazei um ultimo milagre, modificai completamente a minha pobre alma, porque ella vos pertence! Então, essa adoravel imagem se animou ante meus olhos humidos, e os seus labios se abriram para me responder: «A razão e a consciencia vêm do Deus: tudo o que as desgosta ou offende é obra dos homens. Póde morrer em paz quem puder dizer, com toda a sinceridade no ultimo momento: Eu não procurei senão a verdade, não quiz senão o bem»

Nós chegamos, tanto um como o outro, senhora, a esta época da vida em que se volta para lançar, com tristeza, um olhar para o caminho percorrido. Para vós essa vista deve ser a fonte de puras alegrias, porque os vossos dias são cheios deante do Senhor. Vós tivestes a rara ventura de amar, sacrificando-vos, de soffrer sem vos queixar, e de fazer muitos felizes sem vos vangloriar. E eu, apesar da minha vida tormentosa, vejo que os meus dias estão muito vazios e nem me atrevo a contar meus desfallecimentos. Atravesando a existencia sem conhecer as santas e profundas alegrias d'esse grande mysterio que se chama o amor, o meu coração ha de cessar de bater antes de encontrar o seu posto e o meu espirito, que a dilatou não fez mais do que multiplicar as suas tempestades.

O meu corpo succumbe com o peso da minha alma, e a minha alma succumbe com a carga dos seus pensamentos.

Eu seria, apesar de tudo, um ingrato se ousasse queixar-me. Filho perverso do ceu, eu tive a extraordinaria felicidade de encontrar um *amigo*! E que amigo? um homem bastante nobre para honrar a santa causa da liberdade de que se fez soldado: e cuja estima é um escudo contra a injuria; um homem de grande coração, que soube me dizer: «Sede sincero, e ficai em pé! Contai commigo, não vos deixarei morrer na miseria, nem sepultar-vos no esquecimento!» E com este amigo encontrei o anjo de azas brancas, cujas mãos a

bençoadas levaram aos meus lábios a taça de Joaquim de Flora. Graças ao vinho generoso que bebi, sinto uma alegria indizível só em pensar que deixarei em pouco tempo este mundo onde já não sou mais que um estrangeiro. Vejo daqui a minha Jerusalém que com o seu sorriso magnetico, desde ha muitos annos, parece incitar ao meu livramento e a cujo adro talvez as minhas dores, na falta de minhas obras, me permittam arribar. E' lá que a bondade indulgente do Pae concede uma doce desforra aos espiritos incompreendidos, cujos sonhos foram tidos como loucuras, e aos corações quebrados que não se exasperaram. Lá, não se vêem mais povos que se assassinam, nem padres que amaldiçoam, nem corações mal combinados que suspiram, mas por toda a parte almas livres, e corações illuminados que o amor faz cantar.

O' Terra onde tanto tenho soffrido e que brevemente vou deixar, eu não sinto por ti senão uma viva gratidão junto a um pouco de piedade. Amo-te, porque foste para o meu corpo um calvario e para a minha alma um purgatorio. Amo-te, porque pude caminhar em teus caminhos escabrosos, com espiritos nobres e grandes corações. Oh! que Deus se digne attendêr á prece de um espirito que se prepara para partir e tu verás em pouco tempo levantarem-se bellos dias. Os mensageiros celestes farão por toda a parte a derubada da floresta espessa das mentiras seculares e os corações como os horizontes se alargarão. A vida então não será mais uma batalha travada nas sombras, mas uma festa fraternal dada em pleno sol; e as espheras, vendo a tua alegria, annunciarão ás espheras a ascensão de sua pequena irman ao numero das mais velhas.

FIN.

Diversos assumptos offercidos ás exmas. Damas
de Caridade da diocese de S. Paulo.

XCV

Nobres Damas da Caridade. Talvez que já estejais persuadidas de que o humilde *Ninguém* se cançou na ingloriosa faina de apreciar aqui os bons e os maus procedimentos dos nossos irmãos e companheiros de jornada na peregrinação terrestre.

Não o canção, mas sim o accumulo de trabalho que temos tido com os vossos catholicos, é que nos tem privado de cumprirmos estrictamente com os nossos deveres. Deveres, dizemos bem, porque, quando os mensageiros do Alto nos trazem a luz, é bem que a collocamos em sitio bem elevado para que allumie maior porção de espaço e o maior numero de individuos possivel.

E' convicção nossa, nobres Damas, que, vós, como o nosso bom irmão e amigo Monsenhor dr. C. Passalacqua, deveis estar satisfeitas

simas com a publicação que temos feito da bella obra de um padre catholico, a qual, prestes a concluir-se, tem por titulo O ESPIRITO CONSOLADOR.

O successo que essa obra tem alcançado não podia ser mais lisonjeiro, e já temos centenas de pedidos para tiral-a em livro. De boa vontade satisfaremos esses pedidos, uma vez que elles correspondam a mil exemplares, porque só assim teremos probabilidade de fazer face ao custo da edição. Já se sabe, o preço de cada exemplar será o mais modico possível, segundo tem sido a nossa norma de proceder.

Por isso os que quizerem concorrer para a publicação, far-nos-hão os seus pedidos com antecipação para podermos ter assim uma base.

Nobres Damas. Como já vos dissemos, grande tem sido o nosso esforço em promover na medida das nossas fracas forças o bem estar physico e moral dos que para isso se valem da nossa obscura individualidade. Procuramos ministrar-lhes o remedio para o corpo de par com o remedio para a alma, e assim, graças ao Bom Pai Celestial, nos é dado restabelecer a saúde physica ao maior numero e a saúde moral a quasi todos. Força é, porém, confessar que esse labor vai além de nossa capacidade, sendo-nos impossivel attender a todos os que desejam a nossa presença.

D'entre os chamados que de todas as partes nos affluem, deste e d'outros Estados, recebemos um de nosso irmão em Deus sr. Manoel T. Portugal Freixo, residente na cidade de Jaboticabal, para lá irmos não sómente no interesse de alguns doentes como da propaganda.

Acceito o convite, lá chegamos, animado como sempre em prol da nossa causa. Realizamos duas conferencias no espaçoso salão daquelle nosso irmão, achando-se alli numeroso concurso de pessoas illustradas.

Nessas conferencias pedimos sempre ao auditorio que não acceitasse as nossas affirmações e commentarios como pontos de fé, como dogmas, mas sim como materia de livre exame, e que se alguns dos circumstantes se dignasse refutal-os, de bom grado acceitariamos a controversia. Como ninguem quizesse usar da palavra, declaramos que, pelo silencio que reinava no auditorio, parecia que as ideias espiritas, se não eram vencedoras, eram pelo menos sympathicas alli, em face de tão selecta reunião.

Em casa do mesmo irmão a que nos vimos referindo, encontramos outro irmão espirita residente numa povoação vizinha. E' fazendeiro de café, de canna de assucar e fabricava aguardente em grande escala. Esse bom irmão nos declarou que dalli em diante ia limitar a sua industria ao fabrico do assucar, porque, como espirita que era, lhe corria o dever de combater os vícios e não favorecer o seu desenvolvimento, criando-lhe possibilidades, mormente em se tratando do alcoolismo tão funesto para o corpo como para a alma.

Por nossa parte estamos certos de que o nosso irmão Monsenhor C. Passalacqua, e as nobres Damas da Caridade não regatearão applausos ao procedimento daquelle honrado irmão.

Com zelo, carinho e amor,
 Cuidae, pois, dessa tão rara
 Flor que a vida e a morte aclara
 Das ovelhas do Senhor.

Vassouras, Julho de 1905.

MARIO CIS.



Noticiario.

SOLENNIDADE ESPIRITA.—Tiramos do bem redigido e valente organ da briosa classe academica de Porto Alegre «A Justiça» de 2 de maio de 1905, as seguintes linhas:

«Assistimos sexta-feira (21) no Gremio *Allan Kardec* á solemnidade que esta sociedade espirita effectuou no seu salão, commemorando a desencarnação do grande philosopho e extraordinario reformador—Jesus Christo!

Ao acto compareceram mais 500 pessoas mais ou menos, notando-se entre o numero auditorio, não a *flor da nossa sociedade*, como se diz na imprensa, mas o que aqui ha de BOM, na accepção intrinseca e verdadeira do termo. Abriu a sessão o nosso intelligente companheiro José Vieira do Amaral, que como vice-presidente que é da referida sociedade, a presidia. Em phrases passadas de muita sinceridade, explicou ao auditorio o fim que a dita associação tinha em vista, e deu depois a palavra ao presidente da mesma, sr. Israel Correia da Silva, que, como sabe toda a nossa sociedade, é um cidadão respeitavel, verdadeiro sacerdote da moral a mais pura! Apreciamol-o muitissimo pela facilidade e clareza de expressão; e agradou-nos ainda mais, quando com phrases suggestivas e convincentes atacou o já *abalado* «peccado original», que na sua justa opinião—«rebaixa a mulher e vae de encontro á sabedoria divina, que creou a nossa compauheira como perfeição moral e physica e não como seductora.»

Ainda falou o nosso collega Amaral, com maior facilidade e felicidade do que na primeira vez, impressionando bastante o auditorio e mostrando como, apesar das licções sublimes do mansueto Jesus, a humanidade pouco tem adeantado, moralmente falando, devido a predominar ainda neste planeta: o egoismo, a vaidade, o odio etc.

Finalmente, uma comissão da bem orientada e caridosa associação que tem como bandeira, as altruisticas palavras—«fóra da caridade não ha salvação»—e composta do nosso digno e dedicado amigo Francisco das Chagas Moura Magalhães e dos srs. João Vargas e Leonel Manoel de Oliveira, distribuiu por 300 pobres a importancia de 600\$000.

Ficamos encantados com o que vimos e sahimos agradavelmente impressionados, porque somos do pequeno e limitado numero dos que avaliam as pessoas e as instituições, pelo bem que ellas fazem á soffredora humanidade.

Foi uma bella e util solemnidade a que realizou, na manhã de 21, a associação que tem o nome do grande philosopho—Allan Kardec.

Parabens.»

Ainda com relação á mesma festa, tiramos d' «A Justiça» de 10 de maio:

«Somos informados por pessoa que nos merece fé, de um facto praticado pelo conego Marcellino e que sem commentarios vamos narrar.

A sociedade Allan Kardec distribuiu varios cartões a pessoas desprotegidas da fortuna, entre as quaes figuravam duas mulheres, pensionistas do «Pão dos Pobres.»

Os cartões deram direito a um obulo, com que a generosa sociedade brindou a pobreza no dia em que a igreja catholica commemorou a paixão do Redemptor.

O conego Marcelino, sabendo que taes pensionistas iriam receber o donativo dos espiritas, prohibiu-lhes que o acceitassem, sob pena de ser suspensa a mensalidade, *que o povo brasileiro, sem preconceitos de credos religiosos*, distribue á pobreza por intermedio do mencionado sacerdote.

Será tal facto verdadeiro?

Desejamos, para a honra do clero rio-grandense, que a noticia acima seja destituida de todo fundamento.»

—:

LOUCURA OU OBSESSÃO?—Não por espirito de vaidade, senão com o fim de mostrarmos, mais uma vez, que a maioria, se não todos os casos da chamada loucura, não passa de fortes obsessões, damos publicidade á seguinte carta que nos foi dirigida:

«Barra do Pirahy, 23 de agosto de 1905.

Meu caro e venerando Baturá.

Com as mais fraternas saudações te envio um abraço.

Nós, os espiritas daqui, temos crimosamente silenciado um facto da maior importancia para o Espiritismo, e altamente consolador para ti, que, com tanto amor, te tens dedicado a alliviar os soffrimentos de teus irmãos.

Eis o caso:—Lembras-te da Josepha? daquella infeliz irmã louca, que, durante mais de dois annos, em constantes lamentos, percorria as ruas desta cidade, arrancando os cabellos? Lembras-te? —Coitada! Tinha já a nuca inteiramente desnudada; e os cabellos que, ainda lhe restavam, cortados curtos e desgrenhados.

Sempre a chorar, sempre a gemer, sua esqueletica figura causava dó!

Pois bem; depois de terem seus parentes recorrido a varios

rializados sejam espiritos, mas o que posso certificar, por experiencia, é que elles não pertencem a este lado da vida. Elles vêm do espaço e para lá voltam.»

Na biographia de Eglington por J. Farmer, ha esta curiosa narrativa de Miss Glyn:

«Assisti, diz ella, a diversas sessões de materialisação em casa de amigos; mas só fiquei realmente convencida no dia em que me foi possível ter em minha casa uma sessão a que assistiram meu pae, meu irmão e um amigo, *todos tres não espiritas*. Baixamos a luz, mas de modo a vermos-nos mutuamente. (Eglington estava no meio delles, ponto digno de ser notado). Eglington cahiu em *trance* (lethargia) e cinco ou seis minutos depois, ficamos muito impressionados, ao distinguirmos uma fôrma nebulosa passar entre Eglington e eu. Meu pae reconhecendo a figura como sendo a de minha falecida mãe, exclamou: «Sois vós mesmo?» «Sim, respondeu a fôrma.» Enquanto nós a observavamos, outra fôrma menor veio collocar-se entre a primeira fôrma e mim, e por diversos signaes caracteristicos e intimos reconheci que era um irmão que tinha morrido doze ou treze annos antes. Vendo estas duas fôrmas, e ao mesmo tempo Eglington que se achava perto de mim e cujas mãos estavam seguras, era-me impossivel não ficar convencida da realidade do phenomeno. As fôrmas desappareceram como esfumadas no ar.»

Ainda com Eglington:

«Em uma sessão em casa do Sr. Macdougall Gregory, o *medium* estando seguro por duas pessoas, uma fôrma elevou-se do soalho; era maior que a do medium e envolta em um manto branco. Subitamente a fôrma apagou-se e desappareceu, tendo sem duvida esgotado a força fluidica que lhe permittia mostrar-se. Eglington estava desta vez tambem no meio dos assistentes, que todos viram a fôrma.»

Em uma sessão a que assistiram o capitão James, os Srs. F. Collingwood, B. Marwson, Cutle, Dr. Carter Blake e M.me Tennyson, em 1877, Eglington mostrou-se junto da fôrma materialisada que era uma grande figura morena. Por fim, «a fôrma pareceu fundir-se no corpo do medium e unir-se-lhe na altura do peito.»

«Immediatamente depois, diz o Dr. Blake, penetrei no gabinete e verifiquei que Eglington estava bem adormecido, examinando eu com cuidado os minimos detalhes; por isso considero esta sessão muito notavel.»

Reproduzimos em seguida um documento de valor consideravel. E' de Russel Wallace, o celebre naturalista, um dos chefes do Transformismo.

«Sei, diz Wallace, que o espirito que se denomina *Abdulah* apparece sem que se possa suppor haver fraude. Eu o vi em uma casa particular, onde Eglington deu uma sessão em presença de vinte pessoas. Suspenderam uma cortina a um canto do aposento occupado pelos assistentes e Eglington sentou-se por detraz da cortina. (Elle não podia mover-se sem ser visto por todos). *Abdulah* appa-

receu vestido de branco tendo os pés nus calçados de sandalias e um grande turbante; chegou a um pé de distancia de mim e pude examinal-o, porque o gaz só estava a meia luz. Logo depois, a fórma desapareceu atraz da cortina onde se achava Eglington *de roupa preta e em trance* (lethargia) sobre uma poltrona. Quando Eglington despertou, decidiu-se que elle seria revistado, a fim de saber-se se elle trazia consigo os meios de phantasiar-se. Isto pareceu desgostar Eglington, mas elle consentiu. Dous de meus amigos e eu fomos escolhidos para a investigação. Começamos por examinar as paredes, o tapete, etc., no lugar em que estava Eglington; depois conduzimol-o para o quarto de dormir onde o puzemos nu. Cada peça de seu vestuario passou por nossas mãos e foi revistada e examinada com cuidado. **NÃO ENCONTRAMOS ABSOLUTAMENTE NADA.** O turbante, as sandalias, a tunica branca, tinham desaparecido com a fórma de *Abdulah*.

O sabio naturalista prosegue opinando que as materialisações podem constar tambem do duplo do medium, isto é, da exteriorisação de seu corpo psychico. E' isto que denominamos bicorporeidade. Este phenomeno pode levar um profano a suspeitar do medium. Referindo-se á fraude termina Wallace:

«De certo que ha falsos mediums, porém as pessoas que tiverem a pretensão de desmascarar os verdadeiros mediums só chegam a um resultado *provar sua ignorancia.*» (*Erny — Pe. Esp.*)

(Continúa)

(Cuyabá).

Traumer

« O PAPA E O ANTICHRISTO »

Numero de exemplares já vendidos e publicados	1,336
Fizeram mais os seus pedidos os seguintes srs.:	
Rozendo Fernandes, nesta capital,	1
Reinaldo Ferreira dos Santos, Carolina, Maranhão,	5
Francisco Soares de Almeida, Conquista, Bahia,	3
Diogenes Marcellino dos Santos, Jaboatão, Pernambuco,	10
José Selles, Ribeirão Preto, neste Estado,	50
Francisco de Paula Teixeira, Capital Federal,	1
Braziliano Senna Campos, Goyana, Pernambuco,	10
Casimiro Cunha, Vassouras, Estado do Rio,	5
Manoel Leal Ferreira, Petropolis, Estado do Rio,	13
Leandro Francisco Gomes, Tres Corações, Minas,	10
Elesbão Correia Lobão, São Luiz, Maranhão,	3
Manoel de Barros, nesta capital,	1
Prof. Belegard Marinho, Lapa de Capivary, E. do Rio,	2
Gregorio Martins, nesta capital,	1
Cairbar S. Schutel, villa de Mattão, neste Estado,	5

Typ. Espirita.

*Juys Sapientia Nova
Sociedade Renascença
Carnalho
Nº 1
Rio de Janeiro*

VERDADE E LUZ

REVISTA QUINZENAL DE ESPIRITUALISMO SCIENTIFICO

*Sem caridade não ha
salvação.*

*Nascer, morrer, renascer
ainda e progredir sem-
pre. Tal é a lei.*

S. PAULO

BRAZIL

Anno XVI

30 de Setembro de 1905

N. 368



COLLABORADORES DIVERSOS

REDACÇÃO E OFFICINA

RUA ESPIRITA N.º 28.



O PENSAMENTO.

A verdadeira força do homem é o pensamento.

O pensamento é creador. Como o pensamento eterno arroja incessantemente ao espaço os germens dos seres dos mundos, tambem o pensamento do escriptor, do orador, do poeta, do artista faz brotar uma perenne floração de ideias, de obras, de concepções que vão actuar, para bem ou para mal, consoante a sua natureza na immensa turba humana.

Grande, tremenda e sagrada é, pois, a missão dos operarios do pensamento.

Grande e sagrada, porque é o pensamento que dissipa as sombras do caminho, resolve os enigmas da vida e traça a senda da humanidade, a sua chamma é que reacquece as almas e illumina os páramos da existencia.

Não menos é tremenda, porque seus effeitos são poderosos para a queda como para a ascensão; porque, cedo ou tarde—pela força da lei de repartição e equilibrio que rege o universo—toda obra reverte a seu auctor com suas boas ou más consequencias, trazendo a este, segundo o caso, padecimentos, vexames, provações de liberdade ou, ao revés, exaltações, incremento, elevação de seu ser.

A presente vida mais não é que um episodio de nossa longa historia, um fragmento da extensa cadeia das existencias que, para todos, se estende através a immensidade dos tempos e dos espaços. E constantemente estão a cair sobre nós, em negrumes ou clarões, as results de nossas obras. A alma humana sem parar corre sua via, circumdada de athmosphera radiosa ou escura, povoada das creações de seu pensamento. E na vida ultraterrena cifra-se nisto a sua gloria ou a sua vergonha. Certo é que a morte não passa de uma mentira; a vida tem duas fórmulas, ora clausurada no carcere de carne, ora expandida na livre amplidão; dois aspectos tem ella, mas não tem fim.

..

Para dar ao pensamento toda a força e elação, ne-

nhum exercicio é mais salutar do que o estudo dos eternos problemas, a sublimação para a fonte de infinita belleza onde se resumem todas as bellezas; ahí é que o pensamento se retempera e recebe as vastas, as fecundas inspirações.

Para bem exprimir, é mister potentemente sentir; e para libar as sensações altas e profundas, é forçoso remontar ao manancial supremo donde flue toda a vida, toda a harmonia, toda a belleza.

O que ha nobre e elevado no dominio da intelligencia emana de uma causa eterna, viva e pensante. Quanto o pensamento mais se ala a esta causa, tanto as claridades entrevistas são mais radiosas, as alegrias mais intensas, as forças mais possantes e geniaes, as inspirações mais sublimes! E depois de cada surto, o pensamento volta mais pujante e illuminado ao campo terrestre, para reatar a tarefa pela qual elle se irá engranecendo, porque é o trabalho que faz a intelligencia, como é a intelligencia que procria a belleza, o esplendor do trabalho concluido.

Levanta o olhar, oh poeta, oh pensador! Solta o teu brado de aspiração, de prece! Ante o mar que variamente se achamalota, ao aspecto das longes cumiadas ou do infinito estrellado, nunca te invadiu o extase, nunca tua alma se afundou em divino devaneio, quando vem a inspiração, possante como um relampago, rapida mensageira do céu á terra?

Escuta! nunca ouviste resoar-te no intimo harmonias estranhas e confusas, borborinhos do mundo invisivel, vozes da sombra que te embalam o pensamento e o preparam para as intuições supremas?

Em todo o poeta, artista ou escriptor ha germens de medianidade, inconscientes, desconhecidos, e que estão por desabrochar. Por elles é que o obreiro do pensamento se relaciona com a fonte inexgotavel e recebe a sua parte de revelação, revelação de esthetica apropriada á sua natureza, á sua indole, e que lhe cumpre exprimir em obras que insinuarão na alma das multidões uma vibração das forças divinas, uma radiação das eternas verdades.

Na comunicação frequente e consciente com o mundo invisível hão de os genios do futuro haurir os elementos de suas obras. Em nosso tempo, a penetração dos segredos de sua dupla vida já está offerecendo ao homem soccorros e luzes que as religiões moribundas já lhe não podem prestar. Em todos os dominios a ideia espirita vae fecundar o pensamento em trabalho.

A sciencia lhe deverá uma renovação completa de suas theorias e methodos. Ella lhe deverá a descoberta de forças incalculaveis e a conquista do universo occulto.

A philosophia adquirirá nella um conhecimento mais extenso e preciso da personalidade humana, que, no *trance* e na exteriorização, se mostra sob aspectos ignorados. E' uma quasi crypta que se abre, cheia de coisas estupendas, e onde está escondida a chave do mysterio do ser. Esse mysterio não ha desvendal-o senão pelo estudo attento dos enigmas de nossa natureza, pelo estudo de nossas duas fórmãs alternantes de existencia, as quaes uma á outra se completam e equilibram, necessarias por igual á educação e ao aperfeiçoamento da alma.

As religiões do futuro acharão no espiritismo as provas da sobrevivencia e as regras da vida no além-mundo, e ao mesmo tempo o principio de uma communhão estreita das duas humanidades, visivel e invisivel, unidas em sua ascensão para o Pae commum.

A arte, sob todas as fórmãs, descobrirá nelle mananciaes inexgotaveis de inspiração e emoção donde surgirão numerosas obras impereciveis.

O homem do povo delle extrahirá em seus desalentos a coragem moral e as consolações que adoçam o cumprimento de sua tarefa, e o animam na preparação do futuro. Elle comprenderá que a alma se engrandece tanto pelo mister humilde quanto pelo alto labor, e que nenhum dever é descuravel; que a inveja é irman do odio e que, muita vez, o homem é menos feliz no luxo do que na mediania.

Nelle o potentado aprenderá a bondade, e ao mesmo tempo o sentimento da solidariedade que nos vincula á

terra através nossas vidas, e pode coagir-nos a renascer em baixa condição para adquirirmos virtudes modestas.

Nelle o sceptico achará a fé; o descorçoado, as longas esperanças e as fortes resoluções. A quantos padecem se patenteará que uma lei de justiça preside a todas as coisas; que dominio, effeito sem causa, parturição sem dor, victoria sem combate, triumpho sem rudes esforços, nunca os houve; mas que acima de tudo reina uma sensação perfeita e majestosa, e que ninguem é abandonado de Deus, de quem todos somos parcelas.

Assim se operará lentamente a renovação da humanidade, inda tão joven e ignorante de si, mas cujo esforço cresce cada dia para a comprehensão de sua tarefa e de seu fim, ao passo que se lhe amplia o campo d'exploração e a perspectiva de um futuro sem termo, illuminado de luz eterna. Eil-a a adeantar-se já, mais consciente de si e de sua força, entresonhando o seu fulgoroso destino. Transposto cada estadio, recresce-lhe a ancia de ir ávante; sentindo chammejar a tocha que em si tem, vê ralearem as trevas, solverem-se os escuros enigmas e vivamente alvejar o caminho. Com as sombras esvaeem os preconceitos, os erros, os fantasmas da superstição, os vãos terrores; dissipam-se as contradicções apparentes do universo e a harmonia rege nas almas e nas coisas. Então, cheio de confiança e alegria, o homem sente dilatarse-lhe o pensamento e o coração. E de novo vae caminho das edades afóra, trabalhando a sua obra infindavel. Certo é que ao elevar-se para um ideal novo, a humanidade presume ter attingido o supremo ideal; realmente não attinge mais do que a crença ou o systema que convém a seu grau de evolução. De cada surto, de cada esforço, nascem-lhe, porém, felicidades e forças novas, e ella acha a recompensa de seus labores e angustias no proprio labor, na alegria de viver e progredir, que é a lei dos seres, em uma communhão mais intima com o Universo, em uma posse mais plena do Bem e do Bello.

Escreptores, poetas, artistas obreiros do pensamento, vós, cujo numero augmenta todos os dias, cujas obras se multiplicam e sobem como um vagalhão, obras alguma vez bellas pela fórma, mas fracas pela base, superficiaes e materiaes, quanto talento desperdiçaes por causas mediocres! Quantos esforços malbaratados ou postos a servirem ruins paixões, voluptades baixas ou interesses vis!

Agora que se desenrolam vastos e formosos horisontes, abre-se de par em par o livro maravilhoso do universo, e o Genio do pensamento vos convida a tarefas portentosas, a obras cheias de seiva, fecundas para o adiantamento da humanidade, andaes vos dando a estudos estereis e pueris, a trabalhos em que a consciencia se arruína, em que a intelligencia rasteja no culto exagerado dos sentidos e dos instinctos impuros.

Quem de vós dirá a vasta epopéa da alma, luctando pela conquista de seus destinos no cyclo immenso das edades e dos mundos; suas dores e alegrias, seu cair e reerguer, a descida aos báratros da vida, as ascensões, os remigios, o triunfo final na luz, as immolações, os holocaustos que são um resgate, uma elevação, as missões redemptoras, a participação crescente nas obras divinas?

Quem dirá as poderosas harmonias do universo, harpa gigantesca vibrada pelo pensamento de Deus, o cantar dos mundos, o rythmo perenne que embala a génese dos astros e das humanidades?

Ou a lenta elaboração, a dolorosa gestação da consciencia através os estadios inferiores, a construcção trabalhosa de uma individualidade, de um ente moral? Quem dirá a conquista da vida, cada vez mais plena, mais ampla, mais alta, mais alumjada pelos raios do alto, o subir culminancias após culminancias, á busca da felicidade, do poder e do smor puro? Quem dirá o trabalho do homem, luctador immortal, elevando por entre dores, angustias e lagrimas o edificio harmonioso e sublime de sua personalidade pensante e consciente?

Não sabemos, respondam. E perguntam-me: essas coisas, quem nol-as ensinará?

Quem? As vozes interiores e as vozes de além-mundo! Aprendei a abrir, a folhesr, a ler o livro mysterioso que em vós está escondido, o livro das metamorphoses do ser. Elle vos dirá o que tendes sido e o que sereis; vos ensinará o maximo dos mysterios, a creação da individualidade pelo esforço constante, a acção soberana que no pensamento silencioso faz germinar a obra e, segundo vossas aptidões, vossa especie de talento, vos fará pintar os quadros mais bellos, esculpir as fórmas mais ideaes, compor as symphonias mais ronorosas, escrever as paginas mais bellas, realizar os mais bellos poemas.

Tudo ahi está, em vós, entorno de vós! Tudo fala, tudo vibra, o visivel e o invisivel, tudo canta e celebra a gloria de viver, a ebrizeza de pensar, de criar, de associar-se á obra universal. Esplendores dos mares e do céu estrellado, majestade dos cimos, perfumes das

flores, effluvios e raios, susurros mysteriosos das florestas, melodias da terra e do espaço, vozes do invisivel que falam no silencio da noite, vozes da consciencia, eco da voz divina, tudo é ensino e revelação para quem sabe vêr, escutar, comprehender, pensar, agir!

Aliás, acima de tudo, a Visão Suprema, a visão sem formas, o Pensamento increado, verdade total, harmonia final das essencias e das leis que desde o fundo de nosso ser até a mais longe estrella tudo e todos vincula em sua unidade resplendente. É a cadeia da vida, que se gradeia e dilata pelo infinito, cadeia das potencias invisiveis que conduzem a Deus as supplicas do homem pela oração, e ao homem a respecta de Deus pela inspiração.

E, para terminar, uma ultima pergunta. Porque, em meio ao immenso labor e á enorme producção intellectual que caracteriza o nosso tempo, porque tão poucas obras poderosas e concepções geniaes? Porque cessámos de ver as coisas divinas pelos olhos da alma! Porque cessámos de crer e cessámos de amar!

Remontemos, pois, ás fontes celestes e eternas; é o unico remedio á nossa anemia moral. Voltemos o pensamento para as coisas solennes e profundas. Esclareça-se e complete a sciencia pelas intuições da consciencia e pelas faculdades superiores do espirito.

Ser-nos-á de grande auxilio o espiritualismo moderno.

LÉON DENIS.

(Revue Spirite).

FACTOS.

XXII

Os phenomenos de materialisação têm sido observados em todas as suas phases, mas continuam inexplicados. Sabe-se apenas, que o material para fabrico da fórma, sae do organismo do medium e dos assistentes. Em geral estas sessões são dirigidas por um ente que se mostra frequentemente materializado e que os inglezes denominam *control*.

Dos mediums experimentados na Europa, os mais notaveis para este genero de manifestações têm sido: Miss Showers, Arthur Colman, Miss Guppy Volckman, Miss Florence Cook, sua irmã Miss Katie Cook, Miss Katie Fox, Miss Lotie Fowler, W. Fletcher, Eglinton e M.me d'Eperance, sendo os dois ultimos muito poderosos.

Nos Estados Unidos são vulgares os mediums poderosos.

Para os factos de M.me d'Esperance indicamos o livro — «*No Pais das Sombras*» traduzido do inglez e que é uma autobiographia da celebre mulher.

O illustre Alexandre Aksakoff acompanhou durante vinte annos

as experiencias de Mme d'Esperance, e, a respeito de uma só das sessões, elle escreveu um livro que está vertido para o portuguez — *Um Caso de Desmaterialisação Parcial*

Vamos citar algumas experiencias de Eglinton testemunhadas por Fl. Marryat e por seu marido o coronel Lean.

Dia 5 de Setembro de 1884. "O circulo compunha-se dos Srs. Stewart, coronel Winck, Russel Davies, cada um delles com sua esposa, Sr. Morgan, coronel Lean e eu, e teve logar na residencia de Eglinton, na rua Quebec.

"Tomamos logar na sala da frente, com um bico de gaz acceso, e, depois de bem fechadas as portas, Eglinton foi para o quarto contiguo separado da sala por uma cortina."

As primeiras fórmas que appareceram foram as de um homem alto, robusto, escuro e de uma mulher do mesmo typo que não foram reconhecidos. Quando estas duas figuras se retiraram, entrou um homem baixo, e leve que caminhava ao redor do circulo de maneira particularmente embaraçada. O coronel Lean convidou-o a apertar-lhe a mão, o que elle fez de modo tal, que quasi o derrubou da cadeira. O Sr. Stewart recebeu prova identica de sua força muscular. "Quando lhe roguei que me prestasse attenção, elle comprimia firmemente minhas mãos."

Desapparecendo este personagem, entrou "*Abdulah*", fórma muito assidua nas sessões de Eglinton

"Em seguida, entrou minha filha Florence, moça de 19 annos, de apparencia muito delicada e affectuosa. Ella adeantou-se duas ou tres vezes bastante perto para tocar-me com a mão, porém parecia receiosa de approximar-se mais. Pouco depois ella veio arrastando Eglinton. Este estava em profunda lethargia, respirando com difficuldade, porém Florence segurava-o pela mão e trouxe-o para meu lado; abi elle retirou minhas mãos das de meus vizinhos lateraes e pondo-me de pé, collocou minha filha em meus braços. Enquanto estavamos enlaçadas no abraço, minha filha segredou-me algumas palavras relativas a assumpto só conhecido de mim e de mais ninguém, e encostou minha mão sobre seu coração para que eu sentisse bem que ella era uma mulher viva. O coronel Lean pediu-lhe que se chegasse a elle. Ella quiz e não conseguindo, retirou-se por detraz da cortina para ganhar força; apparece pela segunda vez com Eglinton e mandando o coronel Lean approximar-se, abraçou-o. Esta é uma das mais perfeitas experiencias, onde o espirito materializado foi visto juntamente com o medium por dez pessoas em plena luz de gaz. A seguinte materialisação que appareceu foi para o Sr. Stewart. Este cavalheiro era recém-chegado da Australia e desconhecido de Eglinton. Logo que elle viu a fórma de mulher accendendo-lhe da porta, exclamou: "Meu Deus! Paulina!" com tão genuina convicção, que não se podia enganar. Então, o espirito segredou-lhe qualquer coisa, e, lançando os braços em redor de seu peço, beijou-o affectuosamente,

Outra apparição, a setima que se mostrou, era a de uma creança de dois annos presumiveis, que caminhava empurrando uma cadeira. Eu abaixei-me e tentei conversar com o pequerrucho, mas elle berrou furiosamente e, como que assustado por se achar no meio de extranhos, foi-se embora. A attenção do circulo foi distrahida vendo surgir entre as cortinas "Ab-lulah", que permaneceu de pé com a creança á nossa vista, enquanto, ao mesmo tempo, Eglington mostrou-se entre as duas fórmas."

No dia 27 do mesmo mez, teve logar outra memoravel sessão dada por Eglington, estando presentes Miss Wheeler, Srz.: Woods, Gerden, Sandeman, o coronel Lean, Miss Florence Marryat, sua filha Eva e seu filho Franck.

Entre as fórmas materialisadas appareceu uma de extrema semelhança com o Sr. Woods, trazendo na mão uma clarineta de ebanho. O Sr. Woods reconheceu ser seu irmão e disse que elle havia sido excellente musico e tinha ganho uma clarineta exactamente igual áquella em um concurso. Outra figura trigueira entrou, e, sendo considerada um beduino, conversou em lingua do hindustão com um dos presentes para indicar o engano.

Finalmente «Joey» (control de Eglington), annunciou que ia mostrar, cousas mais extraordinarias, isto é, como se fabricavam as materialisações. «Eglington appareceu em *trance*. Entrou na sala andando de costas como se estivesse luctando com o poder que o attrahia, de olhos fechados, com a respiração difficil. Quando elle parou, firmando-se em uma cadeira, uma massa aerea como nuvem de fumaça de cachimbo foi vista sahindo do seu quadril esquerdo, e suas pernas illuminaram-se com lampejos de alto a baixo, e uma nevoa branca contornou sua cabeça e hombros. A massa augmentou, sua respiração ficou mais anciosa, enquanto mãos invisiveis puchavam os floccos de nevoa de seu quadril em longas tiras que se amalgamavam tão depressa eram formadas, e cahiam no solo para ser substituidas por outras. A nuvem tornava-se gradualmente mais espessa, e nós seguimos avidamente o processo, quando, em um abrir e fechar de olhos, a massa tinha-se evaporado, e uma figura perfeitamente formada estava ao lado d'elle. Nenhum de nós sabe dizer *o modo pelo qual* a fórma se ergueu no meio do circulo, nem o instante em que veiu; mas *ella estava alli.*» (Fl. Marryat.—"*There is no death.*")

Isto é mais ou menos o que tem sido presenciado em experiencias deste genero, quando o medium é bastante forte para que o phenomeno se desenrole em plena luz e no meio dos assistentes cheios de assombro. Eglington repetiu isso muitas vezes e não citaremos outras experiencias d'elle para não cançar o leitor.

Com M.me d'Esperance os phenomenos são identicos.

Hoje, dizer que isto é phantasia é confessar que não se lê nada. A duvida para alguns incredulos que se convenceram dos phenomenos, está na causa que elles "*ainda não consideram provada.*"

Só os theologos é que julgam poder affirmar que a *causa é o diabo*. Mas com que fundamento? Com o das Escripturas? As Escripturas confirmam todos os phenomenos. Com a opinião dos concilios, do Bispo de Poitiers e outras? Isto será um fundamento para quem acreditar na infallibilidade de homens mais falliveis do que os outros, porque são apaixonados e dogmaticos. Pelas objecções que lemos em pastoral e em livros que possuímos de mais follego, contrarios tambem ao estudo do psychismo, estamos cada vez mais convencido de que os antagonistas em lugar de recorrerem á discussão, á analyse e ás provas, se julgam auctorisados a governar a intelligencia humana pelos mesmos processos que usavam outrora, com o carcere e a fogueira de menos. Não falamos senão em regra geral, porque temos provas impressas da competencia de padres catholicos nos assumptos de que estamos tratando. O padre Dalgairn (inglez da congregação do Oratorio), o conego Brocca, francez, e outros podem discutir e emittir a opinião sobre quem seja o agente dos phenomenos. Mas é preciso, como elles, *saber* uma coisa para sobre ella discorrer, e não vir com decisões de assembleias obedientes e prelados disciplinados, que só podem valer pela sciencia que encerram e não pela auctoridade que representam.

Em dois paizes do mundo o catholicismo foi por seculos soberano: em França e na Hespanha; em dois outros elle era ha poucos annos uma minoria insignificante, na Inglaterra e Estados Unidos. Hoje tem progredido nas duas ultimas nações e perdeu completamente o terreno (leia-se o prestigio) nos dois primeiros.

Sabem porque? Porque o clero contrariava a liberdade de consciencia na França e na Hespanha onde era omnipotente, e tem feito proselytos onde sem apoio governamental tem de dar exemplos, discutir e convencer.

As velhas armas do catholicismo intolerante já fizeram seu tempo. Actualmente está firmado o direito de raciocinar que a Egrejá negava ao homem. Se não fosse a conquista deste direito, as descobertas scientificas estariam ainda por fazer, porque a Biblia, os papas e os theologos decretavam serem impiedade e heresia todas as conquistas no campo da astronomia, da physica e da geologia.

A demonologia é a filha mais velha da theologia.

Finalmente, admittir-se que Deus Creador, Pae e Suprema Equidade, fique no Céu distante, sentado em seu throno, cercado de anjos tocando harpas e tenha soltado no mundo milhões de demônios ferozes e fortes contra o genero humano que elle creou desarmado e fraco, se não é um formidavel debique á humanidade «é um insulto á eterna sabedoria e á eterna misericordia, da Providencia Divina.» Em todo caso, é um carapetão gasto, e manda a verdade que se diga, invenção muito sem gosto, e sem originalidade, salvo melhor opinião.

Cuyabá, Matto Grosso,

(Continua).

Tranmer.

Instituição Christan Beneficente

« VERDADE E LUZ »

O abaixo assignado, director desta Instituição, pede aos Snrs. agentes desta Revista que, a bem da Causa, se dignem promover não sómente a cobrança das assignaturas do corrente anno, mas ainda angariar maior numero de assignantes para o futuro anno de 1906.

Incumbe outrosim aos mesmos Snrs. agentes de angariarem socios para a Instituição, aos quaes será licito concorrerem com a quantia de cem rs. para cima. Todos os que contribuirem mensalmente com a importancia de 300 rs., terão direito de receber, gratuitamente, em papel commum, a Revista da associação; receberão em papel superior todos os que concorrerem com 500 reis por mez. Como se vê, são quantias assaz diminutas, que não farão falta a ninguem, mas que poderão trazer grande beneficio aos que della necessitam para o seu sustento, vestuario, educação, e tratamento medico.

A Instituição está com um alcance de cerca de dous contos, mas o director espera que o Bom Pae ha de inspirar aos seus esforçados agentes para que ponham todo o empenho em promover a cobrança das assignaturas em atrazo, de maneira que o alludido deficit ha de ser brevemente coberto.

ANTONIO GONÇALVES DA SILVA BATUIRA.

O Espirito Consolador.

XVII EFFUSÃO

OS ABYSSOS EXPIATORIOS.

(Continuação)

Assim é a imagem da alma humana, do « bago ou grão espirital, » através o incommensuravel alambique dos mundos. A alma pura e boa é a uva madura que pode entrar no lagar; a outra grosseira ou má é a uva verde cuja acidez o estragaria. O que é pois a boa sociedade terrestre? E' a reunião de almas capazes de se fundirem na ordem e na justiça, pelo dever. Quaes são os monstros que essa sociedade expelle de seu seio pelo exilio ou pela morte? são os bagos verdes que teimam em conservar toda a acidez do vicio. Um cacho de uvas pode bem representar, no romance da nossa sociedade contemporanea, a familia *Thenardier*. Subi um degrau e encontrareis uma humanidade superior á nossa humanidade terrestre,

Supponde agora um mundo em que Anna passe como má e onde Newton passe por ignorante: ahí teremos um vinho de melhor qualidade, pois que o melhor de nós precisaria ainda amadurecer para poder nelle encorporar-se. Com este fim foi que Deus nos collocou na terra e ahí nos deixou. Elle não nos recusa o seu sol, apesar do direito que tem de se queixar, pela voz dos seus prophetas, de que a sua vinha não produz senão fructos acidos, quando devia produzir cachos sazonados e aromaticos.

Nós podemos, portanto, recuar em vez de avançar, decahir em vez de subir; mas o recuo ou a queda não se dá senão no principio da nossa ascenção, quando o instincto tyrannisa ainda a consciencia ou mesmo a afoga.

A alma alcançando um certo grau de perfeição, não pode mais cahir, porque o bem a attrahe como um imán de força irresistivel, devido á luz viva que penetrou nella e aos órgãos purificados que a servem. Imaginae, como exemplo, uma bala de canhão arremessada da terra ao sol: enquanto esta estiver dentro do circulo de attracção da terra, ella tenderá a cahir; porém chegando ao limite que separa a attracção terrestre da attracção solar, ella oscillará um momento entre essas duas forças contrarias; mas vencendo a força do astro rei, ella se precipitará para elle em uma corrida vertiginosa. O mesmo acontece com a alma humana na sua grande ascenção. Durante as suas primeiras provações, ella tende a tornar a cahir; a lucta é temerosa entre a attracção do alto e a de baixo, entre a natureza e a graça. Quasi sempre «o homem carnal» acaba por triumphar do «homem espirital» e o faz cahir. Elevando-se, porém, a alma a um certo grau de altura moral, por seus esforços continuos, ella oscilla entre as duas attracções do bem e do mal, do instincto e da razão, porque ao seu livre arbitrio compete escolher entre essas duas forças quasi iguses. A queda é então ainda possivel; porém improvavel. Emfim chega a hora bendita em que a alma por sua valentia recebe o «baptismo da passagem da linha» e entra na esphera de attracção do sol da justiça e vóa para o foco eterno da luz e do amor. Não cahirá mais, está «confirmada na graça.»

Em confirmação de tudo isto, talvez sejam as palavras mysteriosas do Divino Mestre: «A quem tem se lhe dará, e terá em abundancia; mas a quem não tem se lhe tirará ainda o que não tem.» O espirito pouco adeantado corre o risco de cahir, porque é pobre de virtude; o espirito adeantado progride tanto mais rapidamente quanto mais estiver firme no bem, pelo habito.

Antes de ahí chegar, eu bem sei, muitos succumbem, e essas quedas, Deus meu! são por demais frequentes neste nosso mundo baixo, onde corremos o risco de pizar em viboras e do encontro de scelerados.

Na Nova Zelândia existe uma ilha dentro de um lago, para onde, segundo a lenda do logar, uma rapariga Maorie, se dirigiu nadando, renovando assim a façanha de Leandro, por ter ouvido o

som da flauta de seu amante; ora a flauta que suavemente soava era feita de uma *tibia humana*, descarnada pelos dentes dos cannibae em um de seus festins! Não é isto a imagem viva e lugubre da vida terrestre, onde as lagrimas se mesclam aos risos, onde as alegrias de alguns são tecidas das dores de um maior numero?

Eu não tenho vontade nenhuma de lisongear o nosso planeta, assim como vós; concordo mesmo: que aqui se vêem « infâmias » capazes de fazerem com que se o odeie; não obstante não devemos odial-o e para isso vou acabar contando-vos uma pequena historia.

Dona Maria Henriquez, viuva de João Borgia, Duque de Gandia assassinado por seu irmão, Cesar Borgia, estava em sua sala em Roma, com a sua filha Dona Izabel, quando chegou um monge que lhe participou que Cesar Borgia tinha sido feito prisioneiro por Gonalves de Cordova. Dona Maria exclama: « Meu padre, eu vos pergunto, o que faz na terra uma familia como a nossa? que só serve para a manchar. » Tal foi o horror sentido por sua filha Dona Izabel que sabendo vagamente dos actos, dos gestos do seu tio Cesar e do seu avô Alexandre VI, diz: « O effeito que isto tudo produz em mim é o affastar-me inteiramente, sem odio, de um mundo onde se commettem taes cousas. »

O monge responde assim: « As scções dos homens não duram mais que um relampago, cuja vibração gradualmente amortece e desaparece. O que fica depois, vós sabeis? Fica o eterno esplendor da vida. » A duqueza não se rende, porque ella bem sabe de que antro sahiu. O monge ainda diz: « Para todo o povo de Roma, que ha tantos annos vos admira, a vossa presença só, não será um bem? Quando elle grita com horror « Cesar Borgia! » não diz tambem com as lagrimas de amor nos olhos: « Maria, Izabel Borgia! » Ah! senhora, ah! minha filha, não faltam loucos que, vendo Alexandre VI coberto pela tiara e Savanarola levado ao supplicio, não digam que não ha Deus! E' a mesma cousa que eu dissesse, quando vos contemplo: « Não ha o mal! » Existe o mal, existe o bem, o bem, porém, sobrepuja o mal. »

E' inutil dizer-vos que quando penso em certas almas, cujos perfumes respirei, fico inteiramente de accordo com esse monge eloquente: Soffro, mas espero, e a belleza dos anjos faz com que eu me esqueça da fealdade dos demonios.

(Continúa).

Noticiario.

GRUPO ESPIRITA AMOR AO PROXIMO com séde em Caruarú (Pernambuco). Na citada localidade, acaba de ser organizado, com esta denominação, um grupo que se propõe estudar e propagar activamente o espiritismo e crear ao mesmo tempo uma bibliotheca

circulante, para cuja formação dirige um appello aos bons irmãos pedindo-lhes um auxilio naquelle sentido. E' presidente do grupo o Snr. Paulo Ferruccio; secretario João Romão; thesoureiro J. Gustavo dos Santos.

Que o grupo tenha longa vida, em mares de prosperidades são os nossos sinceros votos.

—:

Associação Espirita Religiosa «DEUS, AMOR E CARIDADE».—E' com a maior satisfação que recebemos a comunicação de haver-se installado em Pelotas (R. G. do Sul), á rua Paysandú n.º 190, uma associação de estudos psychicos debaixo do titulo que nos serve de epigraphe e cuja direcção, nomeada pelos protectores espirituaes, ficou assim constituída: presidente, Anthero Maciel; secretarios, Oscar Gonçalves e Reynaldo Vaz da Silva; thesoureiro, José Joaquim de Almeida e bibliothecario Ricardo Caetano Gomes.

—:

MORAL ESPIRITA EM PRÁTICA.—Folgamos em registar aqui que a irmã *medium Martha* (denominação dada pelos espiritos), da cidade de Laguna (Santa Catharina), que se pode já considerar uma benemerita do espiritismo pelos seus innumerados actos de alta liberalidade para com a causa e para com os necessitados, ao que já debaixo do seu verdadeiro nome nos referimos num dos nossos numeros anteriores, dispendeu com a *Instituição Beneficente Martha*, por ella fundada em Laguna e mantida unicamente á sua custa, segundo se deprehende do boletim que temos á vista, de 1892 até 31 de Agosto do corrente anno, em donativos, em dinheiro, roupas, albergue aos necessitados, festas, bazares e arvores de natal á infancia desvalida, medicamentos, folhetos, doações locais de predios e terrenos, etc., a quantia de 8:655\$000.

—:

NASCIMENTO.—O Ill^{mo} Snr. Aquilino Pinto Ribeiro e sua Ex.^{ma} esposa Snr.^a d. Olinda Cecilia Ribeiro, residentes em Juiz de Fóra (Minas), tiveram a gentileza de participar-nos o nascimento de seu filho João, occorrido no dia 15 de Setembro do corrente anno.

Gratos, enviamos-lhes os nossos sinceros parabens.

—:

PREMIO DO DR. SURVILLE.—Lê-se na *Revue Spirite* de Setembro de 1905: "De accordo com as disposições testamentarias do Snr. Dr. *Survill*e fallecido em Tolosa a 23 de Janeiro de 1905, foi aberto um Concurso entre todos os alumnos diplomados ou não, matriculados na Escola (de Massagem e Magnetismo) desde a sua fundação, para recompensar o pratico—*medico, magnetizador e massagista*—que haja obtido o maior numero de curas pelo magnetismo e pela massagem, com exclusão de qualquer outro meio.

A inscripção dos concorrentes ficará encerrada a 30 de Junho de 1906.

—:

CONFERENCIAS CONTRADICTORIAS sobre espiritalismo.— Havendo um illustrado clinico residente em São Manoel do Paraizo manifestado desejo de travar commoeseo distincto confrade, o Snr. Iealtino Costa, uma polemica pelas columnas da folha local, manifestou o Snr. Costa o alvitre não de manter uma polemica pela folha periodica, o que consumiria um tempo immenso, mas sim por uma serie de conferencias num dos grandes salões daquelle cidade, propondo-se o nosso illustre confrade a dar replica immediata a cada conferencia proferida pelo clinico.

CENTRO ESPIRITA REGENERAÇÃO.— E' com summo prazer que recebemos a communicação de haver-se fundado a 7 de Dezembro de 1904, na adeantada cidade do Recife, á rua Marcilio Dias n.º 43, 3.º andar, a aggremação que se christou com o titulo acima e que se propõe propagar os sublimes principios da nossa doutrina consoladora, fundando ao mesmo tempo uma bibliotheca.

Fazemos sinceros votos para que o Centro *Regeneração* viva vida prospera e longa e promettemos que a nossa obscura revista ha de visitar assiduamente a sua bibliotheca.

RELAÇÃO DAS PESSOAS DE QUEM TEMOS RECEBIDO A IMPORTANCIA DE SUAS ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1905.

Recebemos 3,000 rs. de cada um dos seguintes srs.: Estado de S. Paulo. Jundiahy: Francisco Rodrigues Chagas. Villa de Parnahyba: Antonio Marcondes de Moura. Bebedouro: Theodolino Luiz Pereira, 4\$000, auxilio á Instituição. Ribeirão Preto: José Selles, 10\$000. Santos: José Lino de Andrade, 5\$000. Villa de Mattão: Cairbar S. Schutel, 1\$000, auxilio á Instituição. Capital: Um crente, 5\$000, Antonio Russo, 2\$000. Joaquim Mariano Galvão Bueno, 3\$000, 1906. Itapeperica: Francisco Antonio Cospite, 3\$000, 1906.

Estado do Ceará. Fortaleza: João Samico, Juvenal Galeno, Caetano Mamede, c.el A. Cruz Saldanha, João da Silva Braga, c.el Tiburcio Gonçalves de Paula, Lino Encarnação, Alpheu Ribeiro Aboim, Pedro David Moreira, Demetrio de Castro Menezes, 12\$000.

Estado do Espirito Santo. Villa de Itapemirim: D. Braulina Ferreira da Silva, Silvino Antonio Pereira, Francisco Duarte Ignez, Geovani Marangoni. Chave Satyro: Antonio Raphael de Oliveira.

De diversos Estados. Estado de Santa Catharina. Laguna: Medium Mertha, 5\$000. Estado do Piahy. Parnahyba: Miguel Moreira do Nascimento, 9\$000, auxilio á Instituição. Estado de Minas. Itabira do Campo: Antonio Carlos de Carvalho. Estado do Rio de Janeiro. Cascatinha: Francisco de Queiroz Teixeira, 5\$000, e Candido Dutra da Silveira, 5\$000, de 1904 e 1905.

Novos agentes, no Estado do Rio Grande do Sul. Em Alegrete, o sr. Hilario Simões Pereira; em Taquary, o sr. Sabino A. Cunha Pinto.

LIVROS E FOLHETOS A VENDA NO ESCRITORIO
DA INSTITUIÇÃO CHRISTAN

VERDADE E LUZ

Obras de João Lourenço de Souza

Occultismo e Theosophia, 1 vol. enc. 4\$000

Synonymia das Substancias Chimicas, 1 vol. enc. 4\$000

DE DIVERSOS

Mirétta, 1 vol. cart. 2\$000

Singellos, versos de Casemiro Cunha, 1 vol. 1\$500

O Diabo e a Igreja, folheto 200

O Papa e o Anti-Christo, folheto, em papel superior: 500

em papel commum: 300

Collecções da *Verdade e Luz*, de 1900 e 1901, encadernadas em papel superior 10\$000

Dos annos de 1902 e 1903, idem, 10\$000

Dos annos de 1904 até 15 de Maio de 1905, idem, 8\$000

A direcção desta Instituição se encarrega de mandar vir da Europa, da America do Norte ou das Republicas Hispano-Americanas, sem commissão alguma, qualquer obra relativa ao espiritismo e assumptos congeneres, escriptos em qualquer idioma; assim como tambem se incumbe de remetter, mediante pedido com o respectivo importe, todos os livros publicados em portuguez pelos preços dos seus catalogos, como sejam:

Livro dos Espiritos—Livro dos Mediums—Evangelho
—Ceu e Inferno—Genesis—Obras Posthumas.

Encadernados e livres de porte postal, 3\$000 o volume.

As mesmas obras em brochura, 2\$000 o volume, livres de porte postal.

No escriptorio desta Instituição existe um grande numero de exemplares da *Verdade e Luz*, já publicados, que de bom grado enviaremos a todas as pessoas que desejarem propagar o verdadeiro Christianismo, observadas as seguintes bases: Todas as pessoas que nos enviarem 1\$000 rs., como auxilio á Instituição, terão direito a receber 50 exemplares; as que nos enviarem 2\$000 rs. receberão 100 exemplares, e assim por deante, na mesma proporção.

:—:
• VERDADE E LUZ •

Todos os negocios e correspondencia relativos a esta revista devem ser endereçados a Antonio Gonçalves da Silva Baturá, rua Espirita n.º 28—São Paulo.

Preço de assignatura, em papel superior, 5,000 reis; em papel commum, 3,000, por anno.

Typ. Espirita.

VERDADE E LUZ

REVISTA QUINZENAL DE ESPIRITUALISMO CIENTIFICO

*Sem caridade não ha
salvação.*

*Nascer, morrer, renascer
ainda e progredir sem-
pre. Tal é a lei.*

S. PAULO

BRAZIL

Anno XVI

15 de Outubro de 1905

N. 369



COLLABORADORES DIVERSOS

REDACÇÃO E OFFICINA

RUA ESPIRITA N.º 28.

VERDADES VERDADEIRAS.

O Espiritismo não é uma religião nem um culto, mas, em compensação, é a synthese da moral mais perfeita até agora conhecida. E digo até agora, porque o conceito do moral e do justo, assim como os demais conceitos geraes, são perfectiveis ao infinito. Muitas cousas que no seculo atraz passavam por boas, justas e moraes, são hoje havidas por más, injustas e immorales. Isto indica que ainda hão de ser rectificadas, pelo tempo adeante, muitos conceitos actuaes sobre a bondade e a justiça das leis e dos costumes.

Não sómente não é o Espiritismo uma religião ou um culto, mas ainda vem a destruir todos os cultos e todas as religiões. São as religiões um conjuncto de dogmas revelados e de aceitação forçada, intangiveis e indiscutiveis por emanarem directamente da divindade e por encerrarem a verdade absoluta. Por isso todas as religiões são absolutas, intransigentes e immodificaveis. Todas ellas jazem fechadas a toda a discussão; respondendo aos argumentos dos seus detractores com anathemas e excommunhões, quando por impotencia não podem appellar para a perseguição e para o tormento.

O Espiritismo racionalista, como eu já disse, vem destruir todas as religiões, porque, admittindo a revelação como um facto natural e frequente, nega a ordem sobrenatural e afirma que a alludida revelação não pode traspasar nunca os limites do contingente relativo, por ser obra de seres relativos e imperfeitos, mais ou menos sabios, mais ou menos bons, porém sujeitos á limitação, accrescendo-se que, se por um meio qualquer, fosse possível que a verdade e o bem absolutos fossem revelados ao homem, tal revelação tornar-se-hia inutil, porque essa verdade e bem absolutos seriam incomprehensiveis para o ser humano, em cujo limitado continente não pode caber o infinito conteúdo divino. Ficariamos deslumbrados e cegos, como nos cegaria a luz do sol recebida a curta distancia.

Nestas considerações logicas e racionaes se funda o

Espiritismo ao afirmar que não pode haver dogmas indiscutíveis, que não ha o direito de impôr dogmas sem analysal-os e que todos os principios de verdade e de bem actualmente admittidos são susceptíveis de modificação no sentido de maior amplitude e desenvolvimento.

Por isso o Espiritismo, ao envez das religiões, é por sua natureza eclectico e progressivo, aceitando o verdadeiro e o bom segundo o conceito actual, mas perfeitamente disposto a aceitar toda a modificação em sentido progressivo.

O character eclectico e progressivo do Espiritismo faz que, em vez de rejeitar a discussão, a busque desassombradamente, vindo em ordem e pacifica, pois que entre as *verdades verdadeiras* não pode haver repugnancia nem antithese, já que o verdadeiro na ordem scientifica é o bem na ordem moral e vice-versa.

Tambem tende o Espiritismo a destruir todos os cultos, afirmando que o cumprimento do dever não consiste na pratica de tal ou qual formula, de tal ou qual rito propostos como indispensaveis e precisos. Não; o dever, segundo esta philosophia, não consiste na execussão desse incontavel numero de actos que as diversas religiões impõem, actos naturaes para os crentes de cada uma das referidas religiões, mas extravagantes e absurdos para os fleis das outras, sendo completamente indifferentes para o philosopho. O bem consiste na pratica de actos que promovam o bem-estar moral e material do individuo e da collectividade. E' este o dever bem entendido.

Facilmente se reconhece que para o cumprimento deste dever não se necessita de imagens, nem de altares, nem de cathedraes, nem de pagodes e de mesquitas, nem de ministros especiaes. Na vida ordinaria, no commercio continuo, nas relações diarias com os demais homens, é onde se offerece campo amplo para pratical-o, e o seu ministerio é obrigatorio e commum a todos os homens na medida da sua capacidade.

As verdades que integram o espiritalismo racional são tão transcendentales que, ao seu influxo, os conceitos de bondade, justiça, dever, auctoridade, etc., ficam com-

pletamente modificados. A ethica que de taes verdades se desprende é muito mais pura e elevada em comparação com a moral corrente. A justiça converte-se em misericordia, o delinquente em enfermo, a pena infamante em correctivo paternal, e os carcerees e presidios em casas de saude, onde com boa hygiene, physica e moral, se lograriam numerosas e sorprendentes curas.

Mais sublimada a noção fundamental do direito, no dia em que as verdades espiritalistas influirem na legislação dos costumes dos povos, muitos direitos particulares actualmente considerados como intangiveis e sagrados desapparecerão por absurdos e deshumanos, para darem logar á implantação e reconhecimento de outros direitos havidos agora por utopicos e dissolventes.

A auctoridade tão buscada actualmente e que soe produzir vertigens de vaidade até nas pessoas mais formaes e serenas, será considerada como uma carga muito pesada, já que em vez de attender ao brilho e esplendor que á auctoridade acompanha, só se mirará na responsabilidade que leva apparelhada.

Sem chegarem á chimerica igualdade absoluta, pois em a natureza não ha duas cousas iguaes, desapparecerão debaixo da influencia do amor as irritantes e deshumanas desigualdades que actualmente existem.

Um direito e um dever serão communs a todos os homens constituindo os fundamentos do organismo social vindouro. Taes são: *o direito á vida e o dever ao trabalho.*

O direito á vida e ao seu desenvolvimento nos aspectos intellectual, moral e physico, é sagrado; portanto quem directa ou indirectamente attenta contra o exercicio deste direito natural, incorre numa falta grave, com sanctão effectiva perante a justiça eterna, como igualmente commette um delicto aquelle que não contribue com as suas aptidões para o bem-estar geral.

Ruirão por terra com o tempo e mediante as luzes da nova philosophia as aristocracias do sangue e do dinheiro, que hão de ser substituidas pelas unicas nobrezas dignas de respeito: a da sabedoria e a da bondade. Por muito que a humanidade progrida, por mais que se am-

plifique o criterio democratico da igualdade, os bons e os sabios hão de ser sempre objecto de certa consideração maior e de respeito sem que isso signifique servilismo nem soberba por uma e por outra parte.

Tal é a politica e a religião que o Espiritismo offerece aos homens. Religião leiga, sem reliquias nem ministros, e politica que poderíamos chamar religiosa, já que fundando-se na moral mais severa, seus fructos haveriam de ser forçosamente de paz, de amor e felicidade.

E' sabido que principios iguaes ou com estes parecidos são propagados activamente por sociologos eminentes. Como, porém, taes systemas se offerecem com o pé forçado do materialismo, parece-me que o seu triumpho será muito difficil, e que, se chegar a triumphar, em vez de ser elemento de geral bem-estar, seria motivo de innumeradas calamidades e de luctas crueis e deshumanas, porque o materialismo não offerece base racional ao dever e, faltando o dever, não pode haver direito algum reconhecido e garantido.

A philosophia materialista tende, por sua propria natureza, a fomentar o egoismo e a concupiscencia. Limitando a existencia humana ao curto periodo de tempo que estamos na terra, a actual vida adquire uma importancia capital, suprema, é o objecto primordial de nossos afans, o interesse superior que nos domina, buscando e empregando todos os meios conducentes a conseguir que a mencionada existencia seja o mais commoda e prazenteira possivel.

Eis aqui a verdadeira moral materialista: *viver muito e viver bem, custe o que custar*; tal é a formula. E' isto precisamente o que em todas as partes observamos agora que o materialismo é quasi dono das consciencias por haverem-se desmoronado, aos impulsos da sciencia, os dogmas religiosos. A lucta pela existencia é o fructo da falta de espiritualidade nos homens, lucta constante e sem treguas, impellindo furiosamente os desherdados á busca de um melhor estado e resistindo os afortunados com tenacidade louca em defesa dos seus privilegios, porém mirando uns e outros sómente á actual existencia. Em taes condigões é tolo e ridiculo falar de amor e de sacrificios em favor dos demais. A philanthropia e o altruismo vêm a ser um impedimento, um estorvo nessa geral e desa-

pietada lucta, na qual triumpham e triumpharão sempre os mais fortes e os mais sagazes.

E' necessario restabelecer o reinado do amor, elemento unico com virtualidade sufficiente para tornar a vida humana agradável e aprazível. Mas, para restabelecer, é mister dar-lhe base racional e logica, sem imposições dogmaticas e sem a ameaça de castigos que por inverosímeis e absurdos a ninguem espantam. O sentimento amoroso, o amor ao bem ha de ser o resultado da posse da verdade, pois assim como da flor nasce o fructo, da verdade nasce o bem, porque se a verdade não nos levasse ao bem, não valeria a pena conquistarmola.

Ora bem, o que não têm podido fazer as religiões já caducas, nem a moderna sciencia materialista, havemos por seguro que conseguirá realisar o Espiritismo racional, cuja philosophia, estudando o homem na sua dupla natureza, attende e dá regras de conducta encaminhadas a satisfazer as necessidades legitimas das duas ordens componentes, em relação á importancia e natureza de cada uma dellas.

Assim, affirma o espiritalismo moderno que no composto humano o principal é o eu, o espirito, uma vez que é o elemento imperecedouro e eterno, a que são inherentes as elevadas funcções do sentir, entender e querer. D'aqui se desprende naturalmente a seguinte regra de Ethica: toda a satisfação corporal que redunde em detrimento do espirito é inconveniente, não é moralmente licita, uma vez que o corpo é transitorio e o espirito é permanente.

Os interesses do espirito, sciencia e amor, são evidentemente superiores aos do corpo, sendo, portanto, necessario dar áquelles a preferencia, dedicando-lhes a maior parte das nossas actividades e sacrificando, quando haja de mister, o que tem menos valor em prol do que é mais importante. Vale bem a pena causar a alguém um incommodo ao corpo, em quanto não chegou a uma alteração grave no seu funcionamento, se de tal incommodo resulta um progresso para o espirito, adquirindo alguma verdade ou praticando alguma virtude.

Como, porém, na creação tudo é harmonia, dia virá em que não ha de haver a menor antithese entre os interesses affectos á dupla natureza humana, sem que a nenhum delles falte o necessario.

Isto será quando, por um maior desenvolvimento da reflexão, se hajam dissipado as paixões, desapparecendo o egoismo, o orgulho, a vaidade e demais estimulos carnaes exaggerados. Então se comprehenderá claramente que o uso moderado de todas as cousas é util e bom e que o mal está no abuso, pois, em consequencia delle, até as cousas mais santas e nobres se convertem em prejudiciaes.

Esperemos, pois, confiadamente num porvir venturoso para a humanidade terrena, e trabalhemos na medida de nossas forças, por palavras e por obras, nesse labor evolutivo da redempção humana.

Deus é providencia infinita, e o progresso é lei fatal.

M. T.

(Folhas de propaganda publicadas pelo Circulo LA BUENA NUEVA).

O Espirito Consolador.

XVIII EFFUSÃO

O PARAIZO ORTHODOXO.

(Continuação)

«Meu Deus, é de morrer de enfado!» Tal foi, senhora, a exclamação um tanto leviana e pouco respeitosa que teve uma senhora espiritucosa depois de ter ouvido um longo sermão sobre as delicias do paraizo. Pois bem, eu comprehendo o seu desengano, porque as alegrias que nos garantem no seio dos bemaventurados, quasi que não equivalem aos prazeres que já gosam as nossas grandes damas de Pariz. O grande palacio refulgente de ouro e de pedrarias, onde todas têm o seu logar numerado, deve causar tedio, assim como a vida nelle ha de ser bem insípida e monotona.

Conheceis um supplicio que se possa comparar ao aborrecimento? Eu não conheço nenhum e é por causa d'isso, sem duvida, que se tem tanta pena dos encarcerados.

Com o fim de nos estimularem para a santidade, desprezando os prazeres da terra, nos promettem o enojo por toda a eternidade! Na morada da bemaventurança não se encontra mais o progresso, nem a virtude e nem a actividade. Têm-se pés que não servem mais para andar; têm-se mãos que não servem mais para tocar nos objectos. Nenhum alvo mais a attingir, nenhum esforço mais para subir. Conseguiu-se tudo; os fructos estão encelleirados, e as portas de Sião estão bem fechadas. Ao abrigo de toda e qualquer necessidade, sem a menor aspiração, canta-se, contempla-se e adora-se. Não são viventes mais os que povoam essas galerias, são phantasmas e é por isso que certos devotos têm tanto medo de morrer.

«Que se tenha medo do juizo final, disse M.^o de Gasparin, comprehende-se; não se comprehende, porém, que se tenha medo do paraizo. Não obstante, desde que se o vê de perto, concebe-se a razão de semelhante medo. Olhas para o céu de Dante: luz, sim, sempre luz. Ha extase no ar que se respira. Circulos e mais circulos! torneios, justas a farter nos céus! Cantar tres palavras que os seculos dos seculos repetirão; resplandecer, voltear perdidos na embriaguez de claridades e do turbilhão, eis vossas alegrias. Na

esphera transcendente as almas immoveis, enfileiradas, como nos bancos de um amphitheatro, sentem-se mergulhadas em luz. O que vos parece tudo isto? a mim, assombra-me.

Que um tal paraizo tenha encantado os nossos paes da idade media, concebe-se. Sujeitos a um regimen medonho que reinava então, elles, pobres servos sempre assustados, desanimados, cheios de ancia, suspiravam por um céu onde estivessem resguardados do frio, da fome e dos barões. Para esses desaventurados que só descansam muito pouco aos domingos, o paraizo devia ser uma bella cathedral onde tivessem um asylo inviolavel e onde pudessem ouvir uma magnifica e perene missa cantada.

Semelhante paraizo provoca-nos o riso, por ser infantil; mas o que devemos julgar daquelle que a grande theologia nos promette? E' por demais monstruoso, como podeis ver.

“Os bemaventurados, nos diz ella, sem sahirem do logar que occupam, podem, contudo, sahir, de certa maneira em virtude do dom de intelligencia e de videncia que possuem, para observarem as torturas que os impios soffrem, de quem não se compadecem e que ainda lhes augmentam *as suas grandes alegrias*, e assim dão graças a Deus não só pela felicidade que gosam como pelo grande infortunio dos peccadores.”

Eis ahí, senhora, a theologia orthodoxa com toda a sua sinceridade, accrescendo ainda que, pelos dados que ella tem, nove decimos pelo menos da humanidade serão condemnados. Entre os catholicos mesmos, poucas familias terão todos os seus membros salvos. O que vemos nós no seio da nossa sociedade contemporanea? Vemos mulheres fanatisadas e homens incredulos; donzellas religiosas e rapazes livres pensadores; mães que choram como Santa Menica sobre Agostinhos que não se convertem. De modo que, com toda a probabilidade, o paraizo será povoado por esposas, cujos maridos serão reprobos, por irmãs cujos irmãos serão igualmente condemnados e ainda devo dizer, por uma multidão de mães cujos filhos constituiram prezas dos demonios.

Peço-vos que não vos assombréis com a hypothese que vou estabelecer. Supponhamos que o senhor Conde, que morreu sem ter recebido os sacramentos; esteja no numero dos condemnados e que um dia o vosso Gastão vá se juntar ao seu pae e que vós estejais entre os bemaventurados. Dizei-me, irias contemplar essas duas victimas a estorcerem-se nas chammas, para gosardes o «cumulo das alegrias»? Daríeis graças a Deus pela vossa propria felicidade de assistir á ineffavel desgraça d'esses dois «impios»?

Como ha de deixar de reinar na terra, o egoismo, quando nos mostram a sua glorificação no céu? Como ineutir tolerancia e caridade nos fanaticos, quando em recompensa dos seus odios sagrados lhes offerecem felicidades tão monstruosas? Ah! que os theologos continuem a envelhecer sobre os seus infolios, cheio de pó, todas as suas theses não prevalecerão contra o grito lamentoso da

viuva desconsolada: « Antes o inferno com Renato do que o céu sem elle ! »

Evita-se, eu bem sei, aprofundar esta questão de summa importância, de modo que as almas sensiveis se afastam; fala-se-lhes vagamente do céu e das suas delicias indiziveis. Tem-se mesmo o cuidado de repetir que a igreja não affirma a condemnação de pessoa alguma em particular e que devemos esperar que serão salvas as pessoas que nos são caras. Assim, gozosamente, se contentam as viúvas por quem se interessam e que podem mandar dizer muitas missas pelo adorado esposo que falleceu.

O esposo querido era um « filho do seculo. » Elle não tinha a fé que salva, ou pelo menos tinha vivido como se a não tivesse; era leviano no seu proceder e a sua existencia um rosario de peccados mortaes. Por cumulo de infelicidade, elle morreu sem se sacramentar e sem dar signal algum de se ter arrependido. Certamente que tudo isto são motivos para se suppor que as preces nada lhe aproveitarão; mas para que se usar de uma franqueza brutal que pode afugentar do rebanho uma ovelha fecunda? Ter-se-hão palavras animadoras para a viúva inconsolavel: esperae, querida irmã, na misericordia do Senhor que é infinita; rezae e mandae que façam preces por esse amado esposo, que lamentaes. Quem poderá saber o que se passou entre essa alma e seu Deus no momento supremo, que separa o tempo da eternidade? Quem poderá garantir que no limiar do outro mundo essa pobre alma não tivesse visões, claridades que a deslumbrando, a transformaram e forçaram ao arrependimento. Não teria sido o seu ultimo folego um acto de contricção que obrigasse a eterna bondade a sorrir, perdoadando-lhe?

Tudo isto prova que o coração do padre vale mais, ás vezes, que os seus principios, e que seria uma illusão querer harmonisal-os. Poderiamos responder a esses affaveis consoladores que é inutil mostrarem-se tão severos para as paixões humanas durante a vida, quando ellas podem contar com tanta indulgencia na morte. Poderiamos tambem perguntar-lhes o que diriam elles, como consolação, a uma viúva cujo marido cheio de peccados succumbiu de um ataque de apoplexia fulminante, ou a uma mãe cujo filho fosse morto de um golpe em um duelo!

Deixemo-nos de phrases seductoras, encaremos a realidade e digamos a esses homens que procuram conciliar cousas tão oppostas: ou não tenteis consolar-nos ou repudiae essa vossa doutrina tão desconsoladora.

Essa doutrina, posso dizer, só tem por fim perverter o nosso sentimento moral. Com effeito, segundo os seus cathecismos, um homem que se tenha manchado de crimes atrozes, durante a vida, receberá a absolvição desde que, no seu derradeiro instante, se humilhe aos pés do padre, e ficará lavado, salvo e digno de figurar entre os bem-aventurados. Outro homem, porém, que sempre foi honrado, leal e generoso como Renato e que repudiou certos dogmas de recente in-

venção por serem incompatíveis com a sua razão esclarecida, será condemnado por todo o sempre. Não será isto acoroçar essas almas cobardes, egoistas, para quem a religião não passa de um calculo e a confissão de uma lavagem e, ao mesmo tempo, fazer esmorecer tantos homens que servem de ornamento a nossa sociedade contemporanea pela fidelidade com que cumprem as leis da consciencia e da honra?

Um semelhante céu orthodoxo inepira medo, não só pela natureza das suas bemaventuras, como pelos typos que povoam as suas gaeirias. Nesse paraizo não encontrareis nenhum dos grandes homens da antiguidade. A maior parte dos sabios, dos poetas, dos artistas ou dos heroes são excluidos d'elle, por causa da heterodoxia ou da impenitencia final. Não encontrareis nelle nem Homero, nem Socrates, nem Platão, nem Virgilio, quanto mais Gustavo Adolpho, Washington ou Franklin. Os guias do progresso, os martyres da liberdade, os inventores illustres, os homens de genio; todos estão sepultados na «cidade das lagrimas.» Esses malditos devem «perder toda a esperanza!» Mas ficae socegada, porque, em compensação por taes ausencias, vereis brilhar em seus thronos de rubim, Phelippe II ao lado de Pedro Arbues, Benedicto Labre ao lado de Maria Alacoque e uma multidão de personagens, cuja companhia aqui mesmo se vos tornaria em uma penitencia intolavel.

Ah! a ideia que tenho do poder e da bondade divina faz com que eu conceba um paraizo mais vasto, mais seductor e melhor habitado. Aspiro a um céu verdadeiramente digno de Deus e dos seus Santos; um céu que não seja a terra dos mortos, mas «a terra dos vivos.» Um céu onde o espirito «caminhará de claridade em claridade,» aonde o coração se sentirá «saciado em seu continuo ardor,» onde a vontade servida por orgãos de uma perfeição maravilhosa ha de expandir-se nos campos do infinito; um céu onde se agruparão as almas irmãs, sympathicss que se conhecerão, que se amarão como os bagos maduros que formam o cacho de uvas nos nossos outeiros inundados do sol; um céu onde nós encontraremos para os felicitar todos os que embellezaram a terra pelos seus genios, ou que a perfumaram pelas suas virtudes.

Diviso nesse céu as sibyllas junto dos prophetas, Orphéo ao lado de David, Platão ao lado de S. Agostinho, Hipathia ao lado de S. Cecilia. Os espinhos da corôa de Christo foram substituidos por flores; nessa corôa o lotus do Ganges, o lyrio azul do Japão, a violeta do Illissus se entrelaçam com a rosa de Jerichó. O Pae com o seu olhar ineffavel abraça todos os seus convivas, que teceram as suas vestes nupciaes por uma longa serie de provações. E a esse banquete que deve durar sempre são admittidos todos os que fizeram o bem e que soffreram pela justiça: todos para quem a vida foi um combate e a terra um purgatorio.

(Continúa),

FACTOS.

XXIII

Dizem auctoridades ecclesiasticas que é cousa prohibida desde Moysés tentar o homem communicar-se com os espiritos dos mortos; que é um peccado procurar e descortinar os segredos divinos.

Os segredos do Eterno, isto é, os seus mysterios estão a coberto de toda a curiosidade, são por sua natureza impenetraveis á sciencia, e não é a prohibição sacerdotal que impede ser decifrável o indecifrável. Julga mal o Omnipotente quem diz que a vontade humana pode contrariar os seus designios, os quaes não precisam de medidas protectoras.

Moysés prohibiu esta pratica, mas Moysés era principalmente um conductor do povo hebreu, naquella epoca, povo intractavel e grosseiro, aviltado e embrutecido por seculos de captivo, fazendo tijolos no Delta do Nilo. Aquelle povo governado com a maxima severidade, e apesar disto revoltando-se e tentando entregar-se á idolatria; povo que Moysés mantinha com a mão de ferro sob a unidade religiosa e politica, não podia, não devia ser-lhe permittida a pratica de evocar os mortos, porque isso degeneraria em torpe magia, em perigosos usos com as fataes consequencias que ella costuma trazer aos experimentadores incultos, semi-barbaros.

Mas o que Moysés prohibiu aos hebreus, ha 3200 annos, não pode ser prohibido aos homens que estudam no seculo 20, porque os homens que estudam não deixam de estudar cousa alguma por prohibição.

Mas estas cousas são theorias.

Voltemos aos «Factos». Transcrever todos os casos de materialisação indenticos aos já citados, seria trabalho grande e fastidioso, mesmo se nos limitassemos aos bem observados. Recommendam os curiosos que leiam «*O Animismo e Espiritismo*» de Aksakoff, «*No Pais das Sombras*» de M.me d'Esperance, bem como «*Os Phenomenos Psychicos Occultos*» do Dr. Albert Coste, os livros de Gabriel Delanne (todos os citados, traduzidos em portuguez) «*Le Psychisme Experimental*» de A. Erny, como resumindo as numerosas obras dos experimentadores inglezes e norte-americanos ainda não vertidas para a nossa lingua. A litteratura espirita é enorme, especialmente na lingua ingleza.

Uma das principaes testemunhas destes phenomenos, que para estudal-os na Inglaterra dispendeu muito dinheiro e tempo, tendo acompanhado as experiencias de Crookes com Katie King, foi aos Estados Unidos e ahi tornou a testemunhar frequentes sessões de materialisação. Traduzimos em seguida uma das experiencias que permittirá julgar das outras.

«Em New-York não encontrei o minimo obstaculo a meus desejos. Bastou-me lançar os olhos sobre os annuncijs de um jornal

para ficar sabendo onde morava um medium e em que dias dava sessões publicas. Aconteceu que a Sra. M. A. Williams era a unica a dar sessões de materialisação na segunda-feira á noite, e determinei ir lá. Não ha intimidades forçadas em um grande hotel, onde ninguem tem oportunidade de ver o que faz seu vizinho. Logo, pois, que conclui meu jantar tomei um capote escuro, puz o chapéu e o veu, metti-me em um carro e mandei tocar para a residencia de Mrs. Williams. Chegando alli, bati na porta e ia inquerir se havia sessão essa noite, quando um creado me livrou do trabalho dizendo: «no andar superior, minha senhora» e nada mais se passou entre nós. Tendo subido a escada, dei commigo em uma grande sala, cujo pavimento era forrado de espesso tapete, todo em redor pregado ao soalho. De um lado estavam dispostas trinta a quarenta cadeiras de palhinha, olhando directamente o gabinete (das materialisações). Este consistia em quatro hastes verticaes pregadas sobre o tapete, tendo ellas suas extremidades superiores ligadas por verguinhas de ferro. Não tinha outro tecto o gabinete senão cortinas de uma fazenda *marron* escuro, mas quando entrei ellas estavam inteiramente corridas deixando ver o interior. Dentro do gabinete, havia uma cadeira estofada para uso do medium, e do lado de fóra do gabinete, proximo d'elle, estava uma pequena mesa com papel e lapis para fim que não descobri logo. A um dos lados da sala havia um harmonium collocado de modo que o executante ficasse sentado com as costas para o gabinete e para os assistentes. Uma grande lampada de gaz de fórmula quadrada como uma lanterna estava disposta na parede de maneira que pudesse projectar a luz sobre o gabinete, porém munida de cortina de seda vermelha para amortecer a claridade, quando isto fosse necessario. Fui cedo e apenas alguns raros visitantes occupavam os logares. Perguntei a uma senhora se eu podia sentar-me em qualquer das cadeiras e respondendo ella que sim, escolhi um logar na primeira fila, mesmo defronte do gabinete, não me esquecendo que eu tinha ido alli não só pela causa do Espiritualismo como pelos meus interesses. Os logares encheram-se rapidamente e deviam estar presentes de 30 a quarenta pessoas, quando Mrs. Williams entrou, e, depois de cumprimentar seus conhecidos, foi para o gabinete. Mrs. Williams é uma mulher robusta, de meia idade, de cabellos e olhos escuros e tez colorida. Trajava vestido azul pallido, bem justo com bastantes fitas pela gola e mangas.»

Prosegue a narração que resumimos nesta parte para não alongar. O medium era acompanhado por um homem que desempenhava o papel do que nos Estados Unidos denominavam o «conductor» da sessão, encarregado de manter a ordem na reunião que é publica com bilhetes pagos.

O *conductor* abriu a sessão com um pequeno discurso dirigido aos estrangeiros e explicando-lhes que para evitar suspeitas de fraude as fórmulas materializadas que sabissem do gabinete para se com-

municarem com os assistentes se desmaterialisariam em presença delles. Concluiu dizendo que alli não se exigia nada mais do que o procedimento proprio de pessoas de boa sociedade.

«Um executante começou a tocar no harmonium «*Footsteps of Angels*»; alguns dos assistentes entraram a cantar de boa vontade, as cortinas foram corridas em torno de Mrs. Williams e iniciaram-se os trabalhos.

«Duvido que tivesse decorrido mais de dous minutos quando ouvi uma voz murmurar «Meu paé» e tres jovens vestidas de branco surgiram na abertura das cortinas. Um velho deixou seu logar e encaminhava-se para o gabinete, mas as tres sahiram de uma vez, depenluraram-se em seu pescoço, beijaram-no e falaram-lhe baixinho. Esqueci-me do logar onde estava. Ellas tinham a apparencia tão perfeitamente humana, tão alegres, tão inteiramente senhoritas entre dezeseite e vinte annos, e falavam as tres juntas tão semelhante ao que fariam tres mocinhas da terra, que a scena era completamente mystificadora. O velho voltou para o seu logar enrugando os olhos.

«Muitas outras fórmas appareceram depois desta—uma era creança de tres annos mais ou menos que sahia do gabinete e entrava nelle sempre volteando como uma borboleta, e corria risonha evitando os assistentes que queriam agarrala. Alguns dos encontros realísados pela primeira vez foram commovedores. Um moço, regulando de dezeseite a dezoito annos, chamado por sua mãe, soluçou a ponto de cortar-me o coração. Não houve a minima duvida de que elle a reconheceu. Ficou tão emocionado, que não ergueu os olhos por todo o resto da sessão. Uma das senhoras presentes trouxe-me o espirito de seu filho para que eu observasse como elle estava perfeitamente materialísado. Falou delle com o mesmo orgulho como se tivesse feito algum exame difficil. O mancebo estava em traje de *soirée* e apertou minha mão com a firmeza de um mortal. Naturalmente eu tinha visto estas cousas muitas vezes na Inglaterra para que ellas me surpreendessem. Ainda assim nunca eu assistira a uma sessão onde tudo parecesse tão extranhamente humano, tão pouco mystico, excepto a regra de desmaterialisação deante dos assistentes, que eu tinha visto só Katie King fazer anteriormente. Porém aqui cada fórma, depois de ter sido prevenida pelo *conductor* de que seu tempo estava concluído, desaparecia direito pelo tapete abaixo, como se isto fosse o meio ordinario de retirada. Algumas fórmas, e mais especialmente de homens, não se adeantaram áquem das cortinas; então seus amigos eram convidados e alguns entravam no gabinete. Eram fórmas familiares aos outros, mas todas ellas eram-me desconhecidas.»

Outras fórmas appareceram e sumiram-se, que a auctora descreve. De repente ella, que alli estava incognita, tendo chegado recentemente da Europa, ouviu o *conductor* dizer-lhe:

«Está aqui um espirito que deseja falar com uma senhora que

elle diz chamar-se «Florence» e acaba de atravessar o oceano. A senhora respondeu a estas indicações? Eu ia dizer que sim, quando as cortinas se abriram e minha filha Florence correu na sala e cahiu em seus braços. «Minha mãe, exclamou, bem disse eu que havia de acompanhar-vos, não é verdade?»

Miréia. Era exactamente a mesma apparencia que tinha quando a vi na Inglaterra; as mesmas madeixas opulentas e castanhas, as mesmas feições, a mesma figura que vira sob as diferentes medianidades de Florence Cook, Arthur Colman, Charles William e William Eglinton, a mesma fórma que alguns disseram na Inglaterra ser uma mystificação, estava deante de mim em New-York, milhares de milhas da outra banda do mar e pelo poder de uma pessoa que nem sabia quem eu era. Se eu já não estivesse convencida, como poderia deixar de convencer-me então?»

Cuyabá, Matto Grosso.

(Continúa).

Traumer.

PHENOMENO.

Ninguem poderá pôr em duvida o facto que vou narrar, pois ali estão os Srs. Bento Leme, Felicio da Silveira Leme, Francisco da Silveira Leme, Benedicto da Silveira Leme, João Machado e Arthur da Silveira e mais de cincuenta pessoas que estiveram na fazenda de Santa Cruz, situada no municipio de Amparo, propriedade do primeiro, na occasião em que se deu o phenomeno.

Na sexta-feira, 5 de Agosto do corrente anno, de regresso de uma viagem a cavallo á cidade do Amparo, recebi de meu cunhado José Antunes de Vasconcellos, administrador da Fazenda de Santo Antonio, de propriedade dos Srs. Drs. Carmo Cintra, Salles Camargo e Alfredo Patricio, onde residio, o seguinte recado:

—O Felicio acaba de partir e veiu á tua procura.

—Ha alguma novidade?

—Ha e muito grave.

—Anda, explica-me o que ha.

—Ha lá um phenomeno espirita, e eu aconselhej ao Sr. Felicio que chamasse o padre da Posse a fim de dizer uma missa.

—A missa, num caso destes, nada adianta; no entanto amanhã cedo irei até lá.

No sabbado, muito cedo, cerca de 7 horas da manhan, galguei a sella de um ligeiro cavallo e parti, com direcção á referida Fazenda, levando a imagem de Deus gravada em minha alma, como pharol da fé, esperanza e caridade, e na minha algibeira *O Evangelho*.

Logo que cheguei, fui recebido pelos Srs. acima mencionados e entrevistando o Sr. Bento Leme, cavalheiro bastante conhecido e conceituado no municipio de Amparo, obtive a seguinte informação:

—Não lhe posso dar uma explicação, Sr. Sergio; estou velho,

nesta idade que o Snr. está vendo e nunca presenciei semelhante coisa.

—Tenha a bondade de contar-me o que ha; não estou aqui para outro fim.

—Fecho-me, ás vezes, nesta sala, descidas as vidraças e sem logar para communicação de pessoa extranha, e, de repente, um tijolo vem cabir a meus pés, o album de retratos é transportado de um ponto para outro; na sala de jantar, eu pedi que me jogassem um torrão de assucar e, nem bem acabei de falar, o torrão veio cabir a meus pés.

Fiquei bastante impressionado e mandei chamar meu filho Felicio, rapaz corajoso e desabusado.

Logo que meu filho chegou, foi entrando com direcção á sala de jantar e blazonando valentia; e então lhe veio cair no hombro um enorme tijolo; pouco depois disso duas peças de arreios (estribos) sahidas de baixo de um velho armario, começaram a voltear em redor do Felicio. Foi neste momento que eu mandei chamar o padre.

—Permitta-me, porém, dizer-lhe, Snr. Bento, o padre aqui nada vale. Neste caso acho bom que haja uma sessão espirita, para que desta fórma possa haver uma communicação entre o espirito que o attenta e para isso é preciso um medium e não padre.

Aqui deve existir forçosamente algum medium de transporte, por cujo intermedio se facilita a approximação do nosso irmão do espaço. Acho isso muito natural e o Snr. não precisa sentir tanto pavor.

Vou agora fazer umas preces e á tarde como tenho de ir a Campinas, combinarei a vinda de alguns mediums, na proxima segunda-feira, devendo o Snr. Bento mandar a conducção á Villa de Pedreira.

Logo que cheguei a Campinas, encontrei o seguinte telegramma procedente de Pedreira:

De Baptista

R. Boaventura Amaral, 4

Syndique sessão hoje casa Manoel phenomeno Bento Leme. Saudades.

A Sergio—

Campinas.

Ao cair da noite, fui á casa do Snr. Manoel Christiano Alvers e nesse momento achavam-se presentes algumas pessoas, entre ellas os mediums Hygino Leite de Moraes e sua esposa. Todos que se achavam em casa do Snr. Manoel eram nossos irmãos em crença e, portanto, após a exhibição do telegramma do meu irmão em crença Benedicto José Baptista, residente em Pedreira, passei a narrar o phenomeno.

A's 8 horas em ponto, deu-se começo á sessão e, consultado o Guia do referido Grupo, obtivemos como resposta o seguinte:

—E' uma semente que está plantada naquelle logar, e dessa semente crescerá uma arvore e dessa arvore virão os fructos.

Seria bom que os irmãos fizessem uma sessão na referida Fazenda, em virtude de lá existir um medium de transporte.

Após a sessão, combinei com os mediums Manoel C. Alvers,

Hygino Leite de Moraes e Benedicto J. Baptista e expedi o seguinte telegramma:

De Sergio

A Bento Leme

Resaca.

Seguem quatro mediums, mande 2 trollys Pedreira.

Segunda-feira, á hora aprazada, nos achavamos na estação com o fim de tomar o trem de uma e 50 da tarde, em demanda da pittoresca Villa de Pedreira.

Chegamos a Pedreira ás 3 e 40 m. da tarde e de facto lá estavam os trollys á nossa espera.

Ás 5 horas, partimos com direcção á Fazenda do Snr. Bento Leme, aonde chegámos ás 7 e 20 da noite.

Ao chegarmos, observei que a casa estava regorgitante de curiosos e, no meio destes, achavam-se alguns protestantes e na maioria catholicos.

Assim que eu desci do trolly, o Snr. Bento veio ao meu encontro, dizendo-me o seguinte:

—Razão tinha o Snr. Sergio quando me disse que o padre não valia nada, nesta casa.

Nem bem o padre voltou as costas e os colonos foram em busca de suas casas, recrudesceram as pedradas e até as camas eram arrebatadas em plena luz do dia.—

Depois de uma ligeira refeição, deu-se começo á sessão e em seguida o espirito communicou-se por intermedio do Snr. Hygino, medium somnambulico e depois de haver sido doutrinado e ter feito algumas declarações, retirou-se calmamente, dizendo-se muito grato pelas preces recebidas.

Consultado o Guia do medium, declarou que levava o irmão do espaço que perseguia a casa do Snr. Bento Leme, ás sessões semanaes que se effectuam aos sabbados, em casa do irmão Manoel, em Campinas, em cujas sessões aquelle irmão seria doutrinado e teria ensejo de ouvir fervorosas preces.

Terminou a sessão. No dia seguinte os mediums partiram, isto é, os dois de Campinas, e a pedido dos mesmos, o Snr. Leme só se limitou a pagar-lhes a passagem de segunda classe.

Como resido aqui, costumo ir á Fazenda do Snr. Leme amiudadas vezes e posso garantir aos prezados leitores e aos meus irmãos em crença que o phenomeno desapareceu e a familia do Snr. Leme voltou ao socego habitual.

Ahi estão, como attestado da veracidade deste facto, os nomes de pessoas muito conhecidas no municipio de Amparo.

O Snr. Bento Leme e a sua Ex.^{ma} familia nada devem agradecer a mim e nem aos meus irmãos em crença. Devem agradecer a Deus, exclusivamente a Deus, tão feliz exito.

Pedreira, 4—10—1905.

SERGIO CESLAU DE MOURA.

Typ. Espirita.

Impressão Espiritista Maria Luiza
Rua Jesus Cavalho 8 nº 8
R. P. P. P. P.

VERDADE E LUZ

REVISTA QUINZENAL DE ESPIRITUALISMO CIENTIFICO

*Sem caridade não ha
salvação.*

*Nascer, morrer, renascer
ainda e progredir sem-
pre. Tal é a lei.*

S. PAULO

BRAZIL

Anno XVI

31 de Outubro de 1905

N. 370



COLLABORADORES DIVERSOS

REDACÇÃO E OFFICINA

RUA ESPIRITA N.º 28.



BIBLIOTECA
BRASIL
NACIONAL

As peregrinações da alma do mundo visível no mundo invisível.

As peregrinações da alma, de um mundo em outro, constituem uma verdade innegavel, consoante a lei do progresso.

A humanidade, sem jamais parar, caminha constantemente, rumo desse progresso. As aspirações ascensionaes dos mundos que gravitam no espaço revelam, de si mesmas, o destino infindo de todos os seres.

Mas o inicio de cada existencia terrestre se mostra, sob o aspecto mais sombrio, aos espiritos que devem passar pela prova da volta á reencarnação; porque para elles, é isso o eclipse da felicidade, na qual se comprazem as almas immaculadas no mundo invisível; é o sono do ser encarnado, que assim paralysa o seu vôo para as regiões ethereas. Durante essa somnolencia espiritual, ella torna-se sujeita a um sem numero de erros e de seducções irreflectidas, mais ou menos accentuadas, segundo a situação moral de cada individuo. Mas esse eclipse momentaneo vae diminuindo á proporção que se vae realizando o adeantamento intellectual da alma.

O passo do mundo invisível para o mundo visível é, portanto, mais penoso do que a volta para o espaço infinito, pela morte do corpo. Esse regresso para a patria commum, para junto da familia espiritual de cada alma, constitue o termo de uma penosa jornada, que faz considerar a morte como emancipação das galés terrestres. A entrada da alma no mundo invisível, em vez de produzir trévas para a existencia humana, faz expandir a verdadeira luz; porque, quando os olhos do corpo se fecham á visão terrestre, os olhos da alma se abrem para os esplendores das bellezas infinitas dos mundos do espaço universal.

A morte não é, pois, uma eterna ausencia, porque no mundo dos espiritos nós vivemos uma vida mais livre e venturosa. No remanso dessa nova vida, o ser que se foi envolve os que lhe são caros com a sua mais terna saudade, com seu mais estremecido amor e com a sere-

nidade da sua bemaventurança indizível. A morte des-cerra, portanto, as portas de uma vida nova e de uma ascensão gloriosa da alma para o ideal do verdadeiro, do bello, do bem e do justo. E' o ser rompendo os seus grilhões no umbral de seu presidio terrestre; porque o o corpo, que o tempo destroe, é restituído aos elementos diversos que o compõem.

D'est'arte, na hora em que as trevas parecem cobrir com as suas sombras o ser que deixa a terra, os esplendores do alvorecer matutino se desabrocham mais brilhantes de esperanças e de risonhas perspectivas. E' então sobre tudo que um anjo de azas ceruleas expande deante da alma admirada os raios scintillantes das bellezas eternas.

Quando o derradeiro palpitar do coração tem assignalado o termo da nossa vida organica, é quando a alma immortal passa do tempo para a eternidade. E' a passagem da vida physica para a vida espiritual. Por occasião da morte, a alma deixa de parte o seu corpo material, como quem abandona uma roupa usada.

Mas a verdadeira belleza é o esplendor do real; porque uma fôrma material se gasta e se destroe pelo tempo adeante em quanto que uma verdade perdura por todas as idades e sobrevive eternamente á morte.

A morte, tão temida pelos atheus, representa para elles um aspecto medonho, que produz a desesperação.

O atheismo e o nihilismo são peiores do que a morte; porque são duas tendencias sem fundamento e contranaturaes, porque o nada não pôde existir, visto que nada pôde desaparecer. De mais disso existe a vida por toda a parte, em tudo e sempre semelhante em cada atomo como em todos os mundos do universo.

A morte, que é objecto de terror para os materialistas nihilistas, é, aliás, como diz Plutarco: « regresso das almas encarnadas para a patria commum ».

Esta crença estava de tal modo arraigada nos Thracios que, segundo Herodoto, esse povo chorava quando via nascer uma creança, e se regosijava quando presenciava algum enterro. Este povo reputava, portanto, a

morte como uma passagem para um estado melhor e como uma emancipação das penas da vida terrestre, pondo termo a todos os males.

Certamente que o varão prudente, que com fidelidade preencheu a sua missão, vê sem pavor e sem apreensões se lhe aproximar a morte, porque o temor da morte tem por causa ideias erroneas, que apresentam essa passagem do mundo visível para o mundo invisível, debaixo de um aspecto falso.

Todos os povos que acreditam firmemente na pluralidade das existencias, longe de temerem a morte, acolhem-n'a com sufreguidão e como uma mensageira que lhes vem trazer o delivramento das atribulações e das vicissitudes da vida terrestre.

De Las Casas, que vivia no decimo quinto seculo da nossa era, refere que os negros de Haiti, maltratados pelos hespanhoes, eram sustentados na sua miseria pelo consolador pensamento de que voltariam, depois da sua morte, *para além das grandes aguas*, para ver a sua patria e seus paes, objectos constantes de seus pesares, debaixo de ceus estrangeiros. Por isso, o morrer é para elles uma festa, e os parentes dos agonisantes faziam roda bem junto destes, invejando-lhes a sorte, dizendo-lhes adeus e encarregando-os de saudarem por elles seus paes e amigos.

Os gaulezes, paes dos francezes, estavam convencidos da mesma crença. Chegaram até a emprestar dinheiro que devia ser pago na outra vida.

Os povos que estão convictos desta sublime crença são invenciveis na guerra; porque, não existindo para elles a morte, jamais recuam. Ao envez de se renderem ao inimigo, elles preferem deixar-se matar.

De accordo com estes principios racionais, admittidos pelo espiritismo, que lhes poz em prova, confundindo-se o mundo visível com o mundo invisível, o transito de um para outro se torna inteiramente natural.

Em semelhantes condições, a morte não existe, pois que as transmigrações das almas nesses mundos provam que por occasião da morte a alma muda de residencia,

mas não se anniquilla. Só o corpo material que lhe serve de vestimenta sobre a terra é que desaparece.

Desse principio resulta que tudo vive, que todo fermento material volta para a terra, que tudo renasce e que as ondas humanas fluem de um mundo para outro sem nunca estancar-se. E' isto o eterno renascimento.

Na ordem da natureza cada planeta tem o seu mundo visivel e o seu mundo invisivel. Ambos são essencialmente solidarios, porque concorrem para o progresso do planeta a que estão ligados. Por isso, consistindo a morte simplesmente na passagem da alma de um mundo para outro, nada muda das nossas ideias fundamentaes nem ainda nas abusões dos espiritos atrazados ou rotineiros; porque, com essa passagem, a morte nos faz penetrar unicamente em outro mundo parallelo ao que acabamos de deixar.

Seja, porém, como for, a morte que para as almas pouco allumiadas é um como somno, é um despertar abençoado, porque nos dá a conhecer a verdadeira vida e nos mostra a realidade da nossa existencia immortal.

Ninguém morre, disse Seneca, o Tragico, sem ser a hora chegada! Aceitemos, portanto, a morte sem temor nem fraquezas; mas nada façamos, que possa antecipal-a. Certas almas ha, porém, que, subjugadas pelas paixões rasteiras e pelo amor dos dons terrestres, se desviam da senda da harmonia universal. Mas aquelles que andam retardados nos trilhos perigosos do mal podem sempre voltar dos seus desgarros e entrar no caminho do bem e nelle encontrar a felicidade. Sendo esses atrazos essencialmente transitorios e proporcionados ao bom querer de cada qual, os retardatarios podem, pois, acelerar o seu andamento na senda do progresso. Cada um leva e traz de um para outro mundo as suas virtudes e vicios, sendo, portanto, os homens os factores da sua propria dita ou desdita.

E' necessario, no emtanto, compenetrar-se perfeitamente que o amor de Deus e de nosso proximo forma o vinculo de harmonia que liga o mundo visivel ao mundo invisivel. Esta attracção soberana é destinada a vin-

cular todos os homens na senda do progresso moral e social.

Por felicidade, porém, o clericalismo ambicioso e astuto se esforça, por meio de engodos fallazes, para occultar a verdade divina, para seduzir as almas ingenuas ou atrazadas e fazel-as aceitar os seus dogmas absurdos e as suas praticas idelstras que constituem um desafio lançado á razão humana. O seu deus cruel e vingativo não é o deus bom e misericordioso que acolhe sempre a todos os seus filhos, que a elle recorrem cheios de fé e de esperança.

O deus dos templos e dos tabernaculos não é o verdadeiro deus, que é a alma e o principio do mundo universal. O universo infinito o unico templo que póde conter o Ser dos seres.

Os padres despoetizam o Omnipotente envolvendo-o e occultando-o nos veus dos templos.

Os homens progressistas devem esforçar-se por libertar o espirito do veu clerical que lhe esconde a verdade eterna e amesquinha a divindade. Nós esperamos que esse contagio nefasto ha de desaparecer com o tempo, e que os homens, mais bem avisados, hão de comprehender o seu verdadeiro destino. É, portanto, essencial diffundir no meio do povo, pela palavra e pela escripta, a luz divina e encaminhar para a senda da verdade os que obedecem ás seducções clericæes.

Eu creio, disse o celebre academico William Crookes, que os maiores problemas scientificos do porvir hão de encontrar a sua solução no espiritismo, que só póde ser delles a applicação fundamental e eterna.

A obra de uma sociedade nova se elabora penosamente; mas o seu trabalho, arduo e longo, nos faz presentir que, apesar das brumas do presente, começa a despontar no horizonte um futuro de progresso e de moralidade.

Importa, porém, que os missionarios da verdade divina apreçoem, não sómente pela palavra e pela escripta, mas ainda e sobretudo pelo exemplo, provando pela a applicação pratica, o valor das verdades que constituem o objecto dos seus ensinamentos.

Um bom pensamento pesa algumas vezes mais na balança eterna do que argumentos irreflectidos que alastram muitas vezes a duvida.

Mas na universalidade dos factos e dos successos, as causas geraes produzem inevitavelmente os seus effeitos, conforme a ordem da natureza.

O grau de adeantamento dos espiritos corresponde além disso ao conhecimento das causas, e, por conseguinte, ao dos effeitos.

Tudo vive e morre no mundo universal; tudo se transforma e progride na vida harmonica do universo.

Pois que a alma nas suas peregrinações, parte do infinitamente pequeno para chegar ao infinitamente grande, cumpre, portanto,

que cada um de nós se esforce para progredir continuamente, a fim de attingir com mais rapidez a meta visada e almejada.

DECHAUD.

(*La Paix Universelle*).

FACTOS.

XXVI

«Florence parecia tão satisfeita como eu e entrou a beijar-me e a falar do que me ocorrera a bordo do vapor durante a travessia do Atlantico, mostrando-se evidentemente ao facto de tudo. Depois disse: «Ahi está um outro amigo vosso, minha mãe! Viemos juntos. Vou buscá-lo.» Ella ia entrar no gabinete, quando o *conductor* embarcou-lhe o passo observando: «Fazei o favor de não retirar-vos por este caminho.»

«Por qualquer outro, redarguiu.» E fazendo immediatamente uma especie de cortezia de côrte, ella desapareceu pelo tapete abaixo. Eu permanecia de pé no logar em que Florence me havia deixado, imaginando o que iria succeder quando ella surgiu outra vez a poucos pés de distancia, primeiro a cabeça, e sorrindo como se tivesse descoberto uma brincadeira nova. Foi-lhe permittido então penetrar no gabinete, porém um momento mais tarde ella adeantando o rosto annunciou: «Está aqui vosso amigo, minha mãe! e a seu lado mostrou-se «Joey» o *control* de W. Eglinton, mettido em seu vestuario branco, com seu gorro da mesma cor.» (Fl. Marryat—«There is no Death.»)

Segue a narrativa da sessão. Outras experiencias de materialização foram descriptas pela auctora não só devidas á mediumnidade da Sra. Williams, como da Sra. Eva Halch, das duas senhoritas Berry, Dr. Carter, Sras. Annie Faye, Virginia Roberts.

M. Bodisco camarista do imperador da Russia, auctor do livro «*Traits de Lumière*» occupou-se com excellentes resultados das photographias de fórmias materializadas nos diversos periodos do phenomeno; outros imitaram Bodisco com o mesmo successo.

O facto que damos em seguida será nossa ultima transcripção.

«Em fins de 1891, a *Sociedade de estudos psychicos dos Estados Unidos*, presidida pelo reverendo M. J. Savage, de Boston, fez diferentes experiencias, a mais importante das quaes merece ser citada. A acta desta memoravel sessão foi assignada pelos membros presentes da dita Sociedade que conta em seu seio homens como o Dr. Herbert Newton, M. A. Livermore, e um certo numero de personalidades de nomeada nas sciencias e nas letras. Outro sacerdote (muito conhecido em norte-america) que é tambem membro desta Sociedade, estava presente á sessão e declarou depois que jul-

gava impossível e ridículo explicar estes factos por theorias de fraude ou de illusionismo. A medium era M.me Roberts, de New-York, e a sessão teve lugar em uma sala (ordinariamente publica) em Onset (Massachusetts). Havia sido construída uma grande gaiola de ferro com armação de madeira muito solida. Na frente da gaiola tinha sido collocada uma porta disposta de modo a ser fechada com cadeado. Esta gaiola foi encostada á parede da sala que era em um segundo andar e onde *só se pode penetrar por uma porta*. Antes da medium entrar na gaiola foi examinado seu vestuario por uma senhora que declarou ser sua roupa de cor escura (veremos mais tarde a importancia deste detalhe). Quando chegou a hora da sessão, umas sessenta pessoas estavam reunidas na sala, os membros da Sociedade psychica na frente. Entre os assistentes achavam-se medicos que tinham vindo observar o phenomeno em condições tão novas.

«M.me Roberts, uma mulherzinha magra, parecia pallida e ansiosa, porque as condições eram desusadas. Ás oito horas M.me Roberts entrou na gaiola; immediatamente a commissão, composta do reverendo M. Savage e de um eminente doutor, fechou a porta com um cadeado, e além disto fez amarrar com fios grossos os dous lados e o centro da porta. Esta foi lacrada e sellada com sinete especial. Tudo isto se fez para impedir *materialmente* a medium sahir da gaiola. Depois abaixou-se o gaz e começou a sessão.

«Mais de *trinta* fôrmas sahiram do logar onde estava a medium e materialiram-se deante della em plena vista dos assistentes, e isto durante uma hora. As diversas fôrmas que appareceram eram grandes ou pequenas e foram reconhecidas por aquelles aos quaes ellas se dirigiam. A materialisação das diversas fôrmas do lado de fóra da gaiola apresentou um espectáculo emocionante. A principio uma mancha branca e nebulosa apparecia sobre o soalho (deante da gaiola); ella augmentava pouco a pouco, até que a massa nebulosa tomava a fôrma de um ser humano *vestido de branco*. Via-se o movimento das mãos manipulando este vapor branco e tornando-o gradualmente mais consistente. Depois, de subito, uma fôrma humana inteiramente desenvolvida mostrava-se aos assistentes. Então, com uma expressão de alegria radiosa, a fôrma caminhava para alguma das pessoas presentes e ouviam-se as palavras: «mãe» ou «irmão» murmuradas baixinho, depois a fôrma voltava como a contragosto para a medium e desaparecia.

«Algumas fôrmas de homens grandes, fortes, appareceram e entretanto a medium era uma mulher pequena e franzina, circumstancia que no caso presente tira toda a responsabilidade á theoria de que a forma é o *duplo* do medium. Porém a mais maravilhosa das manifestações foi esta: a medium, M.me Roberts appareceu repentinamente deante da gaiola, *caminhando docemente* para os assistentes estupefactos. Levantou-se a luz do gaz e os membros da commissão examinaram a gaiola. *O cadeado estava bem fechado, os fios com seus*

sellos estavam intactos, e todavia a medium que tinha sido trancada na gaiola em presença da commissão, estava do lado de fóra. A pedido da commissão, a medium interrogando os espiritos ou intelligencias que tinham produzido o phenomeno, a explicação dada foi que elles desmaterialisaram a porta da gaiola e tinham-na momentaneamente desaggregado. Logo que a medium sahira, elles tinham restituído a materia a seu primeiro estado.» (A. Erny—Le Psychisme Experimental).

Com este encerramos a serie de factos anormaes que nos propuzemos publicar, tendo escolhido os mais notaveis em cada genero.

Que concluir de tudo isto?

Em primeiro lugar devemos notar que os factos não são narrados por pessoas mysticas entregues a cogitações de fanatismo religioso. Foram testemunhados na maior parte por homens que os repelliam *a priori* e por alguns que os estudaram friamente, experimentalmente, em seus gabinetes e laboratorios por processos que não deixam lugar a erros dos sentidos.

Os phenomenos *mediumnimos* são todos verdadeiros, provados, demonstrados.

CREMOS nelles, porque a massa de factos authenticos é esmagadora. CREMOS sem ver, porque nove decimos de nossos conhecimentos os adquirimos sem provas pessoais, e rara é a verdade official que tenha reunido mais provas do que estes phenomenos.

De accordo com os experimentadores que mais aprofundaram a questão, pensamos que os agentes dos phenomenos são **ESPIRITOS HUMANOS DESENCARNADOS**.

O desenvolvimento desta parte pretendemos fazel-o em tempo e lugar opportunos.

Haverá perigo que da experimentação espirita resultem praticas de superstição e fanatismo? Ha de certo; e isto nada depõe contra o estudo e sim contra a ignorancia, exactamente como se dá no seio do catholicismo.

Uma rapariga amarra santo Antonio e joga-o no poço até que o maltratado patrono lhe restitua o coração do seu namorado. Um sujeito tem a audacia de propor a são Benedicto uma *peita pecuniaria* para que o padroeiro faça mal premeditado a um inimigo. Serão casos imaginarios? Não. São casos vulgarissimos; mas, como estes casos vêm da classe dos catholicos menos illuminados, procuraremos exemplo em meio mais culto. A vida inteiramente mundana, o luxo desbragado dos directores principescos do catholicismo, sua representação toda profana foram uma violação ostensiva dos principios que proclamavam? provaram talvez, que elles não criam no que pregavam? Isto não foi excepção, foi regra geral no paiz mais adiantado do catholicismo e é facto de Historia moderna.

«No *Almanach royal* e em *La France ecclesiastique* de 1788, encontramos a exposição de suas rendas; (dos prelados); mas a renda

verdadeira é de metade a mais para os bispados, do dobro e triplo para as abbasdias e é preciso ainda dobrar esta renda verdadeira para ter-se seu valor em moeda de hoje. Os cento e trinta e um bispos têm juntos 5.600,000 libras de renda episcopal, 1.200,000 em abbasdias, 50,000 libras por cabeça no papel, 100,000 de facto; por isso aos olhos dos contemporaneos, no dizer dos espectadores que sabiam a *verdade verdadeira*, um bispo era um grande fidalgo, com 100,000 libras de renda. (H. Taine «*Les Origines de la France Contemporaine*»).

Em moeda brasileira, de accordo com o calculo do sabio professor, pode-se estabelecer a renda media de um prelado daquelle tempo em mais de *duzentos* contos de reis!!! Quasi todos viviam na côrte, longe de suas dioceses, em soberbas residencias levando os dias em caçadas, em banquetes, mergulhados em faustosos passatempos. E não eram só faustosos, eram mais alguma coisa.

Que prova isto? Tanto os ignorantes que amarram imagens confundindo religião com feitiçaria, como os instruidos e educados que fazem da religião meio de conquistar poder e fortuna para viver na pandega, provam apenas que entre os homens, todo o principio por mais elevado que seja se presta ao abuso e ao sophisma por falta de luzes ou de escrupulos. Nada mais.

Entretanto os catholicos condemnam o espiritismo por ninharias e, o que é peor, sem estudal-o. Perdem o tempo.

FIM.

Cuyabá, Matto Grosso.

Tränmer.

Diversos assumptos offerecidos ás exmas. Damas da Caridade da diocese de S. Paulo.

LXXXV

Nobres Damas da Caridade. Vamos continuar a contar-vos o que se passou connosco em São João da Boa Vista.

Um nosso confrade andando a passeio connosco nos apresentou a um respeitavel negociante, pedindo-nos que não nos magoássemos com os insultos que porventura nos pudesse dirigir por ser um catholico intolerante.

Respondemos que ficasse convencido de que até áquella data, não tinhamos encontrado pessoa alguma que nos tirasse da calma que sempre tivemos para com todos os adversarios da nossa doutrina.

Nobres Damas da Caridade, ficae sabendo que nos foram atirados os maiores vituperios, mas nós, com a calma que devem ter todos aquelles que trabalham para que na terra todos conheçam a Verdade e vejam a Luz, bendizemos a Providencia Divina por nos

ter dado mais aquella occasião de ouvir os mais horriveis insultos. Vamos citar-vos algumas palavras que nos foram dirigidas:

— «Senhor *Ninguém*, a sua bocca é a porta do inferno que está escancarada.»

Eis a nossa resposta:

— Meu irmão diz muito bem; a minha bocca é a porta do inferno que está aberta. O Snr. é um anjo, que, vendo a porta do inferno aberta, entra e corre com todos os diabos que moram dentro e logo que saiam ninguem mais poderá ir para lá, porque não encontrará ninguem para o torturar.

No correr da discussão, nos disse mais este fervoroso catholico:

— «Saiba, Snr. *Ninguém*, que eu sou o fabricante da Igreja, e a Igreja fabrica Santos.»

— Muito bem. A' vista desta confissão, não lhe posso dizer mais nada.

Vamos confessar ás nobres Damas da Caridade que este Catholico, foi, d'alli em diante a pessoa que mais nos honrou com a sua amizade e de quem maiores offerecimentos tivemos, a ponto de convidar-nos a voltarmos áquella bonita cidade, dando-nos a honra de residir em sua casa como seu hospede. Assim é tudo. A verdade é sempre a verdade, nunca será vencida.

Nobres Damas, se publicamos este pequeno caso é porque desejamos que todos saibam como fazemos a nossa propaganda; convidamos a todos que melhor nos puderem ensinar não o deixem de fazer.

Vamos parar as narrações de viagem e terminar com a publicação de um facto que prova que nós andamos com o Pae da Verdade.

—:

Faz poucos dias que nos veio procurar no nosso salão um senhor que nos pediu para irmos ver uma nora que estava *pegada* por um espirito que muito a atormentava. Disse-nos que recorria á nossa pessoa, porque fazia alguns annos que lhe tinhamos libertado uma filha que tambem estava perseguida por espiritos, a qual ficou livre desde o momento em que lá estivemos.

Promettemos ir lá das cinco horas em diante. Logo depois do meio dia entrou no salão o pae da moça, fazendo com que o acompanhássemos á casa de sua filha, á rua Uruguayana. Encontramos a casa cheia de pessoas conhecidas da familia da soffredora, e tambem encontramos uma nossa conhecida que por sua vez faz o que pode, ou o que sabe, para alliviar os doentes. Disseram-nos ao mesmo tempo que um Rev. Vigario lá estivera com a sua *agua benta*, porém que tinha sido enxotado pelo espirito e não pôde parar. Porém, nós, depois de alguns conselhos ao espirito e ás pessoas presentes, conseguimos deixar tudo em paz.

Foi mais uma occasião para se deixar provado que o espiritismo cura loucos; e os não faz.

NINGUEM.

O Espirito Consolador.

XVIII EFFUSÃO

O PURGATORIO PROGRESSIVO.

(Continuação)

Quereis que vos diga de uma maneira precisa, senhora, como encaramos a sorte dos maus, depois da morte; de que modo comprehendemos a sanção penal que deve assegurar aqui ou em qualquer outra parte, a observancia das leis divinas. Quereis saber tambem, se repellindo o inferno eterno, admittimos o purgatorio e como provamos a sua utilidade. Apresso-me em responder-vos que, não obstante alguns recuamentos ás vezes, a grande vida do Espirito não é definitivamente senão uma ascensão indefinida para a perfeição, e que essa ascensão é em si mesma um «purgatorio progressivo.»

A Igreja, vós sabeis, admitte o purgatorio para todos os que são commetteram faltas leves, ou que morreram com peccados mortaes absolvidos; porém ainda não expiados. Nesse logar de provação, as almas privadas de liberdade soffrem quasi que os mesmos supplicios dos condemnados, menos a desesperança. Ellas não se purificam pelos seus esforços proprios; mas unicamente pela virtude das preces que os vivos dizem, em sua intenção, pelas indulgencias que se lhes applicam e sobretudo pelas missas que se celebram para o livramento dellas.

O Espirito consolador nos faz ver de outro modo o estado das almas, depois da morte. Nos ensina que a communhão subsiste entre os vivos e os defunctos, como a Igreja ensina; mas nos affirma, ao mesmo tempo, que os nossos queridos mortos conservam a sua liberdade e tornam-se os arbitros do seu proprio destino.

A alma soffre, na vida espiritual, todas as consequencias dos vicios ou das imperfeições de que não se pode alimpar duraute a sua vida corporal. O seu estado de felicidade ou de infelicidade está em relação directa com o grau de depuração a que chegou no momento da sua morte; portanto a felicidade perfeita suppõe uma depuração completa; que é a santidade. Em quanto não alcança este estado, o espirito padece do mesmo mal que fez e reconhece que o seu padecimento tem por causa as suas acções criminosas. Toda e qualquer falta, absolvida ou não, apesar de todas as indulgencias, recebe o seu castigo devido; assim como a boa acção recebe a recompensa que merece. A duração do castigo depende da conversão do culpado. Deus não exige, para que ponha termo nelle, senão o arrependimento, a expiação e a reparação, enfim, a volta sincera para o bem. O espirito, supremo arbitro sempre da sua sorte, pôde prolongar ou alliviar seus soffrimentos, conforme o seu estado de pertinacia

no mal ou do arrependimento. Deus pune o mal com o proprio mal, em quanto elle dura; cessando de punil-o quando elle deixa de existir, de accordo com as palavras de Ezequiel: «Se o impio se converter de todos os seus peccados que commetteu e guardar todos os meus estatutos e fizer juizo e justiça, certamente viverá, não morrerá. De todas as transgressões que elle commetteu, não se lembrarão contra elle; pela sua justiça, que praticou, viverá».

O purgatorio não é um logar circumscripto, para o espirito que não se tenha reencarnado em algum dos mundos expiatorios. Póde nos ver, nos ouvir e quando não está sufficientemente puro, se compraz ainda na convivencia das pessoas que amou durante a sua vida corporal. Pouco se lhe dá das preces pagas a diuheiro e recitadas em seu beneficio; uma prece fervorosa, dita de coração, póde contribuir, porém, para seu livramento. Sente-se mais feliz por ver que o amam sempre e que não é esquecido. E assim sendo, deve-se deplorar a pompa dispendiosa de certos funeraes e louvar a viuva contristada que orna com flores o tumulo do seu estremecido esposo.

— (Continúa).

Noticiario.

EM BUSCA DE SAUDE.—O esforçado propagandista espirita Snr. Sabino Pinto, em companhia de seu digno irmão Snr. Luiz Pinto, de Alegrete (R. Grande do Sul), teve a gentileza de participar-nos que, a conselho de um elevado irmão do espaço, transferiu a sua residencia para a cidade de Taquary, a fim de melhorar o estado precario de sua saude.

Fazemos votos ao Nosso Bom Pae para que se digne melhorar as condições physicas de tão util existencia terrestre.

—:

SOCIEDADE «UNIAO ESPIRITA».—E' este o titulo de mais uma agremiação de estudiosos e crentes, que, a 25 de Junho ultimo, ficou constituída na cidade do Rio Grande, tendo sido eleita a seguinte Directoria:

Presidente: Theophilo de Azevedo Junior.
 Thesoureiro: José Soares de Paula.
 Secretario: Carlos Filho.

CONSELHO FISCAL

Francisco José Valerio Junior,
 Alferes Hildebrando Marchant,
 José Pereira da Silva.

Da leitura dos «Estatutos» que nos foram enviados, vê-se que o fim unico da Sociedade é a aquisição de um predio para a propaganda espirita.

Que os esforçados irmãos da «União Espirita» vejam traduzidos em facto, dentro de pouco tempo, os seus tão nobres quanto elevados intuitos, são os nossos mais ardentes desejos.

:)—(:

CENTRO ESPIRITA «SÃO VICENTE DE PAULA» (Manáos, Amazonas). A digna directoria deste operoso Centro fundado naquella Capital a 11 de Abril do corrente anno, teve a gentileza de offercer-nos dous exemplares de estatutos, um do Centro e outro da Sociedade Cosmopolita de Benefícios Mutuos «Providente Amazonense» fundada pelo referido Centro a 21 do citado mez e cuja directoria ficou assim composta:

Presidente: Jovita Olympio de Carvalho Rebello.

Vice: Manoel dos Santos Castro.

1.º Secretario: Clodomir E. de Araujo Chaves.

2.º » : Luiz Facundo do Valle.

Thesoureiro: João Baptista Cordeiro de Mello.

Directores:—Thomaz de Medeiros Pontes, Manoel Bivar, Jorge Ayres de Miranda, Manoel Bluhm, Aldobrando Floresta de Miranda, d. Francisca Rita Raposo Fernandes.

Um bravo! aos denodados confrades amazonenses!

:@:@:

O Club Politico Litterario «*Silveira Martins*» de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, honrou-nos communicando a sua fundação, composição da sua directoria e a sua séde que é á rua dos Andradas n.º 523 (sobrado).

Comprometendo-nos a fazer visitar com regularidade a sua bibliotheca pela nossa modesta revista, desejamos ao Club toda a sorte de prosperidades.

« O DIABO E A EGREJA »

Continuamos a receber pedidos deste magnifico folheto, pois que ainda dispomos de alguns milhares de exemplares, os quaes continuamos a vender pelo insignificante preço de 200 rs. cada um. Nenhum filho de Deus deve deixar de ler este elucidativo trabalho.

Numero de exemplares já vendidos e publicados 7,768

Fizeram mais os seus pedidos os seguintes ars.:

Antonio Moreira de Araujo, Itirapuan, neste Estado,	1
Manoel de Barros, nesta Capital,	1
Prof. Belegard Marinho, Lapa de Capivary, E. do Rio,	2
José Marcondes de Oliveira, Limeira, neste Estado,	15
Gregorio Martins, nesta Capital,	1
Joaquim Eugenio Vieira, Barra do Paquequer, E. do Rio,	20
Ozorio Gonçalves Lima, S. Luiz, Maranhão,	5
Um aspirante, desta capital,	2

NOVOS AGENTES DA «VERDADE E LUZ.»

Em Monte Alto, (linha Paulista), neste Estado, o Snr. coronel Antonio J. de Medeiros.

Em Jaboticabal, neste Estado, o Snr. Abilio Smith de Camargo Barros, rua da Redempção n.º 142.

RELAÇÃO DAS PESSOAS DE QUEM TEMOS RECEBIDO A IMPORTANCIA DE SUAS ASSIGNATURAS, AUXILIO A' INSTITUIÇÃO E A' PROPAGANDA, NO CORRENTE ANNO.

Recebemos 3\$000 de cada um dos seguintes Snrs.: Estado de São Paulo. Bebedouro: Domingos de Souza Gomes, e José Garcia. Miguel Stamatho, 10\$000, Menina Celina, 20\$000, Irman Guilhermina, 5\$000, Francisco das Chagas, 50\$000, Theodolino Luiz Pereira, 24\$000. Santos: João Gonçalves Neves, J. M. Correia. Limeira: Augusto Benedicto Tank, D. Sophia Elisa Tank, e Joaquim da Rocha Camargo, 5\$000. Piracicaba: D. Idalina Moreira Bosques, 6\$000, D. Adelaide de Souza Moreira, 6\$000. Campinas: Alfredo Gomes, 1\$000, Thereza Marcilio, 500, Alvaro Marcilio, 500, João Marcilio, 1\$000, Antonio Vieira, 1\$000, Xistinho, 200, Reynaldo Majer, 1\$000, Debosa Vieira, 300, Iracema Vieira, 300. Oleo: Antonio Joaquim da Cunha. Rio Claro: Cap. Esperidião Prado, 30\$000, Dr. Betini de Moraes, 10\$000. Bebedouro: José Garcia. Dous Corregos: Abel Pinto de Mello, 4\$000. Villa de Mattão: Elpidio Xavier dos Santos, 1\$000. Capital: Julio Dias, 1\$000, Luiz de Souza, Germano Junger, 1\$500.

Estado de Minas. Santa Rita de Jacutinga: Guilherme Justino de Lacerda, 10\$000. Faria Lemos: João Hygino da Silva, e José Anacleto de Oliveira, 2\$000. Santa Luzia do Carangola: Eduardo Moreira de Sampaio. Santa Clara do Carangola: João da Fonseca Lamego. Bello Horizonte: D. Felicissima de Paula Teixeira, 20\$000, sendo: 6\$000, de sua assignatura para 1906, 6\$000, auxilio á Instituição, 5\$000, pelo anniversario da desencarnação de seu marido, e 3\$000, por alma de seu pae.

Estado da Bahia. Cidade de Cachoeira: Cel. Frederico Augusto do Lago.

Estado do Espirito Santo. Villa do Alegre: João Reinoso Molina, Antonio Garcia da Silva, Manoel Garcia da Silva.

Estado do Amazonas. Manáos: J. Olympio de Carvalho Rebello, 20\$000.

Capital Federal. Manoel Gonçalves Arruda.

Estado do Maranhão. Grupo Espirita «Amor, Caridade e Fé», d. Crisantina Barros Monturil, Bernardino de Aquino Pereira, 1906.

LIVROS E FOLHETOS A VENDA NO ESCRITORIO
DA INSTITUIÇÃO CHRISTIAN

VERDADE E LUZ

Obras de João Lourenço de Souza	
Occultismo e Theosophia, 1 vol. enc.	4\$000
Synonymia das Substancias Chimicas, 1 vol. enc.	4\$000

DE DIVERSOS

Mirètta, 1 vol. cart.	2\$000
Singellos, versos de Casemiro Cunha, 1 vol.	1\$500
O Diabo e a Igreja, folheto	200
O Papa e o Anti-Christo, folheto, em papel superior:	500
em papel commum:	300
Collecções da <i>Verdade e Luz</i> , de 1900 e 1901, encadernadas em papel superior	10\$000
Dos annos de 1902 e 1903, idem,	10\$000
Dos annos de 1904 até 15 de Maio de 1905, idem,	8\$000

A direcção desta Instituição se encarrega de mandar vir da Europa, da America do Norte ou das Republicas Hispano-Americanas, sem commissão alguma, qualquer obra relativa ao espiritismo e assumptos congeneres, escriptos em qualquer idioma; assim como tambem se incumbem de remetter, mediante pedido com o respectivo importe, todos os livros publicados em portuguez pelos preços dos seus catalogos, como sejam:

Livro dos Espiritos—Livro dos Mediums—Evangelho
—Ceu e Inferno—Genesis—Obras Posthumas.

Encadernados e livres de porte postal, 3\$000 o volume.

As mesmas obras em brochura, 2\$000 o volume, livres de porte postal.

No escriptorio desta Instituição existe um grande numero de exemplares da *Verdade e Luz*, já publicados, que de bom grado enviaremos a todas as pessoas que desejarem propagar o verdadeiro Christianismo, observadas as seguintes bases: Todas as pessoas que nos enviarem 1\$000 rs., como auxilio á Instituição, terão direito a receber 50 exemplares; ás que nos enviarem 2\$000 rs. receberão 100 exemplares, e assim por deante, na mesma proporção.

• VERDADE E LUZ •

Todos os negocios e correspondencia relativos a esta revista devem ser endereçados a Antonio Gonçalves da Silva Baturra, rua Espirita n.º 28—São Paulo.

Preço de assignatura, em papel superior, 5,000 reis; em papel commum, 3,000, por anno.

Typ. Espirita.

*Luiz de Souza Mattos - Lacerda
Rua Fiesco Carvalho nº 86. Pindamonhangaba*

VERDADE E LUZ

REVISTA QUINZENAL DE ESPIRITUALISMO CIENTIFICO

*Sem caridade não ha
salvação.*

*Nascer, morrer, renascer
ainda e progredir sem-
pre. Tal é a lei.*

S. PAULO

BRAZIL

Anno XVI

15 de Novembro de 1905

N. 371



COLLABORADORES DIVERSOS

REDACÇÃO E OFFICINA

RUA ESPIRITA N.º 28.



A IMMORTALIDADE DA ALMA.

A immortalidade da alma firma-se num principio ineluctavel, que não pode soffrer a menor sombra de duvida.

Emanando da Divindade e participando da sua essencia, a alma não pode ser temporaria; porque, a não ser immortal e virtualmente infinita como duração, poderia ella ter por ventura a ideia de Deus?

O homem não tem, pois, que recear o nada da morte.

A morte não é mais que uma desagregação da fórma corporea. Não é, portanto, um aniquilamento do ser pensante, o qual nada pode destruir sem violar as leis eternas que rejem o universo. Aquillo a que nós chamamos morte outra cousa não é senão uma evolução progressiva, um movimento para deante e um engrandecimento da vida.

Se o homem não fosse immortal na sua individualidade e na sua essencia, e infinito nos seus destinos, não haveria um ser supremo e uma justiça eterna.

Em abono do que acabamos de dizer acerca da immortalidade da alma, nós reproduzimos as bellas e admiraveis palavras, com as quaes Fichte põe fecho ao seu livro sobre o *Destino do homem*:

«E' no momento da morte, é no acto mesmo de morrer, que a vida se mostra no que ella tem de mais elevado e sublime. Toda a morte é uma parturição. Para falar-se com toda a propriedade, nenhum ser pode morrer em a natureza, porque toda a natureza é viva. Por consequência, a morte não mata. Ella não é outra cousa senão o desabrochar instantaneo de uma vida nova, até então occulta na vida precedente. Tanto o morrer como o nascer são progressos da vida, novos degraus que ella transpõe, em cada um dos quaes ella vai se purificando cada vez mais, ligando-se assim a uma manifestação de si mesma que deve tornar-se cada vez mais completa. E como poderia ser outra cousa a minha morte? Eu não sou simplesmente uma fórma transitoria, palpita em mim a vida primitiva, real, essencial. Ora, o pensamento não

poderia conceber que a natureza possa aniquilar-me, a mim que não fui feito para ella, sendo que ella é que foi feita para mim. A natureza não poderia aniquilar a minha vida terrestre, esta simples manifestação, pela qual a vida universal se mostra aos olhos do ser finito; ella não pode fazel-o, porque equivaleria a aniquilar-se a si mesma. Como me poderia ella fazer morrer, ella que não me pode fazer viver? A morte, repetimos, não é, pois, senão a manifestação de outra vida, até então invisivel aos nossos olhos... O acto pelo qual a natureza faz desaparecer um ente livre e intelligente é um como cunho que ella imprime no periodo de vida que o ser deixou percorrido, cunho que tem por fim dar testemunho dessa vida para aceitar-lhe a responsabilidade, antes de introduzil-a numa vida nova, em que ella deve mostrar-se-lhe debaixo de outras fórmãs, allumiada por uma luz inteiramente differente.

«Emquanto aqui na terra choramos um homem, como nós não temos senão um motivo muito real de o prantearmos se elle eslivesse para sempre privado da luz do sol, se elle se fosse perdendo por toda a eternidade nessas immensas solidões onde não existe a consciencia de si mesmo, se elle se tivesse mergulhado, para não mais emergir-se, nos sombrios reinados do nada, acima de nós outras creaturas se rejubilam sem duvida com o nascer desse homem no seu mundo novo para elle, como nós nos regosijamos pelo nascimento de um nosso filho. Que chegue depressa o dia em que tenho de tornar-me a encontrar com esse homem, eu deixarei o lucto e a tristeza á terra que abandonarei e esse dia, entre todos os meus dias, será bemvindo para mim.

«E assim diminue, se amesquinha, se aniquila por assim dizer, aos meus olhos, o mundo exterior, do qual eu me tinha a principio maravilhado. A ordem que elle reveste para os meus olhos, a vida que o enche, a perfectibilidade que elle me deixa entrever, não são em definitiva se não uma sorte de cortina que me occulta outro mundo maior, mais magnifico, mais perfeito. Mas a crença poderá muito bem arredar essa cortina; porque

a crença quer ver e sabe ver cousas que não se contém no espaço e nem no tempo.»

As afirmações acerca da immortalidade da alma que para o celebre e sapiente philosopho Fichte, constituem provas absolutas, são partilhadas hoje por todos os homens que encaram esta questão sem ideias preconcebidas nem prejuizos.

A immortalidade da alma não é, além d'isso, uma simples crença; é, pelo contrario, uma certeza, que pode ser adquirida por todas intelligencias; porque ella se basea não sobre um sentimento, não sobre uma hypóthese, não finalmente sobre uma theoria abstracta, mas sim sobre uma realidade provada.

Não existindo o nada, sendo o ser o que é, não pode ser o que não é.

Eu existo: logo, eu não posso ser aniquilado.

Sendo o universo constituído pelo conjuncto de todos os seres, mas sendo cada ser distincto dos outros, não pode haver confusão nelle.

Nós não podemos, pois, ser uma outra individualidade, sem cessarmos de existir.

Pode-se afirmar que a nossa individualidade persiste na sua distincção e na sua identidade.

E', portanto, certo que o desapparecimento do nosso corpo pela dissolução e decomposição de suas fórmulas materiaes nada pode aniquilar no tocante á immortalidade da alma, que permanece absolutamente evidente e innegavel.

Achando-se todos os seres vinculados uns aos outros por uma solidariedade universal, que os liga numa unidade sem nella os confundir, o ser humano fórma uma pessoa moral que se reconhece na luz da sua razão e se possui na esphera da sua autonomia.

Assim, seja em qual meio for, sobre a terra ou além do tumulo, o ser conserva o seu estado normal e a sua identidade, mas vai-se aperfeiçãoando pelo progresso.

Mas a estas provas fornecidas pela logica mais rigorosa vêm-se juntar outras, que se esteiam em factos

adquiridos, que consistem nas communicações dos vivos com os mortos.

Nessas communicações que se reproduzem em todas as partes do mundo, entre as sociedades esotericas, não deixam mais duvida sobre a realidade formal da immortalidade da alma. Aquelles que de nós se adeantaram no tumulo, que, por um modo qualquer, se manifestaram aos vivos, provam com uma evidencia absoluta que a morte da alma não existe. Em face de uma prova tão palpavel e tão material, é certo que os argumentos invocados para provarem a supervivencia da alma se tornam inuteis e sem objecto.

Nós acreditamos todavia que estas considerações philosophicas seriam uteis para os que não conhecem a possibilidade da communicação do mundo visivel com o mundo que de nós se adeantou no tumulo.

As communicações dos vivos com os mortos dá a solução racional e innegavel da supervivencia da alma depois da morte do corpo, que é o unico destinado a se dissolver.

DECHAUD.

(*La Paix Universelle*).

DEUS I

Deus não é um ente.—Somos obrigados a convir que nossa organização intelligente tão grosseira, tão inferior, não nos permite termos nenhuma concepção verdadeira de Deus.

Nossa sede de saber é de tal modo insaciavel, que vamos ampliando as hypotheses scientificas, sem suspeitar que acaso raciocinamos falso e á tóa.

Estamos limitados, por força de nosso logar no espaço, a viver em um universo de três dimensões. Quem nos diz que não pode haver universos invisiveis de quatro e mais dimensões? Então onde irão parar todas nossas certezas em physica, todas nossas pretensas leis? H. Paincarré, que admiro como a um dos maiores espiritos de nosso tempo, acaba de publicar um trabalho intitulado: «O Estado actual e o futuro da physica mathematica». Longo seria miudear aquelle trabalho, mas o auctor evidencia que com as novas descobertas haverá mister revér todas as grandes leis physicas,

E o homem que se imaginava na posse de todos os bellos principios que admittia como muy bem demonstrados, acha-se hoje um pouco confuso, ante as descobertas que lhe vêm provar que seu conhecimento da materia era muitissimo imperfeito, e eil-o a reconhecer que, com respeito á Natureza, elle não passa de aprendiz, e apenas começa a comprehender . . . que bem escasso é o seu saber . . . !

E' a razão porque nenhuma das hypotheses sobre Deus pode plenamente satisfazer-nos.

Em meu humilde parecer, Deus é: Tudo! E quem diz que elle é perfeito em sua essencia e perfectivel em suas partes, esse raciocina terrestremente e humanaente, porque a perfeição ou a imperfeição são dois estados differentes, que não nos parecem taes senão porque somos humanos e habitamos a terra. Fomos obrigados a ter concepções do universo, em relação com nossa organização inferior, mas essas concepções mudarão certamente á medida de nossa elevação de esphera em esphera; é até de esperar que o grande inconhecivel se tornará um dia conhecido para nós.

Podemos desde agora considerar com visos de certeza, que o Universo inteiro não é composto senão de uma só substancia que se tem chamado Ether, e que toda a materia ponderavel e imponderavel não é mais que uma modificação, uma transformação perpetua, da substancia unica. Tudo, absolutamente tudo, sem excepção de nós, sem excepção dos seres vivos, sem excepção das almas. E para chegar a esta multidão de transformações, para engendrar o movimento, o calor, o som, a luz, a vida, a Natureza serve-se de um meio muito simples, sempre e em toda a parte o mesmo: a Vibração!

Simplissimo!!! Sim, é muy simples, mas . . . Que é ella? . . .
 Donde emana? . . .

Então é que, em ultima analyse, sentindo nosso pensamento elavar-se, nosso espirito subir, subir sempre, sentimo-nos tomados d'extranho calafrio, de uma como vertigem, e baixinho, num recolhido medroso, murmuramos: Deus! . . . Deus!! . . . Elle!!!

Sentimos, sim, que tocamos os confins que nosso espirito pode explorar, que elle se vae exteriorizando nos instantes de profundo cogitar, e nos aproxima do Ser, da Força invisivel de que sentimos a grandezza e a existencia necessaria.

Indubitavelmente sentimos que esse Ser é a Substancia Unica, eterna, increada, universal e necessaria, mas tendo entretanto consciencia, tendo ideia de seu estado, e que é dessa substancia transparente, real inda que invisivel, desse ether, que saiu por via de transformações successivas, a substancia apparente, a materia ponderavel, a vida, que por seu turno evolveram a substancia sublimada, é dizer, a intelligencia, a alma!

Todas essas transformações se effectuam, pois, por vibrações; o resultado produzido é a harmonia! Harmonia sonora, Harmonia

luminosa, Harmonia celeste, Harmonia moral, isto é, a verdade, que fatalmente nos conduz ao bello.

O bello é o conjuncto de todas as vibrações formando todas as harmonias no seio da Vibração Universal na Harmonia Universal — Deus !!!

Não ha mais falar no Deus das religiões, no Deus Providencia, ridiculo, que o homem invoca quando tem uma colica, ou está num barco que ameaça sossobrar, nesse Deus que se occupa de nossas coisitas para as julgar e as condemnar, ou as approvar. Não, tal Deus não existe e nunca existiu. Mas se o Deus Providencia das religiões está para sempre aniquilado, segue-se por isso que Deus (Deus !!!) não existe? Longe disso, basta nos estudar a natureza, e quanto aprofundarmos a obra eterna, tanto nos aproximaremos do sentimento intimo que nos fará, não comprehender Deus, mas presentir Deus . . .

Victor Hugo resume assim seu pensamento sobre Deus nas *Choses de l'Infini*:

«As almas passam a eternidade a percorrer a immensidade.» Depois, elle percorre pelo pensamento o systema solar, fa'la nas distancias planetarias e ao chegar ás fronteiras do systema exclama: «Está findo? Findo! Que palavra é esta? Melhorae voosso telescopio e vereis.» E de novo abala atravez as estrellas, dando-vos uma sensação de vertigem; e terminando de analysar o Universo, eis suas conclusões: «Só a astronomia não tem sombra, ou, para melhor dizer, a sombra que ella tem é deslumbrante.

«A' volta do homem tão pequenino, radiam, não dizemos quatro infinitos (o infinito não se scinde), mas quatro aspectos do infinito: dois na duração, o infinito futuro e a eternidade passada; dois no espaço, o infinitamente grande e o infinitamente pequeno.

«Mas a eternidade passada! que palavra! O absurdo e o evidentes, o impossivel e o real, amalgamados e indivisivelmente misturados para comporem o inconhecivel! A sombra apparece como a unidade. Que ha nesta unidade? O homem sondou, primeiro com a pupilla, depois com o telescopio, depois com o espirito.

«Que é essa unidade?

«E' a negrura, é a simplicidade tremenda, é a immanencia morta do abysmo, é o deserto, é a ausencia . . . Não, é o fervedoiro dos prodigios! E' a presença!

«Cada uma das três sondas do homem sacou alguma coisa. Os olhos viram seis mil estrellas, o telescopio viu cem milhões de soes, o espirito viu . . . Deus!»

Ahi temos as conclusões a que chegou aquelle grande genio, e tinha razão; Deus não se discute, não se analisa, presente-se, e ninguém o pode presentir bem senão no estudo do infinito, isto é, na astronomia.

Quanto á alma, impossivel é que alguem não possa crer em sua

existencia, em sua eternidade e consequentemente nas leis de reencarnação e em todas as consequencias que della deffuem.

A sciencia da alma está ainda em estado embrionario, e muito temos que fazer para ajudar o seu adeantamento. Mas, pois é nossa a eternidade, porque descorçoar? Trabalhemos com afincio: a belleza do termo a que havemos de chegar vale de sobra todo esforço.

NOURRY.

(*La Paix Universelle*).

2 DE NOVEMBRO.

Dia de finados chamam' ao 2 de novembro.

Não pode haver nome mais improprio para nomear os que estão vivisimos, acompanham-nos, amorosamente nos acolhem todas as noites mal cae a dormir o nosso corpo e delle nos desprendemos por algumas horas; e depois quando de vez rejeitamos a materia inerte, vêm a nosso encontro e nos levam consigo.

A 2 de novembro deveria o povo vestir-se de branco, entoar cantos alegres, elevar nobres pensamentos aos parentes que se foram, rogar a nosso Bom Pae que os illumine para irem em ascensão perenne e gloriosa pelos mundos fóra, pelas *moradas* de Deus, como disse o Christo.

Os finados, os defuntos, somos nós que rastejamos pelo chão deste mundo-purgatorio, a expiar nossas culpas, a encher-nos de meritos, a ganhar experiencia, a tornar-nos dignos de habitar mundos, onde sejamos o que nem por sombra logramos entrever.

O Christo tudo isso nos veio ensinar, quando disse que João Baptista era Elias, abriu a Nicodemus que elle *tinha que renascer* para ir aos Céus (aos mundos afortunados), e declarou que todos seremos *deuses* (Espiritos puros). Não convinha, porém, que o povo soubesse estas coisas; vieram os dogmas afogar a verdade; a casta que o Christo afugentara do Templo, voltou e arrogantemente se fez dona de todos os templos, mal que o Enviado na cruz se soltou de seu corpo.

As resultas de se ter apagado a doutrina luminosa do Christo, são o que vemos: o povo se cobre de luto no dia que haveria de ser vibrante de risos e cantos, porque lhe dizem que de *cem* dos que morrem acaso *dez* irão para o Céu; nos labios afroixa-lhe a prece, porque duvida que ella seja efficaz, visto tornar-se um som inutil se o morto estiver nas chaminas eternas; morre-lhe no coração a creença, porque elle não pode deixar de odiar um Deus que creou seus filhos para os perder, negando elle mesmo o perdão que exige de suas creaturas; foge-lhe a fé, porque cada qual sabe que elle não é melhor que os condemnados.

Pobre humanidade! Quando te soltarás em risos, quando deixarás de ser verime e espantejarás as tuas azas setinosas, quando comprehenderás que Deus é nosso Pae amoroso, e não vil tyranno ao serviço de miseraveis?

(Da Folha de Lavras).

SEXEX.

**Aos meus irmãos do Congresso dos livres pensadores
reunidos em Paris ultimamente.**

Com muita satisfação fiz a leitura dos vossos trabalhos naquelle illustre recinto, apazando-me sobremodo conhecê-los em sua summa.

Quero crer que muito aproveitasse ao povo pariziense tão elevado certamen politico scientifico, apenas faltando-lhe o character religioso.

Portanto deviamos ter tido um Congresso com intuitos politico e scientifico-religioso; por que o espiritismo reúne os dous elementos material e espiritual, elementos universaes de que a sciencia nova deve preoccupar-se, como o tem feito com applausos nossos.

Não ha duvida que primeiro devia desenvolver-se a sciencia material para depois, a seu tempo, vir a sciencia espiritual.

Temos a lei da occasião, a lei da opportunidade tão necessaria a todas as reformas; porque, se assim não fosse, abortaria tudo o que fosse prematuro ou antecipado.

Appareceu a sciencia espiritual; nol-o attestam os phenomenos que por toda a parte se produzem, como apparições de almas do outro mundo, pancadas ou detonações nos moveis sem causa alguma apparente e curas rapidas pelos processos mediumnicos.

Que mais queremos, que mais desejamos a bem da verdade? Se somos pela verdade, admittamos, como quer Leon Denis, a synthese scientifica. Até hoje as novas descobertas scientificas attestam a existencia d'aquellas forças intelligentes; portanto não devemos abstrahir-as da reforma projectada.

Existe Deus? Quem seria capaz de negal-o?—Mas sabemos hoje que esse Deus é um Pae infinitamente misericordioso, soberanamente justo e bondoso e não um Ser vingativo e exterminador, como o fez Moysés.

Intelligencia Universal, Bondade Infinita, Supremo Creador, Inegualavel Poder, Deus a todos preside, a todos ampara por meio de suas leis immutaveis, impereciveis, inviolaveis, podendo Elle transgredil-as, se quizer.

Que é a intelligencia? Não será a lei da sabedoria?

Que é a morte? Não será a lei da transformação?

Que será o instincto? Não será a lei da conservação?

BIBLIOTECA
ESTADO
NACIONAL

Que é o appetite? Não será a lei da conservação das forças corporaes? Etc, etc.

Façamos, pois, a reforma, tendo em vista os seguintes principios habilmente defendidos por Allan Kardec e outros precursores da sciencia moderna: Unificação das crenças pela unificação dos tres factores do engrandecimento perfectivo baseados na justiça e bondade de Deus: Reencarnações ou Pluralidade das vidas neste ou em outros Planetas; Pluralidade dos Mundos em suas varias gradações de saber para as migrações das almas perfectas na sciencia planetaria inferior; e Migração das almas dos corpos inferiores para os dos homens em cada planeta.

Quem assim não pensar só terá perdido o seu tempo; porque a crença em Deus é peculiar a todos, quer aos selvagens, quer aos sabios, apenas differindo em modo por falta de melhores condições physicas do nosso Planeta.

O homem aprende o alphabeto, como pôde aprender a conhecer a maneira de ser de Deus. Tenhamos, pois, a Reforma tambem religiosa.

JOSÉ CAVALCANTE DA COSTA.

O Espirito Consolador.

XIX EFFUSÃO

O PURGATORIO PROGRESSIVO.

(Continuação)

A duração do castigo, dependendo do arrependimento, tem como consequencia, que o espirito culpado que jamais se arrependesse poderia na realidade padecer um supplicio eterno. Mas será possível que um espirito seja pertinaz no mal a tal ponto? Não, elle, desse modo, escaparia da grande lei do progresso que governa providencialmente todos os seres. Elle pôde persistir no mal durante annos, durante seculos; porém chegará a occasião em que a sua obstinação ha de dobrar-se deante do poder que o domina. Nessa occasião a bondade divina o procura e, aproveitando-se desse primeiro vislumbre de arrependimento no coração do malvado, lhe faz entrever as alegrias que elle pôde gosar.

Não ha necessidade que Deus faça um milagre, para que o culpado se arrependa, antes pelo contrario, seria necessario que elle os fizesse para impedir que isso acontecesse. Ora esse horrivel milagre elle não o fará; a sua justiça não o exige e a sua bondade o prohibe. Além disso é tanto mais facil a alma culpada reconsiderar os seus actos, quanto ella já se acha livre das illusões da materia, e

que, portanto, vê e avalia as cousas differentemente do que via e avaliava.

Não devemos suppôr que a certeza que o espirito mau tem de alcançar mais cedo ou mais tarde a felicidade, o incite a persistir no mal. Neste erro cahiu o padre Lacordaire, quando, defendendo o inferno eterno, formulou assim a sua grande objecção contra a nossa doutrina:

« Qual a razão porque uma alma que desprezou o conhecimento e o amor de Deus no primeiro cyclo de sua provação se arrependeria no segundo? quando o segundo é igual ao primeiro; uma mecla de luzes e sombras, um logar apropriado á seducção do espirito e dos sentidos. Porque tal preferencia, quando ella é a mesma em toda a sua personalidade, e conserva em si as cicatrizes das suas quedas. Ainda que o effeito reparador de um segundo nascimento a preservasse de cahir; ella pôde cahir e morrer outra vez afastando-se voluntariamente de Deus. Ella pôde continuar o curso de suas immigrações na hierarchia dos mundos, em vista do seu direito imprescriptivel, sem que Deus a possa deter e punir de outro modo que não seja dar-lhe meios de o offender continuamente. Nem se diga que ella se cançaria da monotonia da sua carreira e das suas culpas. O peccado é um abysmo que jamais se exgota, renasce de si proprio com maior força, com maior fascinação. Se esta terra, que tão pequena é, satisfaz ao peccador desde que a possa habitar eternamente, quanto mais conteate não ficaria elle com uma outra vivenda onde tudo seria novo e se renovaria constantemente por transmutação dos tempos e das cousas? Elle se prepararia para essa nova vivenda como para uma continua viagem, cheia de attractivos. Em logar da tremenda perspectiva do julgamento, que faz que a morte seja o escolho solemne da vida, o peccador iria para o tumulto com a mesma segurança com que um caminhante atravessa um portico e diria ironicamente na sua impiedade: O universo é vasto, os seculos são longos, completemos primeiro que tudo a circumnavegação dos mundos e dos tempos. Passemos de Jupiter a Venus, de Venus a Saturno; do primeiro céu ao segundo, do segundo ao terceiro; e se acontecer, depois de um espaço de tempo incommensuravel, que os sóes nos falem, nós nos aprestaremos a Deus e lhe diremos: Eis-nos aqui: a nossa hora não chegou, faze-nos céus e astros novos; porque se estás cançado de nos esperar, nós não estamos de caminhar, de te amaldiçoar e de livrarmo-nos de ti! »

Bom padre Lacordaire! agora que não temeis mais o anathema, deveis rir-vos dessas grandes phrases que eu outr'ora admirei e que agora me causam dó. Elle emprestando tal linguagem e taes disposições ao peccador, suppõe precisamente o que é impossivel. Parece ignorar que o espirito culpado soffre depois da morte as consequencias de suas culpas e que não vê o termo de seu castigo, o que já é um terrivel supplicio. Elle entende ser muito natural que a alma se condemne por sua propria vontade a soffrer as dores

inherentes ao peccado, quando ella bem sabe que só de si propria depende livrar-se desse soffrimento e caminhar para a felicidade. Esquece ao mesmo tempo, que o Pai tem todas as razões para ser paciente, por que é eterno.

Não devemos considerar a humanidade peor do que é na realidade, dando valor a objecções fundadas em hypotheses impossiveis.

Vejamos, como exemplo, Judas Iscariote; cuja alma negra não encontra par; no entanto elle não demorou um dia sem se arrependar. Deus permittiu sem duvida, que esse arrependimento fallhasse, porque foi até o desespero, com o fim de fazer com que Judas entrasse no caminho de uma expiação longa e dolorosa; mas é certo que elle não seria capaz de commetter um novo crime, como o primeiro. E querem que outros espiritos, menos maus, persistam eternamente no mal para terem a horrivel voluptuosidade de affrontar a Deus! sem attenderem nem na consciencia, nem no verme rôedor que se chama o remorso, nem na aspiração instinctiva da alma para o bem e que origina a felicidade, nem na bondade de Deus, que não quer que os seus filhos pereçam. Como quer que seja os criminosos mais infames conservam sempre sob a camada espessa dos seus vicios, alguma fibra generosa que Deus saberá fazer vibrar quando a hora tiver chegado. Chega um dia, porém, em que o impio se cansa da sua rebeldia, das suas depravações e das amarguras soffridas por causa dellas. A Sabedoria o proclama neste grito de angustia dos maus: «Nós estamos cansados do caminho da iniquidade, nós temos passado por caminhos escabrosos».

Não, ninguem deve perder a esperanza, nem mesmo Judas. O Salvador, eu sei, pronunciou sobre esse traidor estas palavras bem pouco tranquillisadoras: «Melhor fôra não haver nascido do que commetter um tal crime». Poderíamos suppôr por esta sentença que o nada seria melhor para Judas, do que a sorte a que elle fez jus pela sua traição; mas não a poderíamos tambem interpretar deste modo: «Seria melhor para Judas que elle não se tivesse reencarnado desde que a sua encarnação serviu-lhe para commetter um tal crime. Conservando-se fiel ao filho do homem, elle pôderia ter subido de um salto a esse paraizo onde amanhã subirá o bom ladrão; traíndo-o, porém, elle cahiu muito mais baixo do que estava quando chegou a este mundo.

Expoz o seu nome á execração dos seculos futuros e condemnou-se a torturas que lhe parecerão eternas, antes de galgar outra vez a altura a que quasi chegou.

Pode bem ser que esse traidor depois de se ter enforcado, tenha sido desterrado, por seculos, nos abyssos expiatorios de que vos falei, e que mais tarde reencarnado na terra, tenha sido matado como conspirador, depois de ter sido traído por um dos seus. Quem sabe se nesta occasião não está elle pagando o resto da sua divida com a veste de algum proscripto e esperando a hora em que a bon-

dade divina lhe conceda a graça insigne de derramar o seu sangue pela gloria d' Aquelle que elle entregou.

A nossa doutrina, em vez de favorecer o vicio com uma segurança intempestiva, mostra pelo contrario uma severidade capaz de amedrontar as almas fracas.

Conforme o que ella ensina, toda a culpa será expiada e reparada, não com uma penitencia derisoria, mas por uma penitencia verdadeiramente medicinal.

Certos criminosos são punidos pelas vinganças posteriores das suas victimas, outros são mergulhados em trevas espessas, sem saberem onde se acham e o que virá a ser delles. Todos padecem com uma intensidade relativa ás dores e afflicções que causaram aos outros. O orgulhoso assiste ao triumpho daquelles a quem humilhou; o hypocrita se vê penetrado de uma luz que põe a descoberto as suas velhacarias; o volutuoso é atormentado de desejos que não podem mais ser satisfeitos; o avarento vê os seus thesouros delapidados sem poder conservalos; e o egoista se vê abandonado de todos e não encontra uma voz amiga que o console.

A situação do espirito logo em seguimento á sua morte, é a que elle mesmo preparou pela sua vida corporal. Uma vida mal desempenhada é uma tarefa a recommençar, em condições mais penosas. Os que soffrem muito, sabem que muito tinham que expiar e quasi sempre a nossa imperfeição dominante é o resultado dos nossos habitos preponderantes de uma vida anterior.

Todavia os espiritos culpados não são forçados nem condemnados á galé perpetua; são antes doentes retidos por algum tempo num hospital soffrendo ao mesmo tempo da doença, que provocaram e dos meios curativos que ella exige. Por este modo o caminho da felicidade está aberto para todos e as condições para attingil-a são as mesmas para todos. Deus em sua justiça dá a felicidade como premio do trabalho e não o dá de favor. A cada um conforme a sua obra, no céu e na terra.

A estrada por onde sobe a grande humanidade com as suas alternativas de vida corporal e de vida espiritual; não é senão um lento *depuratorio*. As primeiras paragens onde o mal domina em proporções espantosas; são os *infernos*. As paragens um pouco mais avante, como a da terra, onde o mal ainda domina, mas onde as alegrias são intrelaçadas de dores; são os *purgatorios*. As paragens superiores, onde o bem reina, podem ser chamadas as dos *paraizos*, mas de paraizos progressivos que são apenas as avenidas que levam á verdadeira Jerusalém, onde nos espera o Fae, cercado pela phalange dos espiritos victoriosos.

(Continúa).

Diversos assumptos offercidos ás exmas. Damas
da Caridade da diocese de S. Paulo.

LXXXVI

Nobres Damas da Caridade, vamos hoje continuar a dizer tudo aquillo que possa servir de ensinamento a todos os filhos de Deus que tiveram a paciencia de nos ler na descripção que fazemos da nossa viagem ao Estado de Minas.

Antes de entrarmos no assumpto, é nosso dever abrimos os olhos aos cegos, dizendo-lhes a verdade toda inteira.

Faz poucos dias que certo *Vigario* enviou um telegramma ao jornal *Estado de São Paulo*, denunciando que o Espiritismo tinha feito *um louco* em Mattão, e pedia ao muito digno chefe da Policia que applicasse contra os espiritas o codigo penal.

O Sr. Vigario que não nasceu no Brazil, julga que aqui as auctoridades são jesuitas e, portanto, devem proteger o jesuitismo. Engana-se, porém. As auctoridades do nosso paiz são republicanas e por isso não estão ao serviço deste ou daquelle credo religioso, por que o Estado é leigo, não tem religião.

Sr. Vigario de Mattão, vamos mais uma vez provar-lhe que os espiritas curam loucos, mas não os fazem.

Ha uns quatro mezes que nós fomos á Estação da Lapa e tiramos da Estação Policial uma senhora que estava louca e a levamos para uma chacara em Santo Amaro (villa), a qual pertence á Instituição Christian Beneficente Verdade e Luz. No prazo de dous mezes ficou completamente curada.

Esta senhora é comadre duas vezes do Sr. Major João Opitz, diligente e illustrado sollicitador dos auditorios da capital; este Sr. é muito conhecido e muito conceituado.

Podem colher informações do mesmo Sr. Major, no Largo do Riachuelo n. 23.

Na mesma chacara foram curadas mais tres senhoras, as quaes eram tratadas de loucas, pelo vulgo, quando não passavam de obsedadas. Todas ellas são catholicas.

Está alli sendo tratada uma menina de 11 annos, vinda de Pedrneiras do Jahú, a qual já se encontra quasi sã. Esta menina, de nome Jenny, dizem que ficou louca, quando tinha cinco annos.

Já vê o Rev. Vigario de Mattão, que o espiritismo cura loucos e a religião catholica faz loucos. Portanto podemos parodiar o seu pedido ao Ill.^{mo} Sr. Dr. Chefe de Policia, pedindo para applicar aos vigarios catholicos as penas do Codigo Penal, visto que a sua religião faz loucos.

Passemos agora a contar o que vimos na cidade de Pouzo Alegre, no Estado de Minas, para onde fomos a convite de um venera-

vel ancião que teve a infelicidade de ver seu filho com as faculdades mentaes transornadas.

Nobres Damas da Caridade, e vós, nosso bom irmão e amigo Rev. Monsenhor Dr. Camillo Passalacqua, não podeis avaliar a satisfação que vai em nossa alma ao ver o procedimento dos bons paes para com seus filhos que tiveram a infelicidade de perder o uso da razão. Quanta dedicação! quanta paciencia! quanta abnegação, naquelles verdadeiros christãos! Foi isto que prezenciamos na cidade de Pouzo Alegre, no Estado de Minas, nos paes e irmãos do soffredor que deu causa á nossa ida áquella cidade.

A cidade de Pouzo Alegre é uma velha povoação situada num lugar muito alegre, donde lhe veiu o titulo. Quasi tudo alli é velho (os edificios), á excepção do bonito palacio dos Salezianos, da grande casa das Damas de São. Também está em construcção um palacio, ou Seminario, que o Sr. D. Nery, Bispo, está mandando construir.

Por falar neste Bispo, não podemos deixar de render homenagem á sua intelligencia e perspicacia.

E' um verdadeiro catholico. Se assim não é, pedimos ao nosso bom irmão e amigo Rev. Monsenhor Dr. Camillo Passalacqua e ás nobres Damas da Caridade, a bondade de convencer-nos de que estamos em erro.

Eis o caso:

S. Ex.^a Rev.^a vendo, que muitas das suas ovelhas faziam muitas promessas a nossa Senhora da Aparecida, levando, portanto, grandes quantias de *esmolas* áquella *senhora*, quantias que redundavam em beneficio do seu collega o Ex.^{mo} Bispo de São Paulo e, portanto, em seu prejuizo, fez o seguinte raciocinio: Como são ignorantes os crentes catholicos, pois andam verdadeiramente cegos. Deixam de fazer promessas ás nossas senhoras brancas, das minhas egrejas, portanto as desprezam, para darem muitas offerendas á Senhora da Aparecida, do vizinho, por ser preta, pois eu, que não sou beocio, vou tambem mandar fazer uma *senhora* da Aparecida preta, e a colloco em a Igreja Matriz. digo ao Rev. Vigario para na hora da missa pedir aos *freguezes* que d'ora em diante deixem de fazer promessas á antiga *senhora* da Aparecida do Estado de São Paulo, visto ter uma em Pouzo Alegre que faz os mesmos milagres que tem feito a outra, poupando os romeiros grandes quantias que gastariam nas Estradas de Ferro e nos hoteis. Espero que esta minha lembrança me dará muito proveito, pois preciso mais que o meu collega do rico Estado de São Paulo.

A' vista do exposto, perguntamos: E' ou não é verdade ser muito intelligente aquelle Sr. Bispo? Não nos consta que nenhum outro bispo brasileiro tivesse a mesma lembrança.

Hoje ficamos por aqui.

NINGUEM.

BRINDES ESPECIAES.

Por contracto feito com a *Casa Dixie*, de propriedade da antiga firma *Ferreira de Menezes & C.^a*, á rua do Rosario 99, *Capital Federal*, esta concede agora brindes de Rs 1.200\$000 aos compradores de cada colleção de meus livros, que para isso forem indicados por um systema engenhoso em que não pode haver a menor fraude ou parcialidade, visto estar fiscalizado pelo publico em geral.

A referida colleção compõe-se dos seguintes livros, que serão, com um numero em cartão, promptamente entregues ou expedidos ao comprador mediante a quantia de 20\$000 rs.: *Criação de Animaes*, *Criação de Aves*, *Criação de Abelhas e Bicho da Seda*, *Synonymia das Substancias Chímicas e Pharmacopea Homoeopathica*, *Occultismo e Theosophia*. Trata-se de negocio serio com bastante vantagem não só para o publico, mas tambem para a *Casa Dixie* cujo resultado consiste nas porcentagens que lhe são concedidas por muitas fabricas e casas commerciaes que favorecem a propaganda geral das mercadorias. *Lourenço de Sousa*, redactor do *Americano* (Rio).

Instituição Christan Beneficente
« VERDADE E LUZ »

O abaixo assignado, director desta Instituição, pede aos Srs. agentes desta Revista que, a bem da Causa, se dignem promover não sómente a cobrança das assignaturas do corrente anno, mas ainda angariar maior numero de assignantes para o futuro anno de 1906.

Incumbe outrossim aos mesmos Srs. agentes de angariarem socios para a Instituição, aos quacs será licito concorrerem com a quantia de cem rs. para cima. Todos os que contribuirem mensalmente com a importancia de 300 rs., terão direito de receber, gratuitamente, em papel commum, a Revista da associação; receberão-a-hão em papel superior todos os que concorrerem com 500 réis por mez. Como se vê, são quantias assaz diminutas, que não farão falta a ninguém, mas que poderão trazer grande beneficio aos que dellas necessitam para o seu sustento, vestuario, educação, e tratamento medico.

A Instituição está com um alcance de cerca de dous contos, mas o director espera que o Bom Pae ha de inspirar aos seus esforçados agentes para que ponham todo o empenho em promover a cobrança das assignaturas em atrazo, de maneira que o alludido deficit ha de ser brevemente coberto.

ANTONIO GONÇALVES DA SILVA BATUIRA.

Typ. Espirita.

VERDADE E LUZ

REVISTA QUINZENAL DE ESPIRITUALISMO CIENTIFICO

*Sem caridade não ha
salvação.*

*Nascer, morrer, renascer
ainda e progredir sem-
pre. Tal é a lei.*

S. PAULO

BRAZIL

Anno XVI

30 de Novembro de 1905

N. 372



COLLABORADORES DIVERSOS

REDACÇÃO E OFFICINA

RUA ESPIRITA N.º 28.

TRES MODOS DE TRABALHAR.

Está, em primeiro lugar, o *trabalho da aranha*, trabalho paciente, porém esteril.

A aranha tira tudo de si mesma, do seu proprio corpo; depois de haver fiado a sua teia mediante os seus proprios esforços, sem auxilio extranho, nella envolve-se, fixa se e encanta-se e dalli não sae. E' a imagem daquelles que presumem fazer sahir toda a verdade da propria essencia delles, sem nada deverem á experiencia dos outros.

Não lhes digais que busquem alhures auxilios á sua fraqueza. A sua razão lhes serve para tudo, e elles se bastam a si mesmos; só confiam nas suas proprias luzes e gostos, e julgam que possuem a sciencia infusa.

Vem, em segundo lugar, o *trabalho da formiga*. Esta merece mais encomios. A mesma Escriptura Sagrada não se desdenhou de recommendar aos preguiçosos o exemplo da formiga (Prov. VI, 6). E não obstante existem muitas lacunas no seu labutar. Ao envez da aranha, a formiga nada tira da sua propria essencia. Grangeia a vida em todas as partes onde se lhe depara o ensejo; enfeixa migalhas, empilha biscateos e com elles abarrota os seus armazens, mas tudo isto sem discernimento nem medida. Ha um bocçado de tudo nas provisões que accumula, e as coisas mais incongruentes se casam na sua collecta, mixordia importada de todos os lados, imagem fiel dessã casta de trabalhadores que só se occupam em encher a cabeça de uma infinidade de materias, mal digeridas, mal coordenadas, um tropel de conhecimentos vindos d'aqui ou d'acolá, nos quaes se procura debalde uma ligação ou unidade.

Este genero de trabalho produz espiritos superficiaes, que apprendem um diluvio de coisas e não sabem nenhuma.

A *abelha* é mais judiciosa e habil. Não se obstina, como a aranha, em tudo querer tirar da sua propria essencia, nem se limita, como a formiga, a encelleirar confusamente as provisões, com que topa. Mais modesta

do que aquella, menos avida do que esta, vae direita ao melhor e ao mais perfeito das coisas. Despreza o que não é util; passa por cima das flores de que não espera tirar nenhum proveito, e só se demora naquellas, cuja substancia pode assimillar-se. E ainda destas, só toma o succo, isto é, o que ha de mais doce e de mais nutritivo; extrae a medulla, digere-a, elabora-a, e além de haver-se alimentado com ella, converte-a em alimento exquisito para os homens.

F. Nowy publicou em *La Vanguardia* de 27 de Fevereiro ultimo um artigo muito bem escripto, do qual reproduzimos os precedentes fragmentos, por julgal-os interessantes e por parecer-nos que as abelhas e os espiritalistas estudiosos têm muitos pontos de semelhança, porque os espiritalistas, que se dedicam a estudar o Espiritismo com verdadeiro aproveitamento, fazem um trabalho util, não sómente para elles, mas ainda para quantos os rodeiam e querem ouvir os seus conselhos e desejam instruir-se com as suas sensatas instrueções.

O verdadeiro espiritalista *vae direito ao melhor e ao mais perfeito das coisas*, porque lê pelo melhor livro; lê na historia unjversal escripta pelas gerações que têm vindo povoando a terra, e ante a verdade da vida eterna, procura adquirir esses conhecimentos que põem francas as portas de todos os templos do saber. Sem assemelhar-se á *formiga* que accumula na *sua collecta as coisas mais incongruentes*, é como a *abelha*, que *converte a sua alimentação em alimento exquisito para os homens*.

Ah! Sim! O verdadeiro espiritalista é a *abelha* que anda libando no jardim da sciencia as suas mais preciosas flores, demorando-se principalmente nos vergeis do sentimento, onde desabrocham as suas corollas, todas as flores que symbolisam a ternura e o amor.

Ninguem como o verdadeiro espiritalista pode comprehender esses amores intimos, essas recordações imperecedouras das outras epochas, que nos deixam vestigios indeleveis na mente e pulsações perpetuas no coração.

Como é bello o trabalho dos verdadeiros espiritalistas!

... são as laboriosas *abethas* que nos apresentam o *favo* da vida com todas as suas doçuras, com todo o seu aroma, com o perfume inebriante da verdade; e conhecer a verdade é acercar-se de Deus, é pôr-se no *além* com os Redemptores, com os Prophetas, com os Messias, com os Enviados de todos os tempos, é saber o porque das grandes hecatombes, é conhecer a causa da ruina dos povos florescentes um dia, e submergidos mais tarde nos abysmos de todos os vícios, de todas as concupiscencias, de todas as degradações, de todos os crimes, de todas as iniquidades que os homens cegos pela cubiça e pela perversidade podem commetter.

Estudar o Espiritismo é prehencher as lacunas que se encontram na vida, que em realidade existem muitas, muitissimas, innumeraveis e que só se podem preencher com os multiplos episodios das historias passadas, assim na vida particular de cada individuo como na vida collectiva das sociedades e na de todos os povos em geral. Não fôra o estudo do Espiritismo e não se poderia comprehender o desenvolvimento da vida nas nações e nos seus povoadores, porque se vêem nações poderosas que commettem verdadeiras iniquidades, pelas quaes deviam soffrer o mais rigoroso castigo, e em vez de occuparem o primeiro degrau na escada do progresso, marcham na frente da civilisação, e as suas naus vencedoras cruzam os mares e, ante a voz dos seus canhões, prostram-se humildemente povos honrados que não mancharam a historia com o sangue dos seus crimes; e em compensação ha outras nações que por seus heroes, por sua fidalguia, por sua nobreza, por seus artistas, por seus santos, por seus poetas, por seus sabios, deviam figurar em primeira linha, e vivem tão esquecidas, tão abandonadas e tão desprezadas, que ninguem se lembra dellas, e, se alguém as nomeia, diz que são nações *moribundas*, como succede com a Hespanha.

E estas injustiças, pelo que parecem, não terão uma causa justificada? Sim; têm-na; os povos têm a sua historia, como a tem cada individuo, e o estudo do Espiritismo é o que facilita os antecedentes pelos quaes se

chega ao conhecimento da vida de hontem. A vida de hontem!... com os seus atropellos, com os seus desenfreiamentos, com os seus desacertos, com os seus abusos inqualificaveis, com as suas violencias, com o seu despotismo, com os seus feitos vergonhosos, que dão como resultado a ruina dos povos mais florescentes; e os abusadores de hontem são os homens degradados de hoje, são os mendigos que se contentam com o pão humilhante da esmola, que, como dizia muito bem Fernão Caballero: o pão da esmola alimenta, mas não nutre; são esses mendigos religiosos que só se occupam de saciar a fome do corpo, porém que não sentem essa sede da alma, essa sede do infinito, essa sede divina que separa o homem do bruto.

Com o estudo reflectido do Espiritismo desaparecem as injustiças, os mysterios, as anomalias, e a razão triumphante agita a sua bandeira victoriosa, que ostenta o mais bello lemma: Tudo pela verdade!

Bemditas sejam as abelhas do Espiritismo! ellas fazem o melhor trabalho, porque, á semelhança do Sol, difundem o calor e a luz sobre os justos e sobre os injustos, sobre os crentes e os atheus, sobre os sabios e os ignorantes.

Trabalhai, *abelhas* do Espiritismo! e offerecei á humanidade o precioso favo da vida.

AMALIA DOMINGO SOLER.

(Da *Constancia*).

A IMPRENSA.

De todos os inventos humanos parece que a imprensa é o mais util e civilizador. Os outros attendem ao bem estar, facilitam os conhecimentos, acceleram as viagens, abreviam as distancias; é, porém, a imprensa o vehiculo das ideias, a propulsora da civilização, mensageira do bem, do bello e da verdade.

Quando uma nação decae, quando se enthronam nella o vicio e a mentira, nada a pode reerguer tão depressa como a imprensa. Ella bate valorosamente os abusos, reduz as insolencias, humilda as goberbas, castiga os orgulhos, destroe os conlujos, confuta os erros,

nivela as classes, e vezes ha que, em poucos annos, destroça velharias que haviam resistido ao embate de muitos seculos.

Se ella não fôra, ahi estariam os barões feudaes, ferocissimos donos da vida, dos haveres e até da honra dos vassallos; perduraria a divisão do clero, nobreza e povo; estaria o mundo mergulhado na barbaria.

Gravissima é, pois, a responsabilidade da imprensa; ella tem que ser altiva, nobre, intemerata, desinteressada, alheia ás villanias dos partidos, aggressiva quando o passado tentar sovter o presente, valente contra os mandões, valedora dos fracos, dando a todos leituras sans, uteis e instructivas.

Não haverá na imprensa muita mentira, muita intriga, muita ruindade?

Ha tudo isso, porque são homens que a regem. Mas é sabido que a mentira só pompeia enquanto não apparece a verdade, e esta a imprensa é que a divulga, desfazendo assim o mal que tenha feito.

Pelo exposto, maximos bemfeitores são os que lidam na imprensa; cabe-lhes justamente o nome de bemaventurados, porque têm fome e sede de justiça, são misericordiosos, pacificadores e, não raro, soffram perseguição por amor da justiça.

Sál da terra lhes devemos chamar, quando servem com inteireza á justiça e á verdade.

SENEX.

(Da Folha de Lavras,—Minas).

O Espirito Consolador.

XX EFFUSÃO

Os MUNDOS FELIZES.

(Continuação)

O sol com a sua irradiação me torna menos triste, senhora, e mais disposto a fazer com que desvieis o vosso olhar desses mundos de expiação, para o dirigir, ainda que de relance, para os mundos onde a felicidade impera. Não quero falar com isto da felicidade completa, que virá a ser o termo e o coroamento da nossa ascensão. Uma felicidade tal é indescriptivel, porque «o coração do homem não pôde comprehender o que Deus reserva aos que o amam», portanto vos falarei das alegrias relativas, humanas; mas supra-terrestres que hão de nos caber, depois que tivermos percorrido intrepidamente mais algumas vivendas, cheias de trabalhos.

O telescopio nos mostra no firmamento sóes duplos, sóes triplos,

de variadas cores. Essas cores deviam iluminar e fecundar terras e planetas, da mesma forma que o nosso. Pois bem, este simples facto astronomico nos auctorisa a imaginar um paraizo terrestre e celeste reunidos; cujos esplendores podem exceder a todos os nossos sonhos.

Essas terras abençoadas são cobertas com a mais luxuriante vegetação e recortadas por montanhas, por mares, rios que augmentam os seus logares encantadores. Em virtude da rotação do planeta e das evoluções dos tres sóes multicores os habitantes desse Eden vêem um sol branco levantar-se pela manhã. Algumas horas depois um bello sol azul apparece e tinge de azul as montanhas e planicies; mais tarde quando o primeiro declina no horizonte e que o segundo se acha no zenith surge no oriente um magnifico sol cor de rosa! Que effeitos de luz! Que espectaculos maravilhosos para os felizes habitantes desse mundo!

Esta colonia humana elevou-se a um tal grau de superioridade, que os ultimos dos seus membros, são mais bellos, mais illustrados, mais delicados que os mais distinctos da melhor sociedade de Paris. Nessa vivenda, a atmosphera está em harmonia perfeita com a epiderme, o que faz que só se abriguem sob ramadas de flores; não se vestem, enfeitam-se e falam como aqui se canta na Opera.

Deixam de *comer* para viver; contentam-se em aspirer os effluvios balsamicos e nutritivos da atmosphera symbolisados pela ambrosia e pelo nectar de que se alimentavam os deuses do Olympo. Não tratam de ganhar a vida, mas de gozala. O trabalho não é mais que um divertimento e as almas são tão elevadas já que o ocio não é perigoso. O corpo em vez de ser um tyranno ou um pesado fardo para o espirito é um seu amavel e denodado servo: servo este que sendo composto de elementos os mais apurados está isento de enfermidades e da escravidão do peso. Além de tudo isso tem o tacto mais subtil que o do cego, o olfato mais fino que o do cão e a vista mais penetrante que a da aguia e, portanto, o que direi mais senão que têm ainda *novos sentidos* que lhes facultam transmitir a alma ás percepções as mais extraordinarias.

Tudo se eleva, tudo se apura; até a propria materia, que sustenta os organismos. Vêde o que se passa no trabalho da nutrição do homem: o alimento mais grosseiro só se asimila ao corpo humano depois de passar pelo alambique a que chamamos o estomago. E o que diremos do odor das ignarias, do perfume dos fructos, do aroma dos vinhos afamados? São ainda materia, mas uma materia purificada, espiritualisada, ennobrecida que desdenha as gemonias do ventre para chegar pelo olfato ao cerebro do homem, sede da alma. Bem á proporção que as almas se purificam, os corpos que as envolvem se aperfeçoam e o alimento delles, symbolisado pelo manna, contém todos os sabores, sem os sujeitar á *digestão*.

A nossa natureza, nos ensina que devemos ter esperança. Eis

uma feia lagarta que se faz chrysalida para se transformar em borboleta. Nessa prodigiosa metamorphosê, o enorme aparelho das mandibulas desaparece, com os musculos que os movia. Guelo para tragar, estomago poderoso, vorazes entranhas, tudo isto é supprimido, abandonado como apresto mesquinho de uma vida inferior. A sua nova vida, superior, a sua vida de borboleta vae comer, car: e o que lhe falta? Uma pequena tromba muito delicada para sorver o succo das flores e azas fascinadoras que facilitam as suas conquistas, satisfazendo os seus caprichos. O insecto começou obscuramente a sua escravidão: eis-o agora livre com a sua comida deliciosa garantida e com vestimenta melhor que Salomão para obter victoria em seus amores.

Quanta revelação nos dá o tumulto que se chama um casulo! Quem souber ler no livro de Deus fica sabendo que a morte não é senão um impulso para uma vida mais completa e mais franca. Absorto na sua visão, levanta a cabeça, olha para o céu e exclama: O homem é a chrysalida do anjo.

Aqui na terra a deformidade ou a fealdade quasi sempre afugenta o amor; raras vezes acontece, ah! que a bondade se allie a essa graça incomparavel, que nós chamamos a belleza. O mesmo se dá em tudo na natureza. As flores mais bellas não são as que têm melhor perfume; e as aves de plumagens mais vistosas não são as que cantam melhor. Mas, lá em cima! a bondade será bella e a belleza será boa. A camelia não terá inveja da violeta por causa do seu perfume, nem o rouxinol a terá do pavão pelos seus adornos.

Aqui, em baixo, nós choramos como a aguia de Patmos, deante do livro da verdade; porque elle se acha « fechado com sete sellos. » Nós queremos a luz clara e só entrevemos pallidas claridades como um raio da luz que penetra numa adega. Tudo é problema, tudo é mysterio e as intelligencias que, indiscretas procuram saber, expõem-se a ineffaveis tormentos. Lá no alto, não é assim: os sellos se quebram, o livro abre-se e as almas exclamam transportadas de alegria: « Ah, como eramos cegos lá em baixo, na terra classica dos bachareis e dos doutores! »

Quereis que vos fale das alegrias do coração? Aqui, nós não sabemos amar, nem Deus, nem os homens. Foi preciso que o Altissimo nos ordenasse que o amassemos e que tambem amassemos os nossos irmãos, e assim nos impoz como um dever o que deveria ser um prazer. O amor que devia ser uma bama venturança não é, neste nosso pobre mundo senão uma febre mortifera, um delirio passageiro, o vacuo depois do relampago, quando o homem ambicionava permanecer e identificar-se com elle para sempre.

Quantas creaturas, menos felizes que o insecto, que a flor, atravessam a vida sem amarem, e sem serem amadas! Quantas se offerencem, se dão, se sacrificam e não colhem senão angustias inexprimiveis provocadas pelo desgosto, pelo desdem ou pela traição?

Oh! exclamava o bello e joven abbade Pereyre, quem poderá descrever os ineffaveis soffrimentos dos corações na terra, e explicar a razão, porque é um gemido eterno a linguagem do amor! Escutae todos os echos partidos da alma humana: se o homem fala em amar, é para chorar, para se queixar e para gemer. Quanto mais puro elle for, mais se lastima; quanto maior for, mais soffre, quanto mais elevado estiver sobre as praias terrestres, mais se lamentará. Se de tempos em tempos se ouve um cantico de alegria, interrompendo por momentos essa grande tristeza, é para festejar a alegria de uma hora e despertar logo depois a immensidade das aspirações.

Oh! sim, os corações aqui são insaciaveis ao mesmo tempo que são exigentes.

«Muito poucas almas encontram a sua alma-irmã;» e quando algumas têm essa felicidade rara, pode-se crer que a morte tem ciúmes diesso. Eu vos vejo chorar, lembrando-vos de Renato.

Um tal contrasenso não pode ser nem eterno e nem universal. Eu entrevejo daqui o paiz afortunado onde não se repete mais este terrível adagio: *Amar; é soffrer!* Lá, as almas que se sympathizam se reconhecerão com certeza e não terão embaraço em se agruparem. O casamento não será mais uma loteria, um negocio, será a communhão ineffavel e pacífica de duas almas que mutuamente se compenetraram, arrebatadas em extasis. Ainda haverá lagrimas derramadas nesse mundo, mas essas lagrimas serão bellas, bellas como as de uma mãe que torna a ver o seu filho após uma prolongada ausencia e que chorando exclama: *E' elle, é elle mesmo!* Ainda se há de morrer, sem duvida; porque não se chegou ao fim, mas a morte perdeu a sua hediondez; porque está identificada com o renascimento e o dia em que ella chega é um dia de festa.

A belleza divina, melhor conhecida não obriga mais a amala, porque é amada. Aqui ella se conserva encoberta; escondida e é por isso que preferimos as creaturas que vemos, que tocamos, mas que são incapazes de satisfazerem as nossas ambições. Deus é o polo, porque elle é perfeição absoluta. As almas suas filhas, vindas delle e destinadas a voltarem para elle, assemelham-se á agulha magnetica que conturbada se agita como uma pobre desencaminhada em quanto não encontra o *iman* que, attrahindo-a, lhe dê o repouso. Ora nos mundos em estado de harmonia, a belleza divina rasga uma parte do véu que aqui nella occulta. Ella se transfigura como o Christo no Thabor e obriga os corações transportados em extasis a exclamarem como S. Pedro: «Bom é que nós estejamos aqui.»

O amor então se manifesta em um culto singelo, espontaneo e muito mais vehemente, por ser mais puro. Lá não ha dogmas incompreensiveis que vexam os espiritos, nem ceremonias proprias para fatigar os nervos, nem hypocrisias impostas pela necessidade de viver. A prece brota dos labios não como uma queixa ou como uma supplica dolorosa, mas como um grito de alegria, como uma torrente de acções de graças. As almas libertadas, dilatadas não re-

potem mais a lamentação do Psalmista: «Das profundeza do abysmo a ti clama, ó Senhor;» mas entam o cantico de alegrias reconhecida: «Filhos, louvai ao Senhor. Que o nome do senhor seja bendito, agora e por todos os seculos; porque a sua gloria resplandece sobre os céus. Do alto da sua morada, elle se dignou abaixar a sua vista sobre nós. Elle nos tirou da terra e do seu lamaçal, para nos collocar entre os principes do seu povo.»

Estamos longe desses mundos, mas eu os entrevejo, sei e sinto que elles ainda se tornarão nossas moradas. E isto me basta para que exclame como o rei-propheta: «Dormirei em paz, meu Deus, e gosarei de um completo descanso; porque me fortaleceste de uma maneira especial na esperanza.» Do fundo do meu exilio em terra estrangeira, eu saúdo a triplice estrella d'Andromeda, como os agraciados que voltam de Numéa saúdam as bellas praias da França. E lá que tornarei a encontrar-me com os meus irmãos mais velhos e dos quaes foi dito: «Elles serão saciados com a fartura da vossa casa e vós lhes dareis de beber na torrente das vossas delicias.» Nós nos reuniremos a nossos irmãos segundo nos assevera o Psalmista: «Os justos herdarão a terra e habitarão nella para sempre.»

Antes de chegar ao termo de sua peregrinação, disse Origenes, a alma passa por uma longa serie de provações, como está escripto: «Eu te affligi e te alimentei no deserto com o manná que teus paes não conheceram, para que o teu coração se manifestasse.» Disse mais, a viagem do povo de Deus, desde o Egypto até o Jordão não é senão a imagem mystica da grande viagem da alma de que falam os druidas. O Egypto symbolisa o mundo obscuro d'onde ella começou e a Palestina é o ponto da chegada, do paraizo final; que é a «Terra promettida.»

Caminhamos, subimos, deixando detraz de nós ruinas, illusões, lagrimas, sangue; mas não nos esqueçamos que vamos para a luz, para a felicidade que é, definitivamente, a grande realidade. O que reina aqui entre nós é a «lucta pela vida» e o que reina lá no alto é a paz na justiça e a alegria no amor.

Assentados sobre as ruinas do Coliseu, Flammarion e a sua bella companheira contemplavam as outras ruinas que os cercavam. Pensavam, sonhavam uniformemente como Anna outrora pensava e sonhava com Renato. Repentinamente, a alma da sua alma exclamou: «Eis o que renasce da gloria a mais brilhante que tem havido sobre a terra! eis, o que ainda hoje ousam decorar com o titulo de Cidade eterna! *Cidade eterna!* O viajante que por aqui passar, daqui a quinze ou vinte seculos procurará as ruinas de S. Pedro ou do Vaticano, como agora nós procuramos as dos templos dos antigos deuses do Olympo; e nos seculos futuros hão de procurar o logar onde Roma reinou como nós hoje fazemos a respeito da Troia ou de Babilonia.»

«Nações, patrias!» respondeu elle, crenças religiosas, templos,

palacios, tudo passa e a propria terra e os céus; mas a vida, a mocidade, o amor não passam. A vida, a mocidade e o amor brilham em todos os mundos e espargem as suas flores em todo o universo. Em quanto os thronos se estremeçam, os altares se demoramam, os volcões vomitam as suas entranhas, os continentes se abysmam e os planetas caem na noite infinita; o fogo de uma juventude eterna circula por toda a natureza. Em quanto houver astros no infinito, o amor brilhará em todos elles, mais deslumbrante e mais ardente que elles mesmos. Eis o que durará sempre, sempre! » (*Les Terres du Ciel*).

O sol quando surge doura as colinas, seuhora, e o vosso pobre solitario sente-se um pouco mais louco que de costume. Elle sonha, o infeliz, que da mesma maneira que esses raios jorram do oriente, as nossas almas devem dourar, fecundar e fazer desabrochar as almas que nos cercam. Do mesmo modo que o lapidario lava o crystal de rocha, lapidemos o nosso coração para que elle possa ter o brilho do prisma; façamol-o tão limpido que o raio divino o attrai-a e o assimile. Sacudamos esta esteril melancolia, da qual fala o sabio « que faz muito mal sem que preste para nada ». O universo é uma lyra mais bella do que a lyra de Homero e o hymno dos mundos é uma harmonia, apesar da nota desafinada dos espiritos rebeldes. A gotta de orvalho, o aroma da rosa, a aza da borboleta demonstram, como o arco iris, a gloria de Deus, cheio de bondade. O Pae ouve o canto do grillo sob o fogão do pobre, como ouve as vozes dos seraphins que formam a sua corôa. Elle ouve sobretudo a prece da alma purificada que chora, exercitando as suas azas ainda fracas para a transportarem ao paiz do seu sonho. Conheço essa alma e sei que Deus a ama; porque elle descobre entre os diamantes que formam o seu adereço, a belleza da bondade.

(Continúa)

A LOUCURA.

Todo aquelle que em uma existencia tiver abusado de sua intelligencia, seja em qual posição social for, em prejuizo do proximo, o perseguindo, o emmaranhando nas tricas forenses, o causticando pela imprensa com escriptos calumniosos e immerecidos, seja em summa o damnificando de qualquer fórma com o abuso da superioridade de sua intelligencia,— terá infallivelmente de soffrer castigo proporcional ao mal que esse abuso de intelligencia occasionar e fizer o proximo soffrer.

Na existencia subsequente, em qualquer de suas phases, o castigo fatalmente attingirá o culpado; sendo esse castigo ou expiação da culpa anterior, sempre na proporção relativa do mal e soffrimento que inflingiu ao proximo.

E o castigo do abuso da intelligencia para o mal, é a LOUCURA.

Não ha, pois, crenças e seitas religiosas, systemas philosophicos, ou doutrinaes quaesquer, destinados a produzir loucos!

A pessoa, seja qual for a sua crença religiosa etc., que tiver de soffrer o castigo da loucura, ou por outra, que tiver de expiar o mal que o abuso de sua intelligencia originou, — essa pessoa *ficará irremediavelmente louca!*

Muitas vezes essa expiação ou castigo abrange toda a nova existencia do culpado, e elle nasce cretino, sandêu, tólo ou pateta, e assim permanece até morrer.

Nestas infelizes, os *mediums videntes* vêem o cerebro delles revestido de *uma especie de capote fluido*, comprimindo-o e não deixando manifestar-se sua intelligencia, figurando um passaro preso em uma gaiola que o priva de expandir o vôo.

Outras vezes a expiação é temporaria, e a pessoa, tendo ficado repentinamente louca, depois de um prazo mais ou menos longo, se restabelece.

Porque o castigo ou expiação é sempre relativo e proporcional á gravidade da culpa anterior do delinquente.

E' pois grande estulticia attribuir a esta ou áquella seita religiosa etc., o apparecimento de loucos em nossa sociedade.

Quem tiver de passar pela expiação ou castigo da loucura, ha de ficar louco forçosamente, seja elle Rei ou mendigo, nobre ou plebeu, poderoso ou fraco, rico ou pobre, padre, materialista, espiriritista etc.

Portanto não abusemos da intelligencia, mais ou menos esclarecida e brilhante que tivermos, em detrimento do proximo; aproveitemo-nos della para o bem geral, promovendo o progresso, e sejamos espiriritistas para que caminhemos mais céleres na senda do progresso moral e intellectual, que é a do bem.

(Da *Aurora*, — Pontal, Minas).

CATHOLICO.

E' catholico quem pertence á religião romana; mas a maioria dos que são contados por catholicos foram feitos catholicos, quando lhes era impossivel opporem-se a isso.

Baptizam uma creança e della fazem um catholico. A isso pode a creança oppor-se? Quem pode afirmar que, se esperassem a idade da razão, a creança escolheria a religião catholica? Tão pouco é de crer que um seminarista que se ordena padre consentiria ser ordenado, se lhe descobrissem as babuzeiras, as praticas anti-humanitarias, as obrigações antipatrioticas da doutrina catholica.

Tanto assim é, que me bastam para prova os termos de que se

serviu o padre Piétri, cura da parochia de Douch (Herault), em sua carta de demissão, dirigida ao bispo de Montpellier, a 24 de março de 1903.

Eis alguns extractos:

«Quatorze annos de estudo aprofundado da theologia, uma investigação imparcial dos feitos e intuitos dos *homens de Deus*, conduziram-me a esta dolorosa decepção, cuja torturante realidade me faz amargamente lastimar o tempo que passei sob a batina. Acho-me ministro de uma religião injuriosa á Divindade, radicalmente immoral e, sob o aspecto economico, damnosa á sociedade.

«Eu me conceituava um servo de Deus, um organ da verdade, e zhi está o que sei agora, pobre de mim ! que em minha qualidade de padre não passo de ser um prégador de erros crassos e de mythos mais aborreciveis que os dos Gregos e dos Romanos.

«Estou alistado em um exercito numeroso, cujas tartufices, descaradas rapinas, explorações cynicas e flagrantes velhacarias, são mais detestaveis do que os dogmas que elles prégam e do que a moral réles que se esforçam por inculcar a toda a gente. . .

«Por dezenove seculos, estes impostores têm porfiado a enraizar as beatarias mais tolas.

« . . . Rejeito esses malditos 1.800 francos (congrua, honorarios de missas e eventuaes) de que me pejo, porque são a paga da mentira e da corrupção social, dos serviços prestados a uma potencia estrangeira, com prejuizo de meu paiz . . .

«Envio-vos, pela presente carta, minha demissão de cura de Douch, e rogo-vos me não conteis de hoje em deante entre os vossos padres.»

E o padre Piétri termina dizendo que «elle tem por costume falar a todos seus irmãos, não mais na religião catholica, onde é tudo ficção, ociosidade, egoismo e atrazo, mas na grande natureza onde é tudo realidade, actividade, solidariedade e progresso.»

J. CHAPLOT.

(Do *Diccionario humoristico e anticlerical*).

PHENOMENOLOGIA.

O Snr. capitão Eufrosino Pereira de Oliveira, negociante na Muritiba, termo de S. Felix do Paraguassú, cavalheiro digno de fé, nos enviou, em data de 26 do corrente, uma carta, narrando o seguinte facto sensacional que se deu, ha pouco, naquella aprazivel localidade:

Martim Vieira, de 18 annos de idade, era, ha cerca de 9 annos, aleijado de uma perna e de um pé.

Para andar, e isso com grande difficuldade, tornava-se-lhe necessario segurar o joelho, levantando o pé defeituoso.

Martim nunca poudé sudar calçado, tal o defeito physico que o impossibilitava disto fazer.

Dias antes de 23 de Junho, consagradas aos festejos de S. João, quando ia em busca da fonte a fim de banhar-se, appareceu a Martim Vieira, em meio caminho andado, uma pessoa, que lhe falou assim:— *Menino, quando fôr noite de S. João, procura o logar onde houver seis fogueiras seguidas e salta todas ellas, para ficares bom deste aleijamento*, e instantaneamente desapareceu.

Martim, procurando com a vista a pessoa que assim lhe falava e não a encontrando, ficou assustado, gravando, porém, na memoria, as palavras conselheiras da *visão*.

Em a noite designada, o pobre aleijado percorreu varias ruas da localidade em procura de uma que tivesse seis fogueiras, e encontrando-a, com fé e a alma toda voltada para o Baptista, fez o que lhe aconselhara a *visão*, isto é— com supremo esforço, conseguiu saltar seis fogueiras seguidas.

Ao saltar a ultima fogueira, Martim Vieira sentiu estalar-lhe a perna e o pé defeituosos, ficando desde esse momento completamente são.

Esse milagroso facto foi largamente divulgado na população muritiba, e qualquer pessoa pôde se informar do mesmo, dirigindo-se áquelle a quem a graça de S. João Baptista alcançou.

Martim Vieira, desde a noite de 23 de Junho, anda calçado e como qualquer pessoa que nada jamais soffresse.

E' um facto digno de registro, este de que nos informou o conceituado Snr. capitão Eufrosino Pereira de Oliveira.

(D' «A Ordem», da Cachoeira, Bahia).

(:—:)

EXTRAORDINARIO.—A' beira de um caminho, no logar denominado «Bemtevi» nas proximidades da estação da Motuca, appareceu um phenomeno que muito tem impressionado a população. Trata-se de grandes gemidos partidos do interior da terra, e como que desprendidos por ser humano.

Tem sido extraordinaria a affluencia de curiosos ao local e algumas escavações já fizeram sem resultado, continuando no entanto, os dolorosos gemidos.

(D' «O Baluarte», do Estado do Rio).

NOVOS AGENTES DA «VERDADE E LUZ.»

Em Bebedouro, neste Estado, o Sr. José Garcia.

Em Ararangué, Estado de Santa Catharina, o Sr. Bernardo Senna Campos.

« VERDADE E LUZ »

Todos os negocios e correspondencia relativos a esta revista devem ser endereçados a Antonio Gonçalves da Silva Batuiras, rua Espirita n.º 28—São Paulo.

Preço de assignatura, em papel superior, 5,000 reis; em papel commum, 3,000, por anno.



Noticiario.

SOCIEDADE ESPIRITA « ANJO DA GUARDA », de Santos. O secretario desta bem organizada aggregração espirita teve a gentileza de communicar-nos que, na sessão realizada a 17 do corrente mez, foi empossada a directoria eleita em reunião de Assembléa Geral, effectuada a 7 do mesmo mez, para gerir os destinos da sociedade durante o anno de 1906. A directoria ficou assim constituida: *Presidente*: Benedicto José de Souza Junior; — *Vice presidente*: Guilherme Aralhe; *1.º Secretario*: Accindino Andrade; *2.º Secretario*: Manoel Geraldo Forjaz; *1.º Adjuncto*: Hilarino Vinhas; *2.º Adjuncto*: Benjamim Campos; *Thesoureira*: d. Thereza de Arruda Mendes.

CONSELHO FISCAL:

Manoel Alexandre Gonçalves
Celestino Silveira
João Gonçalves Moreira
Ataliba de Seixas Pereira
Guilherme Joppert.

Agradecendo a communicação, fazemos sinceros votos para que ventos galernos levem a Sociedade « Anjo da Guarda » rumo de um progresso cada vez mais lisongeiro.

:—(:

UNIAO ESPIRITA de Bello Horizonte (Minas). Esta associação nos communica, para os devidos fins, que tem a sua séde, naquella Capital, na Avenida Affonso Penna n.º 376.

« O DIABO E A EGREJA »

Continuamos a receber pedidos deste magnifico folheto, pois que ainda dispomos de alguns milhares de exemplares, os quaes continuamos a vender pelo insignificante preço de 200 rs. cada um. Nenhum filho de Deus deve deixar de ler este elucidativo trabalho.

Numero de exemplares já vendidos e publicados 7,815

Fizeram mais os seus pedidos os seguintes srs.:

Mariano Alves Pereira, Santo Antonio do José Pedro, Minas,	5
Jerffer Sondavel, desta capital,	1
Um crente, desta capital,	1
Gustavo Macedo, Capital Federal,	1
Zepherino Veras dos Reis, S. Luiz, Maranhão,	2

RELAÇÃO DAS PESSOAS DE QUEM TEMOS RECEBIDO A IMPORTANCIA DE SUAS ASSIGNATURAS, AUXILIO A' INSTITUIÇÃO E A' PROPAGANDA, NO CORRENTE ANNO.

Estado de São Paulo. Campinas: Antonio Baptista Vieira, 10\$000, Antonio Riondi, Duilio Pompeu, Iolanda Pinheiro, Oscar Siqueira, e Cacilda Almeida, 1\$000 rs. cada um; Thereza Marcilio, e Alvaro Marcilio, 500, cada; Alice Siqueira, 600, Luiz Siqueira, 400. Cidade de Itapira: João Rodrigues de Siqueira, Augusto Cesar, Jonas Neiva, J. Maria Magdalena Neiva, Euclides de Oliveira, Cesidio Salles, Candido Barrios, Bento Paz, João Baptista Trani, José M. da Costa, Francisco Alvaro Leite, F. M. Paoletti, Luiz Del Pechia, Flaminio B. Simões, Animore Giberti, José de Araujo, Antenor Soares de Queiroz Prado, Pedro Tortima, Raphael Garcia, Justiniano T. de Alvarenga, Bento Ferraz de Toledo, Firmino Ribeiro do Prado, 500 rs. cada um; Francisco Lambert, 300. Mogy-Guassú: Joaquim Monte Carmello, 500. Jundiáhy: Gil Rocha, 5\$000, d. Ruth Fonseca, 3\$000. Barretos: Aureliano Ferreira de Mello, 20\$. Capital: Um crente, 1\$700, Jerffer Sondavel, 3\$000, cel. João Manoel Almeida Barbosa, 10\$000.

Estado de Minas. Manhuaçu: Samuel Christiano de Castro, 8\$000. Campos Geraes: Maximiano Carlos de Azevedo, 3\$000.

Capital Federal. Alberto Cardoso, 2\$000.

Estado do Rio Grande do Sul. Rio Pardo: Miguel Lino Moraes Abreu, 5\$000.

Estado de Pernambuco. Palmares: Eloy Herminio Ferreira de Almeida, 3\$000.

Estado do Rio de Janeiro. Santa Maria Magdalena: D. Hermelinda Ribeiro, 2\$000.

RECEBEMOS MAIS PARA 1906.

Estado de São Paulo. Santos: José Coelho, 3\$000, Constancio Araujo Góes, 3\$000, Francisco Pinto Freitas, 10\$000. Batataes: Geraldo de Aquino Leme, 3\$000. Capital: Assumpção Domingues, 1\$500.

Estado de Minas. Santo Antonio do José Pedro: Mariano Alves Pereira, 3\$000, Joaquim Lopes Pinto, 3\$000. Estação Costa Senne: Manoel J. Novaes, 5\$000. Bello Horizonte: José Raymundo da Silveira, 3\$000, d. Maria Sergio, 3\$000, Domingos Guerrêro, 3\$000. Uberaba: Manoel Felipe Souza, 3\$000.

Estado da Bahia. Benevenuto Barreto, 3\$000, Antonio O. Barreto, 3\$000, Angelo Macelli, 3\$000, Affonso Costa, 6\$000.

Estado do Rio Grande do Sul. Don Pedrito: Clementino Machado dos Santos, 10\$000.